MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella,
Bairro Ininga, Teresina, Piauí, Brasil; CEP 64049-550
Telefones: (86) 3215-5525/3215-5526
E-mail: *assessoriaufpi@gmail.com* ***ou*** *comunicacao@ufpi.edu.br*

BOLETIM DE SERVIÇO

Nº 613 - Maio/2026
Resoluções - N° 1045 e 1046/2026
(CAMEN/UFPI)

Teresina, 12 de maio de 2026

Ministério da Educação
Universidade Federal do Piauí
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação

RESOLUÇÃO CAMEN/UFPI Nº 1045, DE 04 DE MAIO DE 2026

Autoriza Alteração de Projeto Pedagógico

A PRÓ-REITORA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - PREG/UFPI e PRESIDENTE DA CÂMARA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO – CAMEN, no uso da atribuição que lhe confere o art. 15, §2º, inciso V, do Regimento Geral da UFPI, de acordo com o que consta do processo nº 23111.006432/2026 -11 da UFPI, e tendo em vista decisão da mesma Câmara em reunião de 28 de abril de 2026,

RESOLVE:

Art. 1º Fica autorizada a alteração do Projeto Pedagógico do CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM, do Centro de Ciências da Saúde – CCS, do Câmpus Ministro Petrônio Portella – CMPP, desta Universidade, conforme ANEXO e processo acima mencionado.

Art. 2º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Teresina, 04 de maio de 2026

GARDENIA DE SOUSA PINHEIRO:00069253323
Assinado de forma digital por GARDENIA DE SOUSA PINHEIRO:00069253323
Dados: 2026.05.04 17:13:59 -03'00'

GARDÊNIA DE SOUSA PINHEIRO

Pró-Reitora de Ensino de Graduação



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM
COORDENAÇÃO DE ENFERMAGEM

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO, BACHARELADO EM ENFERMAGEM - UFPI

TERESINA/PI – 2012

Documento assinado digitalmente
gov.br
DJANIRA DO ESPIRITO SANTO LOPES CUNHA
Data: 27/03/2026 15:22:16-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
COORDENAÇÃO DO CURSO DE ENFERMAGEM

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO, BACHARELADO EM ENFERMAGEM – UFPI

TERESINA-PIAUÍ
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

REITOR

Prof. Dr. Luiz Sousa Santos Junior

VICE-REITOR

Prof. Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco

PRÓ-REITORA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

Profª. Drª. Regina Ferraz Mendes

PRÓ-REITORA DE ENSINO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Prof. Dr. Saulo Cunha de Serpa Brandão

PRÓ -REITOR DE ASSUNTOS ESTUDANTIS E COMUNITÁRIOS

Profª. Drª. Nadir do Nascimento Nogueira

PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO

Prof. Dr. José Arimatéia Dantas Lopes

PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO

Fábio Napoleão do Rêgo P. Dias

PRO-REITOR DE EXTENSÃO

Profª. Drª. Maria da Glória Carvalho Moura

COORDENADORA DE CURRÍCULO

Profª. Drª. Antonia Dalva França Carvalho

COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DO PPP

Profª. Ms. Francinete Paula Silva Dantas Avelino – Presidente

Coordenadora do Curso de Enfermagem UFPI

Profª. Ms. Lucimar Ramos Ribeiro Gonçalves

Subcoordenadora do Curso de Enfermagem

Profª. Ms. Gláucia Antonia Viana de Azevedo - Docente UFPI

Profª. Ms. Maria da Trindade Ferreira Leite - Docente UFPI

Profª. Drª. Inez Sampaio Nery - Docente UFPI

Profª. Drª. Claudete Ferreira Souza Monteiro - Docente UFPI

Profª. Drª. Maria Helena Barros Araújo Luz - Docente UFPI

Profª. Ms. Maria José Viana Neves - Docente UFPI

Ana Luiza Barbosa – Representante Discente UFPI

COLABORADORES

Profª. Ms. Fernanda Valéria Silva Dantas Avelino - Docente UFPI

Profª. Drª. Silvana Santiago da Rocha - Docente UFPI

Profª. Ms. Maria do Socorro Leite Galvão - Docente UFPI

Profª. Ms. Ana Maria Ribeiro dos Santos - Docente UFPI
Profª. Ms. Maria do Socorro Leal Lopes – Coordenadora Curricular – UFPI
Profª. Drª. Telma Maria Evangelista de Araújo - Docente UFPI
Profª. Drª. Keila Rejane Oliveira Gomes - Docente UFPI
Profª. Drª. Maria do Livramento Fortes Figueiredo - Docente UFPI
Profª. Ms. Lúcia Helena Barbosa de Almeida - Docente UFPI
Profª. Ms. Aldi Lima de Sousa - Docente UFPI
Profª. Ms. Maria das Graças Castelo Branco Soares - Docente UFPI
Coordenadora da Disciplina de Bioquímica.
Prof. Dr. Paulo Marques da Silva Cavalcanti - Docente UFPI
Coordenador da Disciplina de Farmacologia.
Profª. Esp. Walkiria de Carvalho Mendes - Enfermeira Assistencial UFPI
Profª. Drª. Maria Eliete Batista Moura - Docente UFPI
Profª. Drª. Lídia Tolstenko Nogueira - Docente UFPI
Profª. Esp. Márcia Helena Rodrigues da Silva - Enfermeira Assistencial UFPI
Profª. Ms. Francisca Gilca da Silva Medeiros – Enfermeira Assistencial UFPI
Jerfferson Nunes de Freitas – presidente do CAENF
Maria Etiene dos Santos Silva – representante discente
Fabiana da Silva Gomes - representante discente
Juscelino da Costa Oliveira Junior - representante discente
Rafael Jerson Meireles Barros - representante discente
Maria Emanuela de Carvalho e Silva - representante discente/ CAENF
Thiago Costa Duarte Alves - representante discente
Renato Douglas e Silva Sousa - representante discente/ CAENF
Eriolane Lima de Oliveira – Enfermeira programa Saúde da Familia

COMISSÃO DE REFORMULAÇÃO DO PP (COLEGIADO DO CURSO)

Profª. Drª. Fernanda Valéria Silva Dantas Avelino – Presidente
Coordenadora do Curso de Enfermagem UFPI
Profª. Ms. Rosana dos Santos Costa
Subcoordenadora do Curso de Enfermagem
Profª. Ms. Francinete paula Silva Dantas Avelino - Docente UFPI
Profª. Ms.Maria Zélia de Araújo Madeira - Docente UFPI
Profª. Ms. Maria da Graça Castelo Branco Soares - Docente UFPI

COLABORADORES DA REFORMULAÇÃO DO PP

Profª. Ms. Ana Maria Ribeiro dos Santos - Docente UFPI
Profª. Drª. Maria Eliete Batista Moura - Docente UFPI

Profª. Drª. Lídya Tolstenko Nogueira - Docente UFPI

Profª. Ms. Elaine Cristina C. Moura - Docente UFPI

Profª. Ms. Gláucia Antonia Viana de Azevedo - Docente UFPI

Profª. Ms. Lucimar Ramos Ribeiro Gonçalves - Docente UFPI

Profª. Ms. Márcia Astrês Fernandes - Docente UFPI

Profª. Ms. Márcia Teles de Oliveira Gouveia - Docente UFPI

Profª. Drª. Maria Helena Barros Araújo Luz - Docente UFPI

Profª. Drª. Elaine Maria Leite Rangel Andrade - Docente UFPI

Profª. Ms. Chrystiany Plácido de Brito Vieira - Docente UFPI

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO....8
1. IDENTIFICAÇÃO....10
2. MISSÃO....11
3. NÚCLEO CONTEXTUAL....13
3. 1 CONTEXTO REGIONAL E LOCAL....13
3.1.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DO ESTADO....13
3. 1. 2 CARACTERÍSTICAS GERAIS DA CIDADE DE TERESINA....14
3. 2 CONTEXTO DO SETOR EDUCAÇÃO....15
3.3 CONTEXTO DO SETOR SAÚDE 17
4. NÚCLEO CONCEITUAL....20
4. 1. MARCO CONCEITUAL....20
4.2. PRESSUPOSTOS....20
5. PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM....21
5.1 PAPEL DO ALUNO.... 23
5.2 PAPEL DO PROFESSOR....23
6. PERFIL DO FORMANDO EGRESSO/PROFISSIONAL....24
6.1 .O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA(O) ALUNA(O)....24
6.2 AO CONCLUIR O CURSO A (O) ALUNA (O) 25
6.3 COMPETÊNCIA E HABILIDADES GERAIS....
25
6.4 COMPETÊNCIA E HABILIDADES ESPECIFICAS....27
7.EIXO CURRICULARES....
28
7.1 CONCEITUAÇÕES....30
7.2 NORMATIZAÇÕES PARA AS DISCIPLINA TEÓRICO-PRÁTICAS....
31
7.3 LABORATÓRIO DE ENFERMAGEM....31
7.3.1 LABENF....32
7.3.2 LABORATÓRIO SIMENF E ESTRATÉGIA DE SIMULAÇÃO 34
8 MATRIZ CURRICULAR.... 40
8.1 FLUXOGRAMA E DISTRIBUIÇÃO DAS DISPLINAS POR SEMESTRE....47
8.2 DISCIPLINAS OPTATIVAS....48

9 ELEMENTOS INTERGRADORES 49
9.1 ESTAGIO CURRICULAR.....49
9.1.1 REGULAMENTO DO ESTÁGIO CURRICULAR 51
9.2 ATIVIDADES COMPLEMENTARES.....56
9.2.1 REGULAMENTO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES:.....57
9.2.2 QUANDRO DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES..... 58
9.3 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO..... 63
9.3.1 REGULAMENTO DO TRBALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO.....64
9.4 EIXO INTEGRADOR E DESDOBRAMENTO DAS MATERIAS..... 73
9. 5. EQUIVALÊNCIA DAS DISCIPLINAS DO CURRICULO 03 COM O CURRÍCULO E O 05(NOVO).....75
9. 6 CRITÉRIOS PARA O PERIODO DE TRANSIÇÃO..... 80
9.7 EMENTARIOS DAS DISCIPLINA..... 132
10 METODOLOGIA.....133
11.AVALIAÇÃO..... 133
11.1 AVALIAÇÃO DO CURRÍCULO..... 133
11.2 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM..... 133
11.2.1 ENSINO TEÓRICO, TEÓRICO-PRÁTICO E ESTAGIO SUPERVISIONADO .. 134
11.3 AVALIAÇÃO E ACOMPANHAMENTO DO DESEMPENHO DO CURSO DE ENFERMAGEM.....135
12.ACOMPANHAMENTO DA VIDA ACADÊMICA NO CURSO DE ENFERMAGEM..... 137
12.1 COORDENAÇÃO E O COLEGIADO DO CURSO DE ENFERMAGEM..... 137
13. TERMOS ACADÊMICOS..... 137
14 O CENTRO ACADÊMICO DE ENFERMAGEM -CAEnF..... 138
15. LEGISLAÇÃO CONSULTADA..... 139
16. CORPO DOCENTE ESPECIFICO DO CURSO DE ENFERMAGEM.....
140
17. CORPO DOCENTE DE DISCIPLINAS BÁSICAS.....143
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....145

APRESENTAÇÃO

O Curso de Graduação em Enfermagem – Bacharelado, da Universidade Federal do Piauí-UFPI, criado em 1973, tem se caracterizado por uma constante inquietude com relação ao perfil do profissional formado por esta Instituição Federal de Ensino Superior - IFES, e por isso tem buscado implementar metodologias e tecnologias que favoreçam a formação da enfermeira[1], profissional com competência técnica, cientifica e política, ou seja, um cidadão crítico, criativo e reflexivo com formação alicerçado no tripé da educação que é o saber (conhecimento epistemológico), saber fazer (conhecimento técnico) e o saber ser (posicionamento político e profissional) (FREIRE, 1996).

A responsabilidade com a construção coletiva de um projeto pedagógico esteve sempre presente no imaginário dos docentes. Houve sempre uma preocupação que este projeto deveria apresentar uma filosofia que representasse as crenças e valores da comunidade de enfermagem e que orientasse a formação da enfermeira, descrita no perfil da graduanda nos pressupostos e objetivos do curso, posta em ação através de uma matriz curricular, estruturada em nove blocos ou nove semestres letivos, na qual seja, já trabalhada a construção de um Projeto Pedagógico do Curso (PPC), mesmo quando ainda não se discutia, na enfermagem, sobre o seu significado e importância.

Atualmente, com a implantação das Diretrizes Curriculares Nacionais, esta discussão sobre a construção do Projeto Pedagógico do Curso tornou-se uma constante. Desta forma, dentre os atuais requisitos na formação de enfermeiros está a recomposição, rediscussão e redirecionamento do Projeto Pedagógico dos cursos. Não só por determinação legal, mas, sobretudo, pela necessária articulação da formação com as perspectivas do mundo globalizado.

Um mundo globalizado, mais do que nunca requer o exercício da cidadania, de forma que a individualidade seja respeitada e o coletivo não seja sinônimo de massificação. Como diz Gadotti e col. (2000) o projeto da escola representa um desafio para todos os educadores, pois o questionamento vai além dos métodos, é preciso pensar nos seus fins.

Esta postura profissional a ser alcançada leva as IFES a se prepararem para o grande desafio da mudança, que não se resume as alterações na matriz curricular, mas requer a disposição para abandonar o caminho freqüentemente percorrido, caracterizado pela

[1] Neste projeto utilizou-se a palavra enfermeira por tratar-se do gênero predominante na categoria profissional.

fragmentação das disciplinas e centralizadas nos professores e no comportamento pacífico do aluno.

Para tanto se faz necessário uma retomada das concepções teórico-metodológicas no ensino em Enfermagem, almejando ir além do fornecimento de informações, ir a busca da construção de novos caminhos pedagógicos que possibilitem o despertar da criatividade. Portanto, se a prática pedagógica não é neutra e a partir dela desejamos estabelecer relações mais solidárias e democráticas, precisamos compreender que tal intencionalidade precisa ser refletida coletivamente e explicitada, garantindo a qualidade das ações, consensuando seus princípios norteadores e definindo as diretrizes pedagógicas do processo. É nesse momento que a definição do Projeto Pedagógico de um curso assume importância, já que sua construção requer uma reflexão mais abrangente sobre as finalidades e ações a serem implementadas pelo curso.

Reforçamos, pois, a necessidade de reconhecer este PPP como um documento que permite identificar o referencial do Curso, não somente como uma obrigatoriedade definida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais amplamente discutidas pela categoria, através da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), Rede Unida (REUNA), bem como compromisso político do Departamento de Enfermagem da UFPI no processo de formação de enfermeiras(os).

O Projeto Político-Pedagógico é de suma importância para sustentar a formação profissional. Ao reconhecer que toda ação educativa é uma ação política, compreende-se que a ela cabe a preparação e a capacitação política do profissional cidadão. E essa responsabilidade é nossa – docentes e enfermeiras. A construção deste Projeto está fundamentada nos princípios da equidade, da integralidade, da gestão democrática, da formação do educando respeitando a liberdade e valorizando os atores sociais desse processo.

Portanto, toda a ação de formação, toda prática educativa deve ter explícito suas diretrizes, sua filosofia e o perfil do profissional que se deseja. .Destaca-se a importância da construção coletiva deste projeto pedagógico, favorecendo a articulação, identificação e viabilização da filosofia e do projeto institucional, de retro alimentação ética, política e impulsionadora das transformações pessoais e profissionais.

Pode-se dizer que o Processo de Reformulação Curricular, que originou a presente proposta é fruto de um longo tempo de vivência, debate, participação coletiva,

amadurecimento e crítica. Podemos destacar pela intensidade que marcou este tempo, alguns momentos deste processo, sintetizando ações e produções através de seminários, fóruns e oficinas com a participação das docentes, discentes e enfermeiras da rede hospitalar de Ensino e da comunidade, como contribuição para este fim.

Espera-se com esta proposta, inserida dentro da Política Nacional de Educação e Saúde, contribuir para a implementação do Sistema Único de Saúde – SUS do Estado e Município e atender aos anseios das docentes/discente, da instituição e da sociedade geral.

Após quatro anos de implementação do Projeto Pedagógico, sentiu-se a necessidade de avaliar e reformular este instrumento de concepção de ensino e aprendizagem do curso de Graduação de Enfermagem através de fóruns de debates entre docentes e discentes e reuniões do Colegiado do Curso para discussão dos pontos a serem adequados à realidade atual.

1. IDENTIFICAÇÃO

Curso: Graduação em Enfermagem - Bacharelado

Reconhecimento do Curso: Parecer 2.137 – 78 do Conselho Federal de Educação.

Regime: Créditos, seriado e distribuído em nove blocos semestrais, ou nove semestres letivos.

Admissão do Aluno:

O ingresso ao Curso de Enfermagem da UFPI é feito através do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) pelo Sistema de Ingresso Seriado na Universidade.

De conformidade com o estabelecido no Art. 2º da Resolução 093/06-CEPEX, 5% (cinco por cento) do total das vagas oferecidas serão reservadas aos candidatos que tiverem feito a Educação Básica (Ensino Fundamental e Ensino Médio) INTEGRALMENTE EM ESCOLAS PÚBLICAS.

Número de vagas: 40 vagas semestrais/80 anuais

Turno de funcionamento: Diurno (matutino e vespertino), com atividades oferecidas preferencialmente no turno matutino. (horário: 7:00 ás 13:00)

Total de créditos: 280
Carga Horária: Total: 4.200 (3.855 Obrigatórias; 225 complementares e 120 optativas)

Teórico e Teórico-práticas: 3.135 horas aula

Estágio Obrigatório: 840 horas/ aula.

Número de semestres letivos e prazo de conclusão:

Prazo mínimo de conclusão: 9 (nove) semestres letivos (4,5 anos)

Prazo máximo de conclusão: 14 (quatorze) semestres letivos (7 anos).

Limite de créditos por período: 32

Código do Currículo – 1020 -05
Presidente do Colegiado e Coordenadora do Curso: Profª. Dra. Fernanda Valéria Silva Dantas Avelino.

2. MISSÃO

Formar Enfermeiras generalistas, críticas, reflexivas, investigativas e responsáveis com o social, educacional, econômico e político do Piauí do Nordeste e do Brasil, com comportamento ético no processo saúde /doença.

2.1 CONCEPÇÃO DO CURSO

O pressuposto pedagógico do curso responde à concepção filosófica da Universidade Federal do Piauí – UFPI, emerge dos valores contidos nesta, procurando desenvolver a potencialidade intelectual dos alunos através de práticas pedagógicas inovadoras, num processo coletivo, definido nos Planos de Ensino e nas Diretrizes

Regimentais.

A qualidade do Curso repousará sobre o compromisso de todos os profissionais e alunos envolvidos no processo educativo da Instituição, atitude que requer um comportamento ético e interativo dos discentes, docentes, dirigentes, da comunidade e do mercado de trabalho.

Neste cenário, privilegia-se a interdisciplinaridade e transdisciplinariedade, tendo em vista a construção de um conhecimento sólido que responda efetivamente a terminalidade do processo Ensino-Aprendizagem e às exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

O corpo docente do Curso de graduação em Enfermagem - Bacharelado da UFPI é qualificado, comprometido com o conhecimento científico, com os princípios filosóficos e pedagógicos que norteiam todo o processo Ensino-Aprendizagem, sustentando o diálogo com outras áreas do saber científico.

Neste contexto, emergem sonhos, crenças, expectativas, idéias, desejos, sentimentos, na busca de consolidar, num processo coletivo, uma proposta pedagógica que contemple a formação integral do futuro egresso do curso de Enfermagem da UFPI.

2.2 OBJETIVO DO CURSO

O curso de Bacharelado em Enfermagem da UFPI tem como principal objetivo proporcionar uma formação técnico-científica, sócio-político-cultural ao futuro enfermeiro para que possa, enquanto profissional, interagir e intervir comprometidamente em todas as situações vivenciadas, incluindo problemas-situações de saúde-doença, junto a indivíduos, famílias e comunidades.

Contribuir para a formação de profissionais generalistas, críticos, reflexivos, investigativos e responsáveis com o processo social, educacional, econômico, ético-processo de saúde e doença, político que desenvolvam e apliquem o conhecimento para o aprimoramento da sociedade em que vivem e das organizações em que atuam.

Desenvolver a competência profissional através dos seguintes requisitos: atitude científica, compromisso com a realidade sócio-econômica-político-cultural do país e da região que está inserido, destreza motora, ética e estética profissional, liderança e participação em equipes.

3. NÚCLEO CONTEXTUAL

3. 1 CONTEXTO REGIONAL E LOCAL

3.1.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DO ESTADO

O Estado do Piauí está situado na parte oeste do Nordeste brasileiro, na bacia sedimentar do meio norte, ocupando o terceiro lugar em extensão, com uma área de 252.358 km2, representando 2,95% do total do território nacional. A população, segundo contagem oficial do IBGE/2007, é de 3.032.421 habitantes e corresponde a aproximadamente 6% da população do Nordeste e a 1,7% da população residente do Brasil. Possui uma densidade demográfica em torno de 10,6 habitantes por quilômetro quadrado, sendo a menor do Nordeste, onde existe uma variação entre 20 e 90 hab/km2 (PIAUÍ/SEPLAN, 1997).

Atualmente, o Estado possui 224 municípios, sendo os mais populosos: Teresina, a capital com 30% da população do Estado, Parnaíba, Picos, Piripiri e Floriano. Estes cinco municípios juntos respondem por 35,6% da população total do Piauí.

Um significativo crescimento dos centros urbanos e uma redução da população na zona rural vem ocorrendo no Estado, como no restante do país. O deslocamento de migrantes alcança números apreciáveis, principalmente, para as sedes municipais mais desenvolvidas que oferecem maiores atrativos de emprego. Contudo, as pequenas cidades piauienses, ainda se destacam por apresentarem população predominantemente rural e sedes municipais muito pobres e desprovidas de melhores alternativas ocupacionais.

O Estado apresenta coeficientes que o classificam como um dos mais pobres do país. Somente 4,4% da população economicamente ativa tem rendimentos superiores a dois salários mínimos, enquanto 51,6% recebem mensalmente até um quarto de salário. A principal causa de mortalidade na população geral continua sendo por doenças infecciosas, embora recentemente venha aumentando o número de mortes por cardiopatias e violência (NUNES; BAPTISTA, *apud* PEDROSA, 2000).

Sua principal atividade econômica é a agropecuária, organizada em pecuária de corte, o sistema gado/algodão e a pecuária leiteira. A lavoura de subsistência está mais concentrada na região sul e a comercial distribui -se por todo o território. As culturas de mandioca, arroz, cana-de-açúcar e caju são as que mais se destacam. O extrativismo vegetal ocupa no conjunto da economia fonte de renda para uma grande parcela das

famílias rurais através da produção do óleo extraído da amêndoa do coco babaçu (SESAPI/UFPI/NESP/ ASPP,1997).

O contexto industrial do Piauí é representado por 93,3% de pequenas e médias empresas que são responsáveis por significativa absorção de mão de obra. As indústrias de grande e médio porte estão localizadas em quase toda sua totalidade no Distrito Industrial de Teresina, capital do Estado, e sua maior força de expressão está na construção civil, nos produtos minerais não metálicos, nas bebidas e têxteis.

O comércio também vem assumindo importância na formação da renda interna do Piauí, com as exportações de camarão, lagosta, castanha de caju, bem como produtos semifaturados, como couro bovino, cera de carnaúba e manufaturados, como tecidos de algodão (NUNES e BAPTISTA, 2004).

3.1.2 CARACTERÍSTICAS GERAIS DA CIDADE DE TERESINA

Teresina é uma cidade de 153 anos, tendo sido instalada em 16 de agosto de 1852. A escolha de sua localização foi uma decisão geopolítica e recaiu sobre a Chapada do Corisco, no centro do Estado e à margem direita do rio Parnaíba, o segundo maior rio do Nordeste, em seu encontro com a foz do rio Poti.

Teresina é a primeira cidade brasileira planejada, ocupando uma área total de 1.809 km2, 0,72% da área total do Piauí. Fica em uma zona ecológica de transição entre as matas de babaçuais (Leste) e a mata pré-amazônica (Oeste). Dois rios cortam sua malha urbana; o Parnaíba e o Poti. A cidade maranhense de Timon está à margem esquerda (Leste) ao rio Parnaíba. Teresina fica a 72,7 metros acima do nível do mar. O clima é tropical subúmido quente, com duração do período seco de cinco meses. A temperatura máxima é de 40°C e a mínima de 22°C. (PIAUÌ, FMST, 2000).

Teresina é considerada a capital do sertão e no Piauí sempre teve papel político, econômico e cultural de destaque. Sua relevância foi acentuada nas últimas décadas, pois o processo de urbanização dos últimos 30 anos da vida nacional também contribuiu para realçar o papel das capitais. No Nordeste, nos últimos 10 anos, a mudança de direção dos fluxos migratórios levou centenas de milhares de pessoas às periferias destas cidades. (PIAUÍ, FMST, 2000).

A partir de 1988, os municípios alcançaram *status* importante no contexto federativo brasileiro. As capitais foram beneficiadas como o centro da vida política, econômica e social de seus Estados. Teresina foi parte deste movimento. Cresceu em

população e em importância, Possui bons centros de ensino e saúde, é a cidade do Estado mais bem equipada em termos de infra-estrutura, e, economicamente contribui com cerca de 60% do produto interno bruto do Piauí.

A população de Teresina é predominantemente urbana, representando atualmente cerca 30% da população do Estado. A população economicamente ativa (PEA) representa 31,19%. A economia da cidade está baseada no setor terciário, administração pública, prestação de serviço, construção civil e comércio. O comércio varejista e atacadista detém 50% do pessoal ocupado e a prestação de serviço 33,33%. O Estado e o Município são os maiores empregadores (TERESINA, FMS, 2000)

A cidade atua como um pólo econômico e administrativo do Piauí e recebe crescentes fluxos migratórios. Pode-se dizer também que Teresina já é considerada pólo de saúde e educação, servindo de referência para as regiões Norte e Nordeste. Sua área de influência econômica, prestação de serviços e atendimento médico-hospitalar alcança os estados do Maranhão, Pará, Ceará, Tocantins e Pernambuco.

3. 2 CONTEXTO DO SETOR EDUCAÇÃO

A formação da enfermeira no Brasil deve ser percebida no contexto de uma política mais ampla para o Ensino Superior nas Instituições Federais de Ensino, inserida num complexo processo de mudanças sociais, no qual o conhecimento e a informação atuam como centralidade definidora de diferentes esferas da sociedade contemporânea.

A política, a cultura, a economia, o setor produtivo e toda a dinâmica societária, com seus movimentos e lutas, não se esquivam de tais transformações, não apenas de suas bases técnicas, mas de produção e difusão do conhecimento. Os saberes científicos e tecnológicos são requisitos sociais permanentes e são, também, definidores de novas desigualdades. Enquanto diferentes potencialidades são antevistas, tanto de oportunidades e novos benefícios como de aprofundamentos da exclusão social, deve-se reconhecer que o impacto deste processo de mudanças atinge de modo desigual os diferentes países e, também, os diferentes sujeitos sociais, com chances desiguais de acesso e usufruto dos bens e serviços.

O papel do Estado vem sendo modificado pela atual fase de expansão do capital e internacionalização da economia, que implica na reestruturação produtiva, em sério

comprometimento da governabilidade nacional e em efeitos sociais do Estado Mínimo, entre os quais estão a precarização dos sistemas de proteção social e as novas configurações dos sistemas de saúde e educação.

O mundo do trabalho e da educação se entrelaçam no campo da formação profissional, com diferentes regulações, regulamentações, interesses e práticas e, sobremodo, com suas subjacentes concepções e referenciais teóricos. O conhecimento científico e a tecnologia, como matrizes de desenvolvimento, impõem modelos e parâmetros às políticas públicas, sem que estas tenham superado as antigas formas de exclusão social, somado à perspectiva econômica de dependência do governo central.

A tarefa estratégica da educação em criar condições de competitividade nas relações globalizadas se expressa na universalização do ensino fundamental e na implantação do modelo das competências dirigidas ao trabalho, em especial no ensino profissional superior. Isto acontece sem que, no entanto, a educação tenha o poder de, por si só, apresentar impactos na forma como os trabalhadores serão incorporados ao mundo do trabalho ou na autonomia destes processos formadores, ou seja, sem que apresente rupturas nos seus efeitos seletivos, dependentes da lógica da produtividade e da incessante e obstinada incorporação tecnológica, ou mesmo dos próprios modelos e projetos pedagógicos.

A compreensão sobre o trabalho da Enfermagem é norteadora das decisões políticas e técnicas envolvendo todos os componentes da formação profissional. Assim, o atual contexto social brasileiro, em que se desenvolve o trabalho da Enfermagem, envolve: - deslocamento da centralidade do setor industrial para o setor de serviços; - acelerado processo de desenvolvimento, incorporação e obsolescência do conhecimento científico e tecnológico, mesmo considerando as disparidades nas formas como tais mudanças são acessadas e incorporadas nos diferentes serviços de saúde; - a ampliação de abordagens teóricas e metodológicas nos processos de produção do conhecimento e a penetração de diversas linguagens de informação nos processos produtivos, interpenetrando contextos de trabalho e contextos científicos; - novas configurações do mundo do trabalho, com transformações mundiais e locais, gerando desiguais impactos nos modos de produzir e nas relações do trabalhador com o próprio trabalho.

No contexto do trabalho em saúde, a formação profissional assume seu maior compromisso com a implementação das políticas sociais públicas que, num processo histórico de solidificação de seus princípios e efetivação de estratégias, exige

capacitação política e técnica para a plena conquista do direito constitucional à saúde. Nesta dimensão, o trabalho de Enfermagem, como integrante do trabalho coletivo em saúde, deve compartilhar da perspectiva de saúde como qualidade de vida, da participação e do controle social, da integralidade das ações de saúde individual e coletiva.

A Universidade Federal do Piauí, como instituição federal pública no estado, desde 1973 assume seu compromisso com o ensino de Enfermagem, inicialmente no nível de graduação e, posteriormente no nível de pós graduação "*lato sensu*" e "*estrito sensu*", além do ensino profissional de nível médio. Consciente de seu importante papel junto à Enfermagem brasileira e internacional, o Curso de Enfermagem tem se constituído como referência e liderança sensível à dinâmica e demandas da sociedade e da própria categoria profissional. Para tanto, busca propor, de forma crítica e engajada, bases consistentes para a formação da (o) profissional enfermeira(o). Tais bases são focos de permanente reflexão, atualização e inovação, em face de diversidade das problemáticas, debates e alternativas que se desenvolvem nos campos da saúde e da educação.

3.3 CONTEXTO DO SETOR SAÚDE

Entendida como direito de cidadania que deve ser garantida de forma universal, equânime, integral a todos os cidadãos brasileiros, saúde é um direito de todos e um dever do Estado entendendo saúde como resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso ao serviço de saúde é assim antes de tudo o resultado das formas de organização social da produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida.

O processo saúde doença é determinado pelas condições de vida, no que se refere às forma social e culturalmente determinada pelos processos de trabalho.

Teresina encontra-se com condição de submetrópole regional. Situa-se em entroncamento rodoviário regional e nacional, constituindo-se como centro político, de comércio e serviços de saúde.

Como Pólo de Saúde, Teresina vem se destacando como Centro de Referência Regional, alcançando destaque em atendimento, a saúde que, conforme, diagnóstico realizado pelo Sindicato dos Hospitais do Estado do Piauí - SINDHOSPI, ficou

demonstrado que aproximadamente 30% da demanda atendida em nosso sistema de saúde é procedente de 06 (seis) outros estados da Federação, destacando-se nesse contexto os Estados do Maranhão, Tocantins e Pará, dentre outros.

Esse cotidiano demonstra evidência de elevado padrão de qualidade na formação e qualificação dos profissionais da área de saúde, que integram a cadeia produtiva, interligando serviços de saúde, redução de custos, melhoria da qualidade de vida da população assistida e captação de recursos financeiros, gerando emprego e renda, colaborando em definitivo para o equilíbrio sócio-econômico da população residente. Amplia-se na construção dessa realidade a participação da rede de saúde privada, onde investe em empresas acolhedoras, tanto em aspecto arquitetônico, como em processos de trabalho, atualizados e competitivos, satisfazendo à clientela que necessita dessa rede de prestação de serviço em saúde.

Teresina é um Pólo de Saúde que se compõe de instituições exclusivamente credenciadas pelo Sistema Único de Saúde - SUS, rede complementar, privada e instituições filantrópicas, como a descrição seguinte: possui 08 (oito) Hospitais, 18 (dezoito) Clínicas, 170 (cento e setenta) Consultórios, 27 (vinte e sete) Laboratórios, 01 (um) hemocentro coordenador, 02 (duas) Maternidades, 04 (quatro) Escolas de Medicina; 61 (sessenta e um) Comércios de Medicamentos, 06 (seis) Administração de Planos de Saúde, dentre outros (PIAUI, FMS TERESINA, 2005). O município possui uma Central de Regulação de Consultas e o Serviço Médico de Urgência (SAMU) com ambulâncias equipadas para atendimentos na área de abrangência da cidade.

Destaca-se, com relevância, a transformação de Teresina como Centro de Referência em Saúde, não somente a qualidade do capital intelectual humano que possui, mas também, pelos Cursos oferecidos, como técnicos, superior, de graduação, pós-graduação e pesquisa. Em relação aos Cursos Técnicos podemos destacar: Técnico em Enfermagem, Patologia Clínica, Higiene Dental; Cursos de nível Superior: Medicina, Enfermagem, Nutrição, Fisioterapia, Odontologia, Farmácia, Psicologia, Fonoaudiologia, Administração Hospitalar, Tecnólogo em Radiologia, etc.

A municipalização da saúde em Teresina ocorreu desde dezembro de 2002, encontrando-se atualmente em Gestão Plena da Atenção a Saúde. Dispõe de 210 equipes do Programa de Saúde da Família do município, atingindo uma cobertura de 156.267 famílias num total de 788.770 habitantes conforme população estimada pelo Ministério da Saúde para 2005 (PIAUI, FMS TERESINA , 2005).

É proposta do sistema de saúde local ampliar o numero de equipes do Programa de Saúde da Família - PSF favorecendo cada vez mais a população e implementando eficientemente o SUS e dessa forma cumprindo os propósitos de uma política pública de saúde voltada para a população. O Programa de Saúde da Família é estratégia de implementação da atenção básica, obedecendo as diretrizes e princípios do SUS e esse trabalho visa melhorar os indicadores de saúde pertinentes a uma política pública relevante para a população. Para que essa política pública se concretize de forma evidente faz-se necessário ampliar o número de Equipes do Programa e constituí-las, minimamente, com profissionais: Enfermeiros, Médicos, Dentistas, Técnicos de Higiene Dental, Atendentes de Consultório Dentário, Agentes Comunitários de Saúde e Técnico em Enfermagem.

Sabe-se que a premissa básica inerente ao ato de intervir, tanto no intuito de mudar uma situação existente considerada insatisfatória como simplesmente com o objetivo de guiar as pessoas, é a de conhecer de forma adequada à situação. Os indicadores têm o propósito de informar a situação existente, eles permitem comparações individuais ou populacionais, de modo a subsidiar o planejamento estratégico e a tomada de decisões racionais, bem fundamentadas, sobre ações de saúde. Os indicadores permitem presumir o que é provável de acontecer no futuro ou constatar mudanças que ocorrem com o passar do tempo. Nesse intuito é que são usados registros de dados e informações rotineira e de qualidade, obtidos por meio de notificações confiáveis como pode ser constatado pelas notificações do ano de 2005, em que ocorreram: 52 casos de doenças de chagas, 192 casos de hepatite, 122 casos de leishimaniose tegumentar americana - LTA, 228 casos de leishimaniose visceral - LV, 27 de malária e 20 casos de meningite (PIAUI, FMS TERESINA, 2005).

Outras informações a serem consideradas foram o número de óbitos ocorridos em 2004, a freqüência e faixa etária, que atingiu um total de 13.500 óbitos, destacando-se 3.628 por doenças do aparelho circulatório, 1.313 por causas externas, 1.140 por neoplasias e 511 por doenças infecciosas e parasitárias (PIAUI, FMS TERESINA, 2005).

3.4 CONTEXTO DO MERCADO DE TRABALHO

A(o) enfermeira(o) exerce função gerencial, educativa, administrativa e assistencial por meio de planejamento, prescrição de assistência complexa prestada ao

cliente gravemente enfermo. Atua em hospitais, centros e postos de saúde, policlínicas, indústrias, creches, escolas dentre outras e também como autônomo desenvolvendo atividade empresarial, consultorias, auditorias entre outros. Pode aprimorar sua formação em cursos de pós-graduação, lato senso (especialização) e stricto senso (mestrado, doutorado e pós-doutorado).

As atividades da (o) profissional enfermeira (o) incluem as seguintes áreas: Ensino, pesquisa, extensão e serviço incluindo a gestão (gerenciamento e administração), assessoria, auditoria, consultoria em todos os níveis de complexidade na área de saúde pública, clinica e industrial exercendo as atividades junto a enfermagem do trabalho; como profissional autônomo ou não em consultórios e clinicas de enfermagem e planejamento da assistência de enfermagem oferecido ao ser humano em todo o seu ciclo vital.

4. NÚCLEO CONCEITUAL

4. 1. MARCO CONCEITUAL

A proposição de um projeto pedagógico para a formação da (o) enfermeira(o), se constitui no entendimento de pressupostos e conceitos básicos, articuladores da concepção explicitada e compartilhada pelos sujeitos do processo formador.

4.2. PRESSUPOSTOS

A formação da (o) enfermeira (o) generalista é aquela que está atenta às transformações da sociedade e da produção do conhecimento. É dinâmica e hiante para a diversidade, no sentido do desenvolvimento de competências e compromissos com o cuidar, o gerenciar, o educar, o pesquisar e com a sua própria educação ao longo da vida, sustentado no conhecimento epistemológico, na competência técnica e no posicionamento ético, político e profissional.

O processo educativo, na sua organização curricular, está voltado para as competências pessoais, projetos individuais e coletivos e para a superação da fragmentação do saber. Isto implica no deslocamento do foco das atenções dos conteúdos disciplinares, rompendo com a sua segmentação e fracionamento, para os projetos pessoais, onde a participação do educador e do educando é fundamental como elemento questionador e incentivador da construção e da transformação do conhecimento. Desse modo, no processo educativo, conhecimentos, avaliações,

experiências, responsabilidades, compromissos e sentimentos inter-relacionam-se, complementam-se, ampliam-se e influenciam-se uns nos outros.

A flexibilidade curricular é a estratégia para que o currículo seja um espaço de produção e exercício da liberdade que implica no próprio papel da Universidade e na definição de políticas educacionais. Deste princípio emanam decisões coletivas que superam as rígidas estruturações, sejam de perfis profissionais, e problema que desafia os limites do sujeito do conhecimento, pois o instiga a superar a complexidade histórica de sua própria produção no plano do movimento do real e da razão. Funda-se no caráter articulado do conhecimento, sem negar-lhe a especificidade ou impor-lhe atributos de generalização e redução à unicidade ou a domínios instrumentais.

4.2.1. CUIDADO DE ENFERMAGEM - é um processo que envolve ações profissionais de natureza disciplinar e interdisciplinar, que se dá na interação dialógica-terapêutica, de forma individual e coletiva. É fundamentado em conhecimentos empíricos, pessoais, éticos, estéticos, educativos, políticos e científicos, entre outros, com a intenção de promover a saúde e a qualidade de vida.

4.2.2. ENFERMAGEM - é uma profissão que congrega ciência, arte e tecnologia na produção de conhecimentos necessários ao cuidado de indivíduos, famílias e grupos sociais. Sua práxis sustenta-se em bases específicas e interdisciplinares para um cuidado comprometido com as transformações sociais em nível individual e coletivo.

5. PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

É o processo através do qual o aluno apreende as competências necessárias para exercer o oficio de enfermeiro. Caracteriza-se como uma seqüência ordenada; períodos de atividades com certo sentido, segmentos em que se pode notar uma trama hierárquica de atividades incluídas umas nas outras, que servem para dar sentido unitário à ação de ensinar. Este processo envolve relações entre pessoas e está imbuído de várias sutilezas que o caracterizam. A exemplo, negociação, controle, persuasão, sedução. Por outro lado, em razão de seu caráter interativo, evoca atividades como: instruir, supervisar, servir e colaborar. Também requer intervenções que, mediadas pela linguagem, manifestam a afetividade, a subjetividade e as intenções dos agentes. Nestas interações o ensino e a aprendizagem são adaptações, (re)significados por seus atores e pelo contexto.

Porém, o que ocorre na sala de aula não é um fluir espontâneo, embora a espontaneidade não lhe seja furtada, dada à imprevisibilidade do ensino. É algo regulado por padrões metodológicos implícitos. Isso quer dizer que há uma ordem implícita nas ações dos professores (racionalidade pedagógica ou pensamento prático), que funciona como um fio condutor para o que vai acontecer com o processo de ensino. O que implica dizer que o curso das ações não é algo espontâneo, mas sim decorrente da intersubjetividade e da deliberação, pela simples razão de o seu fundamento constituir a natureza teleológica da prática educativa.

O processo de ensino e de aprendizagem, embora intangível se materializa na ação de favorecer o aprendizado de uma cultura e/ou na aquisição de conhecimentos e competências, em um contexto real e determinado, configurando-se em uma *práxis situada*. Como *práxis*, deixa de ser adaptação de condições determinadas pelo contexto para tornar-se crítica. Assim sendo, estimula o pensamento dos agentes capacitando-os para intervir neste mesmo contexto, o que supõe uma opção ética e uma prática moral, enfim, uma racionalidade.

Isso significa que pensar o processo de ensino e de aprendizagem do curso de enfermagem implica definir os fins, os meios, os conteúdos, o papel do professor, o que é aprendizagem, as formas de avaliação. Resgatando a abordagem de ensino que este projeto Pedagógico se orienta, o ensino e a aprendizagem estão fundamentados na racionalidade pedagógica prático-reflexivo, portanto, no princípio teórico-metodológico da reflexão na ação. No interior desta racionalidade os elementos principais do processo de ensino são (re) significados e um novo sentido lhes é dado conforme nos mostra o quadro abaixo:

Quadro 1: As racionalidades pedagógicas do processo de ensino e de aprendizagem

Indicadores	Racionalidade pedagógica prático-reflexiva
Pressuposto	Através da prática reflexiva, forma-se um profissional competente, conhecedor e sensível, reflexivo e dedicado às questões que emanam do contexto de ação para melhoria da saúde.
Educação	Arte. Atividade prática, ação comprometida ética e moralmente. Processo orientado tanto para a eleição de meios como a de fins; rege-se por valores éticos e critérios imanentes ao processo de ensino. Ciência Moral. Subjetividade e Intersubjetividade.
Alunos	Heterogêneos, multidimensionais, ativos, interativos, construtores, éticos.
Professor	Agente histórico, reflexivo, pesquisador, autônomo, sujeito epistêmico, co-participante do processo educativo. Talento artístico profissional. Emancipa-se pela pesquisa.
Prática educativa	Dinâmica e imprevisível; situada e criadora; reflexiva, articulada ao conteúdo dando-lhes significado. Ênfase no *como* e no *que* fazer. Subjetivada. Método: deliberação. É conscientemente teorizada, sendo capaz de informar e transformar, refletidamente a teoria que, por sua vez, a informou.

	Lócus de sujeitos reflexivos e ativos.
Aprendizagem	Processo de aprender fazendo, significativa; estruturação de conceitos científicos, socioafetivos, espaço-temporal, estéticos, éticos e valorativos, humanísticos.
Planejamento	Significativo. Determinado em função das características biopsicossociais do grupo, coletivo; um guia de ação, flexível.
Avaliação	Processual, comprometida com a aprendizagem de cada aluno e de todos os que pertencem à ecologia escolar. Inclusiva.
Conhecimento	Ético e estético. Dinâmico. Inacabado. É subjetivado, heurístico. Situado na realidade. A postura dos sujeitos em relação conhecimento é a de conhecedor, interpretador.
Competência profissional	Utilização de saberes para encontrar soluções para a prática a partir da prática. Arte da prática, do diálogo e da pesquisa. Autonomia para deliberar. Como fazer? A Reflexão é ética; volta-se para os fins éticos da intervenção (prudência); dos meios e as conseqüências da ação deliberativa.
Práxis	Situada e criadora.

Fonte: Elaboração dos Autores. Teresina, 2011.

Diante deste referencial teórico do processo de ensino, cabe especificar qual o papel do aluno e do professor

5.1 PAPEL DO ALUNO

Pela forma como o currículo se organiza o aluno do curso de enfermagem é um dos sujeitos do processo de ensinar e aprender. Neste processo de construção de conhecimento ele deve assumir uma postura de curiosidade epistemológica, marcada pelo interessar-se por novas aprendizagens e desenvolver a capacidade de trabalhar em grupo, atitudes de ética e de humanização, responsabilidade e espírito crítico-reflexivo.

5.2 PAPEL DO PROFESSOR

A natureza epistemológica do papel do professor está condicionada a uma inteligibilidade ou a um saber-fazer (por isso também é intelectual) que fomenta saberes que vão além de saberes éticos, morais e técnico-científicos. Requer saberes interpessoais, pessoais e comunicacionais, para que a relação estabelecida entre alunos e professores possa favorecer o processo de ensino e de aprendizagem.

No curso de enfermagem estes saberes assumem importância uma vez que os professores, agindo como mediadores do conhecimento, podem desempenhar papéis de orientadores e de preceptores. **Os orientadores** são professores vinculados ao Curso de enfermagem da Universidade Federal do Piauí, todos com formação profissional na área da enfermagem.

6. PERFIL DO FORMANDO EGRESSO/PROFISSIONAL

Enfermeira (o), profissional da área da saúde, com formação generalista e capacidade crítica, reflexiva e criativa. Habilitada (o) para o trabalho de Enfermagem nas dimensões do cuidar, gerenciar, educar e pesquisar, com base em princípios éticos, conhecimentos específicos e interdisciplinares. Capaz de conhecer e intervir no processo de viver, adoecer e ser saudável, individual e coletivo, com responsabilidade e compromisso com as transformações sociais, a cidadania e a promoção da saúde.

6.1. O Processo de Formação da (o) Enfermeira (o) deverá ter como Base Conceitual e Referencial os seguintes Princípios:

A compreensão do Homem em sua integralidade como Ser de direitos e deveres que devem ser respeitados.

O entendimento de saúde resultante das condições de vida, alimentação, habitação, educação, renda, emprego, meio ambiente, lazer, acesso e posse da terra e acesso aos serviços de saúde.

O reconhecimento de que o processo saúde/doença é determinado pelas relações do homem com a natureza, com os outros homens num determinado momento, numa dada sociedade e relações de produção.

A compreensão de que os serviços de saúde devam se organizar de forma descentralizada, hierarquizada, obedecendo aos princípios previstos na Carta Magna.

Que a enfermagem é uma profissão que possui um corpo de conhecimento próprio a ser utilizado na promoção, proteção e recuperação da saúde e reabilitação do indivíduo, exercida por trabalhadores de formação diferenciada intra e inter profissional.

O entendimento de que a educação para a transformação concebe o aluno como construtor de seu conhecimento, a partir da reflexão e indagação de sua prática, é uma linha pedagógica que pode permitir ao enfermeiro comprometer-se com a solução dos problemas da sociedade que atuará.

Que a(o) enfermeira(o) é um(a) profissional de saúde com formação generalista, técnico-científica, político-social, ética legal e deontológica que habilita intervir no processo saúde-doença de forma crítica e garantir a qualidade de assistência de enfermagem em todos os níveis de atenção a saúde.

6. 2. Ao Concluir o Curso a (o) aluna (o) deverá apresentar os seguintes traços do Perfil/Competência:

Posicionar-se criticamente frente ao contexto sócio- político -econômico do país, atuando como agente de mudança.

Reconhecer seu papel de educador atuando como multiplicador de conhecimento, produzindo e transmitindo.

Reconhecer o significado da prática de enfermagem no contexto social.

Atuar de modo a evidenciar seu compromisso com: o conhecimento científico; a realidade na qual está inserido; a profissão; entidade de classe a que pertence; educação permanente.

Posicionar-se eticamente em defesa dos direitos individuais e coletivos.

Prestar assistência de enfermagem em diversos níveis de atenção à saúde.

Responsabilizar-se pela qualidade da assistência de enfermagem enquanto: coordenação técnica e científica da equipe de enfermagem; articulação do processo do trabalho de enfermagem, internamente, com os demais trabalhadores de saúde e afins;

administração sistematizada visando alcançar objetivos que levem a efetivação da assistência a indivíduos, grupos e comunidades.

6. 3. COMPETÊNCIAS E HABILIDADES GERAIS.

A formação da (o) enfermeira (o) tem por objetivo dotar a (o) profissional dos conhecimentos requeridos para o exercício das seguintes competências e habilidades gerais:

I - Atenção à saúde: os profissionais de saúde, dentro de seu âmbito profissional, devem estar aptos a desenvolver ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, tanto em nível individual quanto coletivo. Cada profissional deve assegurar que sua prática seja realizada de forma integrada e contínua com as demais instâncias do sistema de saúde, sendo capaz de pensar criticamente, de analisar os problemas da sociedade e de procurar soluções para os mesmos. Os profissionais devem realizar seus serviços dentro dos mais altos padrões de qualidade e dos princípios da ética/ bioética, tendo em conta que a responsabilidade da atenção à saúde não se encerra com o ato técnico, mas sim, com a resolução do problema de saúde, tanto em nível individual como coletivo;

II - Tomada de decisões: o trabalho dos profissionais de saúde deve estar fundamentado na capacidade de tomar decisões visando o uso apropriado, eficácia e custo-efetividade, da força de trabalho, de medicamentos, de equipamentos, de procedimentos e de práticas. Para este fim, os mesmos devem possuir competências e habilidades para avaliar, sistematizar e decidir as condutas mais adequadas, baseadas em evidências científicas;

III - Comunicação: os profissionais de saúde devem ser acessíveis e devem manter a confidencialidade das informações a eles confiadas, na interação com outros profissionais de saúde e o público em geral. A comunicação envolve comunicação verbal, não-verbal e habilidades de escrita e leitura; o domínio de, pelo menos, uma língua estrangeira e de tecnologias de comunicação e informação;

IV - Liderança: no trabalho em equipe multiprofissional, os profissionais de saúde deverão estar aptos a assumir posições de liderança, sempre tendo em vista o bem-estar da comunidade. A liderança envolve compromisso, responsabilidade, empatia, habilidade para tomada de decisões, comunicação e gerenciamento de forma efetiva e eficaz;

V - Administração e gerenciamento: os profissionais devem estar aptos a tomar iniciativas, fazer o gerenciamento e administração tanto da força de trabalho quanto dos recursos físicos e materiais e de informação, da mesma forma que devem estar aptos a serem empreendedores, gestores, empregadores ou lideranças na equipe de saúde;

VI - Educação permanente: os profissionais devem ser capazes de aprender continuamente, tanto na sua formação, quanto na sua prática. Desta forma, os profissionais de saúde devem aprender a aprender e ter responsabilidade e compromisso com a sua educação e o treinamento / estágios das futuras gerações de profissionais, mas proporcionando condições para que haja benefício mútuo entre os futuros profissionais e os profissionais dos serviços, inclusive, estimulando e desenvolvendo a mobilidade acadêmico/profissional, a formação e a cooperação por meio de redes nacionais e internacionais.

6.4 COMPETÊNCIAS E HABILIDADES ESPECÍFICAS

A Formação da (o) Enfermeira (o) tem por objetivo dotar a(o) Profissional dos Conhecimentos Requeridos para o exercício das seguintes COMPETÊNCIAS E HABILIDADES ESPECÍFICAS:

I. Atua profissionalmente, compreendendo o processo de viver humano em suas dimensões, expressões e fases evolutivas;

II. Incorpora a ciência, a arte e a tecnologia do cuidar como instrumentos para/na/ de atuação e desenvolvimento profissional;

III. Desenvolve permanentemente sua formação ética, política, técnicocientífica, conferindo qualidade ao exercício profissional;

IV. Relaciona-se com o contexto social, reconhecendo a estrutura e as formas de organização social, suas transformações e expressões;

V. Compreende a política de saúde no contexto das macro políticas;

VI. Reconhece a saúde como direito e atua de forma a garantir a integralidade do cuidado, entendida como conjunto articulado e contínuo de ações de promoção e de recuperação da saúde e de prevenção de agravos, individuais e coletivas, em todos os níveis de complexidade do sistema e de acordo com as especificidades regionais;

VII. Atua nas políticas de assistência integral à saúde da criança, do adolescente, do adulto e do idoso, considerando o gênero;

VIII. É capaz de avaliar, diagnosticar e atuar na solução de problemas de saúde, de comunicar-se, de tomar decisões, de intervir no processo de trabalho de saúde, de trabalhar em equipe e de enfrentar situações em constante mudança;

IX. Reconhece as relações e organização do trabalho e seus impactos na saúde e na qualidade dos cuidados prestados;

X. Assume o compromisso ético, humanístico e social com o trabalho multiprofissional e interdisciplinar em saúde;

XI. Acessa e usa criticamente inovações tecnológicas;

XII. Atua nos diferentes cenários da prática profissional, identificando as necessidades individuais e coletivas de saúde, seus condicionantes, determinantes e perfis epidemiológicos;

XIII. Coordena o processo de cuidar em enfermagem, considerando contextos e demandas de saúde e a articulação às ações multiprofissionais;

XIV. Presta cuidados de enfermagem compatíveis com as diferentes necessidades do indivíduo, família e grupos sociais;

XV. Gerencia o processo de trabalho de enfermagem, fundamentado na Ética e Bioética, em todos os âmbitos de atuação profissional;

XVI. Planeja, implementa e participa do processo de formação e da qualificação permanente dos trabalhadores de enfermagem e de saúde;

XVII. Planeja e implementa ações de educação e promoção à saúde, considerando a especificidade dos diferentes grupos sociais e dos distintos processos de vida, saúde, trabalho e adoecimento;

XVIII. Desenvolve, participa e aplica pesquisas ou outras formas de produção de conhecimento, que objetivem a qualificação da prática profissional;

XIX. Respeita os princípios éticos, legais e humanísticos da profissão;

XX. Participa na dinâmica de trabalho institucional, reconhecendo-se como agente desse processo;

XXI. Participa da composição das estruturas consultivas e deliberativas do sistema de saúde;

XXII. Assessora órgãos, empresas e instituições em projetos de saúde;

XXIII. Cuida da própria saúde e busca seu bem-estar como cidadão e profissional;

XXIV. Reconhece o papel social da(o) enfermeira(o) e organiza-se politicamente para a defesa dos interesses da categoria e da sociedade.

7. EIXO CURRICULAR

O Eixo Curricular expressa a trajetória da (o) aluna (o) durante o processo de sua formação profissional, direcionando a ação educativa e coordenando as diversas possibilidades e experiências para o desenvolvimento das competências eleitas, de acordo com o referencial teórico e filosófico assumido.

Deste modo, o Eixo Curricular se constitui a partir da Promoção da Saúde no Processo de Viver Humano - na diversidade e complementaridade dos cenários do trabalho em saúde. Neste eixo, assume-se como perspectivas transversais à educação e saúde, a Ética e Bioética, a Articulação entre Pesquisa, Ensino e Extensão e, o Processo Decisório.

Considerando o regime de créditos, o curso se organiza em 9 (nove) semestres ou blocos, cada um composto por um eixo fundamental e um conjunto de bases complementares e ou bases articuladas.

O Eixo Fundamental caracteriza-se como integrado e é composto por ações educativas voltadas ao desenvolvimento de competências específicas da (o) enfermeira (o), considerando o Processo de Viver Humano e o Cuidado Profissional de Enfermagem nas diferentes especificidades deste viver humano (indivíduo criança, adolescente, adulto e idoso, família, grupo e comunidade) nos diferentes cenários deste viver em sociedade e nos diferentes cenários do trabalho em saúde e de enfermagem (no domicílio, na escola, na comunidade, nas unidades básicas de saúde, nos hospitais, entre outros), bem como a exigência da interdisciplinaridade na abordagem deste processo.

As Bases articuladas caracterizam-se como disciplinas isoladas, embora articuladas ao conjunto, que são ofertadas por diferentes departamentos de ensino e representam o aporte necessário, de áreas básicas e tradicionais das ciências da vida, para a fundamentação do eixo fundamentar, desenvolvendo-se até a quarta fase do curso.

As Bases complementares representam sustentações a todo o processo educativo e aos enfrentamentos atuais e cotidianos do trabalho profissional e, portanto, dos campos de prática experienciados pelo acadêmico. Caracterizam-se por privilegiar a aprendizagem vivencial e a abordagem interdisciplinar, capazes de desenvolver competências cognitivas e relacionais imprescindíveis ao profissional crítico, reflexivo e criativo.

Na articulação deste eixo e destas bases se organizam as Disciplinas que, uma vez definidas em atividades teóricas, teórico-práticas e de estágio, alem de consideradas em relação aos princípios da complexidade, da compatibilidade com cenários de prática e das oportunidades pedagógicas e tecnológicas disponíveis, operacionalizam o processo educativo, lhe conferindo viabilidade e terminalidade.

Nesta perspectiva, no decorrer do curso de Enfermagem devem ser considerados os seguintes princípios:

- **Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão** – este princípio demonstra que o ensino deve ser compreendido como o espaço da produção do saber, por meio da centralidade da investigação como processo de formação para que se possam compreender fenômenos, relações e movimentos de diferentes realidades e, se necessário, transformar tais realidades.
- **Formação profissional para a cidadania –** a UFPI tem o compromisso de desenvolver o espírito crítico e a autonomia intelectual, para que o profissional por meio do questionamento permanente dos fatos possa contribuir para o atendimento das necessidades sociais.
- **Interdisciplinaridade –** este princípio demonstra que a integração disciplinar possibilita análise dos objetos de estudo sob diversos olhares, constituindo-se questionamentos permanentes que permitam a (re) criação do conhecimento.
- **Relação orgânica entre teoria e prática –** todo conteúdo curricular do curso de Enfermagem deve fundamentar-se na articulação teórico-prática, que representa a etapa essencial do processo ensino-aprendizagem. Adotando este princípio, a prática estará presente em todas as disciplinas do curso, permitindo o desenvolvimento de habilidades para lidar com o conhecimento de maneira crítica e criativa.

7.1 CONCEITUAÇÕES

As etapas e modalidades da Matriz Curricular, cujas disciplinas se diferenciam e se caracterizam em disciplinas teóricas, teórico-práticas, o estágio curricular supervisionado e monografia (TCC)

a) DISCIPLINAS TEÓRICAS: são aquelas onde as atividades de Ensino-Aprendizagem se desenvolvem eminentemente no contexto sala de aula e pesquisa bibliográfica;

b) DISCIPLINAS TEÓRICO-PRÁTICAS: são aquelas cujas atividades de Ensino-Aprendizagem se desenvolvem nos contextos da sala de aula, laboratórios, campos de

atuação profissional e comunidade. O ensino destas disciplinas pressupõe a complementaridade teoria X prática.

c) ESTÁGIO CURRICULAR I: Nesta modalidade faz-se necessário supervisão direta dos docentes na área hospitalar, tendo em vista que o número de enfermeiras nesta área é insuficiente para prestar assistência direta ao paciente, restringindo suas atividades basicamente na área administrativa e indireta na comunidade. Estas atividades serão divididas em 210 horas para o estágio comunitário na atenção básica de saúde e 210 horas para o estágio intra-hospitalar nas modalidades de baixa e media complexidade.

d) ESTÁGIO CURRICULAR II: é aquele onde as atividades de Ensino-Aprendizagem se desenvolvem ao final do curso no último semestre, em instituições conveniadas, mediante supervisão direta dos enfermeiros do campo de atuação e supervisão indireta dos docentes da UFPI. Estas atividades serão divididas em 210 horas para o estágio comunitário, na atenção básica e programa saúde da família, e 210 horas para o estágio intra-hospitalar nas modalidades de media e alta complexidade.

e) PROJETOS DE ENFERMAGEM (MONOGRAFIA/TCC): iniciação à pesquisa em Educação formal e informal. Elaboração do Projeto de Pesquisa e elaboração do TCC, mediante apresentação e defesa à banca examinadora, conforme diretrizes elaboradas pela coordenação do curso de Enfermagem e os professores encarregados das disciplinas de Seminário de Pesquisa I e II e Introdução à Pesquisa e Tecnologias de Comunicação em Saúde.

7.2 NORMATIZAÇÕES PARA AS DISCIPLINAS TEÓRICO-PRÁTICAS:

Será realizado em instituições conveniadas e na comunidade, conforme programação das disciplinas;

O aluno será acompanhado/orientado por docente no decorrer de cada etapa;

A atuação do aluno deverá isentar a instituição cedente de qualquer ônus que comprometa ao bom atendimento da clientela envolvida;

A operacionalização se dará pelo agrupamento de até no máximo, 06 (seis) alunos por professor, para as disciplinas iniciantes, que exigem maior atenção dos docentes sobre os alunos, tais como Fundamentação Básica I e II, Semiologia e Semiotécnica, Enfermagem na UTI, Unidades especializadas, sala de parto, centro cirúrgico.

As outras disciplinas cuja carga teórica - pratico sejam realizados em unidades clinica e/ou cirúrgica a distribuição será feita de no Máximo 10 (dez) alunos por docente.

Nas outras disciplinas onde não haja o envolvimento direto do aluno com pacientes, esta divisão será feita em até vinte alunos por docente.

7.3 LABORATÓRIOS DE ENFERMAGEM

O ensino em enfermagem tem como característica básica apreender como cuidar do ser humano. Apreender como cuidar depende de experienciar situações vivenciadas no cotidiano do mundo tecnológico da saúde, buscando a articulação ensino aprendizagem da teoria e da prática. Esse mundo tecnológico engloba o ser humano, a técnica e o uso de máquinas, aparelhos e equipamentos para cuidar e promover a saúde.

No cenário ensino-aprendizagem para o cuidar em enfermagem, o aluno desenvolve suas capacidades e habilidades biopsicosociais, aperfeiçoando-o para a atuação profissional livre de risco, e com tomada de decisão acurada. Neste contexto. é importante a criação de um espaço físico que estabeleça o ensino teórico prático para o cuidar, onde a aluna treina, exercita e contata com as práticas de enfermagem.

7.3.1. LABENF

O laboratório de enfermagem - LABENF objetiva capacitar a(o) aluna(o) no processo de assimilação da tecnologia do cuidar do ser humano, contemplando os procedimentos que são realizados nas áreas do cuidado clínico, tanto ambulatorial como hospitalar. Possibilita a revisão das técnicas para o aprimoramento de suas habilidades em laboratório de enfermagem, antes de entrar em campo, ou seja, a(o) aluna(o) aprende como cuidar em situações semelhantes às reais, diminuindo os riscos decorrentes do cuidar.

O laboratório se constitui de uma réplica da situação real que será vivenciada na prática pelos educandos, condições essas que permitem o treinamento, estimulando a participação do aluno em grupo, a troca de experiência e a livre expressão de sentimentos, além daquelas que garantem oportunidades de treino pratico e aquisição de habilidades.

O laboratório é instalado em uma área de 8m2 com ambientes diferenciados equipados com materiais próprios para o cuidar:

. SALA 1 ambiente 1: com unidades do paciente (camas hospitalares e móveis auxiliares), manequim de tamanho adulto e criança. RN.

. SALA 1 ambiente 2: balcão para preparo de substâncias e medicamentos, armários e pia.

. SALA 1 ambiente 3: equipamentos áudio visuais, mesa e cadeira para professor e carteiras escolares para alunos.

. SALA 2: armário e mesa para instrumentação cirúrgica, armário unidade do paciente e material para o parto.

SALA 3 balcão para preparo de multimisturas, fogão, pia, armários e material de consumo.

O LABENF também é espaço para treinamentos e atividades educativas destinadas a clientelas diferenciadas. Através de projetos de extensão à comunidade. Os alunos de enfermagem podem utilizar o LABENF fora do horário de aulas, sem a presença do professor, de acordo com cronograma prévio e sob o acompanhamento de monitores e funcionários responsáveis. É fundamental que todos os usuários zelem por todos os recursos ali oferecidos e respeitem as orientações básicas de sua utilização (uso de jaleco, cronograma, cuidados com materiais, entre outros).

7.3.2. LABORATÓRIO SIMENF E ESTRATÉGIA DE SIMULAÇÃO

O laboratório de Simulação de Práticas Clínicas de Enfermagem (SIMENF) criado por meio da resolução CEPEX n. 129/11 é vinculado a Pró-Reitoria de Ensino de Graduação e ao Departamento de Enfermagem do Centro de Ciência da Saúde do campus "Ministro Petrônio Portela". A mesma define no capítulo II, parágrafo único que simulação é uma técnica de ensino que utiliza tecnologia para desenvolver atividades, que reproduzem a realidade do ambiente clínico e destinam-se a demonstrar procedimentos, exercitar tomada de decisões e desenvolver pensamento crítico por meio de práticas, desenvolvendo papéis de profissionais em saúde, utilizando vídeos interativos e manequins, de forma que a simulação pode ocorrer nos três níveis de complexidade da atuação de técnicas e práticas de enfermagem, a saber: baixa, média e avançada complexidade.

A resolução citada divide-se em cinco capítulos, a saber: das disposições gerais; da organização; direitos e deveres; do funcionamento (seções: das normas; da operacionalização; da limpeza e manutenção das peças) do regime disciplinar e das disposições finais e transitórias.

O art.4 do inciso I ao VIII estabelece como ***objetivos*** do laboratório SIMENF: atender todas as disciplinas profissionais do Curso de Graduação de Enfermagem possibilitando práticas de ensino, pesquisa e extensão previstas no Projeto Pedagógico; integrar as bases curriculares permitindo a iniciação no ensino tecnológico de enfermagem pela modalidade de simulação de práticas assistenciais clínicas; favorecer habilidades comunicativas, psicomotoras, destreza manual, raciocínio clínico e atitudinais aos discentes de graduação e pós-graduação de enfermagem por simulações de práticas clínicas reais que antecedem o contato discente-paciente e discente-equipe de saúde; minimizar iatrogênicas advindas da prática assistencial ao paciente, família e comunidade nos diversos contextos de atuação da Enfermagem; fomentar a produção científica, a criação de grupos de pesquisas e de estudo, a execução de trabalhos multidisciplinares nos diferentes contextos clínicos de enfermagem, permitindo o desenvolvimento de pesquisa em graduação e pós-graduação; gerar no discente de graduação e pós-graduação em enfermagem, confiança e segurança na assistência integral de enfermagem coerente com as necessidades dos pacientes, família e comunidade; favorecer a realização de procedimentos diagnósticos, terapêuticos invasivos e complexos de enfermagem;

promover atitudes éticas e valores como o respeito ao paciente na execução da assistência de enfermagem.

Em dezembro de 2009 o Departamento de Enfermagem adquiriu modernos equipamentos de simulação de práticas clínicas de média e avançada complexidade, exigindo treinamento dos docentes com estimulo ao ensino, pesquisa e extensão para uso eficiente e eficaz dos referidos equipamentos e adequação da infraestrutura com vistas a operacionalização do SIMENF. O Laboratório é constituído de um laboratório de simulação de enfermaria, um laboratório de simulação avançada, contendo: uma sala de controle, uma sala de simulador avançado, uma sala de avaliação e desempenho, um laboratório de habilidades múltiplas e uma sala de estoque. Todos os espaços têm fins de atividades que contemplem a princípio o corpo docente e discente de enfermagem e saúde conforme disposições da resolução CEPEX nº. 129/11.

Ressalta-se que os equipamentos previstos para compor os laboratórios do Centro SIMENF envolvem o ser humano em todas as etapas do ciclo vital: recém nascido, criança, adulto feminino e masculino, gestante e idoso, bem como equipamentos modernos de investigação diagnóstica simulada, equipamentos e acessórios modernos como cama para parto humanizado, cama motorizada, incubadoras e equipamentos avançados de imagem e áudio.

Trata-se de laboratório com suporte tecnológico avançado, constituindo-se, desse modo, a primeira experiência no nordeste brasileiro até 2009, dentre as 22 experiências nacionais existentes até o momento.

O uso de simulação na formação da área de saúde esta bastante difundindo na área de enfermagem e medicina, a tecnologia tem sua origem nos treinamentos militares, de aviação, aeroespaciais e nucleares. Kohn, Corrigan e Molla (2000) explicam que as atuais recomendações do Comitê de Qualidade no Cuidado a Saúde da América no que se referem a prevenção de erros médicos, de enfermagem e de farmácia para segurança do paciente em organizações de saúde incluem o treinamento da equipe por simulação, apoiados nos resultados dessa tecnologia envolvendo aspectos de segurança do paciente, gestão da equipe em situação de crise (emergência), estimulo a interdisciplinaridade da equipe, bem como o valor da técnica para formação de profissionais.

Desse modo, o desenvolvimento científico e tecnológico proporcionado pelo laboratório SIMENF envolve o Estado do Piauí, dentre aqueles que oferecem laboratórios compatíveis com as perspectivas metodológicas de última geração,

largamente realizadas em grandes centros de ciência e pesquisa de países desenvolvidos, como o Estados Unidos, Canadá, França, Portugal dentre outros, demonstrando a importância de inclusão do Brasil nesse contexto inovador.

Trata-se, nesse sentido, de uma oportunidade de relacionar estreitamente pesquisa, ensino e extensão desenvolvendo em laboratório propostas inovadoras de formação de competências profissionais em Enfermagem e Saúde, uma vez que os pacientes simuladores tem todas as reações humanas frente às ações assistências, como um robô.

O SIMENF atende todas as disciplinas profissionais do Curso de Enfermagem, fomentando pesquisas em graduação e pós-graduação lato e stricto sensu, principalmente por se constituir no que há de mais avançado no ensino tecnológico de Enfermagem no Brasil e no mundo. Concretizando, dessa forma, objetivos comuns de pesquisa e ensino, a medida que provêem "condições de desenvolvimento de investigações científicas neste campo do ensino baseado em simulações, afeito à área do conhecimento da Educação Médica" (TROCON e MAFFEI, 2007, p. 159)

Desse modo, no que se refere especificamente ao ensino, a simulação no laboratório diminuirá medos, ansiedade e insegurança dos discentes, favorecendo a cognição e assim facilitando a aprendizagem. Essa experiência prévia proporcionará o desenvolvimento de habilidades e diminuição do impacto psicológico que geralmente ocorre nos estágios curriculares e práxis do recém formado. A produção científica vem enfatizando o uso do laboratório de simulação de Enfermagem, como suplementação e complementação da aprendizagem de práticas clínicas assistenciais (ARAUJO; WITT, 2006; GOMES; GERMANO, 2007).

Para operar a técnica de ensino os docentes tem sido treinados em cursos de simulação oferecidos por esta IFES, proporcionando um ensino com base em práticas que valorizem o raciocínio clinico tanto individualmente quanto em equipe, uma vez que na perspectiva de Toncon e Maffei (2007) as atividades acadêmicas devem vir acompanhadas de indicadores mais concretos de produção científica publicada em veículos de impacto, sendo necessário para tanto o investimento e manutenção de infra-estrutura de laboratórios específicos para o ensino de graduação em saúde.

Assim o ensino de simulação se desenvolve por meio das seguintes bases principais:

1. Estação de Habilidades: trata-se do ensino tradicional em laboratório no qual é privilegiado protocolos técnicos, como a ressuscitação

cardiovascular; procedimentos técnicos como banho no leito; punção venosa entre outros. O docente tem a função de instrutor e pode controlar todas as ações de ensino desejadas. Utiliza-se para fixar passo; algoritmos entre outros. Possui um grau de realismo limitado pela condição estática das peças. Exemplos clássicos dessa etapa seriam o ATLS, BLS (SCALABRINI, 2011) e procedimentos específicos de técnicas de enfermagem. Nessa etapa utiliza-se peças como braços em diferentes idades; troncos; cabeça pescoço; maniquins estáticos e representa baixa e média complexidade de simulação. Os alunos necessitam apreender essas habilidades para poder atender o cliente completo com qualidade. É indispensável para alunos em fundamentação básica e para captar assistência mínima nos ciclos de vida específicos antes de seguir para a próxima etapa.

2. Simulação Clínica: trata-se de estratégia de ensino que necessita de espaço específico para ser executado. O docente elabora um cenário em um formulário modelo. A estratégia é executada conforme as seguintes etapas: 1. Planejamento dos casos clínicos que envolvem a equipe de enfermagem e saúde. Elabora-se o Briefing (sem tradução para o português) com o grupo de alunos; 2. Execução do cenário pelo grupo junto ao paciente simulador humano avançado. Essa etapa é observada pelos demais alunos da turma que devem possuir um checklist do caso para apontar situações de sucesso e de atenção no cuidado dispensado; 3. Debriefing (sem tradução para o português), ocorre após a execução do cenário é conduzida pelo docente na condição de socializador das ações desenvolvidas. Jeffries (2005) explica que o processo de ensino e aprendizagem de simulação em enfermagem é complexo, multifatorial e transformador. Envolve fatores do professor; fatores do estudante (programa, nível e idade); aprendizagem ativa, feedback, interação das capacidades doa estudantes, aprendizagem colaborativa, tempo da tarefa, diversidade na aprendizagem e alta expectativa. As concepções de simulação (objetivos, realismo, complexidade e avaliação de desempenho) e os resultados esperados (conhecimento, habilidade, pensamento crítico, satisfação e autoconfiança) transcendem a capacidade presumida do

> docente frente às ações vivenciadas pelos estudantes. O docente não tem controle em toda a ação, mas pode fazer intervenções criativas. A técnica de simulação deve ser empregada para situação que reproduzem habilidades com alto grau de realidade possibilitando cenários de baixa, média e alta complexidade que devem ser inseridos gradualmente ao longo do curso de enfermagem principalmente nas disciplinas de ciclo vital a partir da fundamentação básica e semiologia/semiotécnica sendo importante a aplicação de cenários cada vez mais fidedignos e realísticos a medida que as habilidades fundamentais de cada ciclo vital forem estabelecidas ao longo das disciplinas. No Estágio Curricular I e II o aluno utilizará a simulação antes de ir a campo. Bem como durante os estágios, os docentes e discentes poderão eleger casos clínicos que mereçam ser reproduzidos em simulação para melhor apreensão cognitiva, psicomotora e até afetiva na construção de competências complexas de cuidado.

Com efeito o perfil do profissional mais competente para o mercado fomentará a pesquisa na área que tem produzido vários estudos apontando que essa perspectiva metodológica de ensino tecnológico é largamente realizada em grandes centros de educação de países desenvolvidos, como o Estados Unidos, Canadá, França, Chile dentre outros, demonstrando a importância de inclusão do Brasil nesse contexto inovador.

Na perspectiva da pesquisa, o laboratório oferece reflexões frente à prática e formação de enfermagem com foco no próprio treinamento das habilidades de enfermagem, manejo de situações clínicas freqüentes da prática diária, interações interpessoais, correta utilização dos recursos para otimização assistencial e educacionais, além das atitudes em casos clínicos específicos de cada etapa do ciclo vital.

A utilização do SIMENF é uma oportunidade de relacionar ensino, pesquisa e extensão desenvolvendo em laboratório propostas inovadoras de formação profissional, uma vez que o paciente simulador tem todas as reações humanas frente às ações assistências, como um robô. É incontestável que o uso de simuladores para pesquisa e ensino, como afirma Trocon e Maffei (2007, p. 159) “se insere no movimento crescente e cada vez mais difundido em todo o mundo para o ensino e o treinamento das habilidades clínicas em bases mais racionais e efetivas”

No que se refere às atividades extencionistas, o SIMENF funciona amplamente na promoção a saúde e aprimoramento da atuação de toda a equipe de enfermagem local, discentes e docentes de outras escolas de nível técnico, tecnológico e superior. Dessa forma, a aprendizagem mediante simulações clínicas, a enfermagem poderá estabelecer um plano de cuidados adequado, eficaz e coerente às necessidades dos pacientes, família e comunidade.

Desse modo, a infraestrutura física e de equipamentos do SIMENF contribui para ensino, pesquisa e extensão envolvendo os mais diferentes aspectos de formação profissional em saúde como comportamento frente a óbitos, dimensionamento de medos, ansiedade e insegurança no processo de saúde, favorecendo estudos de cognição e reações do trabalho em equipe. Essa experiência prévia poderá proporcionar o desenvolvimento de habilidades e diminuição do impacto psicológico que geralmente ocorre na práxis do profissional de saúde favorecendo a população assistida. A produção científica vem enfatizando o uso do laboratório de simulação de enfermagem e saúde, como suplementação e complementação da produção e aprendizagem de práticas clínicas assistenciais (ARAUJO; WITT, 2006; GOMES; GERMANO, 2007).

8 MATRIZ CURRICULAR E DISTRIBUIÇÃO DAS DISCIPLINAS POR SEMESTRE

1º.SEMESTRE

Código	Disciplinas	Carga horária	Crédito	Pré-requisitos
106 251	Introdução ao Curso de Enfermagem	15	1.0.0	Sem pré-requisito
101102	Bioestatística	60	2.2.0	Sem pré-requisito
111236	Histologia e Embriologia para Enfermagem	60	2.2.0	Sem pré-requisito
111190	Anatomia Geral	120	4.4.0	Sem pré-requisito
302990	Tópicos em Sociologia da Saúde	60	4.0.0	Sem pré-requisito
305152	Antropologia Filosófica	45	3.0.0	Sem pré-requisito
106250	História da Enfermagem	45	2.1.0	Sem pré-requisito
106252	Saúde Ambiental	45	2.1.0	Sem pré-requisito
	Total de carga horária e créditos	450	30	

2º.SEMESTRE

Código	DISCIPLINAS	Carga horária	Crédito	PRÉ-REQUISITOS
106253	Enfermagem na Atenção Primaria de Saúde	60	2.2.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 1º. SEMESTRE
113120	Bioquímica para Enfermagem	90	3.3.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 1º. SEMESTRE
112121	Biofísica para Enfermagem	45	1.2.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 1º. SEMESTRE
110012	Parasitologia Geral - Enfermagem	60	2.2.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 1º. SEMESTRE
106254	Introdução à Pesquisa e Tecnologias de Comunicação em Saúde.	75	2.3.0	Sem pré-requisito
106249	Psicologia Aplicada à Enfermagem	45	1.2.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 1º. SEMESTRE
106 109 260 303	Optativa	60	4.0.0 ou 3.1.0 ou 2.2.0 ou 0.4.0	Consultar o pré-requisito da disciplina escolhida
	Total de carga horária e créditos	435	29	

3º. SEMESTRE

Código	Disciplinas	Carga horária	Crédito	PRÉ-REQUISITOS
110003	Microbiologia e Imunologia Básica-Enfermagem	90	4.2.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 1º. SEMESTRE
103120	Patologia Processos Gerais para Enfermagem	60	2.2.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 2º. SEMESTRE
106248	Epidemiologia	60	3.1.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 2º. SEMESTRE
112220	Fisiologia p/ Enfermagem	105	1.6.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 2º. SEMESTRE
402	Didática Aplicada à Enfermagem	60	2.2.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 4º. SEMESTRE
106 109 260 303	Optativa	60	4.0.0 ou 0.4.0 ou 3.1.0 ou 2.2.0	Consultar o pré-requisito da disciplina escolhida
	Total de carga horária e créditos	435	29	

4º. SEMESTRE

CÓDIGO	DISCIPLINAS	Carga horária	Crédito	PRÉ-REQUISITOS
106257	Semiologia e Semiotécnica para Enfermagem.	120	3.5.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 3º. SEMESTRE
113223	Farmacologia para Enfermagem	105	3.4.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 3º. SEMESTRE
106258	Fundamentação Básica de Enfermagem I	105	4.3.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 3º. SEMESTRE
106255	Metodologia da Assistência de Enfermagem	60	3.1.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 3º. SEMESTRE
106262	Bioética, Ética e Legislação para Enfermagem.	45	2.1.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 3º. SEMESTRE
	Total de carga horária e créditos	435	29	

5º. SEMESTRE

Código	DISCIPLINA	Carga horária	Crédito	PRÉ-REQUISITO
106259	Fundamentação Básica de Enfermagem II	120	2.6.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 4º. SEMESTRE
	Enfermagem nas Cirurgias	75	3.2.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 4º. SEMESTRE
	Enfermagem nas Emergências	75	3.2.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 4º. SEMESTRE
106203	Enfermagem em Saúde Mental	90	3.3.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 2º. SEMESTRE
106261	Enfermagem na Atenção às enfermidades Infecciosas e Parasitarias	75	2.3.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 4º. SEMESTRE
	Total de carga horária e créditos	435	29	

6º. SEMESTRE

Código	DISCIPLINAS	Carga horária	Crédito	PRÉ-REQUISITOS
106208	Saúde da Mulher	165	4.7.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 5º. SEMESTRE
106209	Saúde da Criança e do Adolescente	165	4.7.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 5º. SEMESTRE
106263	Saúde do Adulto e do Idoso I	105	4.3.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 5º. SEMESTRE
	Total de carga horária e créditos	435	29	

7º. SEMESTRE

CÓDIGO	DISCIPLINAS	Carga horária	Crédito	PRÉ-REQUISITO
106264	Administração em Enfermagem	120	5.3.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 6º. SEMESTRE
106265	Saúde do Adulto e do Idoso II	150	4.6.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 6º. SEMESTRE
106266	Saúde Pública	150	5.5.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 6º. SEMESTRE
	Total de carga horária e créditos	420	28	

8º. SEMESTRE

CÓDIGO	DISCIPLINAS	carga horária	Crédito	PRÉ-REQUISITOS
106268	Estágio Curricular I	420	0.0.28	TODAS AS DISCIPLINAS DO 7º. SEMESTRE
106267	Seminário de Pesquisa I	45	1.2.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 7º. SEMESTRE
	Total de carga horária e créditos	465	31	

9º. SEMESTRE

CÓDIGO	DISCIPLINAS	carga horária	Crédito	PRÉ-REQUISITOS
106269	Seminário de Pesquisa II	45	1.2.0	TODAS AS DISCIPLINAS DO 8º. SEMESTRE
106270	Estágio Curricular II	420	0.0.28	TODAS AS DISCIPLINAS DO 8º. SEMESTRE
	Total de carga horária e créditos	465	31	

Total de Créditos e Carga Horária: 280 créditos e 4200 horas/aula

Teóricos e Teóricos Práticos –209 créditos e 3.135 horas/aula.

Estágio Curricular – 56 créditos e 840 horas

Complementares - 15 créditos e 225 horas.

Cada crédito equivale a 15 horas aula

8.1 FLUXOGRAMA CURRICULAR

106-251		
Introdução ao Curso de Enfermagem		
NCE	15	1.0.0

106-253		
Enfermagem na Atenção Primária de Saúde		
NCE	60	2.2.0

110-003		
Microbiologia e Imunologia Básica		
NCB	90	4.2.0

106-257		
Semiologia e Semiotécnica p/		
NCP	120	3.5.0

106-259		
Fundamentação Básica de Enfermagem II		
NCP	120	2.6.0

106-208		
Saúde da Mulher		
NCP	165	4.7.0

106-264		
Administração em Enfermagem		
NCP	120	5.3.0

106-269		
Seminário de Pesquisa I		
NCP	45	1.2.0

106-270		
Estágio Curricular II		
NCP	420	0.0.28

101-102		
Bioestatística		
NCB	60	2.2.0

113-120		
Bioquímica para enfermagem		
NCB	90	3.3.0

103-012		
Patologia e Processos Gerais p/ Enfermagem		
NCB	60	2.2.0

113-223		
Farmacologia p/ Enfermagem		
NCB	105	3.4.0

106-260		
Enfermagem nas Cirurgias		
NCP	75	3.2.0

106-209		
.Saúde da Criança e do Adolescente.		
NCP	165	4.7.0

106-265		
.Saúde do Adulto e do Idoso II		
NCP	150	4.6.0

106-268		
Estágio Curricular I		
NCP	420	0.0.28

106-269		
Seminário de Pesquisa II		
NCP	45	1.2.0

111-236	BCPO	
Histologia e Embriologia p/ Enf		
NCB	60	2.2.0

112-121		
Biofísica p/ Enfermagem		
NCB	45	1.2.0

106-248		
Epidemiologia		
NCE	60	3.1.0

106-258		
Fundamentação Básica de Enfermagem I		
NCP	105	4.3.0

.Enfermagem nas Emergências		
NCP	75	3.2.0

106-263		
Saúde do Adulto e do Idoso I		
NCP	105	4.3.0

106-266		
Saúde Pública		
NCP	150	5.5.0

111-190		
Anatomia Geral		
NCB	120	4.4.0

110-012		
Parasitologia Geral		
NCB	600	2.2.0

112-220		
Fisiologia p/ Enfermagem		
NCB	150	1.6.0

106-255		
Metodologia da Assistência de		
NCE	60	3.1.0

106-261		
.Enfermagem na At. às Enferm. Infecciosas e Parasitárias		
NCP	75	2.3.0

302-990		
Tópicos em Sociologia		
NCB	60	4.0.0

106-254		
Introdução a Pesquisa e Tecnologia de		
NCE	75	2.3.0

402-741		
Didática Aplicada a Enfermagem		
NCP	60	2.2.0

106-262		
Bioética, Ética e Legislação p/		
NCE	45	2.1.0

106-203		
Enfermagem em Saúde Mental		
NCE	90	3.3.0

106-250		
Historia da Enfermagem		
NCE	45	2.1.0

106-249		
Psicologia Aplicada à Enfermagem		
NCE	45	1.2.0

Optativa		
	60	4.0.0

305-152		
Antropologia Filosófica		
NCB	45	3.0.0

Optativa		
	60	4.0.0

106-252		
Saúde Ambiental		
NCE	45	2.1.0

a	b	
c		
d	e	f

a – Código da disciplina
b – Pré-Requisito
c – Nome da disciplina
d – NCB: Núcleo de Conteúdos Básicos
NCE: Núcleo de Cont. Específicos
NCP: Núcleo de Cont. Profissionalizantes
e – Carga horária
f – Créditos
* = Co-requisito

8.2 DISCIPLINAS OPTATIVAS

Disciplinas	Código	Crédito	Carga Horária
Microinformática	260021	0.4.0	60
Atendimento de Urgência	106275	3.1.0	60
Nutrição e Dietoterapia	109220	2.2.0	60
Saúde Reprodutiva	106276	2.2.0	60
Inglês instrumental	303600	4.0.0	60
Estomaterapia	106277	2.2.0	60
Vigilância a Saúde	106278	2.2.0	60
Enfermagem e a Saúde do Trabalhador	106281	3.1.0	60
Práticas do Cuidado em Saúde e Qualidade de Vida	106282	2.2.0	60
Atenção Integrada às Doenças Prevalentes na Infância	106256	2.2.0	60
LIBRAS		2.2.0	60
Relações Étnico-Raciais, Gênero e Diversidade		3.1.0	60
Grupo como Dispositivo de Trabalho na Enfermagem		4.0.0	60
Política Nacional e Atenção Integral em Saúde Mental		4.0.0	60
Tópico sobre Interprofissionalidade	DSS/CCHL068	4.0.0	60

9. ELEMENTOS INTEGRADORES DO CURRÍCULO

9.1 ESTÁGIO CURRICULAR

a) FUNDAMENTAÇÃO: Portaria MEC n. º 1.721 / 94

b) CARGA HORÁRIA: 840 horas

c) PERÍODO: 8.º e 9.º Semestre

d) OBJETIVOS:

- ✓ Garantir a formação acadêmica: conclusão do processo Ensino-Aprendizagem;
- ✓ Vivenciar a prática profissional e as tendências do mercado;
- ✓ Vivenciar uma nova modalidade de aprendizagem com experiências para o alcance dos objetivos educacionais, tendo em vista a interdisciplinaridade;
- ✓ Oportunizar para desenvolver habilidades de liderança (atuar de forma participativa, crítica, reflexiva, criativa, compartilhada, sinérgica e com segurança);
- ✓ Participar do gerenciamento da assistência de enfermagem prestada ao cliente, família e comunidade (negociar, inovar, ousar, estudar, visão holística, visão crítica, desenvolver estratégias nas ações, ter consciência sócio-político-cultural, interagir permanentemente com o cliente, família e comunidade).

e) CAMPOS DE ESTÁGIO:

O estágio será realizada em instituições públicas e conveniadas da comunidade onde a UFPI está inserida e que correspondam aos critérios que seguem:

- ✓ Serviço de Enfermagem organizado (filosofia, regimento e protocolos de Enfermagem);
- ✓ Presença do profissional de Enfermagem nas unidades em todos os turnos;
- ✓ Programa de educação permanente;
- ✓ Participação das enfermeiras das unidades no aprendizado e avaliação da graduanda (co-responsabilidade), através do instrumento norteador das atividades a serem desenvolvidas sob orientação do professor orientador que estará representando a UFPI durante todo o processo.

f) ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

ALUNOS:

- ✓ Gerenciar a assistência de Enfermagem nas diferentes especialidades;
- ✓ Assegurar princípios éticos no exercício das atividades;
- ✓ Prestar assistência livre de riscos aos clientes;
- ✓ Manter aberta linha de comunicação com todos os membros da equipe de Enfermagem, profissionais afins, cliente, família e comunidade;
- ✓ Manter estudo técnico científico das especialidades atendidas;
- ✓ Assegurar o planejamento da assistência de Enfermagem;
- ✓ Determinar os padrões de desempenho no trabalho através de instruções específicas (ensinar, supervisionar, compartilhar, avaliar);
- ✓ Prestar assistência de Enfermagem ambulatorial e domiciliar;
- ✓ Elaborar relatório de conclusão do estágio curricular.

SUPERVISORA DO ESTÁGIO

- ✓ Ser o elo de ligação entre o órgão formador e a instituição de saúde que recebe o aluno para a realização do estágio curricular;
- ✓ Avaliar periodicamente o desempenho dos alunos através de instrumento específico com a participação da enfermeira assistencial;
- ✓ Criar e recriar espaços de reflexão-ação-reflexão durante todo o processo;
- ✓ Orientar o aluno na elaboração do relatório de conclusão do estágio curricular;
- ✓ Estabelecer calendário de reuniões periódicas com as(os) alunas(os) e co-participantes do processo de Ensino-Aprendizagem;
- ✓ Participar da comissão de estágio e prestar relatório das atividades desenvolvidas;
- ✓ Propor alternativas pedagógicas de acordo com as necessidades e/ou cultura institucional no decorrer do estágio curricular, garantindo o alcance dos objetivos propostos.

ENFERMEIRA ASSISTENCIAL:

- ✓ Participar do processo Ensino-Aprendizagem (co-responsável);
- ✓ Participar da avaliação do processo;
- ✓ Proporcionar ambiente conceptual que favoreça o aprendizado;
- ✓ Manter comunicação efetiva com o docente orientador.

g) COMISSÃO DE ESTÁGIO CURRICULAR:

A comissão de estágio curricular será composta por docentes do ciclo profissionalizante, a critério do colegiado e do coordenador do curso de Enfermagem, tendo garantido a participação de representantes discentes envolvidos no processo e

representantes das instituições de saúde segundo critérios pré-estabelecidos, cujas competências e tempo de mandato serão estabelecidos pelos respectivos membros a partir da sua composição.

9.1.1 - REGULAMENTO DO ESTÁGIO CURRICULAR

I - DAS BASES CONCEITUAIS

Art. 1.º O Estágio Curricular constitui-se numa atividade de investigação, explicitação, interpretação e intervenção na realidade e de enriquecimento da formação profissional dos discentes.

PARÁGRAFO ÚNICO: O estágio curricular do Curso de Enfermagem consta de atividades práticas pré-profissionais, exercidas em situações reais de trabalho sendo um processo interdisciplinar avaliativo e criativo, destinado a articular teoria e prática (ensino, pesquisa e extensão), obrigatório para todos os discentes do curso.

II - DAS POLÍTICAS E OBJETIVOS DO ESTÁGIO CURRICULAR

Art. 2.º As políticas e objetivos do Estágio Curricular visam:

- ✓ Garantir obediência à legislação que regulamenta os estágios nas Instituições de Ensino Superior;
- ✓ Atender a uma concepção de realidade como totalidade e como articulação e interdependência mútuas entre os elementos que a compõem;
- ✓ Contribuir para a consolidação do Curso de Enfermagem da UFPI enquanto instituição voltada à busca de soluções para os problemas regionais e/ou nacionais;
- ✓ Fortalecer relações de parceria permanente e continuada com os campos de estágio supervisionado;
- ✓ Buscar a superação da fragmentação e transitoriedade da dicotomia entre teoria e prática;
- ✓ Respeitar as peculiaridades e a natureza do curso expressas nos objetivos e no seu projeto político pedagógico;

- ✓ Garantir uma avaliação permanente e continuada do estágio supervisionado com a participação de todos os envolvidos;
- ✓ Socializar os conhecimentos produzidos no processo de Estágio;
- ✓ Estabelecer relação dinâmica entre teoria e prática, oportunizando ao estagiário mais um espaço para a produção de conhecimentos que fundamentem e qualifiquem sua formação profissional e de cidadania;
- ✓ Oferecer condições concretas de investigação, análise, interpretação com a realidade e intervenção nesta mesma realidade.

III - DAS DIRETRIZES NORTEADORAS GERAIS

Art. 3.º Os estágios curriculares obedecerão ao que determina a Lei 6.494 / 77 (regulamentada pelo Decreto no 87.497, de 18 de agosto de 1982), ao Regimento Geral da UFPI, aos Regulamentos da Coordenação Geral de Estágios Curriculares da UFPI, a este Regulamento e às outras normalizações que vierem a ser adotadas pela legislação e pelos órgãos deliberativos superiores.

Art. 4.º O estágio curricular, pôr estar obrigatoriamente vinculado aos objetivos do curso, tem um sentido de desenvolver atividades profissionais, em reais condições de vivência e trabalho, para fundamentar e melhor qualificar aspectos da formação profissional.

Art. 5.º O estágio curricular I será realizado em grupo de até 10 alunos e o curricular II em grupo ou individualmente, e terão a carga horária estipulada no currículo e matriz curricular do curso de 420 horas por período, totalizando 840 horas nos dois últimos períodos.

Art. 6.º O estágio obedece a regulamento próprio de acordo com a resolução 047/91-CEPEx do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão – CEPEx/UFPI .
Art. 7.º A forma de supervisão a ser adotada pelo curso deverá ser detalhada no Plano de Ensino da disciplina (Estágio Curricular I e II) do docente supervisor, salvaguardadas as diretrizes e políticas deste Regulamento e a especificidade do curso em cada situação ou etapa do Estágio.

Art. 8.º O estágio curricular, independentemente do aspecto profissionalizante, poderá assumir a forma de atividades de pesquisa ou extensão, mediante a participação do estagiário em empreendimentos ou projetos de interesse institucional ou social.

Art. 9.º Nenhum acadêmico poderá colar grau sem ter cumprido, integralmente, o fixado em relação ao Estágio pela legislação pertinente, pelo Regimento Geral e por este Regulamento de estágio próprio do curso de enfermagem.

Art. 10º. Só será permitido o estágio individual e/ou em grupo fora dos campos de estágio ou das linhas de pesquisa ou extensão de interesse institucional, em casos excepcionais devidamente analisados e aprovados pelo colegiado do curso, por unanimidade.

Art. 11º. Não será permitido o estágio concomitante do curricular I e II exceto, em casos excepcionais devidamente analisados e aprovados pelo colegiado do curso, por unanimidade.

Art. 12º. A realização do estágio dar-se-á, obrigatoriamente, mediante Convênio e Termo de Compromisso celebrado entre o estagiário ou grupos de estagiários e a parte concedente, com a interveniência obrigatória da coordenação local de estagio curricular: celebração de assinatura de convênio entre a UFPI e os Campos de Estágios; assinaturas de termos de compromisso celebrado entre o estagiário e a parte concedente com interveniência da coordenação do curso.

Art. 13º. Toda concedente que aceitar estagiários deverá indicar um ou mais Supervisores Técnicos ou professores, que atuarão no planejamento, acompanhamento e avaliação das atividades de estágio.

Art. 14º. O estágio curricular não cria vínculo empregatício de qualquer natureza e o estagiário poderá ou não receber bolsa, ou outra forma de contraprestação que venha a ser acordado, ressalvado o que dispuser a legislação previdenciária.

Art. 15º. A coordenação do estágio curricular deverá apresentar no ato da matrícula na disciplina estágio curricular I e II, comprovante de seguro contra acidentes pessoais dos alunos.

Art. 16º. Caberá, aos órgãos competentes da Instituição, zelar para que os estagiários não sejam utilizados em atividades que não as previstas no projeto de estágio.

IV - DA ADMINISTRAÇÃO DOS ESTÁGIOS CURRICULARES

Art. 17. A Administração dos Estágios Curriculares deve ser entendida enquanto superintendência das relações entre a Instituição e o Campo de Estágio, sendo de responsabilidade do Coordenador do Curso.

Art. 18. Ao Coordenador do Curso compete:

- ✓ Articular-se juntamente com o Coordenador e Supervisor de Estágio, e docentes designados, objetivando vincular o estágio do curso às linhas de pesquisa e extensão da UFPI;
- ✓ Promover o intercâmbio e as negociações necessárias com instituições, entidades, comunidade e/ou empresas com vistas ao planejamento e operacionalização dos Estágios do Curso;
- ✓ Convocar as reuniões ordinárias e extraordinárias com o Coordenador, Supervisor e com os Orientadores de Estágio do Curso;
- ✓ Encaminhar, oficialmente, os estagiários e docentes orientadores aos respectivos campos de estágio;
- ✓ Prover calendário próprio que atenda às várias etapas do processo de Estágio do Curso;
- ✓ Supervisionar, periodicamente, os campos de estágio;
- ✓ Acompanhar o processo de avaliação do Estágio do Curso;
- ✓ Superintender as atividades ligadas ao estágio curricular;
- ✓ Viabilizar os convênios e termos de compromisso a serem assinados pelas partes envolvidas no estágio curricular;
- ✓ Avaliar e encaminhar as solicitações administrativas provenientes dos campos de estágio;
- ✓ Zelar pelo cumprimento do Regulamento de Estágio do Curso;

- ✓ Viabilizar espaço físico para a Supervisão de Estágios e docentes Orientadores desenvolverem suas atividades.

V - DA COORDENAÇÃO DO ESTÁGIO CURRICULAR

Art. 19º. A coordenação deve ser entendida enquanto docência e acompanhamento ao discente no decorrer de sua prática de estágio, de forma a proporcionar aos estagiários, pleno desempenho de ações, princípios e valores inerentes à realidade da profissão.

Art. 20º. A coordenação de Estágio será exercida, por um docente pertencente ao corpo docente efetivo do curso.

Art. 21º. O coordenador de Estágio terá sob sua responsabilidade todos os discentes regularmente matriculados em Estágio.

Art. 22º. Ao coordenador de Estágio compete:

- ✓ Elaborar o plano de Prática de Estágio expresso em forma de Plano de Ensino;
- ✓ Fornecer ao estagiário ou ao grupo de estagiários, os elementos necessários à elaboração do pré-projeto e à execução do projeto de estágio;
- ✓ Aprovar o pré-projeto de estágio, considerado condição indispensável para a saída do estagiário ou grupo de estagiários para o campo de estágio;
- ✓ Prover para que todo o estagiário ou grupo de estagiários tenha um Orientador durante todo o processo de estágio;
- ✓ Coordenar a execução das atividades didático-pedagógicas referentes aos estágios curriculares, de conformidade com o planejamento e pré-projeto definidos pelas partes envolvidas no acompanhamento do estagiário ou grupo de estagiários no campo de estágio;
- ✓ Contatar com instituições, entidades, empresas ou comunidades potencialmente concedente de campo de estágio, tendo em vista a celebração de Convênios, Termos de Compromisso e/ou acordos de cooperação, encaminhando ao Coordenador de Curso;
- ✓ Coordenar, acompanhar, assessorar e avaliar os supervisores de Estágio;

- ✓ Articular e promover a socialização de experiências de estágio, a partir de seminários, publicações, cartilhas e outros meios, envolvendo o colegiado de curso;
- ✓ Manter o Coordenador do Curso informado, através de relatório, sobre a listagem dos estagiários, orientadores, campos e desenvolvimento do estágio;
- ✓ Acompanhar, com o Supervisor Técnico e/ou , todo o processo de avaliação durante o estágio, bem como, com eles, atribuir o conceito final, encaminhando-o à Coordenação de Curso;
- ✓ Providenciar, com o Coordenador do Curso, os convênios, os termos de compromisso e/ou acordos de cooperação a serem assinados pelas partes envolvidas no Estágio;
- ✓ Participar da elaboração ou de alterações do Regulamento próprio para os Estágios do Curso.

9.2 ATIVIDADES COMPLEMENTARES:

As Atividades Complementares vão permitir o relacionamento do estudante com a realidade social, econômica e cultural e até mesmo de iniciação à pesquisa e ao ensino. Estas vão possibilitar principalmente a inter-relação teoria/prática no processo de ensino aprendizagem.

Também poderão ser reconhecidos pela UFPI, para integralização curricular, outros conhecimentos obtidos pelos estudantes, não previstos e de natureza extra-escolar, como os estudos complementares, cursos realizados em outras áreas afins e que proporcionem o reconhecimento de habilidades e competências. Por meio das Atividades Complementares, hão de se estabelecer diretrizes que permitam ao estudante trilhar sua própria trajetória acadêmica, preservando sua identidade e sua vocação.

Tais atividades ampliam o espaço de participação do aluno no processo didáticopedagógico, no qual deve ser sujeito da relação pedagógica, consoante a tendência da legislação e das políticas educacionais no sentido de flexibilizar os cursos, dando oportunidade ao aluno de buscar uma formação de acordo com suas aptidões.

O colegiado do curso, objetivando um Curso de Enfermagem mais dinâmico, com ênfase especial no estímulo da capacidade criativa e da co-responsabilidade do

aluno no processo de sua formação definiu, em regulamento próprio que, para a integralização curricular, o aluno deve cumprir um mínimo de 225 horas de Atividades Complementares.

As Atividades Complementares deverão ser desenvolvidas ao longo de todo o curso em desdobramentos que correspondam a disciplinas especiais, eventos diversos (seminários, simpósios, congressos, visitas técnicas, jornadas e outros), cursos de línguas, informática, programas de pesquisa e extensão, representação discente, mediante acompanhamento do colegiado do curso e anotações para registro no histórico escolar do aluno. As atividades complementares podem ser na área do curso ou áreas afins podendo estar articuladas com temas transversais, permitindo despertar a consciência da(o) futura(o) enfermeira(o) para atuar no seu meio social, referidos ao meio ambiente, à estrutura do desenvolvimento sustentável da região, a gestão de qualidade de vida no trabalho e na comunidade, entre outros.

A execução das atividades complementares foram regulamentadas por normas especificas, aprovadas pelo colegiado do curso, descritas a seguir.

9.2.1 REGULAMENTO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Art. 1 ° As Atividades Complementares integram a parte flexível do currículo do Curso de Enfermagem, sendo o seu integral cumprimento indispensável para a obtenção do diploma de graduação.

Art. 2° As Atividades Complementares são coordenadas pelo coordenador do curso.
Art. 3°. Compõem as Atividades Complementares as seguintes disciplinas e atividades, com a respectiva carga horária:

9.2.2 QUADRO DE ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Quadro 1: ATIVIDADES DE ENSINO DE PESQUISA :ATÉ 60(sessenta) HORAS PARA CADA ATIVIDADE

ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
		Mínima	Máxima
1-Ensino	Monitoria no curso por período letivo/Participação Em projetos institucionais PIBIT, PIBIC.	20	40
2-Iniciação a pesquisa	Participação em projetos de pesquisa, projetos institucionais PIBIT, PIBIC.	20	40
3-Grupo de pesquisa	Participação em grupos de pesquisa liderado por docentes da UFPI.	20	40
TOTAL			120
Certificação: Relatório do professor orientador e declaração do órgão /unidade competente			

Quadro 2: ATIVIDADES DE PARTICIPAÇÃO E/OU ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS :ATÉ 60(sessenta) HORAS PARA O CONJUNTO DE ATIVIDADES			
ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
		Mínima	Máxima
1-Apresentação de trabalhos em eventos técnico – cientifica	Apresentação de trabalhos em congressos, seminários. Conferências, simpósios, palestras, fórum, semanas acadêmicas.	10	20
2-Organização de eventos técnicos-cientificos.	Participação em projetos de pesquisa, projetos institucionais PIBIT, PIBIC.	10	20
3-Participação em eventos técnicos-cientificos.	Participação em eventos diversos: congressos,seminários,conferencias,simpósios,palestras, defesa de TCC,de dissertação de mestrado e tese de doutorado ,fórum ,semanas acadêmicas.	05	20
TOTAL			60
Certificação: Certificado de participação (com copia do trabalho apresentado)ou de organização do evento ou declaração do órgão/unidade competente.			

Quadro 3: EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS E/OU COMPLEMENTARES ATÉ 120(cento e vinte)HORAS PARA O CONJUNTO DE ATIVIDADES			
ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
		Mínima	Máxima
	Participação em atividades de assistência ou assessoria a população carente ou de baixa renda participação em programas de voluntariado.	20	60
	Participação em programas de voluntariado	15	60
TOTAL			120
Certificação: Relatório do professor orientador e declaração do órgão /unidade competente			

Quadro 4: ATIVIDADES DE EXTENSÃO:ATÉ 90(noventa)HORAS PARA CONJUNTO DE ATIVIDADES			
ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
		Mínima	Máxima
1-Projeto de extensão com bolsa	Um semestre de participação em projeto de extensão com dedicação semanal de 12 a 20h .	15	45
2-Projeto de extensão voluntária	Um semestre de participação em projetos de extensão com dedicação semanal de 06 a 20h.	15	30
3-Curso de extensão	Na área de interesse ou de atualização cultural ou cientifica a partir de 40h	05	15
TOTAL			90
Certificação: Relatório do professor orientador e declaração do órgão /unidade competente			

Quadro 5: TRABALHOS PUBLICADOS :ATÉ 90(noventa)HORAS PARA O CONJUNTO DE ATIVIDADES			
ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
		Mínima	Máxima
1-Publicação em anais de eventos nacionais	Publicação em anais de congressos e similares, comprovados com documentação pertinentes (declaração,cópia dos anais).	10	30
2-Grupo de pesquisa	.Publicação em anais de congressos e similares, comprovados com documentação pertinente (declaração, cópias dos anais).	05	15
3-Publicação em periódicos nacionais	Publicação em periódicos especializados comprovados com apresentação de documento. pertinente (declaração, copias dos periódicos).	15	45
TOTAL			90
Certificação: Relatório do professor orientador e declaração do órgão /unidade competente			

Quadro 6: VIVÊNCIAS DE GESTÃO :ATÉ 40(quarenta)HORAS PARA CONJUNTO DE ATIVIDADES			
ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
		Mínima	Máxima
1-Representação estudantil.	▪ Participação anual como membro de entidade de representação político-estudantil. ▪ Participação anual como membro de diretoria de entidade de representação político-estudantil	10	20
	Representação nos conselhos universitários por semestre	10	20
TOTAL			40
Certificação: Relatório do professor orientador e declaração do órgão /unidade competente			

Quadro 7: ATIVIDADES ARTÍSTICOS-CULTURAL ,ESPORTIVA E PRODUÇÕES TECNICO-CIENTÍFICAS:ATÉ 90(noventa)HORAS PARA CONJUNTO DE ATIVIDADES			
ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
		Mínima	Máxima
1-Atividade Artístico-cultural e esportivas e produções técnicos – cientificas	Participação em grupos de artes, tais como teatro, dança, coral, poesia, musica e produção e elaboração de vídeos, softwares, exposições e programas radiofônicos.	05	90
TOTAL			90
Certificação: Relatório do professor orientador e declaração do órgão /unidade competente			

Quadro 8: DISCIPLINA ELETIVA DOFERTADA POR OUTROS CURSOS DESTA IES OU POR OUTRAS INSTITUIÇÕES DE ENSINOS SUPERIORES:ATÉ 60(sessenta)HORAS PARA O CONJUNTO DE ATIVIDADES			
ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
		Mínima	Máxima
1-Disciplina Eletiva	Ofertada por outro curso desta IES ou por outra Instituição de Educação Superior.	20	60
TOTAL			90
Certificação: Relatório do professor orientador e declaração do órgão /unidade competente			

Quadro 9: ESTAGIO NÃO-OBRIGATÓRIO:ATÉ 90(noventa) HORAS PARA O CONJUNTO DE

ATIVIDADES			
ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
		Mínima	Máxima
1-Publicação em anais de eventos nacionais	Estágio não obrigatório reconhecido pela pró-reitoria de extensão	30	90
TOTAL			90
Certificação: Relatório do professor orientador e declaração do órgão /unidade competente			

Quadro 10: VISITAS TÉCNICAS: ATÉ 10(dez) HORAS PARA O CONJUNTO DE ATIVIADADES			
ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	PONTUAÇÃO (C/H)	
		Mínima	Máxima
1-Publicação em anais de eventos nacionais	Visitas técnicas na área do curso que resultem em relatório circunstanciado, validado e aprovadas por um professor responsável, consultado previamente.	05	10
TOTAL			10
Certificação: Relatório do professor orientador e declaração do órgão /unidade competente			

Essas atividades, quando desenvolvidas pelos alunos, serão integralizadas ao currículo a cada bloco de 15 horas, que corresponde a um (01) crédito acadêmico, até o limite mínimo de 08(oito) créditos paras os cursos de graduação, bacharelado, e o limite mínimo de 200 horas para o curso de graduação, licenciatura. A consignação é feita atendendo o que dispõe a Resolução NºA150/06(CEPEX/UFPI) sobre as atividades Acadêmico-Científico-Culturais.

As Coordenações deverão observar a Resolução Nº 150/06(CEPEX/UFPI) que trata das Atividades Acadêmico-Científico-Culturais, especialmente o parágrafo 4º que reza “As Coordenações de Cursos poderão aprovar normatizações especificas, incluindo estratégias pedagógico-didáticas não previstas no parágrafo único, do art.1º e estipulando carga mínima já integrada ou período já cursado para o aluno iniciar as Atividades Complementares de Graduação.

§ 1 °. Cada 15 (quinze) horas aula equivalem a 01 (um) crédito

.§ 2 ° O aluno deve cumprir, entre o primeiro e o oitavo períodos letivos, a carga horária total de duzentas e vinte e cinco (225) horas de Atividades Complementares.

§ 3° O cumprimento da carga horária total das Atividades Complementares deve ser realizado em, pelo menos, seis semestres letivos.

§ 4° Durante os primeiros vinte dias, após o início de cada período letivo, o aluno deve se inscrever, na Coordenação do Curso, nas atividades de seu interesse.

§ 5°, Cabe ao Coordenador de Atividades Complementares orientar o aluno na freqüência e certificação dessas atividades, com recurso para o Coordenador do Curso e, deste, em instância final, para o Colegiado do Curso.

§ 6º. A atividade de pesquisa envolve:

I. a realização de trabalho de pesquisa, sob orientação de docente do curso que o aluno estiver matriculado ou docente de outro curso, desde que aprovado pela coordenação;

II. Trabalhos publicados em periódicos científicos;

III. Participação, como expositor ou debatedor em evento científico;

IV Participação em trabalho de pesquisa do curso de pós-graduação.

V Os eventos técnico-científicos a que se refere o inciso III são considerados válidos quando:

a) Promovidos pelo próprio curso ou por ele apoiados;

b) aprovados pelo coordenador de curso, no caso de serem promovidos por outras instituições.

§ 7º. São consideradas atividades de extensão, que deverão buscar a integração com ensino e a pesquisa, todas aquelas desenvolvidas com a participação da comunidade não universitária.

§ 8º. A monitoria compreende o exercício de atividades junto a docente responsável por disciplina, ou atividade do currículo do curso, e tem como objetivo fomentar vocações acadêmicas e estreitar a cooperação no ensino-aprendizagem entre professores e alunos.

PARÁGRAFO ÚNICO: Os projetos de monitoria serão divulgados amplamente, e serão desenvolvidos na forma a ser estabelecida pela UFPI.

Art. 4° As Atividades Complementares devem atender às seguintes normas gerais:

I - São consideradas disciplinas extracurriculares para validação como Atividades Complementares, as disciplinas oferecidas pela UFPI ou outras Instituições

de Ensino Superior (IES), fora do horário regular das aulas e cujo conteúdo não esteja integralmente contemplado por nenhuma disciplina do currículo;

II - As disciplinas de áreas afins, assim definidas pelo colegiado do Curso, pertencentes aos demais cursos da UFPI ou de outras IES, são consideradas disciplinas extracurriculares;

III - A validação de qualquer das atividades, definidas no artigo anterior, depende de prévia aprovação do Coordenador das Atividades Complementares;

IV - As atividades, referidas nos incisos 1, 3 e 4 do artigo anterior são automaticamente validadas, respeitada a carga horária máxima fixada, para cada uma;

V - À presença, devidamente comprovada, em defesas de monografia do curso, de dissertações de mestrado ou de tese de doutorado, atribui-se, respectivamente, duas, quatro e cinco horas-atividade, por sessão.

Art. 5° Cabe ao aluno comprovar, junto à Coordenação do Curso, a sua participação nas atividades previstas no art. 2°, após prévia aprovação da Coordenação das Atividades Complementares, em formulário próprio.

Parágrafo único. Competem à Coordenação do Curso encaminhar à Diretoria de Assuntos acadêmicos – DAA as comprovações das atividades de que trata este artigo.

Art. 6° O presente regulamento só pode ser alterado pelo voto da maioria absoluta dos membros do Colegiado do Curso.

Art. 7° Compete ao Colegiado do Curso dirimir dúvidas referentes à interpretação deste regulamento, assim como suprir as suas lacunas, expedindo os atos complementares que se fizerem necessários.

Art. 8° Este regulamento entra em vigor imediatamente após a autorização do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão - CEPEX, devendo os itens das atividades complementares serem revistos semestralmente.

9.3 TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

O aluno poderá ser chamado a defender seu TCC perante a Comissão Examinadora formada pelo Professor Orientador do trabalho e mais dois professores indicados pelo aluno e pelo orientador deste.

Após a avaliação e / ou defesa do TCC os professores da Comissão Examinadora atribuirão notas ao aluno, de 0 (zero) a 10 (dez), variando de meio em

meio ponto. Se o aluno conseguir média aritmética simples igual ou superior 7 (sete), será aprovado no TCC.

Os professores da Comissão Examinadora rubricarão a página da via do TCC que fará parte do acervo da biblioteca do curso de enfermagem.

O Professor de TCC anotará a média obtida pelo aluno, em algarismos e por extenso, na página de aprovação, bem como as anotações devidas no diário de classe. Se o aluno não for aprovado no TCC, receberá de volta todas as vias do trabalho, para que proceda aos aperfeiçoamentos necessários, que serão sugeridos pelos avaliadores, mediante anotação em tinta vermelha numa das vias devolvidas ao aluno.

As notas serão registradas em diário próprio, que será entregue na Secretaria para os procedimentos de registro e controle acadêmicos.

Os casos omissos serão resolvidos pelos professores de Seminário de Pesquisa II e colegiado do curso observando-se o Regimento Interno da UFPI e as demais disposições em vigor.

Apresenta-se, a seguir, o Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso, que disciplina o processo de elaboração, apresentação e avaliação de monografias de graduação do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Piauí. O Trabalho de Conclusão de Curso objetiva garantir a formação acadêmica, no processo Ensino-Aprendizagem por meio da vivência de nova modalidade de aprendizagem com experiências na prática de pesquisa.

9.3.1 REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

CAPITULO I
DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1° - O presente Regulamento tem por finalidade normatizar as atividades relacionadas com a elaboração, apresentação e avaliação do trabalho de conclusão do curso de graduação, do Departamento de Enfermagem, sob a forma de Monografia.

.

Parágrafo único. A aprovação em trabalho de conclusão de curso na modalidade de Monografia é indispensável para a colação de grau de qualquer aluno matriculado no curso.

Art. 2°. A Monografia consiste em pesquisa individual, em dupla ou em grupos de três alunos orientada em qualquer das áreas de concentração do programa stricto senso do Departamento de Enfermagem.

Art. 3°. Os objetivos gerais da Monografia são os de propiciar aos alunos do curso de graduação a ocasião de demonstrar o grau de habilitação adquirido, o aprofundamento temático, o estímulo à produção científica, à consulta de bibliografia especializada e o aprimoramento da capacidade de interpretação e crítica.

CAPITULO II
DOS COORDENADORES DE DISCIPLINAS SEMINÁRIOS DE PESQUISA I E II

Art. 4° A atividade Monografia é desenvolvida nas disciplinas Seminário de Pesquisa I e II no 8º e 9º semestres da graduação, respectivamente e sob a coordenação dos professores destas disciplinas.

Parágrafo único. Os Coordenadores destas disciplinas são auxiliados, em suas atividades, pelos professores das disciplinas e por professores-orientadores.

Art. 5° Aos Coordenadores das disciplinas Seminários de Pesquisa I e II competem:
I - elaborar, semestralmente, o calendário de todas as atividades relativas às Disciplinas e o TCC.
II - encaminhar os projetos de pesquisa ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP);
III - proporcionar, com a participação dos professores-orientadores, orientação básica aos alunos em fase de iniciação do projeto da Monografia, como trabalho de conclusão do curso;
IV - convocar, sempre que necessário, reuniões com os professores-orientadores e alunos matriculados nas disciplinas.
V – indicar professores-orientadores para os alunos, quando estes não fizerem a escolha;
VI - verificar o número de trabalhos orientados por professor, observando a proporção máxima de três (3) orientações concomitantes por professor;
VII - designar as bancas examinadoras dos projetos de Monografias;

VIII - tornar pública a formação das bancas, local, data e horário das defesas das monografias;
IX - providenciar a declaração de participação de banca para os membros da mesma;
X - encaminhar à Biblioteca Central da UFPI um exemplar das monografias aprovadas;
XI - tomar todas as demais medidas necessárias e dirimir dúvidas ao efetivo cumprimento deste Regulamento;

CAPITULO III
DOS PROFESSORES-ORIENTADORES

Art. 6° A Monografia é desenvolvida sob a orientação de um professor do Departamento de Enfermagem, individual ou grupo de até três alunos, observando a proporção de máxima de três orientações concomitantes;
Art. 7° Cabe ao aluno ou alunos escolherem o professor orientador, devendo, para esse efeito, realizar o convite, levando em consideração os prazos estabelecidos neste Regulamento para a entrega do projeto de monografia.
Art. 8º O professor orientador deve levar em consideração, sempre que possível, a orientação de acordo com suas áreas de interesse e áreas de concentração da pós-graduação stricto senso do departamento.
Art. 9° Cada professor pode orientar, no máximo, três trabalhos concomitantes por semestre.
Art. 10º A substituição de orientador só é permitida quando outro docente assumir formalmente a orientação, mediante aquiescência expressa do Coordenador da disciplina.
Art. 11º O professor orientador tem, entre outros, os seguintes deveres específicos:
I - freqüentar as apresentações dos seus orientandos em sala de aula ou outro local, no âmbito da UFPI, conforme o cronograma das disciplinas;
Art. 12º Atender, sempre que solicitado, seus alunos orientandos, em horário previamente fixado;
Art. 13º Analisar e avaliar os relatórios parciais que lhes forem entregues pelos orientandos;
Art. 14º Participar das defesas para as quais estiver designado;
Art. 15 º Assinar, juntamente com os demais membros das bancas examinadoras, as fichas de avaliação das Monografias;
Art. 16º Cumprir e fazer cumprir este Regulamento.

CAPITULO IV

DOS ALUNOS EM FASE DE REALIZAÇÃO DA MONOGRAFIA

Art. 17º Considera-se aluno em fase de realização da monografia aquele regularmente matriculado nas disciplinas Seminários de Pesquisa I e II, que integra o currículo do curso de graduação em Enfermagem.

Art. 18º O aluno em fase de realização da Monografia tem, entre outros, os seguintes deveres específicos:

I - freqüentar as reuniões convocadas pelo professor-orientador;

II - cumprir o calendário divulgado pelos Coordenadores das disciplinas para entrega de projetos, relatórios parciais e versão final da Monografia;

III - entregar ao orientador relatórios parciais sobre as atividades desenvolvidas;

IV - elaborar a versão definitiva de sua Monografia, de acordo com o presente Regulamento e as instruções de seu orientador e do Coordenador de Monografias;

V - entregar ao Coordenador de Disciplina, ao final do semestre em que estiver matriculado na disciplina respectiva, quatro cópias de seu projeto/ monografia, devidamente assinadas pelo orientador;

VI - comparecer em dia, hora e local determinados para apresentar e defender a Monografia;

VII - cumprir e fazer cumprir este Regulamento.

CAPITULO V

DO PROJETO DE MONOGRAFIA

Art. 19º O aluno deve elaborar seu projeto de monografia de acordo com este Regulamento e com as recomendações do seu professor orientador.

Parágrafo único. A estrutura formal do projeto deve seguir os critérios técnicos estabelecidos nas normas da ABNT na sua apresentação, citações e referências.

Art. 20º A estrutura do **projeto** de monografia compõe-se de:

I - introdução;

II - objeto;

III- objetivos;

IV - justificativas;

V - revisão bibliográfica (estado de arte);

VI - proposta metodológica;

VII - cronograma de atividades;

VIII - levantamento bibliográfico inicial;

IX - instrumentos de pesquisa (quando houver pesquisa de campo);

X - termo de Consentimento Livre e Esclarecido (modelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI).

XI - folha de rosto do SISNEP

XII - curriculum lattes dos alunos e professor orientador (atualizados)

Art. 21º O projeto de monografia deverá ser aprovado pela banca examinadora, composta por três professores efetivo e um substituto.

§ 1° Cabe aos alunos entregarem os projetos ao Coordenador da Disciplina e este se encarregará de distribuir aos membros da banca acompanhado do formulário de critérios de avaliação dos projetos, conforme prazos estabelecidos na disciplina.

§ 2º Compete aos alunos recebimento da versão corrigida dos membros da banca e ao Coordenador de Disciplina recebimento do Formulário de Avaliação devidamente preenchido pelos membros da banca.

§ 3º Após aprovação pela banca e com as devidas correções deve ser entregue uma via ao Coordenador de Disciplina, em data previamente agendada para cadastro no Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI.

§ 4º Pequenas mudanças que não comprometam as linhas básicas do projeto, são permitidas a qualquer tempo, desde que com autorização do orientador.

CAPITULO VI
DA MONOGRAFIA

Art. 22. A Monografia deve ser elaborada considerando-se:

I - na sua estrutura formal, os critérios técnicos estabelecidos nas normas da ABNT para apresentação, citações e referências.

Art. 23. A estrutura da Monografia compõe-se de:

FONTE: time new roman, tamanho 12, espaçamento duplo, papel A_4

CAPA: encadernação francesa (capa dura), cor verde bandeira, letras douradas.

Folha de rosto;
Ficha catalográfica;
Termo de aprovação;
Dedicatória;

Agradecimentos;
Sumário;
Resumo em Português.

1 INTRODUÇÃO

Deve ser breve (número de páginas conforme orientador do estudo). Fazer uma contextualização do problema da pesquisa. O assunto deve ser claro. Assinalar como o tema será apresentado. Especificar a escolha do tema. Fixar a hipótese ou pressupostos do estudo. Assinalar a motivação e o objetivo da pesquisa com clareza, precisão e coerência. Fazer a justificativa do estudo.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Deve ser breve (número de páginas conforme orientador do estudo). Apresentar citações da literatura, apenas àquelas consideradas relevantes para a pesquisa. Fazer a síntese, com clareza das idéias reportadas em publicações anteriores, não perdendo de vista a evolução do assunto.

3 METODOLOGIA

Deve ser breve (número de páginas conforme orientador do estudo). Apresentar o tipo de pesquisa, abordagem, local ou cenário, população/amostra ou sujeitos, instrumento de coleta ou produção dos dados, análise e fazer referência às questões éticas na pesquisa.

4 ANEXAÇÃO DO ARTIGO PARA PUBLICAÇÃO

Incorporar ao texto. Usar sempre a forma pdf para não desalinhar. Usar as normas da Revista escolhida para publicação.

5 COMENTÁRIOS, CRÍTICAS, CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS (como tornar relevante o seu TCC)

a) Deve ser breve (número de páginas conforme orientador do estudo).
b) Identificar o que foi gerado a partir do projeto inicial;
c) Relatar sobre as dificuldades relacionadas com a metodologia adotada (se houver);
d) Ressaltar sobre o mérito e a contribuição da publicação;
e) Salientar sobre o enriquecimento intelectual e científico;
f) Refletir sobre os objetivos atingidos;
g) Falar sobre o cumprimento do cronograma;
h) Referir sobre sua participação em algum Grupo de Pesquisa;

APÊNDICE

Complementa o material ilustrativo do texto, como: roteiro de entrevista, formulário, questionário.

ANEXO

Complementa o material ilustrativo de outrem.

REFERÊNCIAS

Citar apenas àquelas referenciadas na introdução, nos comentários, críticas e conclusões ou considerações finais. Obs: as referências do artigo já estão contidas no próprio texto.

Art. 24. As cópias da Monografia encaminhadas às bancas examinadoras devem ser apresentadas preenchendo os seguintes requisitos:

I - impressa em espaço dois, em papel branco, tamanho A4, letra tipo times new roman, tamanho 12 ;

II - as margens superior e esquerda = 3 cm, margens inferior e direita = 2 cm;

III - encadernada em espiral;

CAPITULO VII

DA BANCA EXAMINADORA

Art. 25. A Monografia é defendida pelo aluno perante banca examinadora composta pelo professor orientador, que a preside, e por outros dois membros, designados pelos Coordenadores de Cursos.

§ 1º Pode fazer parte da banca examinadora um membro escolhido entre os professores de outros cursos de graduação da UFPI, com interesse na área de abrangência da pesquisa.

§ 2º Quando da designação da banca examinadora deve também ser indicado um membro suplente, encarregado de substituir qualquer dos titulares em caso de impedimento.

Art. 26. Todos os professores dos cursos de graduação com título de doutor ou mestre podem ser convocados para participar das bancas examinadoras, mediante indicação dos Coordenadores das Disciplinas.

Parágrafo único. Deve, sempre que possível, ser mantida a eqüidade no número de indicações de cada professor para compor as bancas examinadoras, procurando ainda evitar-se a designação de qualquer docente para um número superior a quatro comissões examinadoras por semestre.

CAPITULO VIII

DA DEFESA DA MONOGRAFIA

Art. 27. As sessões de defesa das monografias, como trabalho de conclusão de curso, são públicas.

Parágrafo único. Não é permitido aos membros das bancas examinadoras tornarem públicos os conteúdos das monografias antes de suas defesas.

Art. 28 O Coordenador de Disciplina deve elaborar calendário semestral, fixando prazos para a entrega das monografias finais, designação das bancas examinadoras e realização das defesas.

Art. 29 Ao término da data limite para a entrega das cópias das monografias, os Coordenadores das Disciplinas divulgam a composição das bancas examinadoras, os horários e as salas destinados às suas defesas.

Art. 30 Os membros das bancas examinadoras têm o prazo de 10 dias, a contar da data do recebimento dos trabalhos, para procederem a leitura da versão preliminar das monografias e devolução para os alunos realizarem as devidas correções.

Art. 31 Após recebimento da versão preliminar, os alunos dispõem de 10 dias para devolverem aos membros da banca a versão final e a corrigida.

Art. 32 Na defesa, o aluno tem até vinte minutos para apresentar seu trabalho e a banca examinadora até vinte minutos para fazer sua argüição, dispondo ainda o discente de outros cinco minutos para responder aos examinadores.

Art. 33 A atribuição das notas dá-se após o encerramento da etapa de argüição, obedecendo ao sistema de notas individuais por examinador, levando em consideração o texto escrito, a sua exposição oral e a defesa na argüição pela banca examinadora, com nota mínima para aprovação igual a 7 (sete) .

§ 1º Utiliza-se, para a atribuição das notas, fichas de avaliação individuais, onde o professor disponibiliza sua nota.

§ 2º A nota final do aluno é o resultado da média aritmética das notas atribuídas pelos membros da banca examinadora.

Art. 34 A banca examinadora, por maioria, após a defesa oral, pode sugerir ao aluno que reformule aspectos de sua Monografia.

Parágrafo único. Quando sugerida a reformulação de aspectos fundamentais da Monografia os alunos dispõem de no máximo oito dias para apresentar as alterações sugeridas.

Art. 35 Os alunos que não entregarem a Monografia, ou que não se apresentarem para a sua defesa oral, sem motivo justificado, na forma da legislação em vigor, está automaticamente reprovado na disciplina.

CAPITULO IX
DA ENTREGA DA VERSÃO DEFINITIVA DA MONOGRAFIA

Art. 36. A versão definitiva da Monografia deve ser encaminhada ao Coordenador da Disciplina Seminário de Pesquisa II, em dois exemplares impressos e um versão eletrônica (CD) que, além dos demais requisitos exigidos no capítulo VI deste Regulamento, as versões impressas devem vir encadernadas (capa dura), de cor verde, com letras em dourado contendo: nome da instituição, centro, departamento, nome dos autores, título (sub-titulo, se houver), local e data.

Art. 37. A entrega da versão definitiva da Monografia é requisito para a colação de grau.

CAPITULO X
DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 38. O presente Regulamento poderá ser alterado por meio do voto da maioria absoluta dos membros do Conselho Departamental do Curso de Graduação em Enfermagem.

Art. 39. Compete aos Coordenadores de Disciplinas dirimir dúvidas referentes à interpretação deste Regulamento, bem como suprir as suas lacunas, expedindo os atos complementares que se fizerem necessários.

9.4. EIXO INTEGRADOR E DESDOBRAMENTO DAS MATÉRIAS

MATÉRIAS		DISCIPLINAS
I – Área : Bases Biológicas e Sociais da Enfermagem		
a)Ciências Biológicas	Morfologia	Anatomia Geral Histologia e Embriologia para Enfermagem
	Fisiologia	Fisiologia para Enfermagem Bioquímica para Enfermagem Farmacologia para Enfermagem Biofísica para Enfermagem
	Patologia	Patologia Processos Gerais para Enfermagem Microbiologia e Imunologia Básica Parasitologia Geral-Enfermagem
b)Ciências Humanas	Antropologia Filosófica	Antropologia Filosófica
	Sociologia	Tópicos em Sociologia da Saúde
	Psicologia Aplicada à Saúde	Psicologia Aplicada à Enfermagem
II - Área: Ciências da Enfermagem - Fundamentos de Enfermagem		
História da Enfermagem		História da Enfermagem
Exercício da Enfermagem		Bioética, Ética a e Legislação para Enfermagem. Metodologia da Assistência de Enfermagem
Epidemiologia		Epidemiologia
Bioestatística		Bioestatística
Saúde Ambiental		Saúde Ambiental Práticas do Cuidado em Saúde e Qualidade de Vida.

Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem	Semiologia e Semiotécnica para Enfermagem Fundamentação Básica de Enfermagem I Fundamentação Básica de Enfermagem II
Metodologia de Pesquisa	Introdução à Pesquisa e Tecnologias de Comunicação em Saúde Seminário de Pesquisa I Seminário de Pesquisa II
II – Área : Ciências da Enfermagem - Assistência em Enfermagem	Enfermagem na Atenção Primaria de Saúde. Saúde da Criança e do Adolescente Saúde da Mulher Saúde do Adulto e do Idoso I e II Enfermagem em Saúde Mental Enfermagem nas Cirurgias e Emergência Enfermagem na atenção às enfermidades Infecciosas e Parasitarias Estágio Curricular I e II
II – Área: Ciências da Enfermagem - Gerenciamento da Saúde	Administração em Enfermagem Saúde Pública
II – Área: Ciências da Enfermagem – Ensino de Enfermagem	Didática Aplicada à Enfermagem

9. 5. EQUIVALÊNCIA DAS DISCIPLINAS DO CURRICULO 03 COM O CURRÍCULO 04 E O 05 (NOVO):

CURRÍCULOS 03	CH	CURRÍCULO 04	CH	CURRÍCULO 05 - NOVO	CH
Introdução à Metodologia Científica	60	Introdução à Pesquisa e Tecnologias de Comunicação em Saúde	75	Introdução à Pesquisa e Tecnologias de Comunicação em Saúde	75
Bioestatística	60	Bioestatística	60	Bioestatística	60
		Introdução ao Curso de Enfermagem	15		15
Anatomia Geral	120	Anatomia Geral	120	Anatomia Geral	120
Biologia Geral para Enfermagem	90	Substitui uma optativa	60	Substitui uma optativa	60
Histologia e Embriologia p/ Enfermagem.	60	Histologia e Embriologia p/ Enfermagem.	60	Histologia e Embriologia p/ Enfermagem.	60
Bioquímica p/ Enfermagem	90	Bioquímica p/ Enfermagem	90	Bioquímica p/ Enfermagem	90
História da Enfermagem	30	História da Enfermagem	45	História da Enfermagem	45
Deontologia e Legislação	30	Bioética, Ética e Lesgilação para enfermagem.	45	Bioética, Ética e Legislação para enfermagem.	45
Tópicos em Sociologia da Saúde	60	Tópicos em Sociologia da Saúde	60	Tópicos em Sociologia da Saúde	60
Microbiologia e Imunologia Básica	90	Microbiologia e Imunologia Básica	90	Microbiologia e Imunologia Básica	90
Antropologia Filosófica	30	Antropologia Filosófica	45	Antropologia Filosófica	45

CURRÍCULOS 03	CH	CURRÍCULO 04	CH	CURRÍCULO 05 - NOVO	CH
		Metodologia da Assistência de Enfermagem	45	Metodologia da Assistência de Enfermagem	60
Parasitologia Geral	60	Parasitologia Geral-Enfermagem	60	Parasitologia Geral - Enfermagem	60
Fisiologia para Enfermagem	105	Fisiologia para Enfermagem	105	Fisiologia para Enfermagem	105
Farmacologia para Enfermagem	90	Farmacologia para Enfermagem	105	Farmacologia para Enfermagem	105
Patologia Processos Gerais	60	Patologia Processos Gerais para Enfermagem	60	Patologia Processos Gerais para Enfermagem	60
Psicologia Aplicada à Enfermagem.	45	Psicologia Aplicada a Enfermagem	45	Psicologia Aplicada a Enfermagem	45
Epidemiologia Aplicada	60	Epidemiologia	60	Epidemiologia	60
Saúde Ambiental	60	Saúde Ambiental	45	Saúde Ambiental	45
Fundamentação Básica p/ Enfermagem	195	Fundamentação Básica p/ Enfermagem I Fundamentação Básica de Enfermagem II	105 120	Fundamentação Básica p/ Enfermagem I Fundamentação Básica de Enfermagem II	105 120
Semiologia e Semiotécnica para Enfermagem	150	Semiologia e Semiotécnica para Enfermagem	120	Semiologia e Semiotécnica para Enfermagem	120
Enfermagem em Saúde Mental	75	Enfermagem em Saúde Mental	75	Enfermagem em Saúde Mental	90
Saúde do Adulto e do Idoso	225	Saúde do Adulto e do Idoso I Saúde do Adulto e do Idoso II	105 150	Saúde do Adulto e do Idoso I Saúde do Adulto e do Idoso II	105 150
Saúde Coletiva I Epidemiologia	45	Epidemiologia	60	Epidemiologia	60

CURRÍCULOS 03	CH	CURRÍCULO 04	CH	CURRÍCULO 05 - NOVO	CH
Saúde Coletiva II- Profilaxia	60	Saúde Ambiental	45	Saúde Ambiental	45
Saúde da Mulher	165	Saúde da Mulher	165	Saúde da Mulher	165
Saúde da Criança e do Adolescente	165	Saúde da Criança e do Adolescente	165	Saúde da Criança e do Adolescente	165
Enfermagem nas Emergências	60	Enfermagem nas Cirurgias e Emergências	135	Enfermagem nas Cirurgias Enfermagem nas Emergências	75 75
Administração em Enfermagem I Administração em Enfermagem II	120 90	Administração em Enfermagem	150	Administração em Enfermagem	150
Gerência em Serviços	210	Estagio Curricular II	420	Estagio Curricular II	420
Administração em Saúde Pública	120	Saúde Pública	150	Saúde Pública	150
Didática Aplicada a Enfermagem	60	Didática Aplicada a Enfermagem	60	Didática Aplicada a Enfermagem	60
Estágio Curricular I	420	Estágio Curricular I	420	Estágio Curricular I	420
Estágio Curricular II	210	Estágio Curricular II	420	Estágio Curricular II	420
Educação em Saúde	30	Enfermagem na Atenção Primária de Saúde	60	Enfermagem na Atenção Primária de Saúde	60
Biofísica para Enfermagem	45	Biofísica para Enfermagem	45	Biofísica para Enfermagem	45
Prática Desportiva I	30	Sem equivalência		Sem equivalência	
Prática Desportiva II	30	Sem equivalência		Sem equivalência	
Seminário de Pesquisa	60	Seminário de Pesquisa I Seminário de Pesquisa II	45 45	Seminário de Pesquisa I Seminário de Pesquisa II	45 45

DISCIPLINAS OPTATIVAS CURRÍCULOS 03	CH	DISCIPLINAS OPTATIVAS CURRÍCULO 04	CH	DISCIPLINAS OPTATIVAS CURRÍCULO 05 NOVO	
Atendimento de Urgências	60	Atendimento de Urgência	60	Atendimento de Urgência	60
Cultura Brasileira	60	Sem equivalência		Sem equivalência	
Nutrição e Dietoterapia	60	Nutrição e Dietoterapia	60	Nutrição e Dietoterapia	60
Planejamento Familiar	60	Saúde Reprodutiva	60	Saúde Reprodutiva	60
Microinformática	60	Microinformática	60	Microinformática	60
Didática Aplicada à Enfermagem	60	Didática Aplicada à Enfermagem		Didática Aplicada à Enfermagem	
Demografia	60	Sem equivalência	60	Sem equivalência	60
		Estomaterapia	60	Estomaterapia	60
		Vigilância à Saúde	60	Vigilância à Saúde	60
		Enfermagem e a Saúde do Trabalhador	60	Enfermagem e a Saúde do Trabalhador	60
		Práticas do Cuidado em Saúde e Qualidade de Vida	60	Práticas do Cuidado em Saúde e Qualidade de Vida	60
		Atenção Integrada às Doenças Prevalentes na Infância	60	Atenção Integrada às Doenças Prevalentes na Infância	60
		Inglês Instrumental Básico	60	Inglês Instrumental Básico	60
				Libras	60
				Relações Étnico-raciais, Gênero E Diversidade	60

DISCIPLINAS OPTATIVAS CURRÍCULOS 03	CH	DISCIPLINAS OPTATIVAS CURRÍCULO 04	CH	DISCIPLINAS OPTATIVAS CURRÍCULO 05 NOVO	
				Política Nacional e Atenção Integral em Saúde Mental	60
				Grupo como Dispositivo de Trabalho na Enfermagem	60
				Tópico sobre Interprofissionalidade	60

9. 6 CRITÉRIOS PARA O PERÍODO DE TRANSIÇÃO

Os alunos que ingressarem na Universidade no segundo semestre letivo de 2012 iniciam a implantação do novo Currículo ora proposto, graduando a 1ª turma no 2º semestre letivo do ano 2016, perfazendo um total de 09 períodos - quatro anos e meio letivos.

Para adaptação curricular, serão adotados os seguintes critérios obedecendo ao ano de ingresso na Universidade:

Alunos com ingresso na UFPI após 2009 faltando cursar 5 períodos letivos para conclusão do curso, permanecerão no Currículo 04.

Alunos com qualquer época de ingresso na UFPI faltando cursar 05 períodos ou mais para conclusão do curso, irão integrar-se automaticamente ao Currículo 05 (novo).

Os casos que não estão contemplados pelos critérios acima serão estudados individualmente pela comissão de acompanhamento e avaliação do currículo formada pelo colegiado de curso.

Propõe-se que o currículo 04 seja extinto até o 2º semestre de 2014.

Caberá ao colegiado do Curso de Enfermagem, planejar, organizar e coordenar ações para implantação deste currículo, assim como sistematizar resultados e propor novos encaminhamentos.

9.7 EMENTÁRIOS DAS DISCIPLINAS E BIBLIOGRAFIA POR DISCIPLINA E POR SEMESTRE.

1º. SEMESTRE:

INTRODUÇÃO AO CURSO DE ENFERMAGEM – 1.0.0

EMENTA

Analisar o Projeto Político Pedagógico do Curso de Enfermagem e discutir a sua matriz curricular e o fluxograma do curso. Conhecer os direitos e deveres do discente e a sua estrutura física e organizacional da UFPI.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- UFPI, **Projeto Político Institucional**, Teresina: 2007.
- UFPI, **Projeto Político Pedagógico do Curso Bacharelado em Enfermagem**, Teresina: 2006.
- ALMEIDA, M. D. (Org.) e col. **Projeto Político-Pedagógico**, 2. ed. Natal: EDUFRN – Editora da UFRN, 2004.

COMPLEMENTAR :

- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução Nº.3, de 7 de novembro de 2001 - **Diretrizes curriculares nacionais do Curso de Graduação em enfermagem**, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários á prática educativa. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura).
- SILVA, Luiz Heron da (organizador) **Século XXI**: qual conhecimento? qual currículo? 2. ed. Petrópolis:Editora Vozes, 200.
- MOREIRA, Flávio Antonio, SILVA, Tomaz Tadeu da **Currículo, Cultura e Sociedade**. 5. ed. São Paulo:Cortez, 2001.

BIOESTATÍSTICA - 2.2.0

EMENTA

Informação sobre a importância da Estatística. Levantamento dos dados. Medidas de tendência central e de dispersão. Noções de probabilidade, distribuição normal, bionominal, quiquadrado. Associação. Correlação. Noções de regressão. Amostragem> Teste de hipótese e conceitos básicos de computação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- CALLEGARI-JACGUES, S. M. **Bioestatística:** princípios e aplicações. Porto Alegre: ARTMED, 2006.
- VIEIRA, S. **Introdução à Bioestatística.** 3. ed. Ribeirão Preto: FUNPEC, 2002.
- RODRIGUES, P. C. **Bioestatística**: 3. ed. Niterói: EDUFF, 2002
- BEIGUELMAN, B. **Curso Prático de Bioestatística.** 5. ed. Ribeirão Preto: FUNPEC, 2002.
- ARANGO, H. G. **Bioestatística teórica e computacional**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

COMPLEMENTAR

- BERQUÓ, E. S., SOUSA, J.M.P & GOTILEB S.L.D. **Bioestatística.** São Paulo: E.P.U., 1981.

- CRESPO, A. A. **Estatística fácil**. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- JEKEL, J. F. et al. **Epidemiologia, bioestatística e medicina preventiva**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.
- DOWNING, D. CLARK, J. **Estatística Aplicada**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- LOPES, P. A. **Probabilidade & Estatística**. Rio de janeiro: Reichmann & Afonso Editores, 1999.

HISTOLOGIA E EMBRIOLOGIA PARA ENFERMAGEM - 2.2.0

EMENTA

Técnicas histológicas: métodos de estudo. Estudo das células. Tecidos Gerais. Histologia dos órgãos. Embriologia.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- CORMACK, D. H. **Fundamentos de histologia.** 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- DI FIORE, M. S. H. , MANCINI, R. E., ROBERTIS, E. D. P. **Atlas de Histologia.** 7.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.
- JUNQUEIRA, L. C., CARNEIRO, J. **Histologia Básica- Texto e Atlas.** 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.
- MOORE, K. L., PERSAUD, T. V. N. **Embriologia Clínica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.
- MOORE, K. L., PERSAUD, T. V. N., SHIOTA, K. **Atlas Colorido de Embriologia Clínica,** 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

COMPLEMENTAR

- CORMACK, D. H. **Histologia de HAM**. 9.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan,1991.
- JUNQUEIRA, L. C. U., CARNEIRO, J. **Histologia basica.** 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.
- COCHARD, Larry R. **Atlas de embriologia humana de Netter.** Porto Alegre: Artmed, 2003.
- MOORE, Keith L; PERSAUD, T. V. N (Colab.). **Embriologia clinica.** 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.
- JUNQUEIRA, L. C., CARNEIRO, J. **Biologia Celular e Molecular.** 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2000.
- GARTNER, L. P., **Tratado de Histologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- LANGMAN, **J. Embriologia médica**. 7.ed. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, 1997.
- SADLER, T. W. **Langman/ Embriologia Médica.** 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan,2005

- MOORE, K. L., PERSAUD, T. V. N. **Embriologia Básica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

ANATOMIA GERAL - 4.4.0

EMENTA

Estudo dos diversos Sistemas Orgânicos. Introdução ao Estudo da Anatomia. Sistema Esquelético, Sistema Articular, Sistema Muscular, Sistema Nervoso, Sistema Tegumentar, Sistema Circulatório, Sistema Disgestório, Sistema Urinário, Sistema Genital e Sistema Endócrino.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- DÂNGELO, J. C., FATTINI, C. **A. Anatomia Humana: básica.** 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2002
- DI DIO, Liberato J.A. **Tratado de Anatomia Aplicada.** 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2002.
- SOBOTA, J., **Atlas de Anatomia Humana.** 22. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. vol I e II.
- WOLF-HEIDEGGER, G. **Atlas de Anatomia Humana.** 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. vol I e II.
- MACHADO, A. B. M. **Neuroanatomia Funcional**. 5. ed. São Paulo: Atheneu, 2005.

COMPLEMENTAR

- ROHEN, J. W., YOKOCHI, C. **Anatomia Humana- Atlas Fotográfico de Anatomia Sistêmica e Regional.** 6. ed. São Paulo: Manole, 2007.
- GARDNER, E. *et al*. Anatomia: Estudo Regional do Corpo Humano. 4. ed. Rio de Janeiro:Guanabara Koogan, 1985.
- GARDNER, W. D., OSBURN, W. A. **Anatomia do Corpo Humano**. São Paulo: Atheneu, 1980.
- MOORE, K. L. **Anatomia Orientada para a Clínica**. 5. ed. Rio de Janeiro:Guanabara Koogan, 2007.
- SNELL, R. S. **Anatomia.** 2. ed. Rio de Janeiro:Editora Médica e Científica Ltda., 1984.
- SPENCER, A. P. **Anatomia Humana Básica**. 2. ed. São Paulo: Manole, 1991.
- CARPENTER, M. B. **Neuroanatomia humana.** 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Interamericana, 1978.
- ERHART, E. A. **Neuroanatomia Simplificada.** 6. ed. São Paulo:Livraria Rocca Ltda., 1986.
- MARTINS, J. H.Neuroanatomia Texto e Atlas. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

- DÂNGELO, J. C., FATTINI, C. **A. Anatomia Humana: Sistêmica e Segmentar.** 2. ed. São Paulo: Atheneu, 1988.
- SNELL, R. S. **Anatomia.** 2. ed. Rio de Janeiro:Editora Médica e Científica Ltda., 1984.
- SNELL, R.S. **Neuroanatomia Clínica.** 5. ed. Rio de Janeiro:Guanabara Koogan, 2003.

TÓPICOS EM SOCIOLOGIA DA SAÚDE - 4.0.0

EMENTA

Teorias sociológicas relacionadas à problemática da saúde-doença. Relação sociedade, saúde-doença.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- MARTINS, C.B. **O que é sociologia?** 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- FREYRE, G. **Médicos, Doentes e Contextos Sociais**. Porto Alegre: Globo, 1983.
- GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Artmed, 2005
- CANESQUI. A.M. et. Al. **Ciências Sociais e Saúde**. São Paulo: Hucitec/ Abrasco, 1997
- LAPLANTINE. **Antropologia da Doença**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

COMPLEMENTAR

- BOLTANSKI, L. **As Classes Sociais e o Corpo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.
- HELMAN, C. G. **Cultura, Saúde e Doença**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.
- SCLIAR, M. (org.). **Saúde Pública: histórias, políticas e revolta.** São Paulo: Scipione, 2002.
- SONTAG, S. **A doença como metáfora**. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- OLIVEIRA, Persio. Introdução à Sociologia. São Paulo: Atica, 2000.

ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA - 3.0.0

EMENTA

O Estatuto epistemológico da Antropologia filosófica. Concepções fundamentais acerca do homem no pensamento ocidental. Aspectos ontológicos da condição humana: A dimensão da racionalidade; a dimensão volitiva; a dimensão da corporalidade; a dimensão da finitude. Reflexões temáticas sobre a condição humana na modernidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- NOGARE, Pedro D. **Humanismo e Anti-Humanismo: Introdução à Antropologia Filosófica.** 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- OLIVEIRA, A. S., SOARES, A. J., CARNIELLI, A. A. **Introdução ao Pensamento Filosófico.** São Paulo: Loyola, 1993.
- MONDIN, B. **O Homem quem é ele? Elementos de Antropologia Filosófica.** 9. ed. São Paulo: Paulinas, 2003.
- SANTOS, Joel Rufino dos **O que é Racismo.** 15.ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Antropologia Filosófica I**. 3. ed. São Paulo:Loyola, 1991.
- _____ **Antropologia Filosófica II.** 2. ed. São Paulo:Loyola, 1995.

COMPLEMENTAR

- CASSIRER, Ernest. **Ensaio sobre o homem-Introdução a uma Filosofia da Cultura Humana.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HISTÓRIA DA ENFERMAGEM - 2.1.0

EMENTA

Evolução histórica da prática da enfermagem. Prática da Enfermagem no Brasil e no Piauí.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- LIMA, M. J**. O que é Enfermagem.** 2. ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1996.
- GEOVANINI, T. et al. **História da Enfermagem – Versões e Interpretações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.
- NUNES, B.M.V.T, BAPTISTA, S.S. **Os Primórdios do Ensino da Enfermagem Moderna no Piauí: lutas e conquistas na Universidade.** Teresina: EDUFPI, 2004.
- OGUISSO, T. Trajetória histórica e legal da enfermagem. **São Paulo**: **Manole,** 2005
- NUNES, B M V T. : BAPTISTA, S S. **Os Primórdios do ensino da Enfermagem Moderna no Piauí: Lutas e conquistas na Universidade 1973 – 1977** Teresina: EDUFPI, 2004.

COMPLEMENTAR

- SANTOS, A.M.R. e col. A atuação da irmã de caridade Abrahide Alvarenga no Piauí: Uma história a ser contada. **Texto e Contexto Enferm**, Florianópolis, 2005 out-dez; 14(4): 551-6.
- Padilha, M. I. C. S, BORENSTEIN, M.S. O Método de Pesquisa Histórica na Enfermagem. **Texto e Contexto Enferm,** Florianópolis, 2005 out-dez; 14(4):575-84
- GEOVANINI, T. et al. **História da Enfermagem – Versões e Interpretações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.
- NOGUEIRA, L. T. **A Institucionalização da Enfermagem na Universidade – Trajetória da Enfermagem Moderna no Piauí.** Tese (Doutorado). Escola de Enfermagem Anna Nery – UFRJ, 1996.
- BORENSTEIN, M.S.; Padilha, M. I. C. S. Por que Conhecer a História da Enfermagem. IN: BORENSTEIN, M.S (organizadora).**Hospitais da Grande Florianópolis:** Fragmentos de Memória Coletivas (1940-1960). Florianópolis: Assembléia Legislativa, 2004.

SAÚDE AMBIENTAL - 2.1.0.

EMENTA

Conhecimento do meio ambiente. Inter-relações entre ecossistema / cadeia alimentar e saneamento degradação do meio ambiente. Influência da água, ar, lixo e alimento na qualidade de vida, controle das pragas em unidades de alimentação e nutrição. Lixo Hospitalar. Estudo saúde-doença relacionado com saúde ambiental. Mandatos e compromissos mundiais, regionais e nacionais. Programas nacionais, regionais, ONG para a saúde ambiental. Preservação do meio ambiente para melhoria da qualidade de vida.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BRASIL, Ministério da Saúde. Reforsus. Saúde Ambiental e Gestão de Resíduos de Serviços de Saúde / Ministério da Saúde – Brasília: Ministério da Saúde, 2002.
- CAMPOS, J. Q. **Saúde e Ambiente**: o saneamento ambiental como fator de saúde. São Paulo: Editora JOTACÊ, 1997.
- MINAYO, M. C. S (org). **Saúde e Ambiente sustentável**: estreitando nós. / Organizado por Maria Cecília de Souza Minayo e Ary Carvalho de Miranda. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.
- OPAS. Guia para o manejo interno de resíduos sólidos em estabelecimento de saúde – Brasília, DF: Organização Pan-Americana de Saúde, 1997.
- RÊGO, RCE, CALDART, V. ORLANDIN, SM. **Manual de gerenciamento de resíduo sólidos de serviços de saúde.** São Paulo: CLR Baleiro, 2001.

COMPLEMENTAR

- SISINNO, C L S (org.). **Resíduos sólidos, ambiente e saúde**: uma visão multidisciplinar. / Organizado por Cristina Lúcia Silveira Sisinno. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000.
- www.scielo.br Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil< **Efeitos da poluição atmosférica na saúde infantil**: um estudo ecológico no Vale do Paraíba>. Rev. Brás. Saúde Mater. Infant. Out/Dez. 2004.
- www.scielo.br <A temática saúde e ambiente no processo de desenvolvimento do campo da saúde coletiva: aspecto históricos, conceituais e metodológicos>. Revista Ciência & Saúde Coletiva Rio de Janeiro: 1998. e < Saúde Ambiental & Saúde dos Trabalhadores: uma aproximação promissira entre o Verde e o Vermelho>. Revista Brasileira de Epidemiologia: 2003.

2º. SEMESTRE

ENFERMAGEM NA ATENÇÃO PRIMARIA DE SAÚDE - 2.2.0

EMENTA

Saúde e Comunidade. Assistência de enfermagem individual e coletiva nos serviços de atenção primária de saúde. Educação em saúde, promoção de saúde, informação, comunicação e educação. Família, Sociedade e a visita domiciliar. Educação popular em saúde. Conferência Mundial de promoção da saúde. Contextualização de política pública e o sistema único de saúde e a saúde da família.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- ALVES, Nilda; SGARLEI, Paulo. **Espaços e imagens na escola.** Rio de Janeiro: DP & A. 2001.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Promoção da Saúde: **Declaração de Alma – Ata.** Ministério da Saúde, Projeto Promoção da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.
- BARREIRO, Júlia. **Educação Popular e Conscientização.** Porto Alegre: Sulina, 2000.
- CASTRO, Adriana e MALO, Miguel. **SUS – Resignificando a promoção da Saúde.** São Paulo: HUCITEC: OPS, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à Prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura)
- VALVA, Victor Vincent. **Saúde e Educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

COMPLEMENTAR

- ALVES, Vânia Sampaio. **Um modelo de Educação em Saúde para o Programa Saúde da Família:** pela integralidade da atenção e reorientação do modelo assistencial. Interface - Comunic., Saúde, Educ., vol. 9, n. 16, p. 39 – 52, set. 2004/ fev. 2005.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Atenção Básica.** Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- CERQUEIRA, Ana Teresa de Abreu Ramos. Et al. **Era uma vez... Contos de fadas e psicodrama auxiliando alunos na conclusão do curso.** Interface – Comunic., Saúde, Educ., vol. 9, n. 16, p. 81 – 90, set. 2004/ fev. 2005.
- C.S.P. – **Cadernos de Saúde Pública** – ABEC.
- INTERFACE. **Comunicação, Saúde, Educação.** Fundação UNI/ UNESP.
- RADIS. **Comunicação em Saúde.** Textos. Fundação Osvaldo Cruz.

BIOQUÍMICA PARA ENFERMAGEM - 2.4.0

EMENTA

Química e Biomoléculas: carboidratos, lipídios, proteínas e ácidos nucléicos. Enzimas, membranas biológicas, biosinalização, bioenergia e metabolismo oxidativo, vitaminas, fosforilação oxidativa, metabolismo dos carboidratos, lipídios, aminoácidos, proteínas, nucleotídeos de purina e pirimidina, inter-relações metabólicas. Identificação experimental dos: carboidratos, lipídios, aminoácidos e proteínas e estudo das propriedades gerais das enzimas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- BERG, J. .M., TYMOCZKO, J. L., STRYER, L. **Bioquímica.** 6.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. 1114p.
- CAMPBELL, Mary K. **Bioquímica**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 752p.
- NELSON, D. L., COX, M. M. **Lehninger:** princípios de Bioquímica. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. 1273p.
- SMITH, C., MARKS, A. D., LIEBERMAN, M. **Bioquímica Médica Básica de Marks** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 980p.
- VOET , D., VOET, J .G., **Bioquímica.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 1616p

COMPLEMENTAR

- BAYNES, J. DOMINICZAK, M. H**. Bioquímica Médica.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. 712p.
- CAMPBELL, M. K., FARRELL, S. O. **Bioquímica**: volume 1, bioquímica básica. São Paulo: Thomson Learning, 2007. 263p.
- CHAMPE, P. C., HARVEY, R. A.; FERRIER, D.C. **Bioquímica ilustrada.** 4.ed. Porto Alegre: Artes Médicas,2009. 520p
- CISTERNAS, J. R., MONTE, O., VARGA, J. **Fundamentos de bioquimica experimental.** 2. ed. Sao Paulo: Atheneo, 2001. 276p.
- DEVLIN, T.M. **Manual de Bioquímica com Correlações Clínicas.** 4. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.1007p.
- MORRISON, R. T., BOYD, R. N. **Química Orgânica.** 13. ed. Lisboa: Fundação Calouste Goulbenkian, 1996. 1510p
- MURRAY, R. K., GRANNER, D. K., MAYES, P. A., RODWELL, V. W. **Harper:** bioquímica ilustrada. 27. ed. Rio de Janeiro: McGraw-Hill Interamericana, 2008. 632p.
- PENTEADO, M. de V. C. **Vitaminas: aspectos nutricionais, bioquímicos, clínicos e analíticos.** São Paulo: Manole, 2003. 612p.
- PELLEY, J.W. **Bioquímica.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. 230p.
- PRATT, C.W., CORNELY, K. **Bioquímica Essencial**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 740p.

BIOFÍSICA PARA ENFERMAGEM - 1.2.0

EMENTA

Princípios físicos do sistema biológico. Biofísica da água, soluções e membranas. Radiobiologia.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- DURÁN, J.E.R. **Biofísica:** fundamentos e aplicações. São Paulo: Prentice Hall, 2003.
- GARCIA, E.A . C. **Biofisica**. São Paulo: Sarvier, 1998.
- HENEINE, I.F. **Biofísica Básica**. São Paulo: Atheneu, 2002.
- SILVERTHORN, D. U. **Fisiologia Humana:** uma abordagem integrada. 2. ed. São Paulo: Manole, 2003.
- WIDMAIER, E.P., RAFF, H., STRANG, K.T. **Vander, Sherman & Luciano Fisiologia Humana:** Os mecanismos das funções corporais. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

COMPLEMENTAR:

- GUYTON, A.C., HALL, J.E. **Tratado de Fisiologia Médica.** 11. ed. Rio de Janeiro: sevier, 2006.

- VIEIRA, E.C. **Química Fisiológica.** Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 2000.

PARASITOLOGIA GERAL - 2.2.0

EMENTA

Introdução ao estudo da parasitologia. Relação parasito-hospedeiro. Noções de sistemática. Entomologia: morfologia, biologia, epidemiologia, patogenia, sintomas e diagnóstico de parasitas humanos dos filos. Identificação de Artrópodes , Helmintos e Protozoários. Técnicas de exames parasitológicos de fezes; identificação de ovos e larvas de helmintos e cistos de protozoários.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- NEVES, D.P. .**Parasitologia Humana.**11. ed. São Paulo:Atheneu, 2005.
- REY, L. **Parasitologia.** 3. ed. Rio de Janeiro : Guanabara,2001
- REY , L . **Bases da Parasitologia Médica.** 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2002
- PESSOA, S. B. MARTINS, A.V. **Parasitologia Médica.** 12. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- VERONESI, R. **Doenças Infecciosas e Parasitárias.** 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

COMPLEMENTAR

- MARIANO, M. L. M. **Manual de parasitologia humana.** Ilhéus: UESC, 2004.

INTRODUÇÃO Á PESQUISA E TECNOLOGIA DE COMUNICAÇÃO EM SAÚDE - 2.3.0

EMENTA

Metodologia do estudo: caracterização e instrumentação, leitura, documentação, trabalho científico. O conhecimento, a ciência e o método científico. Ciência e Sociedade. Programas internet e intranet. A Informática aplicada à pesquisa em Saúde.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- Minayo MCS. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro (RJ): Vozes; 2003.

- Richardson RJ. et al. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. São Paulo (SP): Atlas; 1999.
- Gil A C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo (SP): Atlas; 1999.
- Marconi MA, Lakatos EM. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo (SP): Atlas; 2003.
- Monteiro CFS. **Manual de Normalização de trabalhos científicos** (impresso) Departamento de Enfermagem/UFPI, 2005.

COMPLEMENTAR

- Leopardi, MT. **Metodologia da Pesquisa na Saúde.** Florianópolis (SC): UFSC,2002.
- Mazzotti, AJA, Gewandsznajder,F. **O Método nas Ciências naturais e Sociais**: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa. São Paulo(SP): Pioneira Thomson, 2004.
- Polit, DF, Beck,CT,Hungler, BP. **Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem:** Métodos, avaliação e Utilização. 5. ed.Porto Alegre:: ARTMED,2004.
- LoBiondo, G, Haber, WJ. **Pesquisa em Enfermagem:** Métodos, Avaliação Crítica e Utilização. Rio de Janeiro: A (RJ): 2001.

PSICOLOGIA APLICADA À ENFERMAGEM - 1.2.0

EMENTA

Estudo das teorias e desenvolvimento da Personalidade. Estrutura da Personalidade. Mecanismo de Defesa do Ego. Estudo das Funções Psíquicas. Relacionamento Terapêutico Enfermeiro-Paciente. Técnicas de Comunicação e Entrevista. Teorias Psicossociais do desenvolvimento. Problemas emocionais vivenciados pelos pacientes internados.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- BRAGHIOROLLI, E.M. **Psicologia Geral**.18. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- BRANCO,A.N.L.C. **Manual de Psicologia Médica.** Piauí: COMEPI, 1987.
- DALLY,P.E.H. **Psicologia e Psiquiatria na Enfermagem.** São Paulo: EUSP,1997.
- MARK,M. **Sistemas e teorias em psicologia**.11. ed. São Paulo, 2000.
- TELLES,M.L.S. **Aprender Psicologia.** São Paulo: Brasiliense,1990.

COMPLEMENTAR:

- ANGERAMI-CAMON, V.A.; CHIATTONE, H.B. DE C.; NICOLETTI, E. A. **O doente, a psicologia e o hospital.** São Paulo: Pioneira, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica.** Trad. José Teixeira Coelho Neto (1961). 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

- PINKUS, L. A. **A Psicologia do doente.** A entrevista – teoria e prática. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971.
- TAYLOR,C.M.**Fundamentos de Enfermagem Psiquiátrica**. 13. ed.Porto Alegre:Artes Médicas,1990.

3º. SEMESTRE

MICROBIOLOGIA E IMUNOLOGIA BÁSICA - 4.2.0

EMENTA

Colocação dos microorganismos entre os seres vivos. Citologia comparada. Célula procariótica e células eucarióticas. Taxonomia bacteriana. Morfologia geral das bactérias. Citologia e ultraestrutura das células bacterianas. Esterilização e desinfecção. Agentes físicos/químicos e Biossegurança. Nutrição microbiana. Crescimento bacteriano. Metabolismo microbiano. Genética de microorganismo. Antimicrobianos: mecanismo de ação e resistência. Vírus: propriedades gerais e biológicas. Estrutura e composição química dos vírus. Multiplicação viral. Mecanismos inespecíficos de defesa. Mecanismos específicos de defesa. Antígeno. Imunoglobulinas. Interação antígeno-anticorpo. Sistema complemento. Hipersensibilidade, microbiota indígena, cocos Gram positivos e Gram negativos, bacilos Gram positivos aeróbios e anaeróbios , bacilos Gram negativos fermentadores e não fermentadores, bacilos álcool-ácido-resistentes, víbrios, espiroquetas, clamidia, neisseria e vírus de interesse médico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- TRABULSI, L. R. **Microbiologia.** 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 2002.
- JAWETZ, E., MELNICK, J.L. , ADELBERG,E. **Microbiologia Médica.** 21. ed.. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2000.
- MURRAY, P. R., DREW,W.L., KOBAYASHI, G.S. **Microbiologia Médica.** 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.
- PELCZAR, Michael Joseph, CHAN, E. C. S , KRIEG, Noel R. **Microbiologia:** conceitos e aplicacões. 2. ed. Sao Paulo: Makron Books, 2005.
- LACAZ,C.S.et al.- **Micologia Médica.** São Paulo: Editora Sarvier, 1997.

COMPLEMENTAR:

- ZAITZ,C. et al.- **Compêndio de Micologia Médica. Rio de Janeiro:** Editora MEDSI, 1998.
- LEVINSON, W. & JAWETZ, E. **Microbiologia Médica e Imunologia** 4. ed., Porto Alegre: ARTMED 2001.
- PARHAM, P., **O Sistema Imune.** Porto Alegre: ARTEMED, 2001.
- TORTORA, G. J. et al. **Microbiologia,** 8. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2005.
- JANEWAY, C. A. et al., **Imunobiologia**: O Sistema Imune na Saúde e na Doença, 4. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
- PEAKMAN, M & VERGANI, D. **Imunologia Básica e Clínica,** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.
- STROHL, William A, FISCHER, Bruce D., ROUSE, Harriet **Microbiologia ilustrada.** Porto Alegre: Artmed, 2004.
- KONEMAN, ELMER W. **Diagnóstico microbiológico** : texto e atlas colorido. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Medica e Cientifica 2001.
- BLACK, Jacquelyn G. **Microbiologia: fundamentos e perspectivas.** 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

PATOLOGIA PROCESSOS GERAIS -2.2.0

EMENTA

Alterações degenerativas. Estudo das Necroses. Inflamações inespecíficas. Inflamações específicas. Processos reparativos. Distúrbios do metabolismo dos pigmentos e minerais. Perturbações circulatórias: edema, congestão, hemorragia, trombose, embolia e enfarte. Alterações do crescimento celular, Oncogênese. Estudo das neoplasias benignas e malignas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- COTRAN, S. R. et al. **Patologia Estrutural e Funcional**. 8.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.
- BRASILEIRO, Fº, GERARDO **Patologia Geral -**BOGLIOLO. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.
- RUBIN, E., FARBER, J. L. **Patologia.** 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.
- MONTENEGRO, M. R., FRANCO, M. **Patologia processos Gerais.** 4. ed. São Paulo:Atheneu, 2004.
- STEVEN, A., LOWE, J. **Patologia.** 2. ed. São Paulo: Manole, 2002.

COMPLEMENTAR

- ROBBINS, S. L. **Patologia estrutural e funcional.** 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

EPIDEMIOLOGIA - 3.1.0

EMENTA

Processo saúde-doença. Epidemiologia descritiva. Medidas em Saúde Coletiva. Transição demográfica e epidemiológica. Informações de saúde como instrumento de gerência. Sistemas de informação. Estudos epidemiológicos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- ALMEIDA FILHO,N. & ROUQUAYROL,M.Z. **Introdução à Epidemiologia moderna**. 2. ed., Rio de Janeiro: Abrasco. 1992.
- JEKEL,J.F.; ELMORE,J.G. & KATZ,D.L. **Epidemiologia, Bioestatística e Medicina Preventiva**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- MEDRONHO,R.A.; CARVALHO,D.M.; BLOCH,K.V.; LUIZ,R.R.; WERNECK,G.L. **Epidemiologia.** 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2006.
- PEREIRA,M.G. **Epidemiologia: teoria e prática.** 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2002.
- BEAGLEHOLE, R e outros. Epidemiologia Básica. Edição Atualizada - OMS. São Paulo: Santos 2003.

COMPLEMENTAR

- REZENDE,A.L.M. **Saúde:** dialética do pensar e do fazer. São Paulo: Cortez, 1986.
- ROUQUAYROL,M.Z. & ALMEIDA FILHO, N. **Epidemiologia e Saúde.** 5. ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 1999.
- SCHRAIBER,L.B.; NEMES,M.I.B. & MENDES-GONÇALVES,R.B. **Saúde do adulto.** Programas e ações na unidade básica. São Paulo: Hucitec. 1996.
- VAUGHAN,J.P. & MORROW,R.H. **Epidemiologia para os municípios.** Manual para gerenciamento dos distritos sanitários. São Paulo: Hucitec. 1992.

FISIOLOGIA PARA ENFERMAGEM - 1.6.0

EMENTA

Estudo da fisiologia dos sistemas do organismo humano e sua regulação: sistema nervoso, sistema muscular, sistema cardiovascular, sangue, sistema respiratório, sistema renal, sistema digestivo, sistema endócrino e sistema reprodutor. Estudo da interação de suas funções.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- BERNE,R. M. & LEVY, M. N. **Fisiologia.** 2.ed. São Paulo, Elsevier, 2004.
- CINGOLANI, H.E.; HOUSSAY, A.B. **Fisiologia humana de Houssay.** 7.ed. Porto Alegre, Artmed, 2004.
- GUYTON, A. C., Hall, J. E. **GUYTON e HALL.Tratado de Fisiologia Médica**. 10.ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 2002.
- CONSTANZO, L.S. **Fisiologia.** 2.ed. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 2004.
- NELSON, D. L., COX, M. M. **Lehninger:** princípios de Bioquímica. 4.ed. São Paulo: SARVIER, 2006.

COMPLEMENTAR

- AIRES, M. M. **Fisiologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.
- BERG, J. .M., TYMOCZKO, J. L., STRYER, L. **Bioquímica.** 5.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.
- GANONG, W. G. **Fisiologia Médica.** 17.ed. Rio de Janeiro, LANGE, 1999.
- JOHNSON,R.L. **Fundamentos de Fisiologia Médica.** Rio de Janeiro: Guanabara, 2000.
- HEDGE, G. A.; COLBY, H. D.; GOODMAN, R. L. **Fisiologia Endócrina Clínica.** Rio de Janeiro, Interlivros, 1988.
- HOUSSAY, B. **Fisiologia Humana de Houssay.** 7. ed. Rio de Janeiro, Artmed, 2004.
- SILBERNAGL, S. DESPOPOULOS, A. **Fisiologia. Texto e Atlas.** 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- SILVERTHORN,D.U. **Fisiologia Humana: uma abordagem integrada.** 2.ed. São Paulo: Manole, 2003.
- VANDER, A. J. **Renal Physiology.** 4.ed. Singapore: McGraw-Hill, 1991.

DIDÁTICA APLICADA A ENFERMAGEM -2.2.0

EMENTA

Considerações sobre educação. Didática e o processo ensino-aprendizagem. Concepções de educação: comportamentalista, humanista, cognitivista, transformadora ou contextual. Planejamento didático: objetivos, conteúdos, metodologia, material e avaliação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de & OLIVEIRA, Maria Rita N. S. (org). **Alternativa do ensino da didática.** Campinas/SP: Papirus, 1997.
- BAGNATO, M. H. S., COCCO, M. I.M., SORDI, M. R. **Educação, saúde e trabalho**: antigos problemas, novos contextos, outros olhares. Campinas: Alínea, 1999.
- CANDAU, Vera. **Rumo a uma nova didática**. 3. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1990.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários às práticas educativas**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia** : saberes necessários a prática educativa. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

COMPLEMENTAR

- HAIDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de Didática Geral.** São Paulo: Editora Ática, 2000.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática.** 15. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- VEIGA, Ilma P. Alencastro (org). **Didática**: o ensino e suas relações. 7. ed. Campinas: Papirus, 2003.
- _____. **Técnicas de Ensino. Por que não**? 14. ed. Campinas: Papirus, 2003.
- PERRENOUD, P. 10 novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- PARENTE, José. **Planejamento estratégico na educação**. Brasília: Plano, 2001
- SILVA, SILVA, Raimunda Magalhaes da. Ensino na universidade : integrando graduacao e pos-graduacao. Colaboração de Maria Grasiela Teixeira Barroso; Zulene Maria de Vasconcelos Varela. Fortaleza: Fundacao Cearense de Pesquisa e Cultura, 2000.

4º. SEMESTRE

METODOLOGIA DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM – 2.1.0

EMENTA

Estudar as principais teorias que embasam a assistência de Enfermagem e a dinâmica das ações sistematizadas da assistência, enfocando o diagnóstico de Enfermagem, as necessidades humanas básicas na assistência integrada ao individuo,

família e comunidade. Processo de enfermagem e a Sistematização da Assistência de Enfermagem–SAE.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- CARPENITO, Lynda Juall - MOYET. D**iagnósticos de enfermagem:** aplicação à prática Clínica 10. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.
- GEORGE, Julia B. e col. **Teorias de enfermagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2000;
- HORTA, W. A. **Processo de enfermagem.** São Paulo: EPU/EDUSP, 1979.
- NANDA, **Diagnósticos de Enfermagem da Nanda**: defininições e classificação-2003-2004 Organizado por North American: Cristina Correia (Tradutora) Porto Alegre: ARTMED, 2005.

COMPLEMENTAR:

- BARRETO, Jose Anchieta Esmeraldo (Org.); MOREIRA, Rui Verlaine Oliveira (Org.). **Outra margem**: filosofia, teorias de enfermagem e cuidado humano. Fortaleza: Casa de Jose de Alencar, 2001.
- CIANCIARULLO, T. I. **Instrumentos básicos para o cuidar.** São Paulo: Atheneu, 1996;
- DANIEL, L.F. **A enfermagem planejada.** 2. ed. São Paulo: EPU, 1983;

SEMIOLOGIA E SEMIOTÉCNICA PARA ENFERMAGEM - 3.5.0

EMENTA

Avaliação das condições de saúde individual e coletiva. Exame Físico em enfermagem dos sistemas orgânicos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BARROS, A. L. B. L. *et al*. **Anamnese e exame físico**: avaliação diagnóstica de enfermagem no adulto. Porto Alegre: Artmed, 2002.

- JARVIS, C. **Exame físico e avaliação de saúde.** 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

- PORTO, C. C. **Exame clínico**: bases para a prática médica. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

- BARROS, A. L. B. L. et al. **Anamnese e exame físico**: avaliação diagnóstica de enfermagem no adulto. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- JARVIS, C. **Exame físico e avaliação de saúde.** 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

COMPLEMENTAR

- POTTER, P. A.; PERRY, A. G. Fundamentos de enfermagem. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.
- BARROS, E. *et al*. **Exame clínico**: consulta rápida. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2004.
- BEVILACQUA, F. *et al*. **Manual do exame clínico.** Rio de Janeiro: Cultura Médica, 2001.
- _____. **Fisiopatologia clínica.** 4. ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 1992.
- BICKLEY, L. S.; HOEKELMAN, R. A. **Bates-Propedêutica médica.** 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.
- BRASIL, Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). Parecer nº 15184. **"Características Básicas que diferenciam a Consulta de Enfermagem da Consulta Médica"**. 1989.
- CALDAS, N. P. *et al*. Instrumentos de registro das atividades de enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 3, p.92-102, jul./set. 1976.
- CAMPEDELLI, M. C. *et al*. **Processo de enfermagem na prática.** Rio de Janeiro: Ática, 1996.
- CIANCIARULLO, T. I. **Instrumentos básicos para o cuidar**: um desafio para a qualidade da assistência. São Paulo: Atheneu. 1996.
- COFEN (Conselho Federal de Enfermagem). **Resolução COFEN-271/2002.** Regulamenta ações do Enfermeiro na consulta, prescrição de medicamentos e requisição de exames. Disponível em: <http://www.portalcofen.gov.br> . Acessado em: 12 ago. 2004.
- GEORGE, J.B. *et al*. **Teorias de enfermagem**: os fundamentos para a prática profissional. Porto Alegre: ARTMED, 1993.

- HOOD, G. H. *et al*. **Fundamentos e prática da enfermagem**: atendimento completo ao paciente. 8. ed. Porto Alegre: ARTMED, 1995.

- HORTA, W. A. **Processo de enfermagem**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1979.

- LEHRER, S. **Entendendo os sons pulmonares**. 2. ed. São Paulo: Roca, 1996.

- MILLER, O. **O laboratório e os métodos de imagem para o clínico**. São Paulo: Atheneu, 2002.
- _____. **Semiologia médica**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

- POSSO, M. B. S. **Semiologia e semiotécnica de enfermagem**. Rio de Janeiro: Atheneu, 1999.

- POTTER, P. A.; PERRY, A. G. **Fundamentos de enfermagem**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

- TILKAN, A. G.; CONOVER, M. B. **Entendendo os sons e sopros cardíacos**: com uma introdução aos sons pulmonares. São Paulo: Roca, 2004.

- VANZIN, A. S. **Consulta de enfermagem**: uma necessidade social? Porto Alegre: RM & L. Gráfica, 1996.

FARMACOLOGIA PARA ENFERMAGEM - 2.5.0

EMENTA

Absorção, distribuição, metabolização e eliminação de drogas. Farmacodinâmica. Considerações sobre o Sistema Nervoso Autônomo. Parassimpaticomiméticos. Parassimpaticolíticos. Simpatomiméticos. Simpaticolíticos. Honnônios dos tecidos. Farmacologia da Inflamação. Farmacologia do Sistema Nervoso Central. Farmacologia do Sistema Cardiovascular. Antimicrobianos. Antiasmáticos

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- GILMAN, A.G. **As Bases Farmacológicas da Terapêutica**. 11 ed. Rio de Janeiro: McGraw- Hill Interamericana, 2007.
- KATZUNG, B.G. **Farmacologia Básica e Clínica**. 9 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- RANG, H. P.; DALE, M. M.; RITTER, J. M.; MOORE, P. K. **Farmacologia**. 6 ed., Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- SILVA, P. **Farmacologia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

COMPLEMENTAR:

- CAMARA, S. A. **Manual da Farmacologia Prática**. São Paulo: Atheneu, 1967.

- CARLINI, E. A. **Farmacologia Prática sem Aparelhagem**. São Paulo: Sarvier, 1973.

BIOETÍCA, ÉTICA E LEGISLAÇÃO PARA ENFERMAGEM - 2.1.0.

EMENTA

Origem e características da bioética. Referenciais teóricos, conceituais bioéticos e definições legais. Códigos e Ética profissional Instrumentos, conceitos e desafios básicos de ética em saúde. Direitos do paciente. Código de deontologia de Enfermagem. Lei do exercício da Enfermagem.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- AGUIAR, E.B. **Ética Instrumento de Paz e Justiça.** João Pessoa : Tessitura, 2002
- JUNIOR, K. F. **Ética e Bioética em Enfermagem.** ABDR. Goiânia : ABDR, 2000.
- PESSINI, L e BARCHINFONTAINE, C. P. **Problemas Atuais de Bioética.** São Paulo: Loyola, 2002
- LOCOS, F. **Bioética : o que é como se faz**. São Paulo: Loyola, 2001

COMPLEMENTAR:

- FORTES, P. A. C. **Ética e Saúde:** questões éticas, deontológicas e legais tomada de decisão; autonomia e direitos do paciente. Estudo de caso. São Paulo: EPU, 1998.
- GELAIN, I **Deontologia e Enfermagem.** São Paulo: EPU, 1998

FUNDAMENTAÇÃO BÁSICA DE ENFERMAGEM I - 3.4.0

EMENTA

Medidas de controle da infecção. Enfoca o cuidado de Enfermagem como ação terapêutica na atenção a saúde individual e coletiva nos níveis primários, secundários e terciários.Procedimentos e técnicas básicas de Enfermagem inerentes ao trabalho do enfermeiro.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- DU GAS, B. W. **Enfermagem prática.** 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

- GIOVANI, A. M. M. **Enfermagem**: cálculo e administração de medicamentos. 3. ed. São Paulo: Legnar Informática e Editora, 1999.
- JORGE, S. A.; DANTAS, S. R. P. E. **Abordagem multiprofissional do tratamento de feridas.** São Paulo: Editora Atheneu, 2003.
- PRADO, M.L.E.;GELBGKE, F.L. **Fundamentos de enfermagem.** Florianópolis: Cidade Futura, 2002.
- SWEARINGER, P. L.; HOWARD, C. A. **Atlas fotográfico de procedimentos de enfermagem**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

COMPLEMENTAR

- ATKINSON, M. **Fundamentos de enfermagem**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- BÁRBARA, T. K. **Conceitos e habilidades fundamentais no atendimento de enfermagem.** 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- DANIEL, L. F. **A enfermagem planejada.** 3. ed. São Paulo: EPU, 1981.
- PASSOS, M. G. et al. **Aplicações via parenteral.** Feira de Santana: Editora Grafinorte, 1990.
- PORTELA, C.R.; CORREA, G.T. **Manual de consulta para estágio em enfermagem.** São Caetano do Sul: Difusão Paulista de Enfermagem, 2003.
- POTTER, P. A.; PERRY, A. G. **Fundamentos de enfermagem**: conceitos, processo e prática. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- UNICAMP. Hospital das Clínicas. Grupo de Estudos de Feridas. **Manual de tratamento de feridas.** Campinas: UNICAMP, 1999.

5º. SEMESTRE

ENFERMAGEM EM SAÚDE MENTAL - 3.3.0

EMENTA

A saúde mental e sua relação com a saúde integral do ser humano.Questões sociais, culturais e biológicas no desenvolvimento dos transtornos mentais. Caracterização dos transtornos prevalentes.Procedimentos básicos para atendimento de enfermagem à pessoa ,família e comunidade com transtorno mental.Abordagens sobre as políticas de saúde mental, centralizando a atenção na Reforma Psiquiátrica.Estratégias de prevenção e promoção em saúde mental ao indivíduo, família e comunidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- PITTA, Ana (org). **Reabilitação psicossocial no Brasil**. São Paulo: HUCITEC, 2001.

- RIBEIRO, P. R. M. **Saúde Mental:** dimensão histórica e campos de atuação. São Paulo: EPU, 1996.
- SARACENO, B. et al. **Manual de Saúde Mental – guia básico para atenção primária.** 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 2001.
- TAYLOR, C. M. **Manual de Enfermagem Psiquiátrica de Mereneses.** Trad. Dayse Batista. 13. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- TENÓRIO, F. **A reforma psiquiátrica brasileira, da década de 1980 aos dias atuais: história e conceito.** História, Ciências, Saúde – Rio de Janeiro: Manguinhos, vol. 9(1): 25-59, jan. - abr.2002.

COMPLEMENTAR:

- NEEB, K. Fundamentos de Enfermagem de Saúde Mental. São Paulo: Iusociência, 2000.

- ALMEIDA, MARIA C. P. de; ROCHA, J. S. Y. **O saber da enfermagem e sua dimensão prática.** São Paulo: Ed. Cortez, 1989.
- AMARANTE, Paulo (Coord.). **Loucos pela vida:** a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.
- BRASIL, Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) – Parecer no. 15184. **"Características básicas que diferenciam a Consulta de enfermagem da Consulta Médica"**, 1989.
- CORDÁS, T. A. **A psiquiatria sem preconceitos.** Ed. Malteses, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica.** Trad. José Teixeira Coelho Neto (1961). 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

FILMES RECOMENDADOS:

- Mr. Jones
- O sexto sentido
- Uma mente brilhante
- O outro lado da nobreza
- Patch Adams - o amor é contagioso
- Traffic
- Quando um homem ama uma mulher
- Cidade de Deus
- Bicho de 7 cabeças
- Um estranho no ninho
- Eu, eu mesmo e Irene.

FUNDAMENTAÇÃO BÁSICA DE ENFERMAGEM II - 3.5.0

EMENTA

Identificação de problemas reais e potenciais de desvio de saúde, conhecimentos básicos e técnicas de Enfermagem utilizadas na manutenção e recuperação da saúde do ser humano, avaliação do atendimento das necessidades básicas do cliente em sua integralidade e singularidade, o processo de comunicação e os aspectos humanísticos na prática de Enfermagem.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ATKINSON, M. **Fundamentos de enfermagem**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- DU GAS, B. W. **Enfermagem prática.** 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- GIOVANI, A. M. M. **Enfermagem**: cálculo e administração de medicamentos. 3. ed. São Paulo: Legnar Informática e Editora, 1999.
- JORGE, S. A.; DANTAS, S. R. P. E. **Abordagem multiprofissional do tratamento de feridas.** São Paulo: Editora Atheneu, 2003.
- PRADO, M.L.E.;GELBGKE, F.L. **Fundamentos de enfermagem.** Florianópolis: Cidade Futura. 2002.

COMPLEMENTAR:

- BÁRBARA, T. K. **Conceitos e habilidades fundamentais no atendimento de enfermagem.** 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- DANIEL, L. F. **A enfermagem planejada.** São Paulo (SP): EPU, 1981.
- PASSOS, M. G. et al. **Aplicações via parenteral.** Feira de Santana: Editora Grafinorte, 1990.
- POTTER, P. A.; PERRY, A. G. Fundamentos de enfermagem: conceitos, processo e prática. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
- SILVA, M. J. P. **Comunicação tem remédio**: a comunicação nas relações interpessoais em saúde. São Paulo: Editora Gente, 1996.
- SWEARINGER, P. L.; HOWARD, C. A. **Atlas fotográfico de procedimentos de enfermagem**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- UNICAMP. Hospital das Clínicas. Grupo de Estudos de Feridas. **Manual de tratamento de feridas.** Campinas: UNICAMP, 1999.

ENFERMAGEM NAS CIRÚRGIAS - 3.2.0

EMENTA

A enfermagem na atuação no Bloco Cirúrgico e Central de Material (CME). Assistência de enfermagem ao cliente cirúrgico no pré, trans e pós-operatório; Assistência de Enfermagem na sala de recuperação pós-anestésica e os tipos de anestesia; Princípios de assepsia perioperatória; Posições e instrumentação cirúrgica; Cuidados com a ferida operatória; Complicações pós-operatórias. E o fluxograma dos materiais esterilizados na CME.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- POSSARI, J. F. **Centro cirúrgico**: planejamento, organização e gestão. São Paulo: Iátria, 2004.
- SANTOS, N. C. M. **Centro cirúrgico e os cuidados de enfermagem**. 2 ed., São Paulo: Iátria, 2003.
- SOBECC. **Práticas Recomendadas da SOBECC.** Centro Cirúrgico/ Recuperação Anestésica/ Central de Material e Esterilização. 4 ed. São Paulo: 2007.

COMPLEMENTAR:

POSSARI, J. F. **Assistência de enfermagem na recuperação pós-anestésica**. São Paulo: Iátria, 2003.

- POSSARI, J. F. **Centro de material e esterilização**: planejamento e gestão. 2 ed. São Paulo: Iátria, 2003.
- SANTOS, Nívea Cristina Moreira. **Centro cirúrgico e os cuidados de enfermagem**. São Paulo: Iátria, 2003.
- FERREIRA, L. M. B. et al - **Centro cirúrgico:** o espaço de fazer enfermagem. Rio de Janeiro: Tavares e Tristão, 2000.
- PARRA, O. M. et al. – **Instrumentação Cirúrgica.** São Paulo: Atheneu, 2000.
- TIGHE, S. M.B. – **Instrumentação na sala de operação**. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2001.
- ROTHROCK. J. C.; MEEKER. M. H. **Cuidados de enfermagem ao paciente cirúrgico.** 10 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.
- GOLDENZWAIG, C. SOARES, N.R. **Manual de enfermagem médico-cirúrgico.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

ENFERMAGEM NAS EMERGÊNCIAS - 3.2.0

EMENTA

Acidentes como problemas de Saúde Pública. Atendimento pré-hospitalar e hospitalar das emergências e urgências clinica e cirúrgicas. A enfermagem frente a

situações de emergências. A Sistematização da Assistência de Enfermagem – SAE nas situações de emergências.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- SANTOS, N.C.M. **Urgência e emergência para a enfermagem**. São Paulo: Iatria, 2007.
- NASI, L.A. **Rotinas em pronto-socorro**. Porto Alegre: Artmed. 2005.
- GOLDENZWAIG, C. SOARES, N.R. **Manual de enfermagem médico-cirúrgico.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

COMPLEMENTAR

- FONTINELE JR., Klinger; SARQUIS, Savio Ignacio J. S. **Urgência e emergência em enfermagem.** 1 ed. Goiânia: AB Editora, 2004. SCHEETZ, L.J.; OMAN, K. S.; KOZIOL_MCLAIN, J. **Segredos em enfermagem de emergência.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

ENFERMAGEM NA ATENÇÃO ÀS ENFERMIDADES INFECCIOSAS E PARASITARIAS – 2.3.0

EMENTA

Aspectos Clínicos e Epidemiológicos das Doenças infecciosas e parasitarias de interesse para a saúde pública. Vigilância Epidemiológica das doenças infecciosas e parasitarias mais prevalentes na região. Áreas de atenção às doenças infecciosas e parasitarias no contexto do SUS. Atuação de enfermagem nos níveis de prevenção das doenças transmissíveis.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BRASIL, Ministério da Saúde. **Guia de Vigilância Epidemiológica**, 5. ed, Brasília: FUNASA, 2005
- _____, Ministério da Saúde**. Guia de Vigilância para erradicação do sarampo e controle da rubéola**, 4. ed. Brasília: FUNASA, 2005.
- FARIAS, H. J. **Doenças Infecciosas e Parasitarias**. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.
- HINRICHSEN, S.L. **DIP - Doenças Infecciosas e Parasitaria.** Rio de Janeiro: Koogan, 2005.
- MEDRONHO, Roberto. A. *et al*. **Epdemiologia**. São Paulo: Atheneu, 2006.

COMPLEMENTAR:

- BRASIL, Ministério da Saúde**. Situação e controle das doenças transmissíveis no Brasil.** Brasília: SVS, 2004.
- MÉDICI, André César**. Globalização, doenças transmissíveis e desigualdade mundial. Washington, D.C.** Banco Interamericano de Desenvolvimento: Departamento de desenvolvimento sustentável, 2004.
- NEVES, José**. Diagnostico & Tratamento das Doenças Infecciosas e Parasitarias.** Rio de Janeiro: Koogan, 1996.

6º. SEMESTRE

SAÚDE DA MULHER - 4.7.0

EMENTA

Assistência Integral da Mulher através de programas de saúde. Atendimento as necessidades biopsico-sociais durante o ciclo grávido puerperal. Complicações da gravidez, parto, puerpério e afecções do aparelho genital feminino.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- CHAVES. Neto Hermógenes **Obstetrícia Básica.** São Paulo: Atheneu, 2004
- REZENDE, J.; MONTENEGRO A.C.N. **Obstetrícia Fundamental**. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2006.
- TEZZA, V. M. **Enfermagem Obstétrica e Neonatal.** Florianópolis: Renuncia, 2002.
- FREITAS, Fernando et al. **Rotinas em Ginecologia.** 4. ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

COMPLEMENTAR:

- BALASKAS, Janete, **Parto Ativo: Guia prático para o parto natural**. São Paulo: Editora Grund, 1993.
- BRASIL, Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Departamento de Gestão de Políticas Estratégias - Área Técnica de Saúde da Mulher, Gestação de Alto Risco, 3 ed., Brasília, DF, 2003.
- _____, FEBRASGO, **Urgências e Emergências Maternas**: Guia para diagnóstico e conduta em situações de risco de morte materna . Brasília/ DF: Ministério da Saúde, 2003.
- _____ , FEBRASGO, ABENFO, **Parto, Aborto e Puerpério** - Assistência Humanizada à Mulher, Brasília/ DF: Ministério da Saúde, 2003.

- _____, **Secretaria de Políticas de Saúde.** Departamento de Gestão de Políticas Estratégicas, Área Técnica Saúde da Mulher, Violência Sexual Contra Mulheres e Adolescentes. Brasília/ DF: Ministério da Saúde, 2002.
- _____, **Secretaria de Políticas de Saúde.** Área Técnica Saúde da Mulher, Violência Intrafamiliar: Orientações para a prática em serviço. Brasília/ DF: Ministério da Saúde, 2001.
- **_____, Secretaria de Atenção à Saúde.** Área Técnica de Saúde da Mulher, Pré-natal e Puerpério: atenção qualificada e humanizada. Brasília/ DF: Ministério da Saúde, 2006.
- _____, **Secretaria de Assistência à Saúde.** Área Técnica Saúde da Mulher, Manual dos Comitês de Mortalidade Materna, Brasília/ DF: Ministério da Saúde, 2002.
- _____, **Coordenação de Saúde da Mulher**, Assistência em Planejamento Familiar: Manual Técnico, 4. ed. Brasília /DF: Ministério da Saúde, 2002.
- _____, **Coordenação de Saúde da Mulher**, Assistência em Planejamento Familiar: Manual do Gestor, 4. ed. Brasília /DF: Ministério da Saúde, 2002.
- _____, **Secretaria Nacional de Assistência à Saúde**, Programa Nacional de controle do câncer do colo do útero e de mama – Viva Mulher. Rio de Janeiro :MS/INCA, 2006.
- _____, **Coordenação Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS,** Manual de Controle das DST e AIDS, 4. ed. Brasília/ DF: Ministério da Saúde, 2006.
- _____, **Programa Nacional de DST/AIDS, Considerações gerais do binômio HIV/AIDS e gravidez.** Brasília/ DF: Ministério da Saúde, 1999.

SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE - 4.7.0

EMENTA

Assistência de enfermagem ao recém-nascido em Unidades Neonatais. Crescimento e desenvolvimento infantil. Adolescência. Agravos e riscos a Saúde da Criança e do Adolescente. Assistência de enfermagem a saúde da criança e do adolescente nos três níveis de atenção: primário, secundário e terciário e no contexto da educação e saúde. Programas de atenção à saúde da criança e do adolescente. Assistência integral a saúde da criança e adolescente no texto multidissiplinar e/ou multiprofissional. As áreas de atenção a saúde da criança e do adolescente no SUS. Imunização na infância e adolescência.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- WHALEY & WONG. **Enfermagem pediátrica.** Rio de Janeiro:Editora Guanabara 1999.

- SAITO, M; SILVA,L. **Adolescência**: prevenção e riscos. São Paulo. Atheneu, 2001.
- CLOHERTY, J. P. EICHEHENWALD, E. C., STARK, A.R. **Manual de Neonatologia.** 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- SEGRE, Conceição. **Perinatologia**: fundamentos e prática. São Paulo: SARVIER, 2002.
- MARCONDES, Eduardo **Pediatria Básica**. 9. ed. São Paulo: SARVIER, 2002

COMPLEMENTAR:

- ABEn.PROENF. **Programa de Atualização em Enfermagem: saúde da criança e do adolescente**. Porto Alegre: ARTMED, 2006.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, Área Técnica de Saúde da Criança e Aleitamento Materno Série A. **Caderneta da Saúde da Criança.** Série A, 3. ed., 2007
- _____. Secretaria de Atenção à Saúde. **Saúde Integral de Adolescentes e Jovens**: orientações para a Organização de Serviços de Saúde. Brasília: DF.2005
- _____. Secretaria de Políticas de Saúde. **Saúde da Criança: acompanhamento e desenvolvimento infantil**. Cadernos de Atenção Básica- nº 11, Brasília:DF.2002
- _____.Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Marco Teórico e Referencial Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva de Adolescentes e Jovens** Série B. Textos Básicos de Saúde. Brasília – DF, 2006.
- _____. **Guia Alimentar para crianças menores de 2 anos.**Brasília:DF.2002 BRASIL, Ministério da Saúde.Guia Alimentar para crianças menores de 2 anos.Brasília:DF.2002
- _____. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. **Manual de Controle Doenças Sexualmente Transmissíveis DST** Série Manuais nº 68 4a edição Brasília, DF., Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Programa Nacional de DST e Aids
- _____. Fundação Nacional de Saúde. **Manual de Normas de Vacinação.** 3. ed. Brasília. D. F. Coordenação Geral do Programa Nacional de Imunizações. Centro Nacional de Epidemiologia. Fundação Nacional de Saúde/MS, 2001
- _____. Fundação Nacional de Saúde. **Manual de Procedimentos para Vacinação**, 4a Edição - revisada, atualizada e ampliada, Brasília – DF, Coordenação Geral do Programa Nacional de Imunizações. Centro Nacional de Epidemiologia. Fundação Nacional de Saúde/MS, 2001
- MELSON, K et al. **Enfermagem materno infantil – plano de cuidados.** Rio de Janeiro: Reihcemann & Affonso Editores, 2002
- CARPENITO-MOYET, L. J. **Diagnóstico de Enfermagem**: aplicações a prática Clínica 10. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- SUCUPIRA Pediatria em Consultório 4. ed. São Paulo: Sarvier, 2000.

SAÚDE DO ADULTO E DO IDOSO I - 4.3.0

EMENTA

Política e Programa de Atenção á Saúde do Adulto e do Idoso. Processo Normal de Envelhecimento. Patologias mais frequentes no Idoso. Perspectivas da Assistência de Enfermagem na Promoção da Saúde, Prevenção de Doenças, Recuperação e Reabilitação do indivíduo. Gerenciamento e Assistência ao idoso em instituições asilares, ambulatórios e no domicilio. Aplicação da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) junto ao adulto e idoso.

.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- BRUNNER, L, S. & SUDDARTH, D. S**. Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica.** 12. ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- CARPENITO, L**. Diagnóstico em Enfermagem:** Aplicação à Prática Clínica, 10. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- _____ **Plano de Cuidados de Enfermagem e Documentação:** Diagnósticos de Enfermagem e Problemas Colaborativos, 1. ed. Porto Alegre: Artmed. 2006.
- ROACH, S. **Introdução á Enfermagem gerontológica,** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.
- LEOPARDI, M.T. T**eoria e método em assistência de enfermagem.** 1. ed. Florianópolis (SC), 2006.

COMPLEMENTAR:

- ALFARO-LEFEVRE, R. **Aplicação do Processo de enfermagem:** um guia passo a passo. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- ALMEIDA, M. P. C., ROCHA, J. S. Y**. O Saber da Enfermagem e sua Dimensão Prática.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- ASPERHEIM, M.K. **Farmacologia para enfermagem**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.
- BACKIE,P.D**. Sinais e sintomas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- BOFF, L**. Saber cuidar**: ética do humano, compaixão pela terra. São Paulo: Vozes, 1999.
- DOENGES; MOORHOUSE, **Diagnóstico e Intervenção em Enfermagem,** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- ELIOPOULOS, C. **Enfermagem Gerontológica.** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- ELLIS; HARTLEY, **Enfermagem Contemporânea:** desafios, questões e tendências, 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- FISCHBACH, F., **Manual de Enfermagem:** exames laboratoriais e diagnostico. 5. ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.
- GEORGE, J. B.; **Teorias de Enfermagem.** 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas , 2000.

- GIL, A. C., **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1999.
- GONZALES, R.M.B.; BECK, C.L.C.; DENARDI, M. L.; **Cenários de cuidado:** aplicação de teorias de enfermagem. Santa Maria (RS): Pallotti, 1999.
- HOOD, G.H. e Col. **Fundamentos e Prática da Enfermagem:** Atendimento completo ao paciente. 8. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- HORTA, W.A. **Processo de Enfermagem.** São Paulo: EPU da USP, 1979.
- IYER et. al A **Processo e Diagnóstico de Enfermagem.** São Paulo: Artes Médicas, 1993.
- KOROLKOVAS, A. **Dicionário Terapêutico Guanabara.** ed. 2004/2005. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- LIMA, M. J. **O que é Enfermagem,** 2. ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1996.
- LUKMAN & SORENSEN, **Enfermagem Medico-cirúrgica:** Uma abordagem Psicológica, 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S A, 1996.
- MANZOLLI, M. C. **Viver Adulto e Enfermagem,** Brasília: Rumos, 1994.
- MARIN, H. F. **Informática em enfermagem.** São Paulo (SP): EPU, 1995
- REMEM, R. N. **O paciente como ser humano.** 2. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1993
- STEFANELLI, M. M. **Comunicação com o paciente**: teoria e prática, 2. ed. São Paulo: Robe Editorial, 1993.
- WEIL, P. T. R. **O Corpo fala**: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal, 57. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- WALDOW, V. R. e Col. **Cuidado Humano**, Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- _____ **Maneiras de Cuidar/maneiras de ensinar:** a enfermagem entre a escola e a prática profissional, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- ZAGURY, L. et al. **Diabetes sem medo.** 1. ed., Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- ZANINI, A.C.; OGA, S. **Interações medicamentosas.** 1. ed. São Roque – SP: Atheneu, 2002.

7º. SEMESTRE

ADMINISTRAÇÃO EM ENFERMAGEM - 5.5.0

EMENTA

Processo de trabalho em saúde. Bases teóricas da administração e sua aplicação no processo decisório e liderança em Enfermagem. Relação e poder nas organizações de saúde. Relações humanas no trabalho. Trabalho em equipe. Planejamento, aplicação e controle de recursos institucionais. Gerenciamento do Serviço de Enfermagem. Administração e Supervisão da Assistência e Serviço de Enfermagem.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- KURCGANT, P. (Coord.). **Gerenciamento em Enfermagem.** Rio de Janeiro. Guanabara Koogon, 2005.
- CHIAVENATO, I. **Teoria geral da administração.** Rio: Elvisier, 2002.

- MALIK, A.M. e col. **Gestão de recursos humanos.** São Paulo: IDS/USP, 1998
- MARQUIS, B.L.; HUSTON, B.L. **Administração e liderança em Enfermagem**: teoria e aplicação.2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999

COMPLEMENTAR:

- BELLATO,R; PASTI,M.J; TAKEDA;E. Algumas reflexões sobre o método funcional no trabalho da enfermagem. **Rev. Latino-am Enfermagem.** v.5, n.1, jan 1997, p.75 - 81
- BERTELLI, S.B. **Gestão de pessoas em administração hospitalar.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004
- BORK, A.M.T. **Enfermagem de excelência**: da visão a ação. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria da Assistência à Saúde. Manual Brasileiro de Acreditação Hospitalar, 3.ed. Brasília: 2002.
- CARMONA,L.M.P; LALUNA, M.C.M.C "**Primary Nursing**"" : pressupostos e implicações na prática. Revista Eletrônica de Enfermagem, Goiás, v.4,n.1, p.12-17, 2002
- COLMAN, F.T. **Tudo o que o enfermeiro precisa saber sobre treinamento**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2003
- CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM Resolução 293/04. Disponível em: http://www.portalcofen.gov.br
- COSTA, R.A.; SHIMIZU, H.E.. Atividades desenvolvidas pelos enfermeiros nas unidades de internação de um hospital escola. **Rev. Latino-am Enfermagem.**v.13, n.5, p.654-62, set/out 2005.
- DRUCKER, P.F. **A administração.** São Paulo: Nobel, 2002
- GOMES, E.L.R *et al*. Dimensão histórica da gênese e incorporação do saber administrativo na enfermagem. IN: ALMEIDA, M.C.P.; ROCHA, S.M.M. **O trabalho na enfermagem.** São Paulo: Cortez, 1997
- KRON, T. **Administração e Enfermagem.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1999
- KURCGANT, Paulina. **Administração em Enfermagem.** São Paulo: EPU, 1991
- MOTA, A L C. **Auditoria em enfermagem nos hospitais e operadoras de planos de saúde.** São Paulo: Iatria, 2003
- MOURA, G.M.S.S; MAGALHÃES,A.M.M.; CGAVES, E.H.B. O serviço de enfermagem hospitalar - apresentando este gigante silencioso. **Revista Brasileira de Enfermagem.** v.54, n.3, p. 482-493, jul/set 2001
- NOGUEIRA, L.C. L. **Gerenciando pela qualidade total na saúde.** Belo Horizonte: EDG, 1999
- QUIN, R.E et al. **Competências gerenciais**: princípios e aplicações.Rio de Janeiro: Elsevier, 2003

- RAPONI,R.G.; KURGANT, P Dimensionamento do pessoal de enfermagem : vivência de enfermeiras. **Rev. Nursing** v.2 n. jul 1998, p.28-34
- RUTENFRANZ, J.; KNAUTH, P.; FISCHER, F.M. **Trabalho em turnos e noturno.** Rio de Janeiro: HUCITEC, 1989.
- SANTOS, I. e col. **Enfermagem fundamental**: realidade, questões e soluções. São Paulo: Atheneu, 2001
- SILVA, V.E.F.; KURCGANT, P.; QUEIROZ, W.M. O desgaste do trabalhador de enfermagem: relação trabalho de enfermagem e saúde do trabalhador. VER> BRAS. ENF, v.5, n.4, p 603-14, out./dez. 1998.
- SILVA, V.E.F.; MASSAROLLO, M.C.K.B. A qualidade de vida e a saúde do trabalhador de enfermagem. **O mundo da saúde**, v.22, n.5, p. 283-86, set./out. 1998.
- WALDOW, V.R. **Cuidado humano: o resgate necessário.** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.
- WALDOW,V.R.; LOPES, M.J.M.; MEYER, D.E. **Maneiras de cuidar, maneiras de ensinar**: a enfermagem entre a escola e a prática profissional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995

SAÚDE DO ADULTO E DO IDOSO II – 4.6.0

EMENTA

Aspectos demográficos, epidemiológicos, clínicos e cirúrgicos da assistência ao adulto e idoso em ambiente hospitalar.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- BRUNNER, L, S. & SUDDARTH, D. S**. Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica.** 12. ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- CARPENITO, L. **Diagnóstico em Enfermagem:** Aplicação à Prática Clínica, 10. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- _____ **Plano de Cuidados de Enfermagem e Documentação:** Diagnósticos de Enfermagem e Problemas Colaborativos, 1. ed. Porto Alegre: Artmed. 2006.
- ROACH, S. **Introdução á Enfermagem gerontológica,** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.
- LEOPARDI, M.T. T**eoria e método em assistência de enfermagem.** 1. ed. Florianópolis (SC), 2006.

COMPLEMENTAR

- ALFARO-LEFEVRE, R. **Aplicação do Processo de enfermagem:** um guia passo a passo. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- ALMEIDA, M. P. C., ROCHA, J. S. Y. O Saber da Enfermagem e sua Dimensão Prática. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1989.

.

- ASPERHEIM, M.K. **Farmacologia para enfermagem.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

- BACKIE,P.D. **Sinais e sintomas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- BOFF, L. **Saber cuidar**: ética do humano, compaixão pela terra. São Paulo: Vozes, 1999.
- DOENGES; MOORHOUSE, **Diagnóstico e Intervenção em Enfermagem,** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- ELIOPOULOS, C. **Enfermagem Gerontológica.** 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- ELLIS; HARTLEY, **Enfermagem Contemporânea:** desafios, questões e tendências, 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- FISCHBACH, F., **Manual de Enfermagem:** exames laboratoriais e diagnostico. 5. ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.
- GEORGE, J. B.; **Teorias de Enfermagem.** 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas , 2000.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.
- GONZALES, R.M.B.; BECK, C.L.C.; DENARDI, M.L.; **Cenários de cuidado:** aplicação de teorias de enfermagem. Santa Maria (RS): Pallotti, 1999.
- HOOD, G.H. e Col. **Fundamentos e Prática da Enfermagem:** Atendimento completo ao paciente, 8. ed., Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- HORTA, W.A. **Processo de Enfermagem,** São Paulo: EPU da USP, 1979.
- IYER et. al A **Processo e Diagnóstico de Enfermagem.** São Paulo: Artes Médicas, 1993.
- KOROLKOVAS, A. **Dicionário Terapêutico Guanabara.** ed. 2004/2005. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- LIMA, M. J. **O que é Enfermagem,** 2. ed., Rio de Janeiro: Brasiliense, 1996.
- LUKMAN & SORENSEN, **Enfermagem Medico-cirúrgica:** Uma abordagem Psicológica, 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S A, 1996.
- MANZOLLI, M. C. **Viver Adulto e Enfermagem,** Brasília: Rumos, 1994.
- MARIN, H. F. **Informática em enfermagem.** São Paulo (SP): EPU, 1995
- REMEM, R. N. **O paciente como ser humano.** 2. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1993
- STEFANELLI, M. M. **Comunicação com o paciente**: teoria e prática, 2. ed. São Paulo: Robe Editorial, 1993.
- WEIL, P. T. R. **O Corpo fala**: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal, 57. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- WALDOW, V. R. e Col. **Cuidado Humano**, Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- _____ **Maneiras de Cuidar/maneiras de ensinar:** a enfermagem entre a escola e a prática profissional, Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- ZAGURY, L. et al. **Diabetes sem medo, 1.** ed., Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- ZANINI, A.C.; OGA, S. **Interações medicamentosas.** 1. ed., São Roque – SP: Atheneu, 2002.

SAÚDE PÚBLICA - 5.5.0

EMENTA

A saúde publica e a enfermagem de saúde pública. Distrito sanitário e o processo de territorialização. Planejamento em saúde - agenda plano de saúde e quadros de metas. Política nacional de saúde e o controle social. Programas de saúde (PNI /API). Doenças como problema de saúde pública. Organização dos serviços de saúde no Brasil.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- B FIGUEREDO, Nélia Maria Almeida (org.). **Ensinando a Cuidar em Saúde Pública.** São Caetano do Sul, SP. Difusão Enfermagem, 2004.
- IYDA, Maria. **Cem anos de Saúde Pública:** a cidadania negada. São Paulo: ABDR, 1994.
- SAVIANI, D. **Política e Educação no Brasil.** São Paulo: EAA, 2002.
- SINGER, P. **Prevenir e Curar:** Controle social através do serviço de Saúde. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1988.
- VASCONCELOS, E. M. (org.). **A Saúde nas Palavras e nos Gestos:** Reflexão da Rede Educação Popular e Saúde. São Paulo: HUCITEC, 2001.

COMPLEMENTAR:

- BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Gestão de Investimentos em Saúde.** Departamento de gerenciamento de Investimentos. **Guia do Conselheiro:** Ministério da Saúde. Brasília. Ministério da Saúde, 2002.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Atenção Básica.** Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- C.S.P. – **Cadernos de Saúde Pública –** ABEC.
- INTERFACE. **Comunicação, Saúde, Educação.** Fundação UNI/ UNESP.
- RADIS. **Comunicação em Saúde.** Textos. Fundação Osvaldo Cruz.

8º. SEMESTRE

SEMINÁRIO DE PESQUISA I - 1.2.0

EMENTA

Relação da pesquisa com produção do conhecimento científico. Importância da pesquisa no desenvolvimento da enfermagem. Aspectos éticos e legais do pesquisador, modelos teóricos da pesquisa social. Construção e desenvolvimento de projeto de pesquisa.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- GIL, A.C.**Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo:Atlas, 2002.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 6a. Ed, 2005.
- LAVILLE, C. DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 2001.
- LEOPARDI, M.T. **Metodologia da pesquisa na saúde**.Santa Maria: Pallotti, 2001.
- MINAYO, MCS (org) **Pesquisa social**: teorias, métodos e criatividade. 17. ed. São Paulo (SP): Vozes. 2000.

COMPLEMENTAR

- MINAYO, MCS. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 9 ed. São Paulo Rio de Janeiro: Huciteet, 2006.
- MINAYO, MCS; DESLANDES, SF. (Org.) **Caminhos do pensamento:** epistemologia e método. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2002.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 21. ed. rev. amplo. São Paulo: Cortez, 2002.
- TOBAR F.; YOLOUR M.R. **Como fazer teses em saúde pública**: conselhos e idéias para formular projetos e redigir teses e informes de pesquisas. Rio de Janeiro: Ed Fiocruz, 2001.
- VIEIRA, S.; HOSSNE, W.S. **Metodologia científica para a área da saúde**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.
- RICHARDSON, RJ. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3 ed. São Paulo(SP): Atlas.1999.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Bari. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994
- GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4. ed. São Paulo:Atlas, 1996

ESTÀGIO CURRICULAR I- 0.0.28

EMENTA

Propõe trabalhar o processo de Enfermagem como ação terapêutica na atenção a saúde individual e coletiva nos níveis primário, secundário e terciário, aplicando os conhecimentos e técnicas aprendidas na teoria e prática das disciplinas específicas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- SANTOS, N. C. M. **Centro cirúrgico e os cuidados de enfermagem**. 2. ed., São Paulo: Iátria, 2003.
- SOBECC. **Práticas Recomendadas da SOBECC.** Centro Cirúrgico/ Recuperação Anestésica/ Central de Material e Esterilização. 4. ed. São Paulo: 2007.
- REZENDE, J.; MONTENEGRO A.C.N. **Obstetrícia Fundamental**. 10 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 2006.

- BRUNNER, L, S. & SUDDARTH, D. S**. Tratado de Enfermagem Médico-Cirúrgica.** 12. ed., Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- B FIGUEREDO, Nélia Maria Almeida (org.). **Ensinando a Cuidar em Saúde Pública.** São Caetano do Sul, SP. Difusão Enfermagem, 2004.

COMPLEMENTAR

- TIGHE, S. M.B. **Instrumentação na sala de operação.** 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2001.
- CARPENITO, L. **Diagnóstico em Enfermagem:** Aplicação à Prática Clínica, 10. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- GOLDENZWAIG, C. SOARES, N.R. **Manual de enfermagem médico-cirúrgico.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.
- CHAVES. Neto Hermógenes **Obstetrícia Básica.** São Paulo: Atheneu,2004
- TEZZA, V. M. **Enfermagem Obstétrica e Neonatal.** Florianópolis: Renuncia, 2002.
- FREITAS, Fernando et al. **Rotinas em Ginecologia.** 4. ed Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
- BRASIL, Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Departamento de Gestão de Políticas Estratégias - Área Técnica de Saúde da Mulher, **Gestação de Alto Risco**, 3. ed., Brasília, DF, 2003.
- _____, FEBRASGO, **Urgências e Emergências Maternas**: Guia para diagnóstico e conduta em situações de risco de morte materna . Brasília/ DF:Ministério da Saúde, 2003.
- _____ , FEBRASGO, ABENFO, **Parto, Aborto e Puerpério** - Assistência Humanizada à Mulher, Brasília/ DF: Ministério da Saúde, 2003.
- _____, Secretaria de Políticas de Saúde, Departamento de Gestão de Políticas Estratégicas, Área Técnica Saúde da Mulher, **Violência Sexual Contra Mulheres e Adolescentes.** Brasília/ DF: Ministério da Saúde, 2002.
- _____, Secretaria de Políticas de Saúde, Área Técnica Saúde da Mulher, **Violência Intrafamiliar: Orientações para a prática em serviço**. Brasília/ DF: Ministério da Saúde, 2001.
- **_____,** Secretaria de Atenção à Saúde, Área Técnica de Saúde da Mulher, **Pré-natal e Puerpério: atenção qualificada e humanizada.** Brasília/ DF: Ministério da Saúde, 2006.
- _____, Secretaria de Assistência à Saúde, Área Técnica Saúde da Mulher, **Manual dos Comitês de Mortalidade Materna**, Brasília/ DF: Ministério da Saúde, 2002.
- _____, Coordenação de Saúde da Mulher, Assistência em Planejamento Familiar: **Manual Técnico**, 4. ed. Brasília /DF: Ministério da Saúde, 2002.
- _____, Coordenação de Saúde da Mulher, Assistência em Planejamento Familiar: **Manual do Gestor**, 4. ed. Brasília /DF: Ministério da Saúde, 2002.
- _____, Secretaria Nacional de Assistência à Saúde, **Programa Nacional de controle do câncer do colo do útero e de mama – Viva Mulher.** Rio de Janeiro :MS/INCA, 2006.

- _____, Coordenação Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS, **Manual de Controle das DST e AIDS**, 4. ed. Brasília/ DF: Ministério da Saúde, 2006.
- _____, Programa Nacional de DST/AIDS, **Considerações gerais do binômio HIV/AIDS e gravidez.** Brasília/ DF: Ministério da Saúde, 1999.

- KURCGANT, P. (Coord.). **Gerenciamento em Enfermagem**. Rio de Janeiro. Guanabara Koogon, 2005.
- IYDA, Maria. **Cem anos de Saúde Pública:** a cidadania negada**.** São Paulo: ABDR, 1994.
- SAVIANI, D. **Política e Educação no Brasil.** São Paulo: EAA, 2002.
- SINGER, P. **Prevenir e Curar:** Controle social através do serviço de Saúde. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1988.
- VASCONCELOS, E. M. (org.). **A Saúde nas Palavras e nos Gestos:** Reflexão da Rede Educação Popular e Saúde. São Paulo: HUCITEC, 2001.

9º. SEMESTRE

SEMINÁRIO DE PESQUISA II - 1.2.0

EMENTA

Estudar os métodos, técnicas e normas para produção de trabalhos científicos segundo as normas da ABNT e periódicos nacionais e internacionais Construção do relatório final de pesquisa. Elaboração de artigo cientifico para publicação. Elaboração de apresentação de trabalhos científicos em eventos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977

DEMO, P. **Pesquisa e informação qualitativa.** Campinas (SP):Papirus, 2001

RODRIGUES, MSP; LEOPARDI, MT. **O método de análise de conteúdo**: uma versão para enfermeiras.Fortaleza: Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura, 1999

VICTORA, CG: KNAUTH, DV: HASSEN, MNA. **Pesquisa qualitativa em saúde**: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

GASKELL,G; BAUER, MW. **Para uma prestação de contas pública**: Além da amostra, da fidedignidade e da validade. In: **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som.** Petrópolis:Vozes, 2002, p.470-490.

COMPLEMENTAR:

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigação em psicologia social.. Petrópolis: Vozes, 2003

ORLANDI, EP. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 2 ed. Campinas (SP):Ponte, 2000

PEREIRA, JCR. **Análise de dados qualitativos:** estratégias metodológicas para as ciências da saúde, humanas e sociais. São Paulo: EDUSP, 2004

POLITO, R. **Superdicas para falar bem em conversas e apresentações.** São Paulo: Ed. Saraiva, 2005.

SÁP. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998

SANTOS, BS. **Um discurso sobre as ciências.** 13 ed. Porto: Edições Afrontamento, 2002

SPINK, MJ. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004

VIEIRA, S. **Como escrever uma tese.** 5. ed. São pauilo: PioneiraThomson Learning, 2004

VOLPATO, GL. **Dicas para redação científica**: por que não somos citados? 2 ed. Botucatu: Gilson Luis Volpato, 2006.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ESTÁGIO CURRICULAR II - 0.0.28

EMENTA

Planejamento, administração e assistência de Enfermagem nas situações clinicas, cirúrgicas, psiquiátricas, gineco-obstétricas, pediátricas e saúde coletiva em situações ambulatoriais e Hospitalares de maior Complexidade.

BIBLIOGRAFIA :

Todas as referidas nas disciplinas obrigatórias do Curso.

DISCIPLINAS OPTATIVAS

MICROINFORMÁTICA - 4.0.0

EMENTA

A evolução dos computadores, conceitos de hardware e software, sistemas operacionais, linguagens de programação, operação de microcomputador (sistemas

operacionais, editor de texto, banco de dados e planilha eletrônica). Internet. Segurança da Informação. Transferência de Arquivos. Correio Eletrônico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- O´BRIEN, James A. **Sistemas de Informações e as Decisões Gerenciais na Era da Internet.** 2. ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2004.
- NORTON, Peter. **Introdução à Informática.** São Paulo: Makron Books. 1997.
- CORNACHIONE Jr, Edgar B. **Informática Aplicada às Áreas de Contabilidade, Administração e Economia.** 3. ed. São Paulo: Editora Atlas S A, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- KISCHNHEVSKY, Mauricio, SILVEIRA FILHO, Otton Teixeira da **Introdução a informática.** 3. ed. Rio de Janeiro: CECIERJ, 2004.

ATENDIMENTO DE URGÊNGIAS - 3.1.0

EMENTA

Desenvolvimento de conhecimento e habilidades em urgências pré-hospitalares. Abordagem para o suporte básico de vida e transporte de vítimas de traumatismo e mal súbito. Ferimento por arma branca e ferimento por arma de fogo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- ERAZO, Emanuel A. Cuellar. **Manual de Urgência em Pronto – Socorro.** 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- OLIVEIRA, B.F.M.; PAROLIN, M.K.F.; TEIXEIRA Jr., E.V. **Trauma:** Atendimento Pré-Hospitalar. São Paulo: Atheneu, 2001.
- SANTOS, Nívea C. M. **Urgência e Emergência para a Enfermagem**: do atendimento pré-hospitalar (aph) à sala de emergência. 4. Ed. São Paulo: Iátria, 2007.

COMPLEMENTAR:

- FONTINELE JR., Klinger; SARQUIS, Savio Ignacio J. S. **Urgência e emergência em enfermagem.** Goiânia: AB Editora, 2004.
- SANTOS, N.C.M. **Urgência e emergência para a enfermagem.** São Paulo: Iatria, 2007.
- HORTA, W. A. & Castellanos, B. E. P.. **Processo de enfermagem**. São Paulo: E.P.U/Edusp, 1970. 99 p.
- MANTOVANI, Mário. **Suporte básico e avançado de vida no trauma.** São Paulo: Atheneu, 2005.

- SANTOS, Raimundo R., CANETTI, M. D., RIBEIRO Jr., C. M**anual de socorro de emergência.** São Paulo: Atheneu, 2006.
- PIRES, M. T. B., STARLING, S. V. M**anual de urgências em pronto-socorro** 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006
- BACCARINI P., MARCO T. - STARLING, S. V. **Manual de urgências em pronto-socorro.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- SOCRENSER, Breno. **Acidentes Animais Peçonhentos**: reconhecimento, clinica e tratamento. São Paulo: Atheneu, 1996.
- SANTOS, R. S., CANTTI, M.D., RIBEIRO Jr., ALVAREZ F. S. **Manual de Socorro de Emergência.** São Paulo: Atheneu, 1999.

NUTRIÇÃO E DIETOTERAPIA - 2.2.0

EMENTA

Introdução ao estudo da nutrição, evolução e conceitos básicos. Nutrientes: composição química, conceitos, objetivos e princípios da dietoterapia. Avaliação do estado nutricional do indivíduo. dieta normal e suas modificações.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ACCIOLY, E., SAUNDERS, C. LACERDA, E. M. A. **Nutrição em Obstetrícia e Pediatria**. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 2003.
- MELO, Flavia. **Nutricao aplicada a enfermagem.** Goiania: AB, 2005.
- EUCLYDES, M. P. **Nutrição do Lactente – Base Científica para uma alimentação adequada.** 2. ed. Viçosa: UFV, 2000.
- KARLA, S. et al. Nutrição na adolescência. **Jornal de Pediatria**, vol. 76 supl. 3, Rio de Janeiro, 2000.

COMPLEMENTAR:

- **KRAUSE:** Alimentos, Nutrição & Dietoterapia. 10. ed. São Paulo: Roca, 2002.
- MAHAN, L. R., ESCOTT-STUMP, S. **Alimentos, Nutrição e Dietoterapia**. 10. ed. São Paulo: Roca, 2002.
- PINTO, A. M. de S., SPINELLI, M. G. N. **Gestao de unidades de alimentacao e nutricao:** um modo de fazer. 2. ed. São Paulo: Metha, 2007
- ANGELIS, R. C. de. **Fome oculta:** bases fisiologicas para reduzir seus riscos atraves da alimentacao saudavel. São Paulo: Atheneo, 2000
- ANGELIS, R. C. de. **Importancia dos alimentos vegetais na protecao da saude:** fisiologia da nutricao protetora e preventiva de enfermidades degenerativas. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2006.
- BORSOI, M. A. **Nutricao e dietetica:** nocões basicas. 9. ed. São Paulo: SENAC, 2001

- BRASIL. Ministério da Saude. **Guia alimentar para a populacao brasileira:** promovendo a alimentacao saudavel. Brasilia: Ministerio da Saude, 2005.
- BRASIL. Ministerio da Saude. **Guia alimentar:** para criancas menores de 2 anos. Brasilia: Ministerio da Saude, 2005
- FRANK, A. A. SOARES, E. de A. **Nutricao no envelhecer.** São Paulo: Atheneu, 2004
- LONGO, E. N; NAVARRO, E. T . **Manual dietoterápico.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002
- TORRES, Elizabeth A. F. S. **Alimentos do milenio:** a importância dos transgênicos, funcionais e fitoterapicos para a saude. São Paulo: Signus, 2002.
- WAITZBERG, D. L. **Dieta, nutricao e cancer.** Sao Paulo: Atheneu, 2006
- FARRET, Jacqueline Faria **Nutricão e doencas cardiovasculares: prevenção primária e secundária.** Sao Paulo: Atheneu, 2005.
- NUNES, M. A. A. et al. **Transtornos alimentares e obesidade.** Porto Alegre: Artmed, 2002

SAÚDE REPRODUTIVA – 2.2.0

EMENTA

Estuda o processo saúde / doença; os programas de saúde; analisa o processo de trabalho, discutindo as vertentes da prática de Enfermagem; identifica e avalia as situações de risco de grupos sociais vulneráveis; identifica e analisa as ações desenvolvidas por enfermeiros em programas de saúde com enfoque na Saúde Reprodutiva da Mulher.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- GALVÃO, L., DÍAZ, J. **Saúde Sexual e Reprodutiva no Brasil**. São Paulo: Editora Hucitec/Population Council, 1999.

- GIFFIN, K., COSTA, S. H. **Questões de Saúde Reprodutiva.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz., 1999
- MENDES, E.V. O Sistema de Serviços de Saúde no Brasil: Situação Atual e Perspectivas. http://www.opas.org.br. Acesso: 2000.
- SAITO,M;SILVA,L. **Adolescência – prevenção e riscos.** São Paulo.Atheneu, 2001.
- NUNES, MR. Glossário. *In:* Nunes MR. Os direitos humanos das mulheres e das meninas: enfoques feministas. Porto Alegre (RS): Assembléia Legislativa, 2002.

COMPLEMENTAR:

- BRASIL, Ministério da Saúde. **Situação e controle das doenças transmissíveis no Brasil.** Brasília: SVS, 2004.

- MÉDICI, André César. **Globalização, doenças transmissíveis e desigualdade mundial. Washington, D.C.** Banco Interamericano de Desenvolvimento: Departamento de desenvolvimento sustentável, 2004.
- LEAL, SMC, LOPES, MJM. A violência como objeto da assistência: o olhar da enfermagem. **Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro 2005;10(2):419- 31.**

ENFERMAGEM NA ASSISTÊNCIA DOMICILIAR – 2.2.0

EMENTA

Saúde na família: atenção primária, secundária e terciária. Multi e Interdisplinaridade. Desafios, questões e tendências da assistência domiciliar: visão atual e do novo século. Assistência de Enfermagem especializada.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- SANTOS, N. C. M. **Home Care:** a Enfermagem no Desafio do Atendimento Domiciliar **São Paulo:** Iátria, 2005
- CIANCIARULLO T. I. et al. **Saúde na família e na Comunidade.** São Paulo: Ed. Robe 2002.
- DIAS E.L.F. et al. **Orientações para cuidadores informais na assistência domiciliar.** São Paulo: Ed.Unicamp, 2002.
- FORTES, M.R.SAMPAIO**. Enfermagem na Promoção dos Cuidados Primários na saúde Pública,** 2. ed. São Paulo:Livraria Everest Editora, 2002.
- LACERDA, M.R. – **Tornando-se profissional no contexto domiciliar** : vivência do cuidado da enfermeira. Florianópolis, 2000. 270f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, UFSC.

COMPLEMENTAR:

- DUARTE, Y.A.D., DIOGA, M.J.D. **Atendimento domiciliar:** um enfoque gerontológico. São Paulo: Atheneu, 2001.
- CRUZ, I.C.F. da, BARROS, S.R.T.P. de. **Atendimento Domiciliar na Ótica do Enfermeiro Especialista.** Apresentado no 3°. Encontro COREN-SP e Sociedades
- DUARTE, Y.A.D., DIOGA, M.J.D. **Atendimento domiciliar:** um enfoque gerontológico. São Paulo: Atheneu, 2001.

ESTOMATERAPIA – 4.0.0

EMENTA

A estomaterapia como especialidade na área de enfermagem. Estomas: classificação, indicações e cuidados. Problemática biopsicosocial e espiritual do cliente

estomizado: colostomia, ileostomias e urostomias. Complicações do estoma e pele periestoma. Processo de cicatrização e tratamento de feridas. Procedimentos, equipamentos e materiais envolvidos no cuidado dos estomas, fístulas e feridas. Programa de atenção à pessoa ostomizada e o SUS. Núcleos de apoio e associações de ostomizados no Piauí, no Brasil e no mundo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- SANTOS, V.L.C.G., CESARETTI, I. U. R. **Assistência em Estomaterapia:** cuidando do ostomizado. São Paulo: Atheneu, 2001.
- CAVALHEIRA, C. **Ainda posso levar uma vida normal?** 2. ed. Rio de Janeiro: News eventos e Promoções, 1999. (ministério da justiça-Secretaria de Estado dos Direitos Humanos)
- SMELTZER, S.C. BARE, B. G. , BRUNNER & SUDDARTH **Tratado de Enfermagem Médico cirúrgica.** 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. Vol 2.
- SONOBE, h. M. BARICHELLO, E., ZAGO, m.M.F. A visão do colostomizado sobre o uso da bolsa de colostomia. **Rev. Bras. Cancerol 2002: 48 (3): 341-8.**

COMPLEMENTAR:

- CESARETTI, I. U. R., MARANHÃO, A. M.S.A. A prática de higiene da ostomia intestinal e pele periestoma no cotidiano da pessoa ostomizada. **Acta Paul enfermagem 1998: 11(1): 56-62.**
- SANTOS, V.L.C.G. Reabilitação do ostomizado: em busca do ser saudável. Texto & Contexto **Enfermagem 1992:1(2):180-90.**
- Revista da ABRASO. Rio de Janeiro: Associação brasileira de Ostomizados.
- Revista ESTIMA. São Paulo: sociedade Brasileira de Estomaterapia (SOBEST)

VIGILÂNCIA A SAÚDE – 2.2.0

EMENTA

O Processo Saúde/Doença. Vigilância em saúde: aspectos político-oganizacional. Programas e ações pertinentes a vigilância em saúde: Doenças crônicas não transmissíveis, PNI, Doenças emergentes ou em situação de persistência ; Doenças de Notificação compulsória e Investigação epidemiológica, Promoção da saúde.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- VERONESI, R. & FOCACCIA, R. **Tratado de Infectologia**. Editora Atheneu, Vol.I Vol. II . 2003
- ROSSETI, M. L.; SILVA, C. M. D & RODRIGUES, J. J. S. **Doenças Infecciosas**. Ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 2006
- GOLDMAN, E.E. et al. **Cecil tratado de medicina interna**. Ed. Elsevier, v.1 e v.2., 2005
- FORATTINI, O. P. **Ecologia, Epidemiologia e Sociedade.** 2. ed. São Paulo: Artes Médicas. [Capítulos 13 a 16]. 2004.
- MEDRONHO, R. A . *et al.* **Epidemiologia.** São Paulo: Ed. Atheneu, 2005.
- PEREIRA, M.G. **Epidemiologia Teoria e Prática.** Rio de Janeiro. Ed. Guanabara-Koogan, 2003.

COMPLEMENTAR

- BRASIL, Ministério da saúde. **Vigilância em saúde no sus:** fortalecendo a capacidade de resposta aos velhos e novos desafios/ministério da saúde, secretaria de vigilância em saúde – brasília: ministério da saúde, 2006, 228P.
- Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Guia de vigilância epidemiológica** / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. – 6. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2005.816 p. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos)

ENFERMAGEM E A SAÚDE DO TRABALHADOR - 3.1.0

EMENTA

Quadro Institucional Relativo à Saúde do Trabalhador. Ações em Saúde do Trabalhador. Informações Básicas para Ação em Saúde do Trabalhador. Instrumentos de Coleta de Informações para a Vigilância em Saúde do Trabalhador.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- NISHIDE, V. M., BENATTI, M. C. C. Riscos ocupacionais entre trabalhadores de enfermagem de uma Unidade de Terapia Intensiva. **Rev. Esc. Enferm. USP,** São Paulo, v. 38, n. 4, p. 406-414, 2004.
- LUCAS, A. J. **Processo de enfermagem do trabalho**. São Paulo: pátria, 2004.

- Abrasco. **Desafios de uma polítca.** Rio de janeiro: Abrasco.1990.
- Fundacentro. Ministério do trabalho. **Equipamentos de proteção individual**. Ed. Revisada. São Paulo: Fundacentro.1993.
- Oddone, I et al. **Ambiente de trabalho**: T Luta dos traballhadores da saúde. São Paulo: Hucitec.1986.
- Torloni, M. (Coord.). **Programa de Proteção respiratória (PPR):** recomendações, seleção e uso de respiradores. Instrução Normativa no. I, de 11 de abril de 1994, São Paulo: Fundacentro, 1994.

COMPLEMENTAR:

- BARBOZA, D.B., SOLER, Z.A. S. G. Afastamentos do trabalho na enfermagem: ocorrências com trabalhadores de um hospital de ensino. **Rev. Latino-Am. Enferm. Ribeirão Preto**, v. 11, n.2, p. 177-183, 2003.
- MARTINEZ, M. C., PARAGUAY, A. I. B. B., LATOBRE, M. R. D. O. Relação entre satisfação com aspectos psicossociais e saúde dos trabalhadores. **Rev. Saúde Pública, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 55-61, 2004.**
- Brasil. Conferência de Saúde On-Line. **Norma Operacional de Saúde do trabalhador no SUS. NOST-SUS.** Brasília: Ministério da Saúde. 2001
- Melo. M. S. **Livro da CIPA: Manual de segurança e saúde no trabalho.** São Paulo: Fundacentro. 1991
- Mendes. R. (Org.) **Patologia do trabalho**:. Rio de janeiro: Atheneu. 1999.
- PONJETTO, G. **Mapa de riscos ambientais: manual prático**. São Paulo: LTR, 2002.
- NISHIDE, V. M., BENATTI, M. C. C. Ocorrência de acidente de trabalho em uma unidade de Terapia Intensiva. **Rev. Latino-Am. Enferm., Ribeirão Preto, v. 12, n.2, p. 204-211, 2004.**

PRÁTICAS DO CUIDADO EM SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA- 2.2.0

EMENTA

Considerações sobre o cuidado em saúde e a qualidade de vida. Biótipos, quatro elementos e cinco elementos. Saúde individual e coletiva; através da fitoterapia, acupuntura, reflexologia, shiatzo(massagem terapêutica), toque terapêutico, meditação e cromoterapia, florais de Bach, geoterapia, aromaterapia, musicoterapia, do-in, radiestesia: clínica e habitacional, cristais, moxabustão, ikebana, alimentação enriquecida e outros.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- NOGUEIRA, L.C.L. **Gerenciando pela qualidade total na saúde**. 3. ed. São Paulo: DG, 2003.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Saúde ambiental e gestão de resíduos de serviços de saúde. Brasília, 2002.
- BACH, Eduard. **A terapia floral**. trad. Silva Branco Sarzana . São Paulo: Ground, 1991
- ALVIM, N. T. **A enfermagem e as práticas naturais de saúde** . Rio de Janeiro , 1997.
- BACH, E . **Os remédios florais do Dr. Bach**. São Paulo:Pensamento , 1991.

COMPLEMENTAR

- BONTEMPO, Marcio. **Medicina natural** . São Paulo : Atheneu, 2000
- **Dicionário de Medicina Natural**. Rio de Janeiro: Digest Livros: 2000.
- FRANÇA, M.M., RAHL, H.J. **Relaxe e viva feliz.** 44. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

ATENÇÃO INTEGRADA ÀS DOENÇAS PREVALENTES NA INFÂNCIA – 2.2.0

EMENTA

Consulta de Enfermagem avaliando a criança doente de 2 meses a 5 anos de idade e a criança de 1 semana a 2 meses de idade. Classificar a doença. Identificar o tratamento. Tratar as doenças. Aconselhar a mãe ou o acompanhante. Atenção à criança de uma semana a 2 meses de idade. Consulta de retomo.O acompanhamento do crescimento e desenvolvimento infantil.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- WHALEY & WONG. **Enfermagem pediátrica**. Rio de Janeiro: Guanabara 1999.
- CLOHERTY, J. P. EICHEHENWALD, E. C., STARK, A.R. **Manual de Neonatologia.** 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- SEGRE, Conceição. **Perinatologia**: fundamentos e prática. São Paulo: SARVIER, 2002.
- MARCONDES, Eduardo **Pediatria Básica**. 9. ed. São Paulo: SARVIER, 2002

COMPLEMENTAR:

- ABEn.PROENF.**Programa de Atualização em Enfermagem: saúde da criança e do adolescente**. Porto Alegre: ARTMED, 2006.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde da Criança e Aleitamento Materno Série A. **Caderneta da Saúde da Criança**. Série A, 3. ed. 2007.
- _____.**Atenção Integrada às Doenças Prevalentes na Infância** módulo de 1 a 8 – Ministério da Saúde. Brasília 2000.
- _____. Secretaria de Políticas de Saúde. **Saúde da Criança: acompanhamento e desenvolvimento infantil**. Cadernos de Atenção Básica- nº 11,Brasília:DF.2002
- _____.**Guia Alimentar para crianças menores de 2 anos**.Brasília:DF.2002 BRASIL, Ministério da Saúde.Guia Alimentar para crianças menores de 2 anos.Brasília:DF.2002
- _____. Fundação Nacional de Saúde. **Manual de Normas de Vacinação.** 3. ed. Brasília.D.F.Coordenação Geral do Programa Nacional de Imunizações. Centro Nacional de Epidemiologia. Fundação Nacional de Saúde/MS, 2001
- _____. Fundação Nacional de Saúde. **Manual de Procedimentos para Vacinação**. 4. ed - revisada, atualizada e ampliada, Brasília – DF, Coordenação Geral do Programa Nacional de Imunizações. Centro Nacional de Epidemiologia. Fundação Nacional de Saúde/MS, 2001
- MELSON,K et al. **Enfermagem materno infantil – plano de cuidados**. Rio de Janeiro: Reihcemann & Affonso Editores,2002

INGLÊS INSTRUMENTAL BÁSICO - 4.0.0

EMENTA:

Treinar as estratégias de leitura skimming, scanning, etc. Exercitar diferentes níveis de compreensão *GENERAL COMPREHENSION, MAIN POINTS COMPREHENSION AND DITAILS.* Desenvolver habilidades mentais, senso crítico a capacidade de aplicação de conteúdo à realidade do aluno.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- SOUSA, M. do S. E. de, SOUSA, C.N.N. de, GONÇALVES, L. R. L. R. et alli. **Inglês Instrumental:** Estratégias de Leitura. Teresina: Editora Halley, 2002.
- GADELHA, Isabel Maria Brasil. **Inglês Instrumental:** Leitura Conscientização e Prática. Teresina: EDUFPI, 2000.
- GADELHA, Isabel Maria Brasil. **Compreendendo a Leitura em Língua Inglesa**. Teresina: EDUFPI, 2007.
  - Textos de linguagem acadêmica. **Fonte de textos**: livros, revistas, periódicos, enciclopédias, etc.

LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) - 2.2.0

EMENTA:

Libras (Língua Brasileira de Sinais) e sua relação com a identidade e a cultura dos surdos. Política de atendimento ao surdo: contribuições para a inclusão social do surdo. Caracteríticas linguísticas da Libras: aspectos gramaticais, semânticos e pragmáticos. Comunicação básica em Libras em ambientes de trabalho da área de saúde.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BRASIL. Decreto 5.626 Dispõe sobre a regulamentação da Lei 10.436 de 2002. **Diário Oficial.** Brasília, 24 abr. 2002. p.23. Retirado de: http://www.planalto. gov.br/ ccivil/leis/L10.436.htm Acesso: 15 mai, 2010.

BRASIL. Lei n. 10.436, de 19 de dez de 2000. **Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.** Retirado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10098.htm Acesso: 15 mai, 2010.

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abr de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial**, Brasília, 24 abr. 2002. p. 23. Retirado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L10436.htm Acesso: 15 mai, 2010.

CAPOVILLA, Fernando C. e RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira**. 1v. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2001.

CAPOVILLA, Fernando C. et al – A escrita visual direta de sinais SignWriting e seu lugar na educação da criança surda. In: CAPOVILLA, Fernando C. e RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da Língua de Sinais Brasileira.** 1v. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2001. p.1491-1496.

CÓDIGO DE ÉTICA, **Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo.** Retirado de: http://www.feneis.com.br/page/index.asp Acesso: 19 jul, 2010.

FERNANDES, Eulália. **Linguagem e Surdez.** Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 59-82.

HOFFMEISTER, Robert J. Famílias, crianças surdas, o mundo dos surdos e os profissionais da audiologia. In: SKLIAR, C. **Atualidades da educação bilíngüe para surdos.** Porto Alegre: Mediações. 1999. 2v. p. 113 - 130.

PERLIN, Gladis T.T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. A. **Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediações. 2005, p.51 – 73.

SOUSA, Eloisia Godinho. **Surdez e significado social**. São Paulo: Cortez, 1982. 96p.

COMPLEMENTAR

GESUELI, Zilda Maria. **A criança surda e o conhecimento construído na interlocução em língua de sinais.** 1998. 152f. Tese (Doutorado)- Universidade de Campinas. Disponível em: http://libdigi.unicamp.br/ document/?code=vtls000183505. Acesso em: 03 set, 2008.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. 370p.

QUADROS, Ronice Müller. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa.** Brasília: MEC ; SEESP, 2004. 94 p.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e Linguagem***:* aspectos e implicações neurolingüísticas. São Paulo: Plexus, 2007.

VIGOSTSKI, Lev. Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, tradução José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche, 1998.

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, GÊNERO E DIVERSIDADE - 3.1.0

EMENTA:

Educação e Diversidade Cultural. O racismo, o preconceito e a discriminação racial e suas manifestações na sociedade. As diretrizes curriculares para a educação das relações étnico-raciais. Diferenças de gênero e Diversidade no espaço sócio-profissional.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ABRAMOVAY, Miriam; GARCIA, Mary Castro (Coord.). **Relações raciais na escola**: reprodução de desigualdades em nome da igualdade. Brasília-DF: UNESCO; INEP; Observatório de Violências nas Escolas, 2006. 370 p.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília-DF: Ministério da

Educação e do Desporto (MEC), 1996.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília-DF, 1997.

_____. Ministério da Justiça. **Relatório do Comitê Nacional para preparação da participação brasileira na III Conferência Mundial das Nações Unidas contra o racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata**. Durban, 31 ago./7 set. 2001.

_____. Lei n.º 10.639 de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003.

_____. Ministério da Educação. SEPPIR. INEP. **Diretrizes Curriculares para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura afro-brasileira e africana**. Brasília-DF, 2004.

_____. Ministério da Educação / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade Ministério da Educação. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

_____. Lei n.º **11.645/2008** de 10 de março de 2008. **Diário Oficial da União**, Brasília, 11 mar. 2008.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho; TRINDADE, Azoilda Loretto da (Orgs.). Ensino Fundamental. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

COMPLEMENTAR:

AQUINO, J. G. (Org.). **Diferenças e preconceitos na escola**: alternativas teóricas e práticas. 2ª edição. São Paulo: Summus. 1998.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Trad.: Ávila, Myriam e outros. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2001.

MEYER, D. E. Alguns são mais iguais que os outros: Etnia, raça e nação em ação no currículo escolar. In: **A escola cidadã no contexto da globalização**. 4. ed. Organizador: Silva, Luiz Heron da. São Paulo: Vozes. 2000.

PERRRENOUD, P. A. **Pedagogia na escola das diferenças**: fragmentos de uma sociologia do fracasso. 2. ed. Trad.: Schilling, Cláudia. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SANTOS, I. A. **"A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial". In: CAVALLEIRO, E. (org.).** Racismo e anti-racismo. Repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001. pp.97-114.

GRUPO COMO DISPOSITIVO DE TRABALHO NA ENFERMAGEM –
EMENTA

A disciplina de Grupo como dispositivo de trabalho na enfermagem vem proporcionar instrumentos que possibilitem ampliar/qualificar o trabalho de enfermagem, uma vez que a maioria das ações humanas ocorre em grupo. O trabalhador em enfermagem situa-se em ambientes em que as atividades grupais são regras, por isso, a disciplina propõe-se a oportunizar embasamento para a prática do trabalho em grupo nos contextos de atuação do enfermeiro.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- KAPLAN, H.I.; SADOCK, B.J. e GREBB, J.A. **Compêndio de Psiquiatria**. Artes Médicas. Porto Alegre, 2007.
- STUART, G.W. **Enfermagem Psiquiátrica princípios e práticas**. Artmed. 2001.
- TOWNSEND, M. C. **Enfermagem Psiquiátrica: Conceitos de cuidados**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2002.
- ZIMERMAN, D.E. **Fundamentos Básicos das Grupoterapias**. Porto Alegre: Artmed. 2000.
- FRITZEN, S.J. **Exercícios práticos de dinâmica de grupo** vol. II. 32. edição. Petrópolis: Editora. 2001.

COMPLEMENTAR:

FERNANDES, M. de F.P. Postura ética e a interação grupal. **Nursing.**, maio, pg. 20-23, 2001.
FRIEDMAN, A. **Dinâmicas criativas: um caminho para a transformação de grupos** (2. ed.), Petrópolis, Vozes, 2004.
GAYOTTO, M.L.C.; DOMINGUES, I. **Liderança aprenda a mudar em grupo**. Rio de Janeiro. Vozes, 1995.
GOFFMAN, E. **Ritual de Interação:** ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
KAES, R. **O grupo e o sujeito do grupo.** São Paulo. Ed. Casa do Psicólogo, 1998.
LIEBMAN, H. **Exercícios de arte para grupos:** um manual de temas, jogos e exercícios. São Paulo: Summus, 2000.
CORDIOLI, A. V. **Psicoterapias:** abordagens atuais – 3. ed. Porto Alegre: Artmed.02008.
MILITÃO, R.; MILITÃO, A. **Jogos, dinâmicas & vivência grupais** – 7. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark Editora. 2005.

POLÍTICA NACIONAL E ATENÇÃO INTEGRAL EM SAÚDE MENTAL

EMENTA

Na disciplina pretende-se aprofundar os estudos sobre a construção de instrumentos/saberes incorporados pelos serviços e pelo ensino no contexto da reforma psiquiátrica brasileira, Através de um resgate das diferentes tradições teóricas e históricas das reformas em saúde mental, destacando de que maneira tiveram influência no

processo brasileira. Explora e discute os principais conceitos que orientam as práticas reformistas no Brasil, apresentando e mostrando as semelhanças e diferenças entre as principais experiências reformistas no cenário brasileiro, destacando o processo piauiense. Põem em evidência os principais programas que alavancaram processos de mudança na saúde mental do país. Estabelecendo relação entre os marcos legislativos e a construição da rede de serviços assistenciais de saúde mental. Discutir a realidade atual e local dos dispositivos de saúde mental em conformidade com pressupostos do SUS.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

AMARANTE, P. **O homem e a serpente:** outras histórias para a loucura e a psiquiatria. Rio de Janeiro: Fiocruz.
AMARANTE, P. **Loucos pela vida:** a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil. Rio de Janeiro: SDE/ENSP, 1995.
SOUZA, J. ; KANTORSKI, Luciane Prado; PINHO, Leandro Barbosa. Reforma psiquiátrica, movimento antimanicomial e o modelo de reabilitação psicossocial - conversando sobre liberdade e cidadania. **Revista de enfermagem UFPE on line**, v. 3, p. 330-336, 2009.
BRASIL. Ministerio da Saúde. Saúde mental em dados. **IV Conferencia Nacional de Saúde Mental Intersetorial.** Ano V. n 7, junho 2010. Brasília, 2010.

COMPLEMENTAR:

- HIRDES, A **Reabilitação psicossocial:** dimensões teórico-praticas do processo. Erechim: EDIFAPES, 2001
- FIGUEIREDO, A C; CAVALCANTI, M.T (Org) **A reforma psiquiátrica e os desafios da desinstitucionalização.** Rio de Janeiro: IPUB, 2001.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual do Programa "De Volta Para Casa". 2003.** Disponível em: < http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/Manual>
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde mental no SUS:** os centros de atenção psicossocial. 2004. Disponível em:< http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/Manual>
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Cartilha Residências terapêuticas:** o que são, para que servem. 2004. Disponível em: < http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/Manual>
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Lei 10216** / 2001. Disponível em: < http://portal.saude.gov.br>
- ROTELLI, F. et al. **Desinstitucionalização.** São Paulo: Hucitec, 1990.
- SARACENO, B. **Libertando identidades:** da reabilitação psicossocial à cidadania possível. Rio de Janeiro: Instituto Franco Basaglia/Te Corá, 1999.
- WETZEL, C. ; KANTORSKI, L.P; SOUZA, J. . Centro de Atenção Psicossocial: trajetória, organização e funcionamento. **Revista Enfermagem (UERJ),** v. 16, p. 39-45, 2008

- CAMPOS, I. O. ; SAEKI, T. Programas de desinstitucioanlziação: estratégias das políticas de saúde mental. **Saúde em Debate**, v. 33, n. 83, p. 474-483, 2009.
- ALVES, V.S.. Modelos de atenção à saúde de usuários de álcool e outras drogas: discursos políticos, saberes e práticas. **Cadernos Saúde Pública**, v.25, n.11, p.2309-2319, 2009.

TÓPICO SOBRE INTERPROFISSIONALIDADE

EMENTA

Educação interprofissional e suas bases conceituais e metodológicas. Trabalho em equipe e colaboração interprofissional em saúde. SUS, interprofissionalidade e práticas colaborativas. Corpo, cuidado e necessidades de saúde na ótica de diferentes profissões. Legislação sobre direitos dos usuários e o trabalho em equipe interprofissional. Determinantes sociais do processo saúde-doença. Vigilância em saúde e interprofissionalidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BARATA. R. B. Como e por que as desigualdades sociais fazem mal à saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

COSTA, Marcelo V. A educação interprofissional no contexto brasileiro: algumas reflexões. REVISTA INTERFACE. p. 197-8, 2016.

_____. A educação interprofissional e o processo de formação em saúde no Brasil: pensando possibilidades para o futuro. In: SOUSA, R. M. P.; COSTA, P. C. (Orgs.). Nova Formação em Saúde Pública: Aprendizado coletivo e lições compartilhados na RedEscola. Rio de Janeiro: Fiocruz, ENSP, RedEscola, p. 45- 61, 2019.

COSTA et al. Interprofissionalidade em saúde: experiência da interface Programa Saúde na Escola e Núcleo Ampliado de Saúde da Família sob a perspectiva do Pet Saúde. BJSCR. v.30, n.2, mar – mai 2020. p. 11-15.

PEDUZZI, M. O SUS é interprofissional. Interface (Botucatu), v. 20, n. 56, p. 199- 201, 2016.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil.Brasília – DF: Senado Federa.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Resolução no 287, de 08 de outubro de 1998.

FRENK, J. et al. Health professionals for a new century: transforming education to strengthen health systems in an interdependent world. Lancet., v. 376, n. 9756, p. 1923- 58, 2010.

PAULA, K. A.; PALHA, P. F.; PROTTI, S. T. Intersetorialidade: uma vivência prática ou um desafio a ser conquistado? O Discurso do Sujeito Coletivo dos enfermeiros nos núcleos de Saúde da Família do Distrito Oeste - Ribeirão Preto. Interface (Botucatu)., v. 8, n. 15, p. 331-48, 2004.

Reeves S, Fletcher S, Barr H, Birch I, Boet S, Davies N, et al. A BEME systematic review of the effects of interprofessional education: BEME Guide No 39. Med Teach. 2016; 38(7):656-68. doi: 10.3109/0142159X.2016.1173663.

10. METODOLOGIA

O curso de Enfermagem está estruturado em quatro áreas: Ciências Biológicas e de Saúde, Ciências Sociais e da Enfermagem: Fundamentos da Enfermagem, Assistência em Enfermagem, Administração em Enfermagem e Ensino de Enfermagem.

Os conteúdos das disciplinas teóricas das diversas áreas serão desenvolvidos através de aulas expositivas, seminários, discussões em grupos, estudos dirigidos, ensaios monográficos, analise de filmes debates e dinâmicas de grupo. As disciplinas teórico práticas serão desenvolvidas através de demonstrações pelo professor e posterior prática do discente, bem como estudo de casos clínicos.

Os Estágios Curriculares I e II serão desenvolvidos nos dois últimos períodos do curso e obedecerão regulamentação contida na Resolução Nº 047/91 - CEPEX e na Portaria Nº 1721/94 que norteia esta estruturação curricular.

Nos Estágios I e II, os alunos deverão atuar em campos onde desenvolverão Assistência Integral de Enfermagem em situações Clínicas, Cirúrgicas, Psiquiátricas, Pediátricas, Gineco-Obstétricas e Saúde Coletiva.

A monografia será tarefa obrigatória para conclusão do curso e para realizá-la o aluno deverá cursar as disciplinas Seminário de Pesquisa I e II onde serão fornecidas orientações pertinentes pelo professor orientador e será avaliado por banca examinadora composta por docentes e/ou convidados de outras IES e de serviços com a titulação mínima de mestre.

11. AVALIAÇÃO

11.1 AVALIAÇÃO DO CURRÍCULO

O Currículo do Curso de Enfermagem será acompanhado e avaliado durante sua execução (avaliação em processo) e após a conclusão da primeira turma (avaliação do produto).

A avaliação em processo será realizada através da aplicação de questionários específicos a professores e alunos, no final de cada semestre no ato da matricula, os quais serão analisados e discutidos em Seminários anuais.

A avaliação do produto será realizada através de questionários aos egressos, atuantes ou não no mercado de trabalho, como também aos representantes institucionais diretamente ligados ao profissional a cada cinco anos.

11. 2. AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

11.2.1 ENSINO TEÓRICO, TEÓRICO-PRÁTICO E ESTÁGIO SUPERVISIONADO.

A avaliação discente será realizada em conformidade com a Resolução 043/95 do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão.

Entretanto este processo será contínuo e progressivo, oferecendo oportunidade ao aluno de auto avaliação, abrangendo as áreas cognitivas, afetivas e psicomotora, cujos aspectos a serem considerados são:

Área cognitiva: aspectos relacionados com capacidades, habilidades intelectuais, conhecimento dos conteúdos bem como domínio de informações;

Área afetiva: atitudes, valores e ajustamento ao ambiente onde se presta assistência de Enfermagem;

Área psicomotora: habilidades motoras para a execução das atividades técnico-profissionais.

Haverá pelo menos uma avaliação escrita em cada disciplina no bimestre, podendo ser considerados os demais trabalhos escolares de aplicação, numa escala de 0 (zero) a 10 (dez) permitindo a fração de décimos por meio de aproveitamento contínuo do aluno e dos resultados obtidos por ele nas provas, trabalhos, exercícios, atividades complementares, ensino clínico e estágios curriculares.

O aluno será considerado aprovado nas disciplinas que obtiver Média de Curso (MF) igual ou superior a 7,0 (sete inteiros) e freqüência igual ou superior a 75 % (setenta e cinco). Se obtiver faltas acima de 25 % (vinte e cinco) de freqüência ou média inferior a 4,0 (quatro inteiros) será considerado reprovado na disciplina. Caso obtenha média inferior a 7,0 (sete inteiros) e superior a 4,0 (quatro inteiros) o acadêmico poderá realizar Prova Final (PF) visando lograr sua aprovação.

Para aprovação na Prova Final o aluno deverá obter Média Final da Disciplina (MFD) igual a 6,0 (seis inteiros) através da seguinte fórmula:

$$MFD = \frac{MF + PF}{2} = 6,0$$

Aos acadêmicos que estiverem ausentes durante as avaliações ou ausentes das aulas, dentro do que preconiza o Decreto Lei n.º 1.044 / 69 e da Lei 6.202 / 75 (portadores de doenças infecto-contagiosas, gravidez de risco, licença maternidade e exercício de guerra ou em caso de morte de mãe, pai, avô, avó, filho, filha, irmão e irmã) terão tratamento acadêmico diferenciado, de acordo com a legislação vigente.

11. 3. AVALIAÇÃO E ACOMPANHAMENTO DO DESEMPENHO DO CURSO DE ENFERMAGEM

A avaliação do curso de enfermagem visa contribuir para a melhoria do curso nos níveis acadêmico e administrativo. Ela tem como finalidade básica o autoconhecimento e a tomada de decisões na perspectiva de desenvolver uma educação superior com qualidade.

A avaliação do curso de enfermagem é entendida prioritariamente como um ponto de partida para os ajustes necessários no curso. Ela é um "organizador" das idéias sobre os problemas do ensino superior de enfermagem. Por outro lado, ela sedimenta uma cultura de avaliação diagnóstica, onde são identificados os erros e os acertos com o objetivo de correção e melhoria.

A trajetória de auto-avaliação do curso de enfermagem será construída de modo a ajustar-se a um modelo de resultados concretos que monitore os indicadores institucionais da qualidade dos serviços educacionais que prestará a sociedade onde se insere, por meio de um processo participativo que será construído coletivamente tendo como principal foco o aperfeiçoamento de sua ação educativa.

Como forma de garantir ensino de excelência e sua inserção qualificada na região, o curso de enfermagem desenvolverá suas atividades em sintonia com rigoroso processo de auto-avaliação institucional, concretizado mediante ações administrativas internas e externas e ligado ao processo de avaliação institucional da UFPI.

Para isso, propõe-se, neste sentido, repensar a realidade institucional num processo sistêmico e participativo desencadeado internamente, que permita examinar

criticamente suas estruturas, suas atividades de ensino, de pesquisa e de extensão, bem como seu modelo de gestão institucional, com vistas a identificar, compreender e equacionar alternativas para seu aperfeiçoamento acadêmico.

Este processo visa a aperfeiçoar e a transformar a realidade institucional frente ao paradigma da qualidade acadêmica e de sua ação educativa, e para tanto foram estabelecidos os seguintes objetivos:

▶GERAL

Acompanhar e aperfeiçoar o Projeto Político Pedagógico, promovendo a permanente melhoria e pertinência das atividades relacionadas a ensino, pesquisa, extensão e gestão.

▶ESPECÍFICOS

Refletir sobre a Instituição na sua globalidade, identificando caminhos para a melhoria do processo educativo;

Promover a auto-avaliação do curso com a participação de todos os atores envolvidos;

Revisar a matriz curricular do curso os programas, as ementas das disciplinas e sua bibliografia, com o propósito de aperfeiçoá-los e adequá-los às diretrizes emanadas do Conselho Nacional de Educação;

Avaliar o desempenho docente como forma de aperfeiçoar as ações pedagógicas;

Rever periodicamente a definição do perfil dos egressos do curso, para adaptá-lo às exigências do mercado de trabalho, à evolução do processo educacional e às determinações do MEC;

Aprimorar o sistema de avaliação do rendimento escolar;

Avaliar a inserção dos egressos do curso no mercado de trabalho;

Rever periodicamente os cursos de educação permanente que promoverá para atender as necessidades regionais;

Avaliar o desempenho da gestão acadêmica e da gestão administrativa do curso.

A avaliação do processo ensino-aprendizagem do curso de enfermagem da UFPI considera os seguintes princípios:

Formação humanística, técnico-científica e prática;

Senso ético-profissional, associado à responsabilidade social e busca constante da libertação do homem e do aprimoramento da sociedade;

Capacidade de apreensão, transmissão crítica e produção criativa, aliada ao raciocínio lógico e à consciência da necessidade de permanente atualização, não só técnica, mas como processo de educação ao longo da vida;

Visão atualizada de mundo e, em particular, consciência solidária dos problemas de seu tempo e de seu espaço.

12. ACOMPANHAMENTO DA VIDA ACADÊMICA NO CURSO DE ENFERMAGEM

12. 1. COORDENAÇÃO E O COLEGIADO DO CURSO DE ENFERMAGEM

O Colegiado e a Coordenação do Curso tem a função de coordenar didaticamente o curso de Bacharelado em Enfermagem, estabelecendo o perfil do profissional; elaborando, analisando e avaliando o currículo do curso; promovendo a integração com os Departamentos envolvidos com o curso; além de emitir parecer sobre processos de avaliação de diplomas expedidos para estabelecimentos de ensino estrangeiros.

O Coordenador do Curso é eleito pela comunidade (alunos servidores e professores do Departamento de Enfermagem) e responde pela presidência do Colegiado.

Na secretaria da coordenação do Curso o aluno receberá orientação quando:

. Prazo para integralização curricular;

. Matricula e seus ajustes;

. Processo de colação de grau;

. Trancamento de matrícula;

. Freqüência e aproveitamento das disciplinas;

. Solicitações de transferência, entre outras.

Todas estas informações estão regulamentadas através de Resolução do CEPEX.

13. TERMOS ACADÊMICOS:

Ajuste de matrícula: período em que o aluno pode cancelar ou pedir disciplinas que foram definidas ou não no período de matricula inicial. Estas datas estão aprazadas no Calendário Escolar que é proposto pelo DAA e elaborado anualmente pelo CEPEX.

Cancelamento de matrícula em disciplina: ê uma solicitação feita pelo aluno, no próprio sistema de matrícula, desde que obedecido o n° mínimo de carga horária semestral permitida pelo curso, este tipo de reajuste não constara no histórico escolar.

Trancamento de disciplina: ê uma solicitação feita pelo aluno, no próprio sistema de matrícula, desde que obedecido o n° mínimo de carga horária semestral permitida pelo curso, este tipo de reajuste constara no histórico escolar.

Índice de aproveitamento acadêmico: é a media semestral do aproveitamento do aluno no decorrer de toda o curso.

Trancamento de matrícula: é uma maneira do aluno afastar-se temporariamente do curso sem perder sua vaga na UFPI. Deve ser feito na Diretoria de Assuntos acadêmicos – DAA no inicio do período letivo. O trancamento pode ser feito até no máximo quatro semestres consecutivos ou não.

Proposta de matrícula: comprovante da proposta feita pelo discente no ato da matrícula no sistema acadêmico.

Confirmação de matricula: é o documento que informa o resultado da matrícula. Constando o código de cada disciplina matriculada, bem como o horário e local das aulas;

Freqüência: a freqüência em 75% das horas/aula é obrigatória para que o aluno não seja prejudicado com uma reprovação por FI (freqüência insuficiente)

Integralização Curricular: O curso tem um prazo máximo para integralização curricular, que são 14 semestres. O aluno que não cumprir esse prazo perde automaticamente a vaga na UFPI. Existe ainda a possibilidade de solicitar prorrogação de prazo desde que devidamente justificado através de documentação que será analisada pelo Colegiado de Curso.

Medalha e Diploma de Mérito Estudantil - é uma Láurea Universitária concedida ao melhor aluno da turma cujo índice seja o mais alto ou superior a oito (8), e que não tenha sofrido nenhuma reprovação durante todo o curso.

Plano de ensino - é um documento entregue ao aluno no 1º. dia de aula onde constam os objetivos, ementa, conteúdo programático, cronograma, forma de avaliação e bibliografia da disciplina. O plano de ensino pode variar a cada semestre desde que sejam mantidos os requisitos estabelecidos no Projeto Político Pedagógico do Curso caso contrário precisa sofrer apreciação e aprovação do Colegiado do Curso

Pré-requisito - é a disciplina que precisa ser cursada antes em função da necessidade de conhecimento prévio para a nova aprendizagem. Consta no currículo do curso e deve ser seguido rigorosamente pelo aluno ao executar seu plano de matrícula.

14. O CENTRO ACADÊMICO DE ENFERMAGEM – CAEnf

O CAEnf é um espaço destinado aos acadêmicos do curso servindo como lugar de interação, discussão e gerador de idéias criticas. É uma entidade civil sem fins lucrativos que defende os direitos e interesses dos acadêmicos. Preocupa-se com a qualidade e o formação dos futuros profissionais, onde a aprendizagem não se dá apenas em sala de aula. Promovendo a interação dos mesmos com a comunidade e movimentos sociais, conhecendo sua realidade e interferindo nela.

É importante a existência do C.A. Só pode ter voz uma sociedade organizada com metas bem estabelecidas e uma base sólida. Portanto, é de suma relevância a participação de todos neste empreendimento cujo objetivo é o bem comum. É aqui na universidade que consolidamos nossa cidadania. Nesse contexto, o C.A é o melhor laboratório para a formação de pessoas conscientes e criticas frente aos problemas e desafios da humanidade.

15. LEGISLAÇÃO CONSULTADA

Este Projeto está pautado nas seguintes Legislações da Política Nacional de Educação: Lei n.º 9.394 / 96 (Diretrizes e Bases da Educação Nacional); Resolução n.º 03 / 01 (Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem); Portaria n.º 1.721 / 94 (dispõe sobre a carga horária mínima: 3.500 hora / aula). Da Legislação do exercício da Enfermagem: Lei n.º 7.498 / 86; Decreto n.º 94.406 / 87 e Lei n.º 8.967 / 94. Além da atual Política Nacional de Saúde: Lei n.º 8.080 / 90; Lei n.º 8.142 / 90; NOB / 96; NOAS 01 / 02 e a Constituição Federativa Brasileira / 88 em seu capítulo Seguridade Social na seção Saúde

16 - CORPO DOCENTE ESPECÍFICO DO CURSO DE ENFERMAGEM

Nº	NOME DO DOCENTE	TITULAÇÃO	SITUAÇÃO NO CURSO (marque com um x)			DISCIPLINA(S) QUE MINISTRA	REGIME DE TRABALHO
			Específico*	Colaborador **	Substituto ***		
01	ANA MARIA RIBEIRO DOS SANTOS	Mestre/ Doutoranda	x			FUNDAMENTAÇÃO BÁSICA EM ENFERMAGEM I SEMINÁRIO DE PESQUISA I	TI-40
02	BENEVINA Mª VILAR TEIXEIRA NUNES	Doutora	x			HISTÓRIA DA ENFERMAGEM ESTÁGIO CURRICULAR II BIOÉTICA, ÉTICA E LEGISLAÇÃO PARA ENFERMAGEM	TP-20
03	CLAUDETE FERREIRA DE SOUSA MONTEIRO	Doutora	x			INTRODUÇÃO A PESQUISA E TÉCNICAS DE COMUNICAÇÃO EM SAÚDE PSICOLOGIA APLICADA A ENFERMAGEM	TI-40
04	ELAINE CRISTINA C. MOURA	Mestre/ Doutoranda	x			ENFERMAGEM EM SAÚDE MENTAL ADMINISTRAÇÃO EM ENFERMAGEM ESTÁGIO CURRICULAR I	DE
05	FERNANDA VALÉRIA SILVA DANTAS AVELINO	Doutora	x			SEMIOLOGIA E SEMIOTÉCNICA PARA ENFERMAGEM ENFERMAGEM NAS CIRURGIAS E EMERGÊNCIAS METODOLOGIA DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM ESTÁGIO CURRICULAR II	DE
06	FERNANDA Mª DE JESUS PIRES DE MOURA	Mestre/ Doutoranda	x			SAÚDE DA MULHER ESTÁGIO CURRICULAR I	DE
07	FRANCINETE PAULA SILVA DANTAS AVELINO	Mestre	x			METODOLOGIA DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM INTRODUÇÃO AO CURSO DE ENFERMAGEM ATENDIMENTO DE URGÊNCIA	DE
08	GLÁUCIA ANTONIA VIANA DE AZEVEDO	Mestre	x			ENFERMAGEM. NA ATENÇÃO PRIMÁRIA DE SAÚDE SAÚDE PÚBLICA	DE
09	GRAZIELLE ROBERTA FREITAS DA SILVA	Doutora	x			FUNDAMENTAÇÃO BÁSICA EM ENFERMAGEM I	DE

						SEMIOLOGIA E SEMIOTÉCNICA PARA ENFERMAGEM ESTÁGIO CURRICULAR I	
10	INEZ SAMPAIO NERY	Doutora	x			SAÚDE DA MULHER ESTÁGIO CURRICULAR I	DE
11	LÍDYA TOLSTENKO NOGUEIRA	Doutora	x			ADMINISTRAÇÃO EM ENFERMAGEM SEMINÁRIO DE PESQUISA I	DE
12	LÚCIA HELENA RIOS BARBOSA DE ALMEIDA	Mestre	x			FUND. BASICA EM ENFERMAGEM I E II ESTÁGIO CURRICULAR II	DE
13	LUCIMAR R. R. GONÇALVES	Mestre	x			METODOLOGIA DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM SAÚDE DA MULHER ESTÁGIO CURRICULAR I	DE
14	MÁRCIA ASTRÊS FERNANDES	Mestre/ Doutoranda	x			PSICOLOGIA APLICADA A ENFERMAGEM ENFERMAGEM EM SAÚDE MENTAL ENFERMAGEM E A SAÚDE DO TRABALHADOR	TI-40
15	MÁRCIA TELES DE OLIVEIRA GOUVEIA	Mestre/ Doutoranda	x			SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE ESTÁGIO CURRICULAR I	DE
16	MARIA DO LIVRAMENTO FORTES FIGUEIREDO	Doutora	x			SAÚDE AMBIENTAL SAÚDE DO ADULTO E IDOSO I	DE
17	MARIA ELIETE BATISTA MOURA	Doutora	x			INTRODUÇÃO A PESQUISA E TECNOLOGIAS DE COMUNICAÇÃO EM SAÚDE SEMINÁRIO DE PESQUISA II	TI-40
18	MARIA HELENA BARROS ARAUJO LUZ	Doutora	x			SAÚDE DO ADULTO E IDOSO II ESTAGIO CURRICULAR II	DE
19	MARIA ZÉLIA DE ARAUJO MADEIRA	Mestre/ Doutoranda	x			ENFERMAGEM NAS CIRURGIAS E EMERGÊNCIAS ESTÁGIO CURRICULAR I	TP-20
20	ROSANA DOS SANTOS COSTA	Mestre/ Doutoranda	x			SAUDE DA CRIANÇA AIDIPI ESTÁGIO CURRICULAR I	DE
21	SILVANA SANTIAGO DA ROCHA	Doutora	x			SAUDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE ATENÇÃO INTEGRAL AS DOENÇAS	TI-40

						PREVENÍVEIS NA INFANCIA ESTÁGIO CURRICULAR II	
22	TELMA Mª E. DE ARAÚJO	Doutora	x			EPIDEMIOLOGIA ENFERMAGEM NA ATENÇÃO AS ENFERMIDADES INFECCIOSAS E PARASITÁRIAS	TI-40
23	ELAINE MARIA L. RANGEL ANDRADE	Doutora	x			SAUDE DO ADULTO E DO IDOSO I SAUDE DO ADULTO E DO IDOSO II ESTÁGIO CURRICULAR I	DE
24	CHRYSTIANY PLÁCIDO DE BRITO VIEIRA	Mestre	x			SEMIOLOGIA FUNDAMENTAÇÃO BÁSICA DE ENFERMAGEM I ENFERMAGEM NA ATENÇÃO AS ENFERMIDADES INFECCIOSAS E PARASITÁRIAS ESTÁGIO CURRICULAR I	DE
25	ODINÉA MARIA AMORIM BATISTA	Mestre	x			FUNDAMENTAÇÃO BÁSICA DE ENFERMAGEM II ENFERMAGEM NAS CIRURGIAS E EMERGÊNCIAS xESTAGIO CURRICULAR I	DE
26	OLIVIA DIAS DE ARAÚJO	Mestre	x			ESTÁGIO CURRICULAR I SAUDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE	DE
27	ADRIANA DA CUNHA MENESES PARENTE	Mestre	x			SAUDE DA MULHER ESTÁGIO CURRICULAR II ENFERMAGEM EM SAÚDE MENTAL	DE
28	ELISIANE GOMES BONFIM	Mestre /Doutoranda	x			SAÚDE PÚBLICA ADMINISTRAÇÃO EM ENFERMAGEM ESTÁGIO CURRICULAR I	DE
29	ANDRÉIA RODRIGUES MOURA DA COSTA VALLE	Mestre	x			SAÚDE PÚBLICA	DE

Nota: * Lotado na Chefia do Curso;
** Lotado em outros Cursos, mas ministra disciplina(s) neste Curso;
*** Contrato temporário (não efetivo).
[1] Integral, Horista ou Parcial

17. CORPO DOCENTE DE DISCIPLINAS BÁSICAS

Nº	NOME DO DOCENTE	TITULAÇÃO	SITUAÇÃO NO CURSO (marque com um x)			DISCIPLINA(S) QUE MINISTRA	REGIME DE TRABALHO
			Específico*	Colaborador **	Substituto ***		
01	ANTONIO FRANCISCO MACHADO PEREIRA	Mestre	x			SAÚDE DO ADULTO I SAÚDE DO ADULTO II	DE
02	JOAO BATISTA MENDES TELES	Especialista		X		BIOESTATÍSTICA	TI-40
03	NOELIA MARIA DE SOUSA LEAL	Mestre		X		ANATOMIA GERAL	TI-40
04	CARLA MARIA DE CARVALHO LEITE	Mestre		X		ANATOMIA GERAL	TI-40
05	MARIA IVONE MENDES BENIGNO	Mestre/ doutoranda		X		ANATOMIA GERAL	TP-20
06	GUSTAVO WILSON DE SOUSA MELLO	Mestre			X	HISTOLOGIA E EMBRIOLOGIA PARA ENFERMAGEM	TP-20
07	LUDMILA TOLSTENKO NOGUEIRA	Mestre		X		HISTOLOGIA E EMBRIOLOGIA PARA ENFERMAGEM	DE
08	INGRID MADEIRA DE BARROS NUNES	Mestre		X	X	HISTOLOGIA E EMBRIOLOGIA PARA ENFERMAGEM	TP-20
09	FRANCISCO DE OLIVEIRA BARROS JUNIOR	Doutor		X		TÓPICOS EM SOCIOLOGIA DA SAÚDE	DE
10	MARIA DAS GRAÇAS CASTELO BRANCO SOARES	Mestre		X		BIOQUÍMICA PARA ENFERMAGEM	DE
11	JOSE RICARDO BARBOSA DIAS	Doutor		X		ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA	DE
12	MARIA DO ROSARIO CONCEICAO MOURA NUNES	Doutor		X		MICROBIOLOGIA E IMUNOLOGIA PARA ENFERMAGEM	TI-40

13	FRANCISCO ITAMAR ALVES FILHO	Mestre		X		PARASITOLOGIA	DE
14	MARIA DO CARMO SOUZA	Mestre		X		PARASITOLOGIA	DE
15	JARBAS BARBOSA DE SIQUEIRA FILHO	Especialista		X		PARASITOLOGIA	TI-40
16	LIS CARDOSO MARINHO MEDEIROS	Doutor		X		BIOFÍSICA PARA ENFERMAGEM	DE
17	ERICO MENESES LEAO	Mestre		X		MICROINFORMÁTICA	DE
18	JOAO BOSCO PARENTES VIEIRA	Mestre		X		PATOLOGIA PROCESSOS GERAIS PARA ENFERMAGEM	TI-40
19	LINA GOMES DOS SANTOS	Doutor		X		PATOLOGIA PROCESSOS GERAIS PARA ENFERMAGEM	TI-40
20	ACACIO SALVADOR VERAS E SILVA	Doutor		X		FISIOLOGIA PARA ENFERMAGEM	DE
21	JOSE ROSINO DE ARAUJO ROCHA REIS	Graduado		X		FARMACOLOGIA PARA ENFERMAGEM	TI-40
22	MARIA ELISABETE EVARISTO DE PAIVA	Mestre		X		DIDÁTICA APLICADA A ENFERMAGEM	DE

Nota: * Lotado na Chefia do Curso;
** Lotado em outros Cursos, mas ministra disciplina(s) neste Curso;
*** Contrato temporário (não efetivo).
[1] Integral, Horista ou Parcial

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

- ALMEIDA, M. D. (Org.) e col. **Projeto Político-Pedagógico**, 2ª. Ed. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2004.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. **Indicadores demográficos, 2004.** BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Caderno de informações de saúde, 2004.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. **Promoção da saúde: Carta de Ottawa. Declaração de Adelaide. Declaração de Sundsvall. Declaração de Bogotá.** Brasília: MS. 1996.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução Nº.3, de 7 de novembro de 2001 - Diretrizes curriculares nacionais do Curso de Graduação em enfermagem**, 2001.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura (MEC). **Portaria Nº. 1.721 de 15 de dezembro de 1994.**
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura (MEC). **Lei Nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996.**
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura (MEC). **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996.**
- BUSS. P. M. **Promoção da saúde e a saúde pública.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ. 1998.
- BUSS. P. M. **Promoção da saúde e qualidade de vida.** Rev Ciência e Saúde Coletiva. Rio de Janeiro. v.5. n.!. p.163-177.2000.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa.** Campinas-SP: Autores Associados, 1996.
- ETGES. Norberto J. Ciência, Interdisciplinaridade e educação. In.: **JANTSCH. A. P.: BIANCHETTI. L.** Interdisciplinaridade- para além da filosofia do sujelto. 5ª ed. Petrópolis: Vozes. 2000.
- FERRAZ. S. T. **Evolução conceitual de promoção da Saúde: viagem entre dois paradigmas.** Brasília: OPS. 1993
- FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder.** 13ª.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa.** 28ª.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura).
- FRIGOTTO. Gaudêncio. A Interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. In.: **JANTSCH. A. P.: BIANCHETII. L.** Interdisciplinaridade para além da filosofia do sujeito. 5ª ed. Petrópolis: Vozes. 2000.
- GANDIN. Danilo. **A prática do planejamento participativo.** 6ª ed.. Petrópolis: Vozes. 1994.
- GERMANO, Raimunda M. **Educação e ideologia da Enfermagem no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1985
- IBGE. **Dados estatísticos**, 2001.
- MENDES. E. V. **Uma agenda para a saúde.** 2ª. ed.. São Paulo: Hucitec. 1999.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** 3ª.ed. Rio de janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- NEVES. Carmem M. de Castro. Projeto Politico-pedagógIco da Escola. São Paulo: 1998.
- PAIM, Jairnilson Silva. Direitos à saúde, cidadania e estado. In: **Conferência Nacional de Saúde.** Brasília: 8ª..ed.; 1985.
- PIAUI. Fundação Municipal de Saúde de Teresina; **Relatório de Gestão, 1999** -. Teresina. 2000.
- SANTOMÉ. J. T. **globalização e interdisciplinaridade - o currículo integrado.** Porto Alegre: ARTMEO. 1998.
- SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica.** 12ª.ed. Campinas-SP: Autores Associados, 1996.
- SILVA, Graciete Borges da. **Enfermagem profissional: análise crítica.** São Paulo: Cortez, 1986.
- SILVA, Alcione Leite da. **Cuidado transdimensional: um paradigma emergente.** Pelotas: UFPel, 1997.
- ARAUJO VE, WITT RR. O ensino de enfermagem como espaço para o desenvolvimento de tecnologias de educação em saúde. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, vol 27, n1, p.117-23, 2006.

- GOMES, C.O., GERMANO, R.M. Processo ensino/aprendizagem no laboratório de enfermagem: visão de estudantes. **Revista Gaúcha de Enfermagem** , vol 28, n. 3, p. 401-8, 2007.
- JEFFRIES, P. R. **A framework for designing, implementing, and evaluating** simulations used as teaching strategies in nursing. **Nursing Education Perspectives**, n. 2, v. 26, mar-abril 2005, p. 96-103.
- TERCEIRO CURSO DE INSTRUTOR DE SIMULAÇÃO EM SAÚDE. Universidade Estadual de São Paulo, Faculdade de Medicina. SCALABRINI, A N (org), abril, 2011.
- TRONCON LEA. **Utilização de pacientes simulados no ensino e na avaliação de habilidades clínicas.** Medicina (Ribeirão Preto) 2007; 40 (2): 180-91.
- TRONCON, LEA; MAFFEI, M L. **A incorporação de recursos de simulação nos Cursos de Graduação em Medicina da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto USP.** Medicina (Ribeirão Preto) 40 (2): 153- 161, abr/Jun, 2007.
- ZIV A; BEN-DAVID S; ZIV M. **Simulation based medical education**: an opportunity to learn from errors. Med Teach 2005; 27:193-9.

Ministério da Educação
Universidade Federal do Piauí
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação

RESOLUÇÃO CAMEN/UFPI Nº 1046, DE 04 DE MAIO DE 2026

Autoriza Alteração de Projeto Pedagógico

A PRÓ-REITORA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - PREG/UFPI e PRESIDENTE DA CÂMARA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO – CAMEN, no uso da atribuição que lhe confere o art. 15, §2º, inciso V, do Regimento Geral da UFPI, de acordo com o que consta do processo nº 23111.065964/2025-37 da UFPI, e tendo em vista decisão da mesma Câmara em reunião de 28 de abril de 2026,

RESOLVE:

Art. 1º Fica autorizada a alteração do Projeto Pedagógico do CURSO DE BACHARELADO EM QUÍMICA, do Centro de Ciências da Natureza – CCN, do Câmpus Ministro Petrônio Portella – CMPP, desta Universidade, conforme ANEXO e processo acima mencionado.

Art. 2º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Teresina, 04 de maio de 2026

GARDENIA DE SOUSA PINHEIRO:00069253323
Assinado de forma digital por GARDENIA DE SOUSA PINHEIRO:00069253323
Dados: 2026.05.04 17:14:18 -03'00'

GARDÊNIA DE SOUSA PINHEIRO

Pró-Reitora de Ensino de Graduação

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE QUÍMICA

PROPOSTA CURRICULAR DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM QUÍMICA NA MODALIDADE BACHARELADO COM ATRIBUIÇÕES TECNOLÓGICAS

TERESINA – 2006

Documento assinado digitalmente
gov.br
DJANIRA DO ESPIRITO SANTO LOPES CUNHA
Data: 27/03/2026 15:22:16-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA
DEPARTAMENTO DE QUIMICA

REITOR: Prof. Dr. Luiz de Souza Santos Júnior

PRÓ-REITORA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO: Prof. Ms. Francisco Newton Freitas

CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA
DIRETOR: Helder Nunes da Cunha

COORDENADOR DO CURSO DE QUÍMICA: Ana Lúcia Nunes Falcão de Oliveira
SUB-COORDENADORA: Rosa Lina Gomes do Nascimento Pereira da Silva

CHEFE DEPARTAMENTO DE QUIMICA: Francisco Carlos Marques da Silva
SUB-CHEFE: Maria Rita de Morais Chaves Santos

COLEGIADO DO CURSO DE QUÍMICA

Presidente: Profa. Dra. Ana Lúcia Nunes Falcão de Oliveira
Vice-Presidente: Profa. Dra. Rosa Lina Gomes do Nascimento Pereira da Silva
Membros: Prof Dr. José Machado Moita Neto
Profa. Dra. Mariana Helena Chaves
Profa. Dra. Carla Verônica Rodarte de Moura
Prof. Dr. Luis Gonzaga Pires
Prof. Luis Barbosa de Sousa
Discente: Daniel Rodrigues dos Santos Pitombeira

RELAÇÃO DOS MEMBROS DA COMISSÃO DE REFORMULAÇÃO CURRICULAR

Prof. Dr. Alexandre Araújo de Souza
Profa. Dra. Ana Lúcia Nunes Falcão de Oliveira
Profa. Dra. Antonia Maria das Graças Lopes Citó
Profa. Dra. Cleide Maria Leite de Souza
Prof. Carlos Alberto Lopes Fonteles
Profa Dr. Carla Verônica Rodarte de Moura
Prof. Dr. Edmilson Miranda de Moura
Prof. Dr. Francisco Carlos Marques da Silva
Profa. Dra. Graziella Ciaramella Moita
Prof. Ms. Hormesino Carvalho Mendes
Prof. Dr. José Arimatéia Dantas Lopes
Prof. Dr. José Machado Moita Neto
Prof. Dr.José Aroldo Viana Dos Santos
Prof. Dr. José Ribeiro Dos Santos Júnior
Prof. Ms.Luiz Alves Marinho
Profa. Dra. Maria da Conceição Meneses Lage
Profa. Dra. Maria Rita de Moraes Chaves Santos
Profa. Dra. Mariana Helena Chaves
Profa. Dra. Nilza Campos de Andrade
Profa. Dra. Rosa Lina Gomes do Nascimento Pereira da Silva
Prof. Dr. Sebastião Barros de Araújo
Prof. Dr. Welter Cantanhede da Silva

SUMÁRIO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO CURSO 05

1. HISTÓRICO 06
2. JUSTIFICATIVA 08
3. PRINCÍPIOS CURRICULARES 09
4. PROPOSTA CURRICULAR 11
5. OBJETIVOS 11
6. PERFIL DO BACHAREL DE QUÍMICA 12
7. COMPETÊNCIAS E HABILIDADES 13
8. MERCADO DE TRABALHO 14
9. REQUISITOS DE ACESSO 14
10. ESTRUTURA GERAL DO CURSO 14
11. DIRETRIZES DO CURRICULO DE QUÍMICA 16
12. DURAÇÃO DO CURSO 16
13. AVALIZAÇÃO DA APRENDIZAGEM 16
14. AVALIAÇÃO DO CURRICULO 17
15. COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA DO CURSO 18
16. ORIENTAÇÃO ACADÊMICA 19
17. REGULAMENTO DO ESTÁGIO 20
18. REFERÊNCIAS DE EMBASAMENTO DO PROJETO CURRICULAR 20
19. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO CURSO BACHARELADO EM QUÍMICA COM ATRIBUIÇÕES TECNOLÓGICAS 21
20. DISCIPLINAS OPTATIVAS 26
21. NÚCLEO DE ATIVIDADES CIENTÍFICO CULTURAIS 27
22. FLUXOGRAMA – BACHARELADO EM QUÍMICA COM ATRIBUÍÇÕES TECNOLÓGICAS 28
23. EMENTÁRIO DAS DISCIPLINA 29
    DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS 29
    DISCIPLINAS OPTATIVAS 70
26. EQUIVALÊNCIA CURRICULAR 88

ANEXO 91

REGIME DIDÁTICO, VAGAS, FUNCIONAMENTO E TURMAS 92

DESCRIÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO 93
- Ala Administrativa 93
- Ala de Laboratórios e Salas de Aulas 94
- Ala de Salas de Permanência de Professores 97
- Quadro Resumo de Equipamentos Disponíveis 99

CORPO DOCENTE DEDICADO AO CURSO 101

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO CURSO

DENOMINAÇÃO DO CURSO

Química.

MODALIDADE

Bacharelado com Atribuições Tecnológicas.

ÁREA DE FORMAÇÃO

Tecnológica

DURAÇÃO DO CURSO DIURNO

Ideal: 4 anos e meio.
Máxima: 5 anos e meio.

CARGA HORÁRIA TOTAL

O Curso terá um total de 2.955 horas equivalente a 197 créditos mais 200 horas de atividades acadêmico-culturais.

TÍTULO ACADÊMICO

Bacharel em Química com Atribuições Tecnológicas

1. HISTÓRICO

A Fundação Universidade Federal do Piauí – FUFPI, foi instituída nos termos da Lei nº 5.528 de 11 de novembro de 1968 e oficialmente instalada em 12 de março de 1971, com o objetivo de criar e manter a Universidade Federal do Piauí – UFPI.

A FUFPI é constituída por um Conselho Diretor, composto por sete membros efetivos, nomeados pelo Presidente da República. O Presidente da FUFPI é, também, o Reitor da UFPI.

A UFPI é uma instituição de ensino superior, pesquisa e extensão. Desenvolve estudos em todos os ramos do saber com divulgação da sua produção científica, técnica e cultural, em eventos científicos locais e nacionais. Resultou da incorporação das faculdades e cursos existentes no Piauí até aquela época, quais sejam: Direito (1931), Filosofia, Bacharelados em Geografia e História e Licenciatura em Letras (1957), Odontologia (1967), Medicina (1968), Administração (1969) e Licenciatura em Física e Matemática (1970).

A UFPI é distribuída em 3 Campi: Campus Ministro Petrônio Portela (Teresina), Campus Ministro Reis Veloso (Parnaíba), Campus do Junco (Picos), 3 Colégios Agrícolas (Teresina, Floriano e Bom Jesus), em uma área total de 7.219.338 m^2.

A UFPI é constituída por 5 Centros de Ciências, 1 Centro de Tecnologia e 48 Departamentos; oferece 32 cursos de Graduação, totalizando 36 habilitações, 42 cursos de Especialização, 11 cursos de Mestrados, 1 curso de Doutorado e 4 cursos de ensino médio (Colégios Agrícolas), contando com 13.962 alunos de graduação, 532 alunos de pós-graduação 650 alunos de Ensino Médio, 918 professores e 1.104 funcionários técnicos e administrativos.

O Centro de Ciências da Natureza criado em 28/09/1973, através da resolução 30/74, está constituído por cinco departamentos: Biologia, Física, Química, Matemática e Informática e Estatística e, conta também, com o Herbário Graziela Barroso vinculado ao Departamento de Biologia. Lembrando que o desmembramento do departamento de Físico-Química resultou nos atuais departamento de Física e departamento de Química e que o departamento de Informática e Estatística originou-se de uma divisão do departamento de matemática. Além dos cursos de graduação nestas áreas e de mestrado em Química, tem oferecido cursos de formação continuada de professores. Como exemplo, podemos explicitar a participação em atividades financiadas pelo Pró-

Ciências, com o oferecimento de cursos de aperfeiçoamento e especialização a docentes piauienses. Neste centro já funcionou o Centro de Apoio ao Ensino de Ciências (CAEC), financiado pelo Subprograma para o Ensino de Ciências do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (SPEC/PADCT), e contribuiu para a formação de uma geração de professores de Ciências Naturais e de Matemática. Hoje é o Centro com melhor índice de qualificação docente dentro da UFPI: de seus 94 professores, 51% são doutores e 36% são mestres.

O curso de Licenciatura em Ciências da Universidade Federal do Piauí teve início em 1971. Com a Resolução Nº 30/74, que instituiu as habilitações, os profissionais de Licenciatura em Ciências sairiam aptos a ministrar aulas de Ciências do ensino fundamental e conforme a habilitação escolhida; Matemática, Física, Biologia ou Química no ensino médio, Neste modelo, o curso constava de três partes: O núcleo comum, a parte diversificada (habilitação) e a formação pedagógica.

A Licenciatura em Ciências com habilitação em Química oferecia uma formação básica bem diversificada em Ciências incluindo Matemática, Física, Biologia e Química de pouca profundidade. O Departamento de Química desta Instituição Federal de Ensino Superior refletindo sobre este fato e detectando o desânimo tanto de docentes como de discentes, resolveu elaborar uma proposta de Currículo para o curso de **Graduação em Química**, abandonando a polivalência nefasta estabelecida pela Resolução 30/74, e incorporando as novas exigências do mercado de trabalho e dos avanços na área de Química.

Essa opinião tem respaldo em inúmeros documentos resultantes de debates a nível nacional nas Universidades (e fora delas), como aquele referente à formação do educador, e em particular aquelas decorrentes de **Encontros Sobre Ensino de Ciências** no Piauí. Aliado a nova realidade do ensino e a necessidade crescente de profissionais do magistério com formação mais sólida em Química, e em sintonia com as mudanças político-sociais e desenvolvimento do próprio Estado.

Em 1993 foi feita uma proposta que, justificada pelo exposto acima, para substituir a Licenciatura Plena em Ciências/Habilitação em Química pelos cursos de Graduação em Química: Modalidade Licenciatura Plena e Bacharelado com Atribuições Tecnológicas, com o fim de atender em nossa comunidade, tanto aqueles que aspiram tornarem-se profissionais do ensino de Química, quantos aqueles que aspiram ser um profissional destinado a atuar nas indústrias ocupando-se do estudo, planejamento, desenvolvimento, fabricação, análise química e

controle de qualidade de bens de consumo. O primeiro vestibular para esta nova proposta aconteceu em 1994.

Ao longo da década de noventa até os dias atuais, tem-se convivido com a existência de três cursos: o de Licenciatura plena em Química (diurno). o Bacharelado com atribuições tecnológicas e de Licenciatura plena em Química (noturno). O período de transição entre a Licenciatura Plena em Ciências com Habilitação em Química e proposta atual terminou em 2001, ano no qual se formou o ultimo aluno nesta modalidade.

Uma avaliação positiva desta proposta atual é que aumentou consideravelmente o número de alunos egressos, comparado à modalidade anterior (Habilitação), o que pode ser atribuído ao direcionamento de disciplinas antes comum a todos os cursos que nesta grade curricular são especificas do curso, como é caso das disciplinas da área de matemática e física. Mesmo assim esse modelo acumula inúmeras críticas.

Até o segundo período de 2005, o número de egressos do curso de graduação em Química, modalidade Licenciatura plena foram: 03 (três) alunos no curso noturno, 155 (cento e cinqüenta e cinco) alunos do curso diurno e 62 (sessenta e dois) alunos do bacharelado.

2. JUSTIFICATIVA

Estamos diante de uma situação de reformulação do curso de Bacharelado em Química com Atribuições Tecnológicas para atender as diretrizes atuais em que se configura um curso voltado para a pesquisa e atuação na área tecnológica atentendo principalmente as indústrias regionais. A Resolução CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002, que institui a duração e a carga horária dos cursos de Licenciatura, de graduação plena, de formação de professores de Educação Básica em nível superior CNE/CES 8, de 11 de março de 2002, que estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de Bacharelado e Licenciatura em Química. Estamos propondo nova reformulação curricular, trançando um novo perfil para a formação do bacharel com Atribuição tecnológica de forma a atuar com uma maior identidade nas indústrias regionais como também na capacitação para o exercício do magistério a nível univesitário respeitando sua formação e atribuição.

Os cursos de Licenciatura em Química e Bacharelado com Atribuições Tecnológicas vêm sendo oferecidos desde 1994, com o objetivo de atender aos

anseios da comunidade. Seguindo o que institui as resoluções citadas, o Colegiado dos cursos de Química está apresentando uma nova proposta de reformulação do currículo de Bacharelado em Química com Atribuições Tecnológicas da Universidade Federal do Piauí. Onde procuraremos atender aos anseios de nossa comunidade com base no contexto nacional.

A seguir são estabelecidas as diretrizes para o curso de Química, ao nível de graduação, para a modalidade Bacharelado com Atribuições Tecnológicas, objetivos, perfil do profissional, mercado de trabalho e estrutura curricular, destacando: informações gerais, integralização curricular, grades e fluxo curriculares, ementário, sistemáticas de avaliação, implantação, acompanhamento e avaliação curricular.

3. PRINCÍPIOS CURRICULARES

O currículo de um curso é o conjunto de atividades, de experiências, de situações de ensino-aprendizagem, vivenciadas pelo aluno durante sua formação. É o currículo que assegura a formação para uma competente atuação profissional, assim as atividades desenvolvidas devem articular harmoniosamente as dimensões: humana, técnica, político-social e ética.

Nesta perspectiva, no decorrer do curso de Graduação em Química Modalidade Bacharelado com Atribuições Tecnológicas, devem ser considerados os seguintes princípios:

- **Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão –** este princípio demonstra que o ensino deve ser compreendido como o espaço da produção do saber, por meio da centralidade da investigação como processo de formação para que se possam compreender fenômenos, relações e movimentos de diferentes realidades e, se necessário, transformar tais realidades.

- **Formação profissional para a cidadania –** a UFPI tem o compromisso de desenvolver o espírito crítico e a autonomia intelectual, para que o profissional por meio do questionamento permanente dos fatos possa contribuir para o atendimento das necessidades sociais.
- **Interdisciplinaridade –** este princípio demonstra que a integração disciplinar possibilita análise dos objetos de estudo sob diversos olhares, constituindo-se questionamentos permanentes que permitam a (re) criação do conhecimento.
- **Relação orgânica entre teoria e prática –** todo conteúdo curricular do curso de Graduação em Química Modalidade Bacharelado com Atribuições Tecnológicas deve fundamentar-se na articulação teórico-prática, que representa a etapa essencial do processo ensino-aprendizagem. Adotando este princípio, a prática estará presente em todas as disciplinas do curso, permitindo o desenvolvimento de habilidades para lidar com o conhecimento de maneira crítica e criativa.

4. PROPOSTA CURRICULAR

O Currículo do Curso de Bacharelado com Atribuições Tecnológicas compõe-se de :

I. Disciplinas obrigatórias;

II. Disciplina obrigatórias da área tecnológica

III. Disciplinas optativas

IV. Atividade acadêmica especial de natureza obrigatória, correspondente a estágio supervisionado;

V. Atividades acadêmico-científico-culturais complementares correspondentes à participação do estudante em:

a) Monitoria acadêmica;

b) Projetos de Iniciação Científica, de ensino, de pesquisa, de extensão e integrados;

c) Programas de extensão e de formação complementar no ensino de graduação;

d) Disciplinas especiais;

e) Cursos de extensão;

f) Eventos;

g) Estágios voluntários;

h) Disciplinas eletivas;

5. OBJETIVOS

O curso de Graduação em Química na modalidade Bacharelado com Atribuições Tecnológicas objetiva:

a) Qualificar profissionais para o exercício de atividades de química na área industrial.

b) Formar profissionais capacitados a exercer atividades de pesquisa nas áreas de Química pura e tecnológica;

c) Formar profissionais capacitados ao exercício do magistério em nível de 3º graus, respeitando sua formação e atribuições;

d) Capacitar profissionais a defender o meio ambiente, impedindo assim a contaminação do ar, solo e cursos d'água por resíduo tóxicos nocivos a natureza.

e) Realizar em laboratórios industriais experiências, análises e pesquisas, para escolher e controlar a qualidade das matérias-primas e também controlar a qualidade dos produtos finais ou produto das fases intermediárias da fabricação;

Espera-se que, além disso, o Bacharel obtenha preparação para dar prosseguimento aos estudos em programas de pós-graduação;

6. PERFIL DO BACHAREL EM QUÍMICA COM ATRIBUIÇÕES TECNOLÓGICAS

O bacharelando deverá demonstrar também ser capaz de:

- conhecer as potencialidades e limitações das técnicas de analise, utilizando-as na solução de problemas na área de química;
- integrar grupos de pesquisa em universidades, institutos de pesquisa ou industriais;
- desenvolver atividades profissionais na área de química ou correlata;
- formar profissionais capacitados ao exercício do magistério a nível universitário, respeitando sua formação e atribuições;
- capacitar profissionais a defender o meio ambiente, impedindo assim a contaminação do ar, solo e cursos d'água naturais por resíduos tóxicos nocivos à natureza;
- realizar em laboratórios experiências, analises e pesquisas, para escolher e controlar a qualidade das matérias-primas e também controlar a qualidade dos produtos finais e produtos das fases intermediárias da fabricação.
- Ser capaz de atuar na área industrial em produção e controle de qualidade em especial para indústria regional.

7. COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

Considerando a diversidade de atividades e atuações preenchidas pelos profissionais da área de química, se faz necessárias qualificações básicas comuns, bem como especificas em função de sua área de atuação, a seguir descriminada:

- Dominar princípios gerais e fundamentais da química.
- Descrever e explicar fenômenos químicos, em termos de conceitos, teorias e princípios físicos gerais.
- Formular e encaminhar a solução de problemas químicos experimentais e teóricos, utilizando os instrumentos e equipamentos químicos e os conhecimentos matemáticos apropriados.
- Manter sua cultura cientifica geral e técnica profissional especifica atualizada.
- Pautar sua atuação profissional com postura ética e responsabilidade social.

Para se obter competências essenciais apontadas nas considerações anteriores, pressupõem a obtenção de habilidades básicas, que devem ser complementadas por outras mais especificas, no sentido de atingir os diversos perfis de atuação desejados. Neste sentido, são representadas a seguir as habilidades que devem ser desenvolvidas por alunos dos cursos de química:

7.1. HABILIDADES GERAIS

- Utilizar a matemática como ferramenta para expressar os modelos químicos materias.
- Utilizar equipamentos da informática na elaboração e descrição de problemas químicos
- Desenvolver problemas, experimentais e teóricos desde seu reconhecimento, realização de medidas e analise de resultados.
- Fazer uso da linguagem cientifica para expressar conceitos e na descrição de trabalhos científicos.
- Compreender e usar novas técnicas, métodos e uso de instrumentos na analise de dados teóricos ou experimentais.

- Apresentar trabalhos científicos nas diversas formas de expressão

8. MERCADO DE TRABALHO

O Estado do Piauí ainda apresenta um parque Industrial incipiente, com várias alternativas de absorção de mão de obra qualificada, na área de Química, notadamente em indústrias alimentícias, tintas, cerâmica, bebidas e materiais de limpeza, o que se manifesta pela solicitação freqüente de estagiários.

No setor público, a preocupação crescente por problemas ambientais e a emergência cada vez maior de instalação de órgãos de fiscalização e controle de qualidade, sem dúvida ampliarão ainda mais as oportunidades aos que buscam a qualificação de Bacharelado com Atribuições Tecnológicas.

9. REQUISITOS DE ACESSO

O acesso ao curso será efetuado através do vestibular ou PSIU, o qual é realizado uma vez ao ano. Serão disponibilizadas 30 (trinta) vagas para este curso.

10. ESTRUTURA GERAL DO CURSO

O curso será estruturado em blocos semestrais, buscando a integração entre os conteúdos de Química e correlação entre a Química e áreas afins, objetivando a interdisciplinaridade entre os vários campos do saber.

QUADRO DEMONSTRATIVO DA MATRIZ CURRICULAR

NÚCLEOS	DISCIPLINAS	C/H
a) Núcleo de Formação Tecnológicas	Disciplinas obrigatórias Disciplinas optativas	2640 h/a 120 h/a
	Total	2760 h/a
b) Núcleo de atividades Científicas Culturais		200 h/a
	Total	200h/a
c) Núcleo de Estágio Supervisionado	- Estágio I - Estágio II	30 h/a 180 h/a
	Total	210 h/a

11. DIRETRIZES DO CURRÍCULO DE QUÍMICA

Na organização curricular estão definidas categorias de disciplinas teóricas, práticas e teóricas-práticas, e estágio, de forma articulada dos conhecimentos teóricos com a prática social.

As disciplinas de formação geral destinam a propiciar ao aluno uma formação sólida e consciente dos conteúdos sendo a parte importantel do curso.

As disciplinas tecnológicas visam dar um enfoque sólido da parte especifica do curso, objetivando um aprofundamento das técnicas que serão aplicadas no setor tecnologicas principalnmente nas industrias regionais.

As disciplinas optativas destinam ao aprofundamento dos conteúdos próprios e de acordo com o campo de especialização de atuação como bacharel em Química, proporcionando mais elementos à sua formação profissional objetivando a continuidade dos conteúdos em nível de Pós-graduação. Devendo o aluno cursar uma carga horária de 120 horas.

Para integralização curricular serão consideradas as atividades acadêmicas culturais, que inclui: monitoria, estágios extracurriculares, feira de ciências, participação em eventos científicos iniciação científica dentre outros, que serão normalizados posteriormente.

O estágio supervisionado proporcionará ao aluno uma aportunidade de elaboração de projeto, relatório e desenvolver e vivenciar a parte operacional da industria.

12. DURAÇÃO DO CURSO

Com base na sua carga horária total, de 3155 horas com duração media de cinco anos.

13. AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Os procedimentos de avaliação da aprendizagem no Curso de Química devem estar em acordo com as normas gerais de avaliação dos cursos de graduação da UFPI, contidas na Resolução nº 043/95 do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão.

O Colegiado do Curso deverá definir normas específicas, comuns a todas as

disciplinas, com vistas ao atendimento dos princípios curriculares que norteiam o Curso.

14. AVALIAÇÃO DO CURRÍCULO

A avaliação curricular consistirá de um trabalho permanente de análise do processo de desenvolvimento do curso como um todo. A concepção é de que a avaliação é um processo continuo, participativo e integrante do processo educativo. Desta arte buscar-se-á as alternativas para a resolução dos problemas identificados em todos os níveis da prática pedagógica.

O processo avaliativo envolverá a detecção de todas as problemáticas surgidas no decorrer da aplicabilidade geral do currículo tais como: plano de ensino; normas de desenvolvimento do curso; controle acadêmico; documentação de matrícula. Após a identificação dos aspectos positivos e negativos será socializado a toda comunidade integrante do processo, que coletivamente buscará alternativa para o aperfeiçoamento do mesmo.

Para que isso ocorra, a avaliação curricular deverá se dá em etapas: Uma que descreva a realidade; outra que proceda a uma crítica sobre esta realidade e a terceira que busque a consciência de criação coletiva de tomada de decisões.

A primeira etapa deverá se desenvolver ao longo do curso identificando aspectos positivos e negativos através da observação e registros de informações relevantes que constituirão uma base de dados documental e de depoimentos dos atores do processo. Através da análise destes documentos serão tabulados os aspectos sobre plano de curricular, planos de ensino, normas do curso, controle de matricula e acadêmico, etc. Através dos depoimentos serão registradas as opiniões e críticas de professores, alunos, pessoal técnico, sobre o desenvolvimento do curso.

As informações levantadas na primeira etapa deverão alimentar a segunda etapa, a crítica da realidade visando adotar procedimentos para eliminar erros e defasagens no desenvolvimento do currículo, tais como; encontros periódicos entre professores, alunos e egressos que resulte em documento para novos direcionamentos do currículo.

A terceira etapa de criação coletiva, consiste em tomadas de decisões mais substanciais que propicie cada vez mais a melhoria do currículo.

Caberá ao colegiado do curso de Química a coordenação de comissões *ad*

hoc para execução de cada etapa propiciando para que elas aconteçam simultaneamente.

15. COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA DO CURSO

O Curso de Graduação em Química modalidade Bacharelado com Atribuições Tecnológicas terá um coordenador e um sub-coordenador, com regime de trabalho de dedicação exclusiva, destinando 20 horas para a administração e à condução do curso. Exige-se como requisito profissional do coordenador e sub-coordenador, graduação em Química, com pós-graduação stricto senso. Para o coordenador têm-se as seguintes atribuições de acordo com o Regimento Geral da Universidade: o planejamento pedagógico, organização, direção e supervisão do curso, identificação dos problemas relacionados à dinâmica das disciplinas, propondo soluções compatíveis com as necessidades e prioridades para o desenvolvimento da matriz curricular, capacidade para otimizar o uso de recursos didático-pedagógicos disponíveis, valorizar o perfil de aptidões dos docentes no aproveitamento dos mesmos nas diversas disciplinas, manter o vínculo discente - coordenação retroalimentado, capacidade para lidar com a diversidade de comportamentos e idéias dos discentes de modo a aproveitar o seu potencial e desenvolver empatia com os mesmos, impondo-lhes disciplina com flexibilidade.

O Curso de Química está estruturado em disciplinas de formação Tecnológica (disciplinas obrigatórias e optativas), de atividades científicas culturais e estágios supervisionados de ensino, as quais trarão, na condução metodológica, a fundamentação para organização do processo ensino-aprendizagem, baseado na integração teoria-prática.

A Química é uma área dinâmica com novas descobertas e incorporação constante de novos conhecimentos e tecnologias. As disciplinas de **Tópicos**, devem abranger o “estado da arte” , do conhecimento nas diversas áreas da Química. Estas disciplinas não serão ministradas baseadas em livro texto e sim na forma de seminários com consultas a artigos científicos recentes. Os temas tratados serão de interesse regional e de aprofundamento tais como: Petróleo, Biotecnologia, Materiais poliméricos e cerâmicos, Química de materiais, Química verde, Ressonância Magnética Nuclear, Espectrometria de Massas, Biomarcadores, Análise Térmica, dentre outros e que abrangerão as áreas de Físico-Química, Química Analítica , Orgânica e Inorgânica.

Todas as disciplinas têm igual importância no desenvolvimento do curso,

propondo atividades teóricas e práticas relativas à sua área, mas mantendo com as demais uma articulação necessária à formação global do aluno. Busca-se uma abordagem interdisciplinar, em que as diferentes disciplinas se relacionam e se interpenetram, ainda que mantenham suas especificidades.

A coordenação do curso procurando operacionalizar de maneira mais efetiva a interdisciplinaridade, utiliza-se de trabalhos em equipe e da gestão participativa, superando as deficiências do currículo multidisciplinar, onde as trocas são apenas tangenciais. A gestão participativa consiste entre outros, em reunir os professores de conteúdos afins, para planejarem em conjunto seu programa, a partir de um eixo comum, teórico ou metodológico.

16. ORIENTAÇÃO ACADÊMICA

O aluno, ao matricular-se na Instituição, recebe um número de matrícula seqüencial que será utilizado durante sua vida acadêmica, inclusive quando caracterizar-se como egresso. Para assuntos acadêmicos (acompanhamento de notas, freqüências, matrículas, etc), os alunos podem ser atendidos pessoalmente na Coordenação do Curso e na Diretoria de Administração Acadêmica. Além do atendimento pessoal, os alunos podem consultar e acompanhar sua vida acadêmica por via eletrônica. O atendimento à comunidade acadêmica busca corresponder às necessidades dos diversos segmentos universitários.

As notas são computadas semestralmente, e as freqüências conforme o encerramento da planilha de registro e atividades acadêmicas. Mediante estatísticas semestrais, disponíveis on-line é possível acompanhar a situação acadêmica dos alunos como matrícula, rendimento escolar, trancamento, transferência, evasão, etc.

17. REGULAMENTO DO ESTÁGIO

O aluno cursará no 9º semestre a disciplina Estágio I e no 10º Estágio II. No Estágio I (carga horária de 30h) o aluno deverá escrever um projeto de desenvolvimento de um estágio relacionado à indústria química. Este projeto será modelo para o projeto de estágio II, que aí sim será específico para a indústria na qual o aluno irá estagiar. Além disso, no Estágio I o aluno aprenderá a confeccionar um relatório de estágio que será entregue ao final do Estágio II, exigido pela coordenação de estágio da UFPI. O estágio II será supervisionado pelo professor em uma indústria que desenvolva processos químicos e/ou controle de qualidade, com carga horária mínima de 180h. Ao final o aluno deverá entregar um relatório completo ao professor e apresentar seu trabalho desenvolvido na indústria a uma banca examinadora composta por dois professores incluindo o orientador do Estágio. Este trabalho será caracterizado como **Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).**

18. REFERÊNCIAS DE EMBASAMENTO DO PROJETO CURRICULAR

- Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Química;CNE/CES 1.303/2001
- Resolução CNE/CP 2/2002
- Resolução Nº 043/95-CEPEX-UFPI
- Resolução Nº 115/05-CEPEX-UFPI

19. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO CURSO BACHARELADO EM QUÍMICA COM ATRIBUIÇÕES TECNOLÓGICAS

1°. SEMESTRE

DISCIPLINAS	Créditos	C/H	PRÉ-REQUISITO
Química Geral I	4.0.0	60	
Química Geral Experimental	0.2.0	30	
Calculo Diferencial e Integral I	4.2.0	90	
Inglês Técnico e Científico	4.0.0	60	
Introdução à Metodologia Científica	4.0.0	60	
Introdução ao curso	1.0.0	15	
Álgebra Linear e Geo Analítica	6.0.0	90	
		Total = 405	

2°. SEMESTRE

DISCIPLINAS	Créditos	C/H	PRÉ-REQUISITO
Química Geral II	4.0.0	60	Química Geral I Q. Geral Experimental
Estatística Aplicada à Química	2.0.0	30	
Cálculo Diferencial e Integral II	3.1.0	60	Calculo Diferencial e Integral I – Q
Química Orgânica I	4.2.0	90	Química Geral I-Q
Equações Diferenciais	3.1.0	60	Calculo Diferencial e Integral I – Q Álgebra Linear e Geometria Analítica
		Total = 300	

3°. SEMESTRE

DISCIPLINAS	Créditos	C/H	PRÉ-REQUISITO
Química Analítica Qualitativa	1.5.0	90	Química Geral II
Elementos de Química Quântica	4.0.0	60	Cálculo Diferencial e Integral II Equações Diferenciais
Química Orgânica II	4.0.0	60	Química Orgânica I
Física Fundamental I	4.0.0	60	
Física Experimental I/Q	0.2.0	30	
Fundamentos de Bioquimica	2.2.0	60	Química Orgânica I
		Total = 360	

4°. SEMESTRE

DISCIPLINAS	Créditos	C/H	PRÉ-REQUISITO
Química Analítica Quantitativa	4.4.0	120	Química Analítica Qualitativa Estatística Aplicada a Química
Química Inorgânica I	4.0.0	60	Química Geral I Elementos de Química Quântica
Física Fundamental II	4.0.0	60	Física Fundamental I Física Experimental I/Q
Física Experimental II/Q	0.2.0	30	Física Fundamental I Física Experimental/Q
Físico-Quimica I	4.0.0	60	Física Fundamental I Calculo Diferencial e Integral I
		Total = 330	

5°. SEMESTRE

DISCIPLINAS	Créditos	C/H	PRÉ-REQUISITO
Química Instrumental I	2.2.0	60	Química Analítica Quantitativa
Química Inorgânica II	4.0.0	60	Química Inorgânica I
Físico-Química II	4.0.0	60	Físico-Quimica I Física fundamental II
Mineralogia	2.2.0	60	Química Inorgânica I
Mecânica do Flúidos	4.00	60	Calculo Diferencial e Integral II Álgebra Linear e Geometria Analítica
Química e Educação Ambiental	2.0.0	30	Química Orgânica I Química Inorgânica I Química Analítica Qualitativa
		Total = 330	

6°. SEMESTRE

DISCIPLINAS	Créditos	C/H	PRÉ-REQUISITO
Química dos Metais de Transição	3.2.0	75	Química Inorgânica II
Química Orgânica III	4.0.0	60	Química Orgânica II
Química Instrumental II	2.2.0	60	Química Analítica Quantitativa
Desenho Técnico Industrial	4.0.0	60	
Fenômeno de Transporte	3.0.0	45	Calculo Diferencial e Integral II Equações Diferenciais
		Total = 300	

7°. SEMESTRE

DISCIPLINAS	Créditos	C/H	PRÉ-REQUISITO
Operações Unitárias I	4.0.0	60	Mecânica dos Fluidos Fenômeno dos Trasnporte
Transmissão de Calor	4.0.0	60	Físico-Quimica II Cálculo Diferencial e Integral II Álgebra Linear e Geo Analítica
Cinética Química Industrial	2.0.0	30	Físico-Química I
Introdução a Economia	4.0.0	60	
		Total = 210	

8°. SEMESTRE

DISCIPLINAS	Créditos	C/H	PRÉ-REQUISITO
Operações Unitárias II	4.0.0	60	Operações Unitárias I
Segurança do trabalho	2.0.0	30	
Optativa	2.2.0	60	
Optativa	4.0.0	60	
Química dos Colóides e Superfície	2.2.0	60	Físico-Química II
		Total = 270	

9°. SEMESTRE

DISCIPLINAS	Créditos	C/H	PRÉ-REQUISITO
Química Inorgânica Industrial	3.2.0	75	Operações Unitárias II
Química Orgânica Industrial	3.2.0	75	Operações Unitárias II
Microbiologia Industrial	2.4.0	90	Operações Unitárias II Fundamentos de Bioquímica
Estágio I	2.0.0	30	Operações Unitárias II
		Total 270	

10°. SEMESTRE

DISCIPLINAS	Créditos	C/H	PRÉ-REQUISITO
Estágio II	0.0.12	180	Química Inorgânica Industrial Química Orgânica Industrial Microbiologia Industrial Estágio I
		Total 180	

RESUMO

CARGA HORÁRIA DE DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS	2835h
NÚCLEO DE ATIVIDADES-CIENTÍFICAS-CULTURAIS	200 h
DISCIPLINAS OPTATIVAS	120 h
TOTAL	3155 h

20. DISCIPLINAS OPTATIVAS

CÓDIGO	DISCIPLINA	CRÉDITOS	CARGA HORÁRIA	PRÉ-REQUISITOS
220-632	Química Inorgânica III	4.0.0	60	Q. Inorgânica II
220-642	Catálise Inorgânica	3.0.0	45	Q. dos Metais de Transição
220-643	Métodos Físicos em Química Inorgânica	4.0.0	60	Química Inorgânica I
	Biomoléculas	3.0.0	45	Química Orgânica I
220-616	Química Analítica Aplicada	0.4.0	60	Q.Analit.Instrumental
	Tópicos em Química Analítica I	2.2.0	60	Química Analítica Quantitativa
220.651	Eletroquímica	2.2.0	60	Física Fundamentatal I
220.628	Tópicos em Físico-Química	2.0.0.	30	Físico-Química II
	Introdução à Ciências dos Polímeros	2.0.0	30	
	Físico-Química Experimental	0.4.0	60	Físico-Química I
	Tópicos em Química Orgânica I	2.0.0	30	Química Orgânica I
	Tópicos em Química Orgânica II	4.0.0	60	Química Orgânica II
	Métodos de Separação	4.0.0	60	Química Orgânica III
	Esterioquímica Orgânica	2.0.0	30	Química Orgânica III
	Tecnologia de Alimentos	2.4.0	90	Microbiologia Industrial
220.629	História da Química	3.0.0	45	
260.100	Introdução a Computação	2.2.0	60	
230.306	Ecologia Geral - Q	2.2.0	60	
220.626	Síntese Orgânica	4.0.0	60	Química Orgânica II

220.637	Métodos Físicos em Química Orgânica			Química Orgânica II
220-634	Química Orgânica Experimental II	0.4.0	60	Química Orgânica II
	Tópicos de Química: Patentes, Marcas e Propriedade Intelectual			
220.660	Empreendedorismo em Química	2.2.0	60	
	Tópicos em Segurança e Técnicas Básicas de Laboratório	2.2.0	60	
	Fluidos de Perfuração e Completação	3.1.0	60	Química Analítica Qualitativa Química Orgânica II
	Introdução ao Petróleo e Gás Natural e CO_2	3.1.0	60	Química Analítica Qualitativa Química Orgânica II
	Avaliação de impactos ambientais no setor de petróleo	3.1.0	60	Química Analítica Qualitativa Química Orgânica II
	Gestão Ambiental de Águas, Efluentes e Emissões	3.1.0	60	Química Analítica Qualitativa Química Orgânica II
	Materiais para Engenharia de Petróleo	3.1.0	60	Química Analítica Qualitativa Química Orgânica II
	Biocombustíveis: Caracterização e Controle de Qualidade	3.1.0	60	Química Analítica Qualitativa Química Orgânica II
	Monitoramento Ambiental de Hidrocarbonetos	3.1.0	60	Química Analítica Qualitativa Química Orgânica II

21. NÚCLEO DE ATIVIDADES CIENTÍFICO CULTURAIS

As atividades acadêmico-científico-culturais constam de 200 (duzentas) horas que serão desenvolvidas durante todo o curso sob uma coordenação que será regulamentada posteriormente. Como sugestão desta comissão têm-se as seguintes atividades.

Máximo de 60 horas por Atividades

1. Monitoria – 30 horas por semestre
2. Iniciação Científica – 60 horas por semestre
3. Congresso – 10 horas por congresso
4. Mini-curso – Metade da carga horária do curso (participante)
   Carga horária do curso – (ministrante)
5. Feira de Ciências – Coordenador – 10 h
   Participante – 5 h
6. Estágio extracurricular
   1. 20h – para 50 a 100 h de estágio
   2. 40 h – por 100-200 h de estágio
   3. 60 h – mais de 200 h de estágio
7. Seminário – 1 h por seminário (ouvinte)
   2 h por seminário (ministrante)
8. Curso de Extensão - igual ao mini-curso
9. Resumo publicado – 5 h por resumo
10. Artigo publicado – 15 horas por artigo

22. FLUXOGRAMA – BACHARELADO EM QUÍMICA COM ATRIBUIÇÕES TECNOLÓGICAS

23. EMENTÁRIOS DAS DISCIPLINAS

23.1. DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS

CÓDIGO 220-615	DISCIPLINA: QUÍMICA GERAL I	
CH 60 h	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS

EMENTA

Arquitetura Atômica. Tabela Periódica dos Elementos. Ligação Química. Soluções. Reações: conceito, tipos, notação, ácido–base, óxido-redução. Estequiometria. Cinética Química.

BIBLIOGRAFIA

1. RUSSEL, J. B. *Química geral*, 2ª ed. São Paulo: Makron Books, vol. 1 e 2, 1994.
2. ATKINS, P.; JONES, L. *Princípios de química: questionando a vida moderna e o meio ambiente*. Bookman: Porto Alegre, 2001.
3. BRADY, J. E. & HUMISTON, G. E. *Química geral*, Rio de Janeiro: LTC:, 1983.
4. SLABAUGH, W. H. & PARSONS, T. *Química geral*. 2ª ed.,São Paulo: LTC. 1982.
5. MAHAN, B. H. & MYERS, R. J. *Química - um curso universitário*, São Paulo: Ed. Edgard Blucher LTDA, 1993.
6. KOTZ, J. C. & TREICHEL, Jr. P. M. *Química e reações químicas*, 6ª ed, Pioneira Thonson Learning, vol. 1 e 2, 2005.
7. EBBING, D. D. *Química geral*, 5ª ed. Rio de Janeiro: LTC, vol.I e II, 1998.

CÓDIGO 220-616	DISCIPLINA: QUÍMICA GERAL EXPERIMENTAL	
CH 30 h	**CRÉDITOS** 0.2.0	**PRÉ-REQUISITOS**

EMENTA

Normas de segurança, Técnicas Elementares de Laboratórios, Construção de Gráficos. Soluções: unidades de Concentração. Velocidade de Reações. Ligações Químicas. Praticas de laboratório.

BIBLIOGRAFIA

1. LENZI, E.; FAVERO, L. O. B.; TANAKA, A. S.; VIANA FILHO, E. A.; SILVA, M. B., *Química geral experimental*, Rio de Janeiro: Freitas Bastos editora, 2004, 390p.
2. CARVALHO,P. R. *Boas práticas químicas em biossegurança*. Rio de Janeiro: Interciência, 1999.
3. FEITOSA, A. C.; FERRAZ, F.C. *Segurança em laboratório*. Bauru-SP: UNESP:, 2000.
4. GONÇALVES, D; WAL, E; ALMEIDA, R.R. *Química orgânica experimental.* McGraw-Hill: São Paulo, 1988. 269p.
5. SAVARIZ, M. *Manual de produtos perigosos: emergência e transporte*. 2.ed, Sagra - DC Luzzatto: Porto Alegre, 1994. 264p.
6. BARBOSA, A. L. *Dicionário de química*. AB Editora: Goiânia, 1999. p.81.
7. KOTZ, J. C.; TREICHEL, Jr. P. *Química e reações químicas*. 6.ed., Pioneira Thonson Learning, vol. 1 e 2, 2005.

7- OLIVEIRA, E.A.*Aulas práticas de química*. Ed. Moderna, 1993.

8- BRITO, M. A; PIRES, A. T. N; *Química básica: teoria e experimentos,* Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.

CÓDIGO 210-952	DISCIPLINA:CÁLCULO DIFERENCIAL E INTEGRAL I	
CH **90 h**	**CRÉDITOS** **4.2.0**	**PRÉ-REQUISITOS** **-**

EMENTA

Limite e Continuidade; Derivadas; Aplicações da Derivada; Integrais; Métodos de Integração e Aplicações; Integrais Impróprias; Seqüências e Séries.

DESENVOLVIMENTO:

Limite e Continuidade: Conceito, Definição e Propriedades.
Derivadas: Retas Tangentes, Coeficiente Angular, Definição de Derivada e de Diferencial, Regras de Derivação, Derivação Implícita.
Aplicações da Derivada: Teorema do valor médio, Regra de L'Hospital, Variações das Funções e Esboço de Gráficos.
Integrais: Integrais Indefinidas, Integrais Definidas, Propriedade; Teorema do Valor Médio para Integrais e Teorema Fundamental do Calculo.
Métodos de Integração e Aplicações: Integração por Substituição, Partes e Frações Parciais, Cálculo de Área, Volume de Revolução e Coordenadas Polares.
Integrais Impróprias: Definição e Exemplos
Seqüências e Séries: Seqüências, Séries, Testes de Convergência, Series de Potencia, Polinômio de Taylor.

BIBLIOGRAFIA

ANTON, HOWARD. *Cálculo, um novo horizonte*. Vol. 01, Editora Brookman, Porto Alegre.

SWOKOWSKI. E. W. *Cálculo com geometria analítica*. Vols. 01 e 02, Editora McGraw-Hill.

LEITHOLD, L. *Cálculo com geometria analítica*. Vols. 01 e 02, Editora Harpra.

WHIPKEY, KENNETH & MARY. *Cálculo com suas aplicações*, Editora campos.

DOGGET & SUTCLIFFE. *Mathematics for chemistry*, Longman scientific, 1995.

CÓDIGO 210-951	DISCIPLINA: ALGEBRA LINEAR E GEOMETRIA ANALÍTICA – Q	
CH 90 h	CRÉDITOS 6.0.0	PRÉ-REQUISITOS -

EMENTA

Matrizes; Determinantes; Álgebra Vetorial; Retas, Planos, Cônicas e Quádricas; Espaço Vetorial Rn; Autovalores e Autovetores de Matrizes.

DESENVOLVIMENTO:

Matrizes: Operações, Propriedades, Sistemas de Equações Lineares, Matrizes Escalonadas, Processo de Eliminação de Gauss Jordan, Inversão de Matriz.
Determinantes: Definição, Propriedades, Regra de Cramer.
Álgebra Vetorial: Operações com Vetores, Dependência e Independência Linear; Bases Ortogonais e Ortonormais, Produto Escalar, Produto Vetorial, Produto Misto.
Retas, Planos, Cônicas e Quádricas: Equação da Reta no Espaço, Ângulo entre Retas, Distâncias, Equação do Plano, Interseções de Planos, Equação reduzida das cônicas e quádricas.
Espaço Vetorial Rn: Definição, Propriedades, Subespaço Vetorial, Dependência e Independência Linear, Base e Dimensão; Produto Interno, Bases ortonormais, Processo de Ortogonalização de Gram Schmidt.
Autovalores e Autovetores de Matrizes: Definição, Polinômio Característico, Diagonalização, Diagonalização de Matrizes Simétricas, Cônicas e Quádricas.

BIBLIOGRAFIA

ANTON, H. *Álgebra linear com aplicações*, Porto Alegre: Editora Brookman.

STEINBRUCH, A. & WINTERLE, P. *Geometria analítica*, 2ed. São Paulo, McGraw-Hill.

STEINBRUCH, A. & WINTERLE, P. *Algebra linear.* São Paulo, McGraw-Hill, 1988.

BOULUS, PAULO*, Geometria analítica*, São Paulo, McGraw-Hill, 1988.

WHIPKEY, KENNETH & MARY. *Cálculo com suas aplicações,* Editora campos.

CÓDIGO 302-201	DISCIPLINA: INGLÊS TÉCNICO E CIENTÍFICO	
CH 60H	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS -

EMENTA

Estratégias de Leitura, níveis de compreensão habilidades mentais. Assuntos gramaticais. Principais termos técnicos nas áreas de Biologia, Matemática, Física e Química, tradução de textos de cunho científico e técnico. Glossário de Termos técnicos-científicos.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO,L. R. *Reading Strategles in English as a Foreigh Language*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis. UFSC, 1984.

GOODMAN, K. *The Reading Process*, in: Carrell, Patrícia et al. *Interactive Approaches to Second Language Reading.* Cambridge, Cambridge University Press, 1981.

GRELLET, F. *Developing Reading Skills*. Cambridge, Cambridge University Press, 1981.

HOLMES, J. *Strategies and Activities. Working Papers*. Projeto Ensino de Inglês Instrumental, nº 04, PUC, São Paulo, 1982.

CÓDIGO	DISCIPLINA: INTRODUÇÃO À METODOLOGIA CIENTÍFICA	
CH **60 h**	**CRÉDITOS** **4.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS** **–**

EMENTA

O papel da universidade na realidade social brasileira; metodologia de estudo; caracterização e instrumentalização; leitura, documentação, referências bibliográficas segundo a ABNT; trabalhos científicos. O conhecimento, a ciência e o método científico, a pesquisa científica, ciência e sociedade.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. UNIDADE ISNTRUMENTAL
   - 1.1 – Caracterização da disciplina no contexto universitário;
   - 1.2 – Relação ensino aprendizagem nos cursos de graduação
   - 1.3 – O papel da universidade no processo de aquisição do trabalho científico: as funções.
2. O CONHECIMENTO
   - 2.1 – O conhecimento: considerações gerais;
   - 2.2 – A produção do conhecimento: aspectos teóricos e práticos;
   - 2.3 – O conhecimento como necessidade para a ação;
   - 2.4 – As formas de conhecimento.
3. O ESTUDO COMO INSTRUMENTO DO TRABALHO CIENTÍFICO
   - 3.1 – Leitura crítica
     - 3.1.1 – Noções gerais sobre o ato de estudar
     - 3.1.2 – Tipos de leitura
     - 3.1.3 – A leitura como instrumento de libertação
   - 3.2 – Documentação
     - 3.2.1 – Influência bibliográfica segundo a ABNT
     - 3.2.2 – Fichamento
     - 3.2.3 – Resumo
     - 3.2.4 – Esquema

BIBLIOGRAFIA

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução á filosofia*. São Paulo, Moderna, 1986.

CARVALHO, Maria Cecília M. de (org.). *Construindo o saber: técnicas de metodologia científica*. Campinas, Papirus, 1998.

CERVO, Amado Luiz, BERVIAN, Pedro Alcino. *Metodologia científica: para o uso dos estudantes universitários*. 3ª ed. São Paulo, Mc-Craw-Hill do Brasil, 1993.

CHALMERS, Alan F. *O que é ciência afinal?* São Paulo, Brasilienses, 1993.

GEWANDRZNAJDER, Fernando. *O que é método científico*. São Paulo: Pioneira, 1989.

HUHNE, Leda Miranda (org.) *Metodologia científica: caderno de textos e técnicas*, 2ª ed. Rio de Janeiro, Agir, 1988.

KOCHE, José Carlos. *Fundamentos de metodologia científica*. 12ª ed. (amp.) Porto Alegre, Vozes, 1988.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. São Paulo, Atlas, 1986.

LUCKESI, Cipriano et al. *Fazer universidade: uma proposta metodológica*. 3ª. Ed. São Paulo, Cortez, 1986.
SALOMON, Délcio Vieira. *Como fazer uma monografia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 21ª. ed. ver. e ampl. São Paulo: Cortez. 2000.

CÓDIGO	DISCIPLINA: INTRODUÇÃO AO CURSO	
CH **15h**	**CRÉDITOS** **1.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS** **_**
EMENTA Currículo do curso de Química. Questões da profissão do Químico. Instâncias do Centro de Ciências da Natureza e da UFPI e suas competências envolvidas com o Curso de Química.		
BIBLIOGRAFIA 1. Guia Acadêmico da UFPI 2. Iniciação Científica: Normas do CNPq e PRPPG 3. Legislação do CRQ		

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: QUÍMICA GERAL II	
CH 60 h	**CRÉDITOS** 4.0.0	**PRÉ-REQUISITOS** Química Geral I Química Geral Experimental I
EMENTA Eletrólitos fortes e fracos. Atividade e força iônica. Equilíbrio Químico. Equilíbrio em solução aquosa. Equilíbrio ácido-base. Equilíbrio de solubilidade. Equilíbrio de complexação. Equilíbrio de óxido-redução.		
BIBLIOGRAFIA 1. BARD, A. J. *Equilíbrio químico*. Madrid: Harpper & Row Publishers Inc., 1970. 222 p. 2. CHRISTIAN, G. D. *Analytical chemistry*. 5. ed., Nova Iorque: Wiley, 1994. 812 p. 3. HARRIS, D. C. *Análise química quantitativa*. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2004. 862 p.		

4. MENDHAM, J.; DENNEY, R. C.; BAERNES, J. D.; THOMAS, M. J. K. Vogel: *Análise química quantitativa*. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002. 462 p.
5. OHLWEILER, O. A. *Química analítica quantitativa*. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982. vol. 1. 273 p.
6. SKOOG, D. A.; WEST, D. M.; HOLLER, F. J.; CROUCH, S. R. *Fundamentos de química analítica*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006. 999 p.
7. KOTZ & TREICHEL, *Química e reações químicas*, 6ª ed, Ed. Pioneira Thomson Learning, vol. 2, 2005. 476 p.

CÓDIGO **220-616**	**DISCIPLINA**: **QUÍMICA ORGÂNICA I**	
CH **90 h**	**CRÉDITOS** **4.2.0**	**PRÉ-REQUISITOS** Química Geral I e Química Geral Experimental

EMENTA

O átomo de Carbono. Estrutura de moléculas orgânicas. Estereoquímica. Relação estrutura / propriedades. Compostos Orgânicos (hidrocarbonetos alifáticos e aromáticos, haletos de alquila e de arila, funções oxigenadas e análogos sulfurados, funções nitrogenadas): nomenclatura, propriedades físicas, métodos de preparação e reatividade. Técnicas básicas utilizadas em laboratório de química orgânica; Preparação e caracterização de compostos orgânicos.

BIBLIOGRAFIA

VOLLHARDT, K. P. C.; SCHORE, N. E. *Química orgânica - estrutura e função*, 4. ed, Fundação Bookman, Porto Alegre, 2004.

CLAYDEN, J.; GREEVES, N.; WARREN, S.; WOTHERS, P. *Organic chemistry*, Oxford University Press, New York, 2001.

MORRISON, R. T.; BOYD, R. N. *Química Orgânica*, 14. ed., Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2005.

ALLİNGER, L. N. *Química orgânica*, 2. ed, Editora Guanabara Dois, São Paulo, 1978.

SOLOMONS, T. W. G.; FRYHLE, B. C. *Química Orgânica*, 8. ed., LTC, Rio de Janeiro, 2005 v.1, 2006 v.2.

SPQ/IUPAC. *Guia IUPAC para a nomenclatura de compostos orgânicos*. Ed. Lidel, Lisboa, 2002.

PAVIA, D. L.; LAMPMAN, G. M.; KRIZ, G. S.; ENGEL, R. G. *Introduction to organic laboratory techniques.* 3. ed. Philadelphia, Saunders College Publishing. 1999.

VOGEL, A.I. *Química orgânica:análise orgânica qualitativa*. 3. ed, Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1988. v. 1, 2 e 3.

HEINZ, G. O. et al. Organikum: química orgânica experimental. 2. ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa,1997.

CÓDIGO 220-616	DISCIPLINA: CÁLCULO DIFERENCIAL E INTEGRAL II	
CH 60 h	CRÉDITOS 3.1.0	PRÉ-REQUISITOS CÁLCULO DIFERENCIAL E INTEGRAL I-Q

EMENTA

Funções Reais de Várias Variáveis; Limites e Continuidade; Derivadas Parciais; Diferenciabilidade; Derivada Direcional; Integrais Múltiplas e Integrais Curvilíneas.

DESENVOLVIMENTO:

Funções Reais de Várias Variáveis: Gráfico e Superfície de Nível.
Limites e Continuidade: Definição e Interpretação Geométrica.
Derivadas Parciais: Definição e Interpretação Geométrica.
Diferenciabilidade: Definição e Regra da Cadeia.
Derivada Direcional: Interpretação Geométrica, Planos Tangente e Normais, Máximos e Mínimos, Gradiente e Multiplicadores de Lagrange.
Integrais Múltiplas: Interpretação Geométrica; Integrais Iteradas; Integrais Duplas; Mudança de Variáveis; Integrais Triplas; Coordenas Cilíndricas e Esféricas.
Integrais Curvilíneas: Definição no Plano e no Espaço, Interpretação Vetorial, Independência de caminho; Teorema de Green.

BIBLIOGRAFIA

ANTON, H. *Cálculo, um novo horizonte*. Porto Alegre:.Vol. 02, Editora Brookman,

SWOKOWSKI. E. W. *Cálculo com geometria analítica*. Vols. 01 e 02, Editora McGraw-Hill.

LEITHOLD, L. *Cálculo com geometria analítica*. Vols. 01 e 02, Editora Harpra.

SIMMONS, G. F. *Cálculo com geometria analítica*. Vols. 01 e 02. Editora McGraw-Hill.

WHIPKEY, KENNETH & MARY. *Cálculo com suas aplicações*, Editora campos.

DOGGET & SUTCLIFFE. *Mathematics for chemistry*, Longman scientific, 1995.

CÓDIGO xxx	DISCIPLINA: EQUAÇÕES DIFERENCIAIS-Q	
CH **60 h**	**CRÉDITOS** **3.1.0**	**PRÉ-REQUISITOS** Calculo Diferencial E Integral I-Q; Geometria Analítica E Algebra Linear**-Q**

EMENTA

Introdução ao Estudo das Equações Diferenciais Ordinárias; Equações Diferenciais de 1ª Ordem; Equações Lineares de 2ª Ordem; Resolução de Equações Diferenciais em Série de Potencia; Sistema de Equações Diferenciais Lineares de 1ª Ordem.

DESENVOLVIMENTO:

Introdução ao Estudo das Equações Diferenciais Ordinárias: Definição, Condições Iniciais e Condição de Contorno, Solução Geral e Solução Particular, Solução Singular; Teorema de Existência e Unicidade de Solução.
Equações Diferenciais de 1ª Ordem: Equações Separáveis, Homogênea, Exatas e Lineares.
Equações Lineares de 2ª Ordem: Equações Homogêneas e não Homogêneas com Coeficientes Constantes; Métodos dos coeficientes indeterminados e Variação de Parâmetro, Equações de Cauchy Euler.
Resolução de Equações Diferenciais em Série de Potencia: Resoluções de Equações Diferencias Ordinárias de 1ª e 2ª Ordem pelo Método das Séries de Potencia; Equação e Polinômio de Legendre.
Sistema de Equações Diferenciais Lineares: Apresentação e Resolução de Sistemas.

BIBLIOGRAFIA

BOYCE, W. E; DI PRIMA, R. C; - *Equações diferenciais elementares e problema de valores de contorno* – Ed. Guanabara/ koogan – 1994.

E. KREYSZIG. *Matemática superior* – Volumes 1 e 3 – LTC Editora S. ª - 1984.

GUIDORIZZI, H. L. *Um curso de cálculo*. Vol. 04. Livros Técnicos Científicos.

DOGGET & SUTCLIFFE. *Mathematics for chemistry*, Longman scientific, 1995.

WHIPKEY, KENNETH & MARY. *Cálculo com suas aplicações*, Editora campos.

CÓDIGO 220-616	DISCIPLINA: ESTATÍSTICA APLICADA A QUÍMICA	
CH **30 h**	**CRÉDITOS** **2.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS** Química Geral I

EMENTA

Fontes de erros em análise química. Medidas usadas em análise química
Erros específicos de métodos individuais. Aplicação de matemática estatística aos resultados analíticos. Métodos gráficos e numéricos

BIBLIOGRAFIA

1. BACCAN, N; DE ANDRADE, J. C.; GODINHO, O. E. S; BARONE, J. S. *Química analítica quantitativa elementar*, 3. ed. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2001. 308 p.
2. CHRISTIAN, G. D. *Analytical chemistry*. 5. ed., Nova Iorque: Wiley, 1994. 812 p.
3. HARRIS, D. C. *Análise química quantitativa*. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2005. 876 p.
4. MENDHAM, J.; DENNEY, R. C.; BAERNES, J. D.; THOMAS, M. J. K. Vogel: *análise química quantitativa*. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002. 462 p.
5. MILLER, J.C.; MILLER, J. N. *Estatística para química analítica*. Wilmington:Addison-Wesley Iberoamericana, 1993.
6. SKOOG, D. A.; WEST, D. M.; HOLLER, F. J.; CROUCH, S. R. *Fundamentos de química analítica*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006. 999 p.

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: QUÍMICA ANALÍTICA QUALITATIVA	
CH **90 h**	**CRÉDITOS** **1. 5. 0**	**PRÉ-REQUISITOS** Química Geral II

EMENTA

Bases teóricas da análise qualitativa. Operações analíticas na semimicroanálise. Microanálise. Semimicroanálise. Análise de cátions e ânions.

BIBLIOGRAFIA

BACCAN, N. GODINHO, D.E.S. ALEIXO, L. M. STEIN, E., *Introdução à semimicroanálise qualitativa,* 4ª. Ed. editora da UNICAMP, Campinas - SP, 1991;

VOGEL, A.L., *Química analítica qualitativa*, 5ª edição, Editora Mestre Jou - Sp 1981;

KING, E. J., *Análise qualitativa: reações, separações e experiências*, Editora Interamericana, Rio de Janeiro, 1981;

ALEXEIEV, V. *Análise qualitativa*, Editora Lopes da Silva, Porto, 1982

WHITTEN, K. W., DAIS, R. E., & PECK, M. L. *General chemistry with qualitative analysis.* 5a. ed. Editora Saunders College Publishing, USA, 1996.

CÓDIGO 240-631	DISCIPLINA: FÍSICA FUNDAMENTAL I	
CH **60 h**	**CRÉDITOS** **4.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS** **-**

EMENTA

Medidas Físicas. Operações Básicas com Vetores. Cinemática da Partícula. Dinâmica da Partícula. Trabalho e Energia. Hidrostática. Movimento Ondulatório. Calor e Temperatura.

DESENVOLVIMENTO:

MEDIDAS FÍSICAS (6 h): Grandezas Físicas, Padrões e Unidades;Sistemas de Unidades;Padrões de Tempo , Comprimento e Massa;Precisão, Erros e Algarismos Significativos.
OPERAÇÕES BÁSICAS COM VETORES (6h): Vetores e Escalares;Soma Vetorial (método gráfico e método analítico);Produtos Vetoriais.
CINEMÁTICA DA PARTÍCULA (10h): Definições de: Posição, Velocidade e Aceleração Médias, Velocidade e Aceleração Instantâneas, todas em 3D fazendo em seguida, redução para 2D e 1D; Aplicações de movimentos unidimensionais, bi e tridimensionais.
DINÂMICA DA PARTÍCULA (8h): Leis de Newton; Aplicações das Leis de Newton; Massa e Peso; Atrito e Lei da Força de Atrito. Aplicações;
TRABALHO E ENERGIA (10h): Trabalho Realizado por uma Força Constante. Aplicações; Trabalho Realizado por uma Força Variável. Aplicações; Energia cinética e Teorema do Trabalho-Energia; Potência; Forças Conservativas e Não-Consevativas;
Energia Potencial; Sistemas Conservativos e Não-Conservativos; Potencial de uma molécula Diatômica; Princípio da Conservação da Energia;
HIDROSTÁTICA (6h): Fluidos e Sólidos; Pressão e Densidade; Princípio Geral da Hidrostática; Princípio de Pascal; Princípio de Arquimedes; Tensão superficial.
MOVIMENTO ONDULATÓRIO (8h): Ondas, Comprimento de Ondas, Frequência e Espectro Eletromagnético; Ondas Progressivas. Ondas Harmônicas Simples; Princípio da Superposição de Ondas; Ondas Estacionárias.
CALOR E TEMPERATURA (6h): Descrição Macro e Microscópica de um Sistema Termodinâmico; Temperatura e Equilíbrio Térmico; Medição de Temperatura; Escalas Termométricas; Dilatação Térmica.

BIBLIOGRAFIA

HALLIDAY, D., RESNICK, R. e KRANE, K. S. *Física*. Vol(s) 1 e 2. Livros Técnicos e Científicos S.A, Rio de Janeiro, 1996.
OKUNO, E. et ali, *Física para Ciências Biológicas e Biomédicas*. Harper & Row do Brasil, São Paulo, 1982.
SEARS, F., ZEMANSKY, M. E., YOUNG, H. *Física* . Vol(s) 1 e 2. Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, Rio de Janeiro, 1986.
ÁLVARES, B. A. & DA LUZ, A . M. R. *Curso de Física*. Vol. Único. Harbra. São Paulo, 1996.

CÓDIGO 220	DISCIPLINA: ELEMENTOS DE QUÍMICA QUÂNTICA	
CH **60 h**	**CRÉDITOS** **4.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS** Cálculo Integral

EMENTA

Fundamentos da Mecânica Quântica. Modelo Quântico para átomos hidrogenóides. Átomos multieletrônicos. Rotação e Vibração de moléculas.

BIBLIOGRAFIA

ATKINS, P.W.; *Físico-química*; 6ª ed. Rio de Janeiro:; Livros Técnicos e Científicos. Editora SA: v.2, 1999.

BUNGE, A.V.; *Introdução à química quântica*. Editora Edgard Blücher, São Paulo, 1979.

EISBERG, R.; RESNICK, R.; *Física quântica*; 3ª ed.; Editora Campus: Rio de Janeiro, 1985.

LEVINE, I.N.; *Quantum chemistry*; 4th ed.; Prentice Hall: Englewood Cliffs, 1991.

MOORE, W.J. *Físico-química*. São Paulo, Edgard Blücher, v.2, 1976. Caps. 13–15.

PEIXOTO, E.M.A.; *Teoria quântica*; São Paulo, 1988.

PILAR, F.L.; *Elementary quantum chemistry*; 2nd ed.; New York: McGraw-Hill, 1990.

CÓDIGO	DISCIPLINA: FUNDAMENTOS DE BIOQUÍMICA	
CH **60H**	**CRÉDITOS** **2.2.0**	**PRÉ-REQUISITOS** Química Orgânica I

EMENTA

Química dos ácidos nuclêicos. Enzimas. Propriedades da Urease. Bioenergética. Vitaminas hidrossolúveis. Vitaminas lipossolúveis. Oxidações biológicas. Ciclólise. Ciclo das Pentoses. Fotossíntese. Metabolismo dos lipidogramas. Metabolismo dos aminoácidos I (Plantas e microorganismos). Metabolismo dos aminoácidos II (Mamíferos). Fator de calibração e dosagem de uréia. Fator de calibração e dosagem de Creatinina. Biossíntese das Proteínas e dos ácidos Nuclêicos. Fator de calibração e dosagem de ácido úrico. Regulação metabólica.

BIBLIOGRAFIA

CHAMPE, P. C. & HARVEY, R. A. *Bioquímica Ilustrada*. 2ed. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996. 446p
CISTERNAS, J. R. & VARGA, J. M. *Fundamentos de Bioquímica Experimental*. São Paulo, Atheneu, 1997. 182p
ROSKOSKI, R. Jr. *Bioquímica*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1997. 513p
STRYER, L. *Bioquímica*. 4ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1996. 1000p
VIEIRA, E. C.; GAZZINELLI, G. MARES-GUIA, M. *Bioquímica Celular e Biologia Molecular.* 2ed. São Paulo, Atheneu, 1998. 360p
VIEIRA, E. C.; FIGUEREDO, E. A.; ALVAREZ-LEITE, J. I. & GOMES, M. V. *Química Fisiológica*. 2ed. São Paulo, Atheneu, 1995. 414p

CÓDIGO 240-	DISCIPLINA: FÍSICA EXPERIMENTAL I/Q	
CH **30 h**	**CRÉDITOS** **0.2.0**	**PRÉ-REQUISITOS** **-**

EMENTA

Medidas Físicas. Cinemática da Partícula. Dinâmica da Partícula. Trabalho e Energia. Movimento Ondulatório. Hidrostática. Calor e Temperatura.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO - EXPERIÊNCIAS

MEDIDAS FÍSICAS:
Medição, Medidas e Erros;
CINEMÁTICA DA PARTÍCULA:
Estudo Cinemático dos Movimentos: MRU e MRUV.
DINÂMICA DA PARTÍCULA:
Determinação da Aceleração da Gravidade num Plano Inclinado; Maquina de Atwood; Atrito Estático e Atrito Cinético; Resistência do Ar.
TRABALHO E ENERGIA:
Estudo sobre Trabalho, Energia Mecânica e sua Conservação num Pêndulo Simples
HIDROSTÁTICA:
Pressão e Unidades; Densidade dos Sólidos e dos Líquidos; Princípio de Pascal; Princípio de Arquimedes.
MOVIMENTO ONDULATÓRIO:
Movimento Harmônico simples; Cálculo da Velocidade do Som no Ar.
CALOR E TEMPERATURA:
Dilatação Linear; Transmissão de Calor; Mudança de Estados; Calorimetria.

BIBLIOGRAFIA

- HALLIDAY, D., RESNICK, R. e KRANE, K. S. *Física*. Vol(s) 1 e 2. Livros Técnicos e Científicos S.A, Rio de Janeiro, 1996.
- OKUNO, E. et ali, *Física para Ciências Biológicas e Biomédicas*. Harper & Row do Brasil, São Paulo, 1982.
- SEARS, F., ZEMANSKY, M. E., YOUNG, H. *Física* . Vol(s) 1 e 2. Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, Rio de Janeiro, 1986.
- ÁLVARES, B. A. & DA LUZ, A . M. R. *Curso de Física*. Vol. Único. Harbra. São Paulo, 1996.

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: QUÍMICA ANALÍTICA QUANTITATIVA	
CH **120 h**	**CRÉDITOS** **4.4.0**	**PRÉ-REQUISITO** Química Analítica Qualitativa Estatística aplicada à Química

EMENTA

Amostragem. Preparo de amostra para análise. Análise gravimétrica. Volumetria: de neutralização, de precipitação, de complexação e de óxido-redução. Aferição de vidraria. Preparo e padronização de solução. Análise de amostra real.

BIBLIOGRAFIA

BACCAN, N; DE ANDRADE, J. C.; GODINHO, O. E. S; BARONE, J. S. *Química analítica quantitativa elementar*, 3. ed. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2001. 308 p.

CHRISTIAN, G. D. *Analytical chemistry*. 5. ed., Nova lorque: Wiley, 1994. 812 p.

COLLINS,C. H.; BRAGA, G. L.; S. BONATO, P. S. *Introdução a métodos cromatográficos*, 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. 279 p.

HARRIS, D. C. *Análise química quantitativa*. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2005. 876 p.

MENDHAM, J.; DENNEY, R. C.; BAERNES, J. D.; THOMAS, M. J. K. Vogel*: Análise química quantitativa*. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002. 462 p.

SKOOG, D. A.; WEST, D. M.; HOLLER, F. J.; CROUCH, S. R. *Fundamentos de química analítica*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006. 999 p.

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: FÍSICO-QUÍMICA I	
CH **60 h**	**CRÉDITOS** **4.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS** Cálculo Integral

EMENTA

Conceitos Fundamentais. Propriedades Empíricas dos Gases. Leis da Termodinâmica.

BIBLIOGRAFIA

ATKINS, P.W. *Físico-química*; 6ª ed., vol.1. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. Editora S.A.,1999.

CASTELAN, G.; *Fundamentos de Físico-química*; Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. Editora S.A., 1986.

CHAGAS, A. P. *Termodinâmica química: fundamentos, métodos e aplicações*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

LEVINE, I.; *Physical chemistry*. 5.ed. New York: McGraw-Hill Science/Engineering/Math, 2001.

MOORE, W.J. *Físico-química*.; vol.1, São Paulo: Edgard Blücher Ltda, 1976.

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: QUÍMICA INORGÂNICA I	
CH **60 h**	**CRÉDITOS** **2.2.0**	**PRÉ-REQUISITOS** Química Geral I Elementos de Química Quântica

EMENTA

Propriedades gerais dos elementos. Forças Intermoleculares. Fases condensadas. Ligação Iônica. Ligação Metálica: teoria dos elétrons livres e das bandas. Ligação Covalente: teoria de valência e teoria do orbital molecular.

BIBLIOGRAFIA

1. LEE, J. D. *Química Inorgânica não tão concisa*, Edgard Blucher Ltda, 1999.
2. HUHEEY, J.E., KEITER, E.A. & KEITER, R.L., *Inorganic chemistry, principles of structure and reactivity*, 4th. Ed., Harper Collins Pub., 1993.
3. COTTON, F. A. & WILKINSON, G., *Basic Inorganic chemisty*. Ed. Wiley. 1978
4. COMPANION, A. L., *Ligações químicas*, Ed. Edgard Blucher Ltda., 1975.
5. SHRIVER D.F., ATKINS, P.W. & LANGFORD C.H., *Inorganic chemistry*, Oxford University Press, 1990.
6. KOTZ, J. C e TREICHEL, Jr, P., *Química & reações químicas*, 6ª ed, Pioneira Thonson Learning, vol. 1 e 2, 2005.
7. ATKINS, P., *Princípios de química – questionando a vida e o meio ambiente*, Ed. Bookman, 2001.
8. MAHAN, B. H. & MYERS, R. J. *Química - um curso universitário*, São Paulo: Ed. Edgard Blucher LTDA, 1995.
9. SMART L. e MOORE, E.; *Química del estado sólido uma introdução*;Addison-Wesley Iberoamericana, Brasil, 1995.

CÓDIGO 240-	DISCIPLINA: FÍSICA EXPERIMENTAL II/Q	
CH **30 h**	**CRÉDITOS** **0.2.0**	**PRÉ-REQUISITOS** Física Fundamental I Física Experimental I

EMENTA

Carga Elétrica e Lei de Coulomb. Campo Elétrico e Lei de Gauss. Potencial Elétrico. Capacitores, Corrente e Resistência Elétrica. Circuito de Corrente Contínua. Campo Magnético. Óptica Geométrica e Instrumentos Ópticos.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO - EXPERIÊNCIAS

CARGA ELÉTRICA E LEI DE COULOMB:
Processos de Eletrização, Condutores e Isolantes; Lei de Coulomb.
CAMPO ELÉTRICOE LEI DE GAUSS:
Campo Elétrico e Linhas de Força;
POTENCIAL ELÉTRICO:
Potencial Elétrico e Superfícies Equipotenciais;
CAPACITORES, CORRENTE E RESISTÊNCIA ELÉTRICA:
Experimentos Básicos com Capacitores; Voltagem, Corrente e Resistência Elétrica; Resistência Interna.
CIRCUITO DE CORRENTE CONTÍNUA :
Circuito de Corrente Contínua; Lei de Ohm e Kirchhoff.
CAMPO MAGNÉTICO:
Efeito Magnético da Corrente.
ÓPTICA GEOMÉTRICA:
Natureza e Propagação da Luz; Reflexão e Refração em Superfícies Planas; Espelhos Planos; Espelhos esféricos; Lentes Esféricas; Instrumentos Ópticos.

BIBLIOGRAFIA

HALLIDAY, D., RESNICK, R. e KRANE, K. S. *Física*. Vol(s) 3 e 4. Livros Técnicos e Científicos S.A, Rio de Janeiro, 1996.
- OKUNO, E. et ali, *Física para Ciências Biológicas e Biomédicas*. Harper & Row do Brasil, São Paulo, 1982.
- SEARS, F., ZEMANSKY, M. E., YOUNG, H. *Física* . Vol(s) 3 e 4. Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, Rio de Janeiro, 1986.
- ÁLVARES, B. A. & DA LUZ, A . M. R. *Curso de Física*. Vol. Único. Harbra. São Paulo, 1996.

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: QUÍMICA INORGÂNICA II– Q	
CH 60 h	**CRÉDITOS** 2.2.0	**PRÉ-REQUISITOS** Química Inorgânica I - Q

EMENTA

A química do H, dos elementos dos blocos "s e p" e de seus compostos, enfatizando as correlações entre as propriedades físicas e químicas com os aspectos estruturais e de ligação, os métodos de obtenção e as principais propriedades e aplicações.

BIBLIOGRAFIA

1. LEE, J. D. *Química inorgânica não tão concisa*, Editora Edgard Blucher Ltda, São Paulo,1999.
2. HUHEEY, J.E., KEITER, E.A. & KEITER, R.L.*, Inorganic chemistry, principles of structure and reactivity,* 4th., Ed. Harper Collins Pub., 1993..
3. SHRIVER D.F., ATKINS, P.W.*; Química inorgânica*, 3ª Ed. Bookman, Porto Alegre,2003.
4. KOTZ, J.C. e TREICHEL JR., P*. Química e reações químicas*. 4ª ed., Vol. 1, Ed. LTC, 2002.
5. ATKINS, P., *Princípios de química – questionando a vida e o meio ambiente*, Ed. Bookman, 2001.
6. FELICÍSSIMO, A.M.P. *Experiências de química: técnicas e conceitos básicos*, Editora Moderna, 1982.
7. FLACH, S. E. *Introdução a química inorgânica experimental*. 2ª edição revista, Editora UFSC, 1990.

CÓDIGO	DISCIPLINA: QUÍMICA INSTRUMENTAL I	
CH	**CRÉDITOS**	**PRÉ-REQUISITOS**
60 h	**2.2.0**	Química Analítica Quantitativa

EMENTA

Métodos Potenciométricos. Condutimétrico. Coulométrico. Polarográficos. Técnicas Voltamétricas.

BIBLIOGRAFIA

CHRISTIAN, G. D. *Analytical chemistry*. 5. ed., Nova Iorque: Wiley, 1994. 812 p.

EWING, G. ., *Métodos instrumentais de análise química.* São Paulo: Edgard Blücher, 1972. vol. I. 296 p.

HARRIS, D. C. *Análise química quantitativa*. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2005. 876 p.

MENDHAM, J.; DENNEY, R. C.; BAERNES, J. D.; THOMAS, M. J. K. Vogel: *Análise química quantitativa*. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002. 462 p.

SKOOG, D. A.; WEST, D. M.; HOLLER, F. J.; CROUCH, S. R. *Fundamentos de química analítica*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006. 999 p.

SKOOG, D. A.; HOLLER, F. J.; NIEMAN, T. A. *Princípios de análise instrumental*. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002. 836 p.

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: FÍSICO-QUÍMICA II	
CH 60 h	**CRÉDITOS** 4.0.0	**PRÉ-REQUISITOS** Físico-Quimica I

EMENTA

Equilíbrio Químico. Equilíbrio entre fases. A Solução ideal e as propriedades coligativas. Equilíbrio em Sistemas Não ideais.

BIBLIOGRAFIA

ATKINS, P.W. *Físico-química*; 6ª ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. Editora S.A, vol.1, 1999.

CASTELAN, G.; *Fundamentos de físico-química*; Livros Técnicos e Científicos. Editora S.A.; Rio de Janeiro, 1986.

CHAGAS, A.P. *Termodinâmica química: fundamentos, métodos e aplicações*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

LEVINE, I. *Physical chemistry*. 5.ed. New York: McGraw-Hill Science/Engineering/Math, 2001.

MOORE, W.J. *Físico-química*.; vol.1 e 2; São Paulo: Edgard Blücher Ltda, 1976.

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: MECÂNICA DOS FLUÍDOS	
CH **60 h**	**CRÉDITOS** **4.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS** Cálculo Diferencial e Integral I, Cálculo Diferencial e Integral II, Álgebra Linear e Geometria Analítica
EMENTA Introdução; Estática dos Fluídos; Dinâmica dos Fluídos (equação de Bernoulli); Cinemática dos Fluídos; Volumes de Controle Finitos; Escoamentos.		
BIBLIOGRAFIA MUNSON, B.R., YOUNG, D.F., OKIISHI, T.H.; *Fundamentos da Mecânica dos Fluídos*, 4ª Edição, Tradução: Euryale de Jesus Zerbini, Ed. Edgar Blücher, São Paulo, 2004. FOX, R.W., McDonald, A.T., *Introdução à Mecânica dos Fluídos*, 5ª Ed., Edit. Livro Técnico, São Paulo, 2002		

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: QUÍMICA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
CH **30 h**	**CRÉDITOS** **2.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS** Química Orgânica I Química Inorgânica I Química Analítica Qualitativa

EMENTA

Ciclo hidrogeoquímico.
Tipos de poluição do ar e suas origens.
Efeito Estufa.
Controle de poluição atmosférica.
Química em meios aquáticos.
Fontes energéticas.
Impacto ambiental.
Poluição por polímeros e por detergentes.
Tratamentos de resíduos.

BIBLIOGRAFIA

1. O'NEILL, P., *Environmental chemistry*, George Allen&Unmin, Londres, 1985.
2. MOORE, J.W., e MOORE, W.A., *Environmental chemistry*, Academic Press, New York 1976
3. BRANCO, S.M., *Ciências do ambientes para universitários*, CETESB, São Paulo 2 ed. 1986.
4. BENN, FR. e Mc Auliffe, C.A., *Química e poluição*, Livros Técnicos e Científicos S.A., Rio de Janeiro, 1981.
5. REEVE, R.N., *Environmental analysis* John Wiley & Sons LTD. New York, 1994.
6. SILVA, S.A.R. e MARA, David e Duncan, *Tratamentos biológicos de águas residuárias* ABES, 1979.
7. J. Chem. Educ., a partir de 1972.
8. MANAHAN, E.S., *Environmental chemistry*, 6ª ed. Lewis Publishers, Boca Ratos, 1994.
9. BAIRD, C. *Química ambiental*, 2a. ed. Editora Bookman, 2002.

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: MINERALOGIA	
CH **60 h**	**CRÉDITOS** **2.2.0**	**PRÉ-REQUISITOS** Química Inorgânica I
EMENTA Estudo de rochas e dos minerais. Cristalografia. Mineralogia Química. Mineralogia determinativa. Mineralogia econômica.		
BIBLIOGRAFIA ANTUNES, A. Jr. *Astronomia, Mineralogia e Geologia*. Enciclopédia Delta S.A. CLARCK, P. S. *Estrutura da Terra*. Edgard Blucher , Universidade de São Paulo, 1979. DANA, J. & CORNELIA S. Jr. *Manual de Mineralogia*. Livraria Técnica e Cientifica, Ed. S. A. 1979, Vols.: 01 e 02. ERNEST, W. C. *Minerais e Rochas*. Edgard Blucher, Ed. Da Universidade São Paulo, 1981.		

CÓDIGO 220-616	DISCIPLINA: QUÍMICA ORGÂNICA III	
CH **60h**	**CRÉDITOS** **4.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS** Química Orgânica II

EMENTA

Métodos de separação: extração, destilação, recristalização e cromatografia. Critério de pureza. Caracterização de substâncias por métodos químicos. Caracterização de substâncias orgânicas por métodos físicos: IV, RMN e massas.

BIBLIOGRAFIA

VOGEL, A.I. *Química orgânica:análise orgânica qualitativa*. 3. ed, Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1988. v. 1, 2 e 3.

COLLINS, H.C.; BRAGA, G.L.; BONATO, P.S. *Fundamentos de cromatografia.* Campinas, Ed da UNICAMP. 2006.

MORRISON, R. T.; BOYD, R. N. *Química Orgânica*, 14. ed., Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2005.

SHRINER, R.L.; HERMANN, C.K.S.; MORRILL, T.C.; CURTIN, D.Y.; SUSON, R.C. *The systematic identification of organic compounds*. 7. ed. New York, John Wiley & Sons, 1997.

CREWS, P.; RODRIGUEZ, J.; JASPARS, M. *Organic structure analysis*. New York, Oxford University Press, 1998.

GUNTHER, H. *NMR Spectroscopy: basic principles, concepts, and applications in chemistry.* 2. ed, New York, John Wiley & Sons, 1994.

PAVIA, D.L.; LAMPMAN, G.M.; KRIZ, G.S. *Introduction to spectroscopy* 3. ed Philadelphia. Harcourt Brace College Publishers, 2001.

PRETSCH, E.; SEIBL, J.; SIMON, W.; CLERC, T. *Spectral data for structure determination of organic compounds.* 2. ed, Berlin, Springer-Verlag, 1989.

9. SILVERSTEIN, R.M.; WEBSTER, R.M. *Identificação espectrométrica de compostos orgânicos*, 6. ed, Rio de Janeiro, LTC, 2000.

CÓDIGO 501-305	DISCIPLINA: DESENHO TÉCNICO INDUSTRIAL	
CH **60h**	**CRÉDITOS** **4.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS** **-**
EMENTA Noções de geometria descritiva; tipos de projeção. Materiais e instrumentos de desenho. Escala: construção e utilização. Vistas ortográficas principais e secionais. Perspectiva axonométrica e cavaleira.		
BIBLIOGRAFIA CARVALHO, B. J. *Desenho Geométrico.* FRECH, T. E. *Desenho Técnico*. MONTEIRO, G. A. *Desenho Arquitetônico*		

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: QUÍMICA DOS METAIS DE TRANSIÇÃO	
CH 75 h	**CRÉDITOS** 3.2.0	**PRÉ-REQUISITOS** Química Inorgânica II – Q

EMENTA

Elementos dos blocos d e f: propriedades, obtenção e aplicações.

Química de Coordenação: teorias, estrutura e reatividade. Compostos organometálicos dos elementos de transição

BIBLIOGRAFIA

1. HUHEEY, J.E., KEITER, E.A. & KEITER, R.L., *Inorganic chemistry, principles of structure and reactivity*, 4th., Ed. Harper Collins Pub., 1993.
2. SHRIVER D.F., ATKINS, P.W.; *Química inorgânica*, 3ª Ed. Bookman, Porto Alegre,2003.
3. BUTLER, I. S., HARROD, J. F., *Química inorgânica - Principios y aplicaciones,* 1992.
4. JONES , CHRIS J.*; A química dos elementos dos blocos d e f*. Bookman Companhia Editora, Porto Alegre, 2002.
5. JOLLY, W. L., *Modern inorganic chemistry*, 2th, McGraw-Hill, New York,1991.
6. LEE, J. D. *Química inorgânica não tão concisa*, Editora Edgard Blucher Ltda, São Paulo,1999.

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: QUÍMICA INSTRUMENTAL II	
CH 60 h	**CRÉDITOS** 2.2.0	**PRÉ-REQUISITOS** Química Inorgânica II – Q

EMENTA

Espectroscopia no ultravioleta, vísivel e infravermelho. Espectroscopia de emissão e absorção atômica.
Métodos turbidimétricos. Métodos de Raios-X. Análise por injeção de fluxo

BIBLIOGRAFIA

CHRISTIAN, G. D. *Analytical chemistry*. 5. ed., Nova Iorque: Wiley, 1994. 812 p.

EWING, G. ., *Métodos instrumentais de análise química.* São Paulo: Edgard Blücher, 1972. vol. I. 296 p.

HARRIS, D. C. *Análise química quantitativa*. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2005. 876 p.

MENDHAM, J.; DENNEY, R. C.; BAERNES, J. D.; THOMAS, M. J. K. Vogel: *Análise química quantitativa*. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002. 462 p.

SKOOG, D. A.; WEST, D. M.; HOLLER, F. J.; CROUCH, S. R. *Fundamentos de química analítica*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006. 999 p.

SKOOG, D. A.; HOLLER, F. J.; NIEMAN, T. A. *Princípios de análise instrumental*. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002. 836 p.

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: FENÔMENO DE TRANSPORTE	
CH **45 h**	**CRÉDITOS** **3.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS** Cálculo Diferencial e Integral I, Cálculo Diferencial e Integral II, Álgebra Linear e Geometria Analítica,. Equações Diferenciais.
EMENTA Transporte de Massa; Cálculo de Reatores		
BIBLIOGRAFIA LEVENSPIEL, O., *Engenharia das Reações Químicas*, 3ª Ed., Edit. Edgard Blücher Ltda, Tradução: Verônica M.A. Calado, São Paulo, 2000.		

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: OPERAÇÕES UNITÁRIAS I	
CH **60 h**	**CRÉDITOS** **4.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS** Mecânica dos Fluídos, Fenômeno de Transporte
EMENTA Balanço de Massa, Balanço de Energia, Fluxograma Industrial		
BIBLIOGRAFIA HIMMELBLAU, D.M., RIGGS, J.B.*; Engenharia Química: Princípios e Cálculos*, 7ª Ed., Tradução: Ofélia de Queiroz F. Araújo, Verônica Calado, Edit. LTC, Rio de Janeiro, 2006. BRASIL, N.I., *Introdução à Engenharia Química*, Edit. Interciência, 2ª Ed., Rio de Janeiro, 2004. FELDER, R.M., ROUSSEAU, *Princípios Elementares dos Processos Químicos*, 3ª Ed., Tradução: Martín Aznar, Edit. LTC, Rio de Janeiro, 2005.		

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: TRANSMISSÃO DE CALOR	
CH **60 h**	**CRÉDITOS** **4.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS** Cálculo Diferencial e Integral I, Cálculo Diferencial e Integral II, Álgebra Linear e Geometria Analítica Físico-Química - I e II.
EMENTA Introdução; Transferência de calor por Condução; Transferência de Calor por Convecção; Transferência de Calor por Radiação; Trocadores de Calor.		
BIBLIOGRAFIA BRAGA FILHO, W, *Transmissão de Calor, Ed. Thomson*, São Paulo, 2004. KREITH, F., BOHN, M.; *Princípios de Transferência de Calor*, Tradução: All Tasks, Ed. Thomson, São Paulo, 2001.		

CÓDIGO 307-503	DISCIPLINA: INTRODUÇÃO A ECONOMIA	
CH **60 h**	**CRÉDITOS** **4.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS** **-**

EMENTA

Objetos de economia. As correntes do pensamento econômico. Evolução do processo de produção: Modos de produção: Pré-Capitalista e o modo de produção capitalista. Teorias do valor: valor trabalho e valor utilidade. Estrutura de mercados e formação de preços. Renda e produto. Conceituação e estratégia de crescimento. A diferenciação do produto e diversificação da produção. O caso brasileiro.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, C. R. V. *História do Pensamento Econômico - Uma Abordagem Introdutória*. Atlas.
BASTOS, V. L. *Para Entender a Economia Capitalista*. UNB. Forense Universitária.
CARDOSO, E. A. *Economia Brasileira ao Alcance de Todos*. Brasiliense.
CASTRO, A. B. & LESSA, C. F. *Introdução à Economia*. Forense.
CATANI, A. M. *O Que é Capitalismo*. Brasiliense
DOWBOR, L. *Historia da Riqueza do Homem*. Zahar.
HUNT, E. K. & SHERMAN, H. J. *Historia do Pensamento Econômico*. Vozes.
LANGE, O. *Moderna Economia Política*. Fundo de Cultura.

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: CINÉTICA INDUSTRIAL	
CH **30 h**	**CRÉDITOS** **2.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS** Físico-Química I e Físico-Química II
EMENTA Cinética das Reações Homogêneas; Reação de Primeira Ordem; Reação deSegunda Ordem; Reações Paralelas		
BIBLIOGRAFIA LEVENSPIEL, O., *Engenharia das Reações Químicas*, 3ª Ed., Edit. Edgard Blücher Ltda, Tradução: Verônica M.A. Calado, São Paulo, 2000. SILVEIRA, B. J., *Cinética das Reações Homogêneas*, Edit. Edgar Blücher, São Paulo, 1996		

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: QUÍMICA DOS COLÓIDES E SUPERFÍCIES	
CH 60 h	**CRÉDITOS** 2.2.0	**PRÉ-REQUISITOS** Físico-Química II
EMENTA Energia e tensão superficial. Absorção. Fenômenos elétricos. Colóides.		
BIBLIOGRAFIA SILVERSTEIN, R. M.; BASSLER, G. C. & MORRIL, T. C. *Identificação espectrométrica de compostos orgânicos*, 5ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1994. PAVIA, D. L.; LAMPMAN, G. M. & KRIZ, G. S. *Introduction to spectroscopy*, 2ed. Philadelphia: Saunders College Publishing, 1996.		

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: OPERAÇÕES UNITÁRIAS II	
CH **60 h**	**CRÉDITOS** **4.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS** Operações Unitárias II
EMENTA Processo de Destilação, Processo de Absorção, Processo de Secagem, Processo de Evaporação, Processo de Cristalização		
BIBLIOGRAFIA FOUST, A., S., WENZEL, L.A., CLUMP, C.W., MAUS, L., ANDRESEN, L.B.; *Princípios das Operações Unitárias*, 2ª Ed., Tradução: Horacio Macedo, Edit. LTC, Rio de Janeiro, 1982. FELDER, R.M., ROUSSEAU, *Princípios Elementares dos Processos Químicos*, 3ª Ed., Tradução: Martín Aznar, Edit. LTC, Rio de Janeiro, 2005. NYVLT, J., HOSTOMSKY, GIULIETTI, M., *Cristalização,* IPT, Edit. Edufscar, São Carlos, 2001. PERRY e CHILTON, Handbool, de *Engenharia Química*, 7ª Ed., Edit. Guanabara, Rio de Janeiro, 2002.		

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: SEGURANÇA DO TRABALHO	
CH **30 h**	**CRÉDITOS** **2.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS**
EMENTA Toxicologia, Riscos Químicos, Segurança Industrial, Legislação Trabalhista		
BIBLIOGRAFIA SILVA FILHO. A. L. Segurança Química, Editora LTr, São Paulo, 1999		

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: QUÍMICA INORGÂNICA INDUSTRIAL	
CH **75 h**	**CRÉDITOS** **3.2.0**	**PRÉ-REQUISITOS** Operações Unitárias I Operações Unitárias II

EMENTA

Tratamento de Água e Esgotos, Indústria de Cerâmica, Indústria de Cimento, Cal, Gesso e Calcário., Indústria de Ácido Nítrico e Ácido Sulfúrico, Indústria de Fertilizantes, Indústria de Cloro e Sódio (Seus Compostos).

BIBLIOGRAFIA

SHREVE, N.R., BRINK Jr., J.A.; *Indústrias de Processos Químicos*, 4ª Ed., Tradução: Horacio Macedo, Edit. Guanabara, Rio de Janeiro, 1997.

PLETCHER, D., WALSH, F.C., F.C., *Industrial Electrochesmistry*, 2ª Ed., Blackie Academic e Professional, Cambridge, 1990.

MACEDO, J.A.M., *Águas e Águas*, 2ª Ed., CRQ-MG, 2004, Belo Horizonte, 2004.

PESSOA, C.A., JORDÃO, E.P., *Tratamento de Esgotos Dometicos*, 4ª ED., Edit. ABES, Rio de Janeiro, 2005.

IMHOFF, K, IMHOFF, K., *Manual de tratamento de Águas Residuárias*, 26ª Ed., Tradutor: Max Lothar Hess, Ed. Edgar Blücher Ltda, São Paulo, 1986.

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: QUÍMICA ORGÂNICA INDUSTRIAL	
CH **75 h**	**CRÉDITOS** **3.2.0**	**PRÉ-REQUISITOS** Operações Unitárias I Operações Unitárias II

EMENTA

Indústria do Petróleo, Indústria Petroquímica, Indústria de Corantes, Indústria de Polímeros (Plásticos), Indústria de Óleos e Gorduras, Sabões e Detergentes., Indústria de Papel e Celulose

BIBLIOGRAFIA

SHREVE, N.R., BRINK Jr., J.A.; *Indústrias de Processos Químicos*, 4ª Ed., Tradução: Horacio Macedo, Edit. Guanabara, Rio de Janeiro, 1997.

RODAOLF Jr., A., NUNES, R.L., ORMANJI, W.; *Tecnología do PVC*, Edit. PRO-Editores, BRASKEN, São Paulo, 2002.

MANO, E.B., DIAS, M.L., OLIVEIRA, C.M.F., *Química Experimental de Polímeros*, Ed. Edgar Blücher, São Paulo, 2002.

MORETO, E., FETT, R*., Tecnologia de óleos e Gorduras Vegetais*, Livraria Varella, São Paulo, 1998.

CORRÊA, O.L.S., *Petróleo – Noções sobre Exploração, Perfuração, Produção e Microbiologia*, Edit. Interciência, Rio e Janeiro, 2003.

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: MICROBIOLOGIA INDUSTRIAL	
CH **90**	**CRÉDITOS** **2.4.0**	**PRÉ-REQUISITOS** Fundamentos de Bioquímica Operações Unitárias II
EMENTA Noções de microbiologia geral. Metabolismo microbiano. Controle de microorganismos: ação de agentes físicos, químicos e anaeróbicos. Tecnologia de fermentação: fermentação alcóolica e acética. Desinfecção industrial		
BIBLIOGRAFIA LIMA, V. A.; AQUARONE. E, & BORZANI, W. *Tecnologia das Fermentações*. Editora Edgard Blücher Ltda. São Paulo, 1975. LIMA, V. A.; AQUARONE. E, & BORZANI, W. *Tópicos de Microbiologia Industrial*. Vol. 02, Editora Edgard Blücher Ltda. São Paulo, 1975. AQUARONE. E.; LIMA, V. A. & BORZANI, W. *Alimentos e Bebidas Produzidas por Fermentação*. Vol. 05, Editora Edgard Blücher Ltda. São Paulo, 1983.		

CÓDIGO	DISCIPLINA: ESTÁGIO I	
CH **30**	**CRÉDITOS** **2.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS** Operações Unitárias II
EMENTA		
BIBLIOGRAFIA A bibliografia será disponibilizada de acordo com o projeto que o aluno irá elaborar.		

CÓDIGO	DISCIPLINA: ESTÁGIO I I	
CH **180**	**CRÉDITOS** **0.0.12**	**PRÉ-REQUISITOS** Química Inorgânica Industrial Química Orgânica industrial Microbiologia Industrial Estágio I
EMENTA		
BIBLIOGRAFIA A bibliografia será disponibilizada de acordo com a indústria que o aluno estiver fazendo o estagio		

23.2. DISCIPLINAS OPTATIVAS

CÓDIGO 220-632	DISCIPLINA: QUÍMICA INORGÂNICA III	
CH **60 h**	**CRÉDITOS** **4.0.0**	**PRÉ-REQUISITO** Química Inorgânica II-Q
EMENTA Espectros dos complexos de elementos de Química bioinorgânica. Química em solventes aquosos e não-aquosos.		
PRÉ-REQUISITO Química Inorgânica II-Q		
BIBLIOGRAFIA 1. TOMAS, H. E., *Química bioinorgânica*, Secretaria Geral da Organização dos Estados Unidos, Washington, D.C., 1984. 2. PURCEL, K.F., KORZ, J.C., *Química inorgânica*, Ed. Reverté S.A., Barcelona, 1979. 3. COTTON, F.A. and WILKINSON, G., *Advanced Inorganic chemistry*, John Wiley & Sous, New York, 1988. 4. CRABTREE, R. H., *The orgonometallic chemistry of the transition metals*, John Wiley & Sons, New York, 1988. 5. JOLLY, W. L., *Modern inorganic chemistry,* 2th, McGraw-Hill, New York, 1991.		

CÓDIGO 220-643	DISCIPLINA: CATÁLISE INORGÂNICA	
CH **45 h**	**CRÉDITOS** **3.0.0**	**PRÉ-REQUISITO** Química dos Metais de Transição.
EMENTA Princípios gerais de catálise. Catálise homogênea. Catálise heterogênea.		
BIBLIOGRAFIA FIGUEREDO, J. L. e RIBEIRO, F. R., *Catalise heterogênea*, Fundação Calouste Gulbenkian/ Lisboa, 1989. GATES, B. C., *Catalytic chemistry*, John Wiley & Sons, New York, 1992.		

CÓDIGO 220-643	DISCIPLINA: MÉTODOS FÍSICOS EM QUÍMICA INORGÂNICA	
CH **60 h**	**CRÉDITOS** **4.0.0**	**PRÉ-REQUISITO** Química Inorgânica I – Q
EMENTA Acoplamento dos momentos angulares (Russell – Saunders). Simetria molecular: elementos e operações. Teoria de grupo: propriedades, definições e representações de grupos, representações redutíveis e irredutíveis, simetria dos orbitais atômicos. Vibrações moleculares. Regras de seleção. Intensidade das bandas e dicroismo. Espectros IV e eletrônico.		
BIBLIOGRAFIA 1. COTTON. F. A. *Chemical aplications of group theory,* 3rd, Ed. John Wiley, Ney York, 1990. 2. HUHEEY, J. E., KEITER, E. A., AND KEITER, R. L. *Inorganic chemistry, principles of structure and reactivity*, Hasper Callim College Publisher, Fourth Edition, 1993. 3. SHRIVER, D. F., ATKINS, P. W., AND LANGFORD, C. H. *Inorganic chemistry*, 2nd. Ed. Oxford University Press, 1994. 4. HUHEEY, J. E. *Inorganic chemistry principles of structure and reativity*, Ed. Harper Collins Publishers, 1993.		

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: BIOMOLÉCULAS	
CH 45 h	**CRÉDITOS** **3.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS** Química Orgânica I

EMENTA

Metabólicos primários e secundários. Ocorrência e função dos metabólitos primários e secundários. Carboidratos, lipídios, aminoácidos e proteínas. Principais rotas biossintéticas de formação dos metabólitos secundários. Variação estrutural de policetídeos, terpenóides, cumarinas, lignóides, flavonóides e alcalóides. Análise fitoquímica

BIBLIOGRAFIA

BRUICE, P.Y. *Organic chemistry*. London: Prentice-Hall, 1995.

SOLOMONS, T .W. G. e FRYHLE, C. *Química orgânica*. 8 ed. Rio de Janeiro, LTC, 2005, v.1, 2006, v. 2.

MORRISON, R. T.; BOYD, R. N. *Química Orgânica*, 14. ed., Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2005.

DEWICK, P.M. *Medicinal natural products: a biosynthetic approach*. New York, John Wiley & Sons. 2002.

IKAN, R. *Natural products: a laboratory guide*, 2. ed, San Diego, Academic Press, 1991.

MATOS J. A., *Introdução à Fitoquímica experimental*. 2. ed Editora da UFC, Fortaleza, 1997.

BRUNETON, J. *Elementos de Fitoquimica y de farmacognosia*, Editorial ACRIBIA, S. A. Saragoza, 1991.

SIMÕES, C.M.O; SCHENKEL, E.P.; GOSMANN, G.; MELLO, J.C.P.; MENTZ, L.A.; PETROVICK, P.R. *Farmacognosia: da planta ao medicamento*. 2. Ed, Porto Alegre/ Florianópólis, Editora da UFRGS/Editora da UFSC, 2005.

CÓDIGO 220-616	DISCIPLINA: QUÍMICA ANALÍTICA APLICADA	
CH **60 h**	**CRÉDITOS** **0.4.0**	**PRÉ-REQUISITO** Química Analítica Instrumental

EMENTA

Análise de pelo menos um dos materiais seguintes materiais: argila, cimento, calcário, minério e solo. Análise de óleos e gorduras. Análise de água. Análise de mel.

BIBLIOGRAFIA

1. ADAD, J. M. T, *Controle químico de qualidade*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara dois S.A.1982. 204 p.
2. CHRISTIAN, G. D. *Analytical chemistry*. 5. ed., Nova Iorque: Wiley, 1994. 812 p.
3. COLLINS,C. H.; BRAGA, G. L.; S. BONATO, P. S. *Introdução a métodos cromatográficos*, 4. ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1990. 279 p.
4. HARRIS, D. C. *Análise química quantitativa*. 6 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2005. 862 p.
5. MENDHAM, J.; DENNEY, R. C.; BAERNES, J. D.; THOMAS, M. J. K. Vogel: *Análise química quantitativa*. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002. 462 p.
6. MORETTO, E., ALVES, R. F. *Óleos e gorduras vegetais: processamento e análises*, 2ª ed., Florianópolis: Editora da UFSC, 1989. 179 p.
7. SKOOG, D. A.; HOLLER, F. J.; NIEMAN, T. A. *Princípios de análise instrumental*. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002. 836 p.
8. SKOOG, D. A.; WEST, D. M.; HOLLER, F. J. *Fundamentals of analytical chemistry*. 7. ed. Orlando: Saunders College Publishing, 1996. 870 p.

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: TÓPICOS EM QUÍMICA ANALÍTICA I	
CH **60 h**	**CRÉDITOS** **2.2.0**	**PRÉ-REQUISITOS** Quimica Analitica Quantitativa

EMENTA

Métodos de separação: cromatografia, extração com solvente, eletroforese convencional e capilar

BIBLIOGRAFIA

CHRISTIAN, G. D. *Analytical chemistry*. 5. ed., Nova Iorque: Wiley, 1994. 812 p.

COLLINS,C. H.; BRAGA, G. L.; S. BONATO, P. S. *Introdução a métodos cromatográficos*, 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990. 279 p.

HARRIS, D. C. *Análise química quantitativa*. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2005. 876 p.

MENDHAM, J.; DENNEY, R. C.; BAERNES, J. D.; THOMAS, M. J. K. Vogel*: Análise química quantitativa*. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002. 462 p.

SKOOG, D. A.; WEST, D. M.; HOLLER, F. J.; CROUCH, S. R. *Fundamentos de química analítica*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006. 999 p.

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: ELETROQUÍMICA	
CH 60 h	**CRÉDITOS** 2.2.0	**PRÉ-REQUISITOS** Física Fundamental I

EMENTA

Conceitos fundamentais. Condução eletrolítica. Potenciais de eletrodos. Células eletroquímicas. Eletrólise. Corrosão.

BIBLIOGRAFIA

MOORE, W. J., *Físico - química*, vol. 02, Editora Edgard Blucher Ltda, 1976.

FIGUEIREDO, D. G. *Problemas resolvidos de físico - química*, LTC Belo Horizonte, 1982.

DENARO, A . R., *Fundamentos de eletroquímica*, Tradução Juergem Heinrich Maar, São Paulo Edgard Blucher, 1974.

BAGOTZKY, V. S. *Fundamentos electrochemistry*, Ed. Planum, Moscou 1993.

RUBISTEIN, I., *Physical electrochemistry, principles methodos and aplications* Ed. Dekker, New York. 1995.

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: TÓPICOS EM FÍSICO-QUÍMICA	
CH **30 h**	**CRÉDITOS** **2.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS** Físico-Quimica II
EMENTA Temas atuais divulgados comunicações científicas.		
BIBLIOGRAFIA ATKINS, P. W., *Physical chemistry*, 4th ed., Oxford University Press, 1990 CASTELLAN, G. W., *Fundamentos de físico química, livros técnicos e cientificos* S.A. 1986 CRC *Handbook of chemistry and physics – special student,* Edition – David R. Lide (Editor – in – Chief) 73rd ed. CRC Press. 1992 – 1993. LEVINE, I. N., *Physical chemistry*, 3rd ed. McGraw-Hill International Editions 1988.		

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: INTRODUÇÃO A CIÊNCIAS DOS POLÍMEROS	
CH **30 h**	**CRÉDITOS** **2.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS**
EMENTA Introdução. Polimerização. Caracterização. Estrutura e Propriedades.		
BIBLIOGRAFIA Artigos da Revista da Associação Brasileira de Polímeros (ABPol) Billmeyer, F. W. Jr., *Textbook of polymer science*, John Wiley & Sons, Singapure, 1984. Charles, E. and Carraher, Jr*, Polymer chemistry: An Introduction,* 4th Edition, Marcel Dekker, (1996). Grosberg, A. Y. and Khokhlov, A. R. *Giant Molecules,* Academic Press, 1997. http://plc.cwru.edu/tutorial/enhanced/files/textbook.htm Munk, P., *Introduction to macromolecular science,* John Wiley, 1989. Sperling, L. H., *Introduction to physical polymer science*, 2nd ed, John Wiley, (1992). Strobl, G. R., *The physics of polymers: concepts for understanding their structure and behavior*, Springer-Verlag, 1996. Young, R. J. and P. A. Lovell, *Introduction to polymers,* 2nd ed, Chapman and Hall, 1991.		

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: FÍSICO-QUIMICA EXPERIMENTAL	
CH **60 h**	**CRÉDITOS** **0.4.0**	**PRÉ-REQUISITOS** **Físico-Quimica I**
EMENTA Determinação experimental de propriedades físico-químicas. Aplicação métodos teóricos e computacionais no estudo da Físico-Química.		
BIBLIOGRAFIA BUENO, W.A. e DEGREVE, L. *Manual de laboratório de físico-química*. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1980. SHOEMAKER et. al. *Experiments in physical chemistry*. 5ª Ed. Singapura, McGraw Hill, 1989.		

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: TÓPICOS EM QUÍMICA ORGÂNICA I	
CH **30 h**	**CRÉDITOS** **2.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS** QUÍMICA ORGÂNICA I
EMENTA Será definido na oferta da disciplina, de acordo com o tópico a ser abordado.		
BIBLIOGRAFIA Será definida na oferta, de acordo com o tópico a ser abordado.		

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: TÓPICOS EM QUÍMICA ORGÂNICA II	
CH **60 h**	**CRÉDITOS** **4.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS** QUÍMICA ORGÂNICA II
EMENTA Será definido na oferta da disciplina, de acordo com o tópico a ser abordado.		
BIBLIOGRAFIA Será definida na oferta, de acordo com o tópico a ser abordado.		

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: MÉTODOS DE SEPARAÇÂO	
CH **60 h**	**CRÉDITOS** **4.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS** QUÍMICA ORGÂNICA III
EMENTA Extração. Destilação simples e fracionada. Destilação à pressão reduzida. Recristalização. Cromatografia e Extração em fase sólida (SPE)		
BIBLIOGRAFIA 1. VOGEL, A.I. *Química orgânica:análise orgânica qualitativa*. 3. ed, Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1988. v. 1, 2 e 3. 2. COLLINS, H.C.; BRAGA, G.L.; BONATO, P.S. *Fundamentos de cromatografia.* Campinas, Ed da UNICAMP. 2006. 3. AQUINO NETO, F. R.; NUNES, D. S. S. *Cromatografia: princípios básicos e técnicas afins.* Rio de Janeiro, Interciência. 4. LANÇAS, F. *Extração em fase sólida (SPE).* São Carlos, RiMa, 2004.		

CÓDIGO 220-	DISCIPLINA: ESTEREOQUÍMICA ORGÂNICA	
CH **30 h**	**CRÉDITOS** **2.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS** QUÍMICA ORGÂNICA III

EMENTA

Termos fundamentais em estereoquímica. Isômeros constitucionais e isômeros espaciais. Aspectos estruturais de moléculas orgânicas: visão tridimensional, projeções no plano, elementos de simetria, quiralidade e moléculas quirais desprovidas de centros quirais. Análise conformacional. Sistema de nomenclatura R/S e outros descritores de configurações e conformações. Ligantes e faces heterótopos, proquiralidade. Reações que produzem moléculas quirais; reações com moléculas quirais; estereosseletividade e estereoespecificidade. Resolução de enantiômeros, pureza enantiomérica. Síntese assimétrica. Determinação de estereoquímica por métodos espectroscópicos.

BIBLIOGRAFIA

ELIEL, E. L.; WILEN, H. S. *Stereochemistry of organic compounds*, John Wiley & Sons, Inc., New York, 1994.

JUARISTI, E. *Introduction to Stereochemistry and conformational analysis*, John Wiley & Sons, New York, 1991.

POTAPOV, V. M. *Stereochemistry*, MIR Publishers, Moscou, 1979.

CLAYDEN, J.; GREEVES,N; WARREN, S.; WOTHERS, P. *Organic chemistry*, Oxford Press, New York, 2001

MORRISON, R. T.; BOYD, R. N. *Química orgânica*, 14. ed., Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2005

VOLHARDT, K. P. C.; SCHORE, N. E. *Química Orgânica*, 4. ed., Bookman, São Paulo, 2003

CÓDIGO 220-706	DISCIPLINA: TECNOLOGIA DOS ALIMENTOS	
CH **90H**	**CRÉDITOS** **2.4.0**	**PRÉ-REQUISITOS** MICROBIOLOGIA INDUSTRIAL

EMENTA

Aspectos genéricos da tecnologia dos alimentos. Composição dos produtos alimentícios. Microbiologia dos alimentos. Limpeza e sanitização na indústria Química. Enzimas. Embalagem e conservação dos alimentos.

BIBLIOGRAFIA

GAVA, A. J. *Princípios de Tecnologia de Alimentos.* Livraria Nobel S.A, 3ed. São Paulo, 1981.

BOBBIO, F. O. & BOBBIO, P. A. *Manual de Laboratório de Química de Alimentos*. Livraria Varelo, São Paulo, 1995.

PREGNOLATTO, W. & PREGNOLATTO, P. *Normas Analíticas do Instituto Adolfo Lutz*. 3ed. São Paulo. 1985, Vols: 01 e 02.

BOBBIO, F. O. & BOBBIO, P. A. *Química do Processamento de Alimentos*. 2ed. Livraria Varelo, São Paulo, 1992.

MORETTO, E. & FETT, R. *Oleos e Gorduras Vegetais*. 2ed. Editora da UFSC, Florianópolis, 1989.

CÓDIGO 220-629	DISCIPLINA: HISTÓRIA DA QUÍMICA	
CH 45H	CRÉDITOS 3.0.0	PRÉ-REQUISITOS -

EMENTA

Química Antiga e Medieval. A Alquimia e a Química Médica. A Teoria de Flogisto. A Descoberta de Gases. Lavoisier e as bases da Química Moderna. a Teoria Atômica da Matéria. Origem e Desenvolvimento da Química Orgânica e Físico-Química. A 1ª Lei Periódica. A Estrutura do átomo. A Química no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

VIDAL, B. *Historia da Química*. Edições 70, Lisboa 1986.

VINCENTE, B. B. et STENGERS, I. *Hestoire de la Chimie*. Éditions la Découverte, Paris, 1993.

CHAGAS, A. P*. Como se Faz Química*. Editora da Unicamp, Campinas, 1989.

VANIN, J. A. *Alquimistas e Químicos*. Editora Moderna, São Paulo,1993.

CÓDIGO 220-100	DISCIPLINA: INTRODUÇÃO À COMPUTAÇÃO	
CH 60H	CRÉDITOS 2.2.0	PRÉ-REQUISITOS -

EMENTA

Conceitos Básicos. Processamento de Informação. Número e Aritmética. Projeto Lógico. Memória e Armazenamento. Arquitetura da Unidade Central de Processamento. Entrada e Saída de Dados. Unidades de Controle. Tipos de Dados. Software básico: bibliotecas de software, sistemas operacionais, editores de textos. Tratamento da Informação. Algoritmos. Linguagem de Programação.

BIBLIOGRAFIA

GRILLO, M. C. A. *Turbo Pascal.* Rio de Janeiro, Editora LTC, 1988.

GUIMARÃES, A. M. & LAGES, N. A. C. *Introdução à Ciência da Computação.* São Paulo. Ed. Ática 1990.

GUIMARÃES, A. M. E LAGES, N. A. C. *Algoritmos e Estruturas de Dados.* Rio de Janeiro, Ed. LTC, 1985.

KANAAN, J. C. *Informática Global.* São Paulo Ed. Pioneira, 1998.

CÓDIGO 230-306	DISCIPLINA: ECOLOGIA GERAL	
CH **60H**	**CRÉDITOS** **2.2.0**	**PRÉ-REQUISITOS** **-**

EMENTA

Relações ecológicas (fatores bióticos). Ciclos biogeoquímicos Degradação e conservação ambiental. Ecologia do Piauí.

BIBLIOGRAFIA

RILEY, J. P. end CHESTER, R. *Chemical Oceanography*. Academy Press, London, 1978.
GRANVILLE, H. S. *Administração e Controle da Qualidade Ambiental*. Trad., Gildo Magalhães da S. Filho, São Paulo, Ed. USP/CETESB.
CHIAVENATO, J. J. *O Massacre da Natureza*. Ed. Moderna, 1989.
BRANCO, S. M. *Poluição, Proteção e Uso Múltiplos de Represas*. Ed. Edgard Blucher, CETESB, 1977. ESTEVES, F. A. *Fundamentos de Limmologia, Ed. Interciencia.* Rio de Janeiro, FINEP, 1988.

CÓDIGO 220-626	DISCIPLINA: SÍNTESE ORGÂNICA	
CH **60H**	**CRÉDITOS** **4.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS** Química Orgânica II – Q

EMENTA

Filosofia da Síntese Orgânica. Transformação de Grupos de alguns Compostos Naturais.

BIBLIOGRAFIA

COREY,E. J. & CHENG, X. M. *The Logic of Chemical Synthesis*, New York, John Wiley & Sons. 1989.

MACKIE, B. K.; SMITH, O. M. & AITKEN, R. A. *Guidbook to Organic Synthesis*, 2ed, New York, John Wiley & Sons. 1990.

LAROCK, R. C. *Comprehensive Organic Transformations*, New York VCH. 198

CÓDIGO 220.637	DISCIPLINA: MÉTODOS FÍSICOS EM QUÍMICA ORGÂNICA	
CH **45H**	**CRÉDITOS** **3.0.0**	**PRÉ-REQUISITOS** Química Orgânica II – Q

EMENTA

Interpretação e Avaliação da Espectroscopia de Ultravioleta. Infravermelho. Ressonância Magnética Nuclear e Massa na Elucidação de Estruturas de Compostos Orgânicos

BIBLIOGRAFIA

SILVERSTEIN, R. M. ; BASSLER, G. C. & MORRIL, T. C. *Identificação Espectrométrica de Compostos Orgânicos,* 5ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1994.
PAVIA, D. L.; LAMPMAN, G. M. & KRIZ, G. S. *Introduction to Spectroscopy*, 2ed. Philadelphia: Saunders College Publishing, 1996.

CÓDIGO 220-634	DISCIPLINA: QUÍMICA ORGÂNICA EXPERIMENTAL II	
CH 60H	CRÉDITOS 0.4.0	PRÉ-REQUISITOS Química Orgânica II – Q

EMENTA

Preparação Reação e Caracterização de Compostos Aromáticos e de Compostos Alifáticos Oxigenados e Nitrogenados, Caracterização de Carboidratos, Lipídios e Proteínas.

BIBLIOGRAFIA

MANO, E. B. & SEABRA, A. P. *Praticas de Química Orgânica*. 3ed. São Paulo; Edgard Blucher Ltda. 1987

ZUBRICK, J. W. *The Organic Chemistry Lab. Survival Manual*. 3ed. New York, John Wiley & Sons, 1992.

PAVIA, D. L. ; LAMPMAN, G. M. & KRIZ, JR, G. S. *Introduction to Organic Laboratory Techniques*. 2ed. New York, CBS College Publishing, 1982.

CÓDIGO	DISCIPLINA: TÓPICOS DE QUÍMICA: PATENTES, MARCAS E PROPRIEDADE INTELECTUAL	
CH 60H	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS -

EMENTA

Estudar a transferência de conhecimento científico para a sociedade através de propriedade intelectual e de serviços: artigos, patentes, marcas, e outros, os resultados de pesquisa e desenvolvimentos com apropriação dos resultados.

BIBLIOGRAFIA

Cartilha: PI: O que? Porquê?, Para quê? Como?, Rede NIT-NE, 2006 (www.nit.ufba.br)

www.inpi.gov.br, Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI)

http://www.cgee.org.br, Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE)

www.mct.gov.br, Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT)

www.nit.ufba.br, Núcleo de Inovação Tecnológica da Universidade Federal da Bahia

www.abpi.org.br, Associação Brasileira da Propriedade Intelectual (IBPI)

www.wipo.int, Organização Mundial de Propriedade Intelectual (OMPI)

CÓDIGO 220-660	DISCIPLINA: EMPREENDEDORISMO EM QUÍMICA	
CH 60H	CRÉDITOS 4.0.0	PRÉ-REQUISITOS -

EMENTA

Desenvolvimento da capacidade empreendedora, com ênfase no estudo do perfil do empreendedor, nas técnicas de identificação e aproveitamento de oportunidades, na aquisição e gerenciamento dos recursos necessários ao negócio, fazendo uso de metodologias que priorizam técnicas de criatividade e da aprendizagem pró-ativa.

BIBLIOGRAFIA

1. DOLABELA, F.; *OFICINA DO EMPREENDEDOR*; Cultura Editores Associados, São Paulo, 1999.
2. DOLABELA, F.; *O SEGREDO DE LUÍSA*; 13ª ED. Cultura Editores Associados, São Paulo, 1999.
3. DOLABELA, F.; Doctorsys, *MAKEMONEY* (softwer de plano de negócios), Belo Horizonte, 1999.
4. PEREIRA, H. J.; SANTOS, S. A; *CRIANDO SEU PRÓPRIO NEGÓCIO*; EDIÇÃO SEBRAE; 1995.
5. CARLZON, J.; *A HORA DA VERDADE*; COOP EDITORA, 6ª EDIÇÃO, RIO DE JANEIRO, 1992.
6. DEGEN, R.*; O EMPREENDEDOR – fundamentos da iniciativa empresarial*; McGraw-Hill; S. Paulo; 1998.
7. DRUCKER, P. F.; *ADMINISTRADOR PARA O FUTURO*: Os Anos 90 e a virada do século; Livrarias Pioneira; 2ª Ed.; São Paulo, 1992.
8. GERBER, M. E.; *O MITO DO EMPREENDEDOR*. Editora Saraiva; 3ª Ed.; S. Paulo; 1992.
9. REVISTA - EXAME.
10. REVISTA - PEQUENAS EMPRESAS, GRANDES NEGÓCIOS.
11. GAZETA MERCANTIL.
12. SITES: http:/www.miner.uol.com.br
    http:/www.matrixr.com.Br
    http:/www.originetr.com.Br
    http:/www.empreendedor.com.Br

CÓDIGO 220-660	DISCIPLINA: TÓPICOS EM SEGURANÇA E TÉCNICAS BÁSICAS DE LABORATÓRIO	
CH 60H	CRÉDITOS 2.2.0	PRÉ-REQUISITOS -

EMENTA

Normas e equipamentos de segurança, aquecimento e resfriamento, substâncias perigosas, compatibilidade e acondicionamento, planejamento, geração de resíduos, pesagem, medição de volume, processos de separação, uso de aparelhos e das instalações do laboratório.

BIBLIOGRAFIA

1. J. W. - Dawson, Manual de Laboratório de quimica - 1ª edición, trducido por Dr. Homero Vela Treviño, ciudad de México, Mexico, 1971
2. D. C. Harris, Anáse Química Quantitativa - 5ª edição, tradução de Carlos Alberto da Silva Riehl e Alcides Wagner Serpa Guarino, Ed. LTC, Rio de Janeiro, 2001.
3. D. A. Skoog, D. M. West e F. J. Holler, Analycal Chemistry- An Introduction, 6th edition, Saunders College Publishing, USA, 1994. (Há uma versão em Português da 8ª edição pela Editora Thomson).
4. J. W Zubrick Manual de Sobrevivência no Laboratório de Química Orgânica, 6ª edição, Ed. LTC, Rio de Janeiro, 2005
5. https://vprgsecure.web.virginia.edu/oehs/training/secure_training_home.cfm#cst em 02-07-08

6. N. A. Baccan, J. C. Godinho e J. S. Barone - 3ª edição, Ed. Edgard Blücher Ltda, São Paulo, 2001.
7. E. Jungreis Spot test Analysis, 2ª edição, J Wiley, N York 1997.
8. F. Feigle and V. Anger, Spot tests in inorganic analysis. , Elsevier, Amsterdam 1972

	DISCIPLINA: FLUIDOS DE PERFURAÇÃO E COMPLETAÇÃO	
CH **60H**	**CRÉDITOS** **3.1.0**	**PRÉ-REQUISITOS** 1) Química Analítica Qualitativa 2) Química Orgânica II – Q

EMENTA

Fundamentos de fluidos de perfuração e completação. Sistemas terrestres e marítimos de circulação de fluidos. Química coloidal dos fluidos. Interface rocha-fluido. Tipos de fluidos de perfuração e completação. Reologia dos fluidos. Controles de sólidos. Condicionamentos do poço. Problemas operacionais de poços.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

RENPU, Wan. Engenharia de completação de poços. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016. 744 p.
CAENN, Ryen; DARLEY, H. C. H.; GRAY, George R. Fluidos de perfuração e completação. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. 712 p.
THOMAS, José Eduardo. Fundamentos de engenharia de petróleo. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2004. 272 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ROCHA, Luiz Alberto Santos; AZEVEDO, Cecília Toledo de. Projetos de poços de petróleo: geopressões e assentamento de colunas de revestimentos. 3. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2016. 696 p.
PALMER, Andrew Clennel. Introduction to Petroleum Exploration and Engineering. Singapore: World Scientific Publishing Company, 2016. 156 p.ROCHA, Luiz Alberto Santos; AZUAGA, D.; ANDRADE, R.; VIEIRA, J. L. B.; SANTOS, O. L. A. Perfuração direcional. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência; Petrobras; IBP, 2008. 323 p.
CORRÊA, O. Petróleo: noções sobre exploração, perfuração, produção e microbiologia. Rio de Janeiro: Interciência, 2003. 92 p.
MACHADO, José Carlos Vieira. Reologia e escoamento de fluidos: ênfase na indústria do petróleo. Rio de Janeiro: Interciência, 2002. 258 p.ENPU

	DISCIPLINA: INTRODUÇÃO AO PETRÓLEO E GÁS NATURAL E CO_2	
CH **60H**	**CRÉDITOS** **3.1.0**	**PRÉ-REQUISITOS** 3) Química Analítica Qualitativa 4) Química Orgânica II – Q

EMENTA

Origens do Petróleo e sua Acumulação. As atividades da indústria: exploração, performance e desenvolvimento de reservatórios, perfuração e completação de poços, avaliação de formações, elevação natural e artificial, processamento, transporte, distribuição. Sistemas de produção de petróleo. Contratos e regulamentação. Atividades de Exploração e Produção de Gás Natural. Atividades de processamento de gás natural. Sistemas logísticos de distribuição e transporte de gás natural. Usos finais de petróleo e gás natural e suas externalidades socioambientais. O CO2 e os gases de efeito estufa, e estratégias de descarbonização e mitigação de emissões.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MOUTINHO DOS SANTOS, Edmilson; PEYERL, Drielli; NETTO, Anna Luisa Abreu. Oportunidades e desafios do gás natural e do gás natural liquefeito no Brasil. São Paulo: RCGI, 2020. 180 p.
COSTA, Hirdan Katarina de Medeiros (Org.). Transição energética, justiça geracional e mudanças climáticas: o papel dos fósseis e a economia de baixo carbono. 1. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2020. 364 p.
INDIO DO BRASIL, Nilo; ARAÚJO, Maria Adelina Santos. Processamento de petróleo e gás. São Paulo: Editora XYZ, 2018. 400 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

LYONS, William C.; PLISGA, Gary J. Standard handbook of petroleum and natural gas engineering. 2. ed. Burlington: Elsevier Science & Technology, 2004. 1568 p.
GAUTO, Marcelo Antunes; APOLUCENO, Daniela de Melo; AMARAL, Messias Candido; AURIQUIO, Paulo Cezar. Petróleo e gás: princípios de exploração, produção e refino. Porto Alegre: Bookman, 2016. 246 p.
FARAH, Marco Antônio. Petróleo e seus derivados: definição, constituição, aplicação, especificações e características de qualidade. Rio de Janeiro: LTC, 2012. 282 p.
GONG, Binlei. Shale energy revolution: the rise and fall of global oil and gas industry. Singapore: Springer, 2020. 217 p.

	DISCIPLINA: AVALIAÇÃO DE IMPACTOS AMBIENTAIS NO SETOR DE PETRÓLEO	
CH **60H**	**CRÉDITOS** **3.1.0**	**PRÉ-REQUISITOS** 5) Química Analítica Qualitativa 6) Química Orgânica II – Q

EMENTA

Introdução à avaliação de impactos ambientais: educação ambiental e direitos humanos. Diagnóstico ambiental e sua contextualização. O diagnóstico ambiental pré-empreendimento. O diagnóstico ambiental pós-empreendimento. Práticas de diagnósticos pré- e pós-empreendimentos no âmbito do setor de petróleo e gás. Conceitos e contextualização de avaliação de impactos. Eia/rima. Métodos de avaliação de impactos ambientais; matrizes de interação; superposição de cartas; redes de interação; modelos de simulação. Levantamento de passivo ambiental. Sistemas de gerenciamento ambiental. Estudo de casos referentes a impactos devidos a petróleo e derivados. Monitoramento e auditoria ambiental. A variabilidade natural e a dificuldade na identificação de impactos. Planejamento amostral e modelos de desenho amostral na avaliação de impacto de vazamentos. Caracterização, diagnóstico e monitoramento ambiental. Impactos na prospecção, produção, refino e transporte em terra e no mar. Metodologias de avaliação de impactos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS (IBAMA). Guia de avaliação de impacto ambiental: relação causal de referência de petróleo e gás – produção. Brasília: IBAMA, 2023. 132 p.
FERREIRA, Larissa Sarmento; SIMAS, Joemes de Lima; ALMEIDA, Ana Carolina Monte; et al. Identificação de riscos e impactos ambientais na indústria do petróleo. 1. ed. São Paulo: Novas Edições Acadêmicas, 2021. 60 p.
WALTER, Tatiana; CALDASSO, Liandra Peres; VERLY, Jéssica Fischer (Orgs.). Avaliação de impactos ambientais sob uma perspectiva crítica. São Paulo: Pod Editora, 2024. 274 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

RAHMAN, Israa; ALANBARI, Mohammad Ali. Uma abordagem LCA para avaliar os impactos ambientais da indústria petrolífera: Estudo de caso Refinaria Al-Daura. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2024. 120 p.
GUIMARÃES, José Iveraldo. Avaliação e análise de impactos ambientais. 1. ed. Natal: Instituto Tecnológico Brasileiro, 2014. 171 p.
SÁNCHEZ, Luis Enrique. Avaliação de impactos ambientais: conceitos e métodos. 3. ed. São

Paulo: Oficina de Textos, 2013. 495 p.
GARCIA, Katia Cristina; LA ROVERE, Emílio Lèbre. Petróleo: acidentes ambientais e riscos à biodiversidade. Rio de Janeiro: Interciência, 2011. 232 p.
MARIANO, Jaqueline Barboza. Impactos ambientais do refino de petróleo. 1. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005. 228 p.

	DISCIPLINA: GESTÃO AMBIENTAL DE ÁGUAS, EFLUENTES E EMISSÕES	
CH **60H**	**CRÉDITOS** **3.1.0**	**PRÉ-REQUISITOS** 7) Química Analítica Qualitativa 8) Química Orgânica II – Q

EMENTA

Estudo dos princípios e diretrizes regulatórias para a gestão de águas, efluentes e emissões atmosféricas no setor de petróleo, gás e biocombustíveis. Avaliação crítica dos impactos ambientais, metodologias de monitoramento e tecnologias de mitigação. Análise de legislações nacionais e internacionais, com ênfase em normativas da ANP, CONAMA e órgãos correlatos. Aplicação de estratégias para otimização de processos industriais, visando a sustentabilidade hídrica e a minimização da carga poluidora. Estudos de caso e práticas inovadoras na gestão de resíduos líquidos e gasosos, considerando os desafios impostos pelas mudanças climáticas e a transição energética.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRAGA, Benedito; HESPANHOL, Ivanildo. Introdução à engenharia ambiental. São Paulo: Pearson, 2021. 416 p.
INSTITUTO BRASILEIRO DE PETRÓLEO E GÁS – IBP. Caderno de boas práticas de E&P: revitalização das atividades de exploração e produção de petróleo e gás natural em áreas terrestres (REATE). Rio de Janeiro: IBP, 2020. 108 p.
BITTENCOURT, Cláudia; SILVA, Maria Aparecida. Tratamento de água e efluentes: fundamentos de saneamento ambiental e gestão de recursos hídricos. São Paulo: Érica, 2018. 272 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MOTA, Suzana. Tratamento de efluentes gasosos. São Paulo: ABES, 2017. 288 p.
VON SPERLING, Marcos. Introdução à qualidade das águas e ao tratamento de esgotos. 4. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2016. 452 p.
METCALF & EDDY. Wastewater engineering: treatment and resource recovery. 5. ed. New York: McGraw-Hill, 2014. 2016 p.
ARARUNA JÚNIOR, José Tavares; BURLINI, Patrícia. Gerenciamento de resíduos na indústria de petróleo e gás: os desafios da exploração marítima no Brasil. Rio de Janeiro: Elsevier; PUC-Rio, 2014. 240 p.
SINCERO, Armando P.; SINCERO, Gregoria A. Environmental engineering: a design approach. Upper Saddle River: Prentice Hall, 2002. 852 p.

	DISCIPLINA: MATERIAIS PARA ENGENHARIA DE PETRÓLEO	
CH **60H**	**CRÉDITOS** **3.1.0**	**PRÉ-REQUISITOS** 9) Química Analítica Qualitativa 10) Química Orgânica II – Q

EMENTA

Propriedades dos materiais: físicas, químicas e mecânicas. Caracterização dos materiais metálicos, poliméricos, cerâmicos e conjugados. Conformação mecânica. Usinagem de materiais metálicos. Equipamentos e processos de soldagem. Critérios de seleção de materiais. Seleção de materiais (metálicos, poliméricos, cerâmicos e conjugados) para atender às solicitações: resistência mecânica, fadiga, tenacidade, desgaste, altas temperaturas, corrosão. Seleção de materiais para a indústria de petróleo. Inspeção de materiais e componentes. Tratamento de superfície.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

PELLICCIONE, André da Silva; SILVA, Paulo Sérgio Carvalho Pereira da. Análise de falhas: trincas e fraturas em equipamentos metálicos. Rio de Janeiro: Universidade Petrobras, 2024. 240 p.
AGÊNCIA NACIONAL DO PETRÓLEO, GÁS NATURAL E BIOCOMBUSTÍVEIS – ANP. Normas técnicas para materiais avançados na indústria de petróleo e gás. Edição atualizada. Rio de Janeiro: ANP, 2023.
DWIVEDI, Deepak; RANJAN, Amit; SANGWAI, Jitendra S. (Eds.). Functional Materials for the Oil and Gas Industry: Characterization and Applications. 1st ed. Boca Raton: CRC Press, 2022. 320 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FERRANTE, Maurizio. Seleção de materiais. 3. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2021. 256 p.
TEMIZEL, Cenk; SARI, Mufrettin Murat; CANBAZ, Celal Hakan; SAPUTELLI, Luigi; TORSAETER, Ole. (Eds.). Sustainable Materials for Oil and Gas Applications. 1st ed. Cambridge, MA: Gulf Professional Publishing, 2021. 276 p.
JAVAHERDASHTI, Reza; NWAOHA, Chikezie; TAN, Henry. (Eds.). Corrosion and Materials in the Oil and Gas Industries. Boca Raton: CRC Press, 2016. 721 p.
GERWICK, Ben C. Construction of marine and offshore structures. 3. ed. Boca Raton: CRC Press, 2007. 840 p.
TELLES, Pedro Carlos da Silva. Materiais para equipamentos de processo. 6. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2003. 276 p.

	DISCIPLINA: BIOCOMBUSTÍVEIS: CARACTERIZAÇÃO E CONTROLE DE QUALIDADE	
CH **60H**	**CRÉDITOS** **3.1.0**	**PRÉ-REQUISITOS** 11) Química Analítica Qualitativa 12) Química Orgânica II – Q

EMENTA

Fundamentos dos biocombustíveis e seu papel na matriz energética global e nacional. Principais rotas tecnológicas para a produção de biodiesel, com ênfase na transesterificação e matérias-primas oleaginosas. Caracterização físico-química do biodiesel e seus parâmetros de qualidade segundo normativas da ANP e ASTM. Técnicas analíticas para avaliação da composição e estabilidade do biodiesel, incluindo cromatografia gasosa, espectroscopia no infravermelho e termogravimetria. Desempenho do biodiesel em motores ciclo Diesel e impacto nas emissões. Aspectos regulatórios, normas ambientais e políticas públicas para a produção e comercialização. Sustentabilidade e desafios tecnológicos na ampliação da utilização de biocombustíveis no setor energético. Estudos de caso e práticas laboratoriais para controle de qualidade e certificação do biodiesel.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

RAMOS, Luiz Pereira. Biodiesel: fundamentos e processos de produção. Rio de Janeiro: Interciência, 2021. 280 p.
DEMIRBAS, Ayhan. Biodiesel: a realistic fuel alternative for diesel engines. 2. ed. Cham: Springer, 2020. 336 p.
MA, F.; HANNA, M. A. Biodiesel production:fundamentals and principles.Cham:Springer,2019.124 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AGRAWAL, Vandana; PATHARIYA, Anoop Kumar. Uma introdução aos bio-combustíveis. São Paulo: Edições Nosso Conhecimento, 2023. 76 p.
MURTA, Luciano. Biocombustíveis de segunda geração: conceitos e caminhos para aproveitamento da biomassa. São Paulo: Saraiva Conteúdo, 2022. 210 p.
AGÊNCIA NACIONAL DO PETRÓLEO, GÁS NATURAL E BIOCOMBUSTÍVEIS – ANP. Regulamentos técnicos e especificações para biodiesel.
MENDES, Pietro Adamo Sampaio. Sustentabilidade na produção e uso do biodiesel. São Paulo: Interciência, 2021. 198 p.

KNOTHE, Gerhard; KRAHL, Johannes; VAN GERPEN, Jon. The biodiesel handbook. 2. ed. Urbana: AOCS Press, 2015. 494 p.

	DISCIPLINA: MONITORAMENTO AMBIENTAL DE HIDROCARBONETOS	
CH **60H**	**CRÉDITOS** **3.1.0**	**PRÉ-REQUISITOS** 13) Química Analítica Qualitativa 14) Química Orgânica II – Q

EMENTA

Princípios e metodologias de monitoramento ambiental em áreas impactadas por atividades da indústria de petróleo, gás natural e biocombustíveis. Técnicas de amostragem e análise de hidrocarbonetos em diferentes matrizes ambientais: petróleo, água e sedimentos. Processos de degradação e comportamento de hidrocarbonetos no ambiente. Métodos analíticos para detecção e quantificação de Hidrocarbonetos Policíclicos Aromáticos (HPAs) e biomarcadores, incluindo cromatografia gasosa e espectrometria de massas. Monitoramento da qualidade da água e sedimentos em áreas sob influência de derramamentos e descargas operacionais. Avaliação de impactos ambientais e aplicação de normas nacionais e internacionais para controle e mitigação da contaminação. Estudos de caso e práticas laboratoriais para caracterização de contaminantes e estratégias de remediação ambiental.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BEHERA, Ipsita Dipamitra; DAS, Alok Prasad (eds.). Environmental hydrocarbon pollution and zero waste approach towards a sustainable waste management. Cham: Springer, 2025. VII, 436 p.

KUPPUSAMY, Saranya; MADDELA, Naga Raju; MEGHARAJ, Mallavarapu; VENKATESWARLU, Kadiyala. Total petroleum hydrocarbons: environmental fate, toxicity, and remediation. Cham: Springer, 2020. 264 p.

VASSEGHIAN, Yasser (Ed.). Biomass for environmental remediation. 1. ed. Amsterdam: Elsevier, 2025. 316 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AGÊNCIA NACIONAL DO PETRÓLEO, GÁS NATURAL E BIOCOMBUSTÍVEIS – ANP. Normas técnicas para monitoramento ambiental na indústria de petróleo e biocombustíveis.

FILLER, Dennis M.; SNAPE, Ian; BARNES, David L. (Eds.). Bioremediation of petroleum hydrocarbons in cold regions. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. 273 p.

HEALY, M.; WISE, D. L.; MOO-YOUNG, M. (Eds.). Environmental monitoring and biodiagnostics of hazardous contaminants. Dordrecht: Springer, 2001. 352 p.

KOSTECKI, Paul T.; CALABRESE, Edward J. (Eds.). Hydrocarbon contaminated soils and groundwater: analysis, fate, environmental and public health effects, and remediation.

Chelsea: Lewis Publishers, 1992. 576 p.
JAHN, Frank; COOK, Mark; GRAHAM, Mark. Introdução à exploração e produção de hidrocarbonetos. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. 491 p.

24. EQUIVALÊNCIA CURRICULAR

Aos alunos que ingressaram no Curso de Bacharelado em Química com Atribuições Tecnológicas da UFPI antes das modificações aqui efetivadas e que ainda estiverem em processo de formação, opcionalmente, será garantido o direito de uma complementação curricular para que possam cursar as disciplinas necessárias à ampliação de sua atuação profissional, conforme estabelece esta proposta de currículo. A referida complementação será, também, facultada aos egressos do Curso Bacharelado em Química com Atribuições Tecnológicas que se formaram no período de vigência da Lei 9394/1996, ou seja, a partir de 1997.

O aluno interessado na complementação curricular fará a solicitação junto à instância competente, devendo o Colegiado dos Cursos de Química, em consonância com os departamentos, analisar e emitir parecer, com base na tabela de equivalência entre as disciplinas do currículo em que o aluno pertence ou pertenceu com as disciplinas do novo currículo implantado.

TABELA DE EQUIVALÊNCIA CURRICULAR

CÓD. CURSO 2061 CURRÍCULO PROPOSTO - 2006				CÓD. CURSO 2063 CURRÍCULO ANTERIOR - 1994			
Cód. Disc.	Disciplina	Créd	Tipo da disciplina	Cód. Disc.	Disciplina	Créd.	Tipo da disciplina
220.615	Química Geral I	4.0.0	OBR – Profissional	220.615	Química Geral I	4.0.0	OBR.- Profissional
220.619	Química Geral Experimental	0.2.0	OBR – Profissional	220.619	Química Geral Experimental	0.2.0	OBR.- Profissional
X	Calculo Diferencial e Integral I	4.2.0	OBR – Profissional	210.952	Cálculo Diferencial	6.0.0	OBR.- Profissional
X	Álgebra linear e Geo Analítica – Q	4.2.0	OBR – Profissional	210.951	Álgebra linear e Geo Analítica - Q	6.0.0	OBR.- Profissional
X	Introdução ao Curso	1.0.0	OBR – Profissional			1.0.0	OBR – Profissional
303.630	Inglês Técnico e Científico	4.0.0	OBR – Profissional	303.630	Inglês Técnico e Científico	4.0.0	OBR – Profissional
305.100	Introdução a Metodologia Cientifica	4.0.0	OBR – Profissional	305.100	Introdução a metodologia Cientifica	4.0.0	OBR.- Profissional
220.501	Química Geral II	4.0.0	OBR – Profissional	220.501	Química Geral II	4.2.0	OBR.- Profissional
220.627	Estatística Aplicada à Química	2.0.0	OBR – Profissional	220.627	Estatística Aplicada à Química	2.0.0	OBR.- Profissional
	Cálculo Diferencial e Integral II	3.1.0	OBR – Profissional	210.902	Cálculo Integral	6.0.0	OBR.- Profissional
	Química e Educação Ambiental	2.0.0	OBR – Profissional	220.650	Química Ambiental	4.0.0	OBR.- Profissional
	Equações Diferenciais	3.1.0	OBR – Profissional			2.2.0	OBR.- Profissional
220.625	Química Instrumental I	2.2.0	OBR – Profissional	220.625	Química Instrumental I	2.2.0	OBR – Profissional
230.101	Mineralogia	2.2.0	OBR – Profissional	230.101	Mineralogia	2.2.0	OBR – Profissional
	Mecânica dos Fluidos	4.0.0	OBR – Profissional				
	Desenho TécnicoIndustrial	4.0.0	OBR – Profissional	501.305	Desenho Técnico Q	2.2.0	OBR – Profissional
	Fenômeno de Transporte	3.0.0	OBR – Profissional				
220.626	Química Instrumental II	2.2.0	OBR – Profissional	220.626	Química Instrumental II	2.2.0	OBR – Profissional
220.700	Operações Unitárias I	4.0.0	OBR – Profissional	220.700	Operações Unitárias I	4.0.0	OBR – Profissional
220.701	Operações Unitárias II	4.0.0	OBR – Profissional	220.701	Operações Unitárias II	4.2.0	OBR – Profissional
	Transmissão de Calor	4.0.0	OBR – Profissional				
	Cinética Química Industrial	2.0.0	OBR – Profissional	220.640	Cinética Química	2.0.0	OBR – Profissional
220.702	Química Inorg. Industrial	3.2.0	OBR – Profissional	220.702	Química Inorg. Industrial	3.2.0	OBR – Profissional

220.703	Química Orgânica Industrial	3.2.0	OBR – Profissional	220.703	Química Orgânica Industrial	3.2.0	OBR – Profissional
220.704	Microbiologia Industrial	2.4.0	OBR – Profissional	220.704	Microbiologia Industrial	2.4.0	OBR – Profissional
	Segurança do Trabalho	2.0.0	OBR – Profissional				
220.540	Química Analítica Qualitativa	1.5.0	OBR - Profissional	220.540	Química Analítica Qualitativa	4.0.0	OBR.- Profissional
220.648	Elementos de Química Quântica	4.0.0	OBR – Profissional	220.648	Elementos de Química Quântica	3.0.0	OBR.- Profissional
	Química Orgânica I	4.2.0	OBR – Profissional	220.630 220.633	Química Orgânica I-Q Quím. Org.Experimental	4.0.0	OBR.- Profissional
240.631	Física Fundamental I	4.0.0	OBR – Profissional	240.631	Física Fundamental I	4.0.0	OBR.- Profissional
	Física Experimental I/Q	0.2.0	OBR – Profissional	240.631	Física Fundamental I	2.2.0	OBR.- Profissional
307.503	Introdução à Economia	4.0.0	OBR – Profissional	307.503	Introdução à Economia	4.0.0	OBR – Profissional
	Química Anallitica Quantitativa	2.4.0	OBR – Profissional	220.621 220.622	Química Anal. Quantit.I e Quím. Anal. Quantit.Exp.I	1.3.0	OBR.- Profissional
	Química Inorgânica I	4.0.0	OBR - Profissional	220.616	Química Inorgânica I-Q	2.2.0	OBR.- Profissional
240.632	Física Fundamental II	4.0.0	OBR – Profissional	240.632	Física Fundamental II	1.2.0	OBR.- Profissional
	Física Experimental II/Q	0.2.0	OBR.- Profissional	240.632	Física Fundamental II	4.0.0	OBR.- Profissional
	Fundamentos de Bioquímica	2.2.0	OBR.- Profissional	113.188	Fundamentos de Bioquímica	3.2.0	OBR.- Profissional
220.631	Química Orgânica II	4.0.0	OBR.- Profissional	220.631	Química Orgânica II-Q	4.0.0	OBR.- Profissional
	Química Inorgânica II	4.0.0	OBR – Profissional	220.617	Química Inorgânica II-Q	2.2.0	OBR.- Profissional
220.638	Físico-Química I	4.0.0	OBR.- Profissional	220.638	Físico-Química I-Q	4.0.0	OBR.- Profissional
	Quím. dos Metais de Transição	3.2.0	OBR – Profissional	220.618	Química dos Metais de Transição	2.2.0	OBR.- Profissional
	Físico-Química II	4.0.0	OBR – Profissional	220.639	Físico-Química II-Q	0.2.0	OBR.- Profissional
220.644	Química Orgânica III	4.0.0	OBR – Profissional	220.644	Química Orgânica III-Q	4.0.0	OBR.- Profissional
220.625	Química Analítica Instrumental	2.2.0	OBR – Profissional	220.625	Química Instrumental I	2.2.0	OBR.- Profissional
	Cinética Química Industrial	2.0.0	OBR – Profissional	220.640	Cinética Química	2.0.0	OBR.- Profissional
220.649	Química dos Colóides e Superfície	2.2.0	OBR – Profissional	220.649	Química dos Colóides e Superfície	2.2.0	OPT- Profissional
	Estágio I	2.0.0	OBR – Profissional				
	Estágio II	0.0.12	OBR – Profissional				

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM QUÍMICA

REGIME DIDÁTICO, VAGAS, FUNCIONAMENTO E TURMAS

CURSO DE BACHARELADO EM QUÍMICA COM ATRIBUIÇÕES TECNOLÓGICAS

Regime didático:	Regime de Créditos (cada crédito eqüivale a 15 horas/aulas)
Número de vagas anuais do curso:	Curso Diurno: 30 vagas
Turnos de funcionamento:	Curso Diurno
Dimensões das turmas:	Turmas práticas: até 25 vagas por turma Turmas teóricas: até 50 vagas turma

DESCRIÇÃO DA INFRA-ESTRUTURA DO DEPARTAMENTO DE QUÍMICA PARA APOIO AO CURSO DE GRADUAÇÃO EM QUÍMICA, MODALIDADE BACHARELADO COM ATRIBUIÇÕES TECNOLÓGICAS

DESCRIÇÃO DO ESPAÇO FÌSICO

O Departamento de Química é um dos cinco departamentos que compõe o Centro de Ciências da Natureza – CCN, está localizado no bloco SG – 02. Este bloco é formado por três alas: Administrativa, Laboratórios / Salas de Aulas e Salas de Professores.

Ala Administrativa

Diretoria do CCN

Área: 12,40 m^2
01 microcomputador ligado a Internet, 01 ponto.
Mobiliário: 01 mesa, 01 cadeira giratoria, 01 mesa para reuniões, 01 ar condicionado.

Secretaria do CCN

Área: 48,60 m^2.
02 microcomputadores ligados a 02 pontos Internet.
Mobiliário e equipamentos: 04 mesas,04 cadeiras, 06 armários de aço, 02 maquinas de escrever elétricas,02 ar condicionados.

Chefia do Departamento de Química

Área: 11,30 m^2
Mobiliaria: 01 microcomputador ligado a 01 ponto Internet, com impressora jato de tinta, 01 mesa com 02 cadeiras, 01 banco estofado, 01 aparelho de ar condicionado.

Secretaria do Departamento de Química

Área: 20,50 m^2
01 microcomputador ligado a Internet, 01 ponto.
Mobiliaria: 01 microcomputador, 01 ar condicionado, 03 mesas com cadeiras, 02 armários de aço, fichários de aço, 01 terminal telefônico.

Coordenação dos cursos de Química

Área: 11,30 m^2.
Terminais de microcomputadores.
Mobiliário: 01 mesa, 03 cadeiras, 01 ar condicionado, 03 armário, 02 computadores com impressora jato de tinta ligados a 02 pontos Internet.

Coordenação de pós-graduação

Área: 11,30 m^2 .
Terminais de microcomputadores ligados a Internet, 01 ponto.
Mobiliário: 01 mesa, 03 cadeiras, 01 ar condicionado, 03 armário, 02 computadores com impressora jato de tinta e laser e 01 terminal de rede.

Biblioteca Setorial

Área: 180 m^2 .
Mobiliário: estantes, mesas e livros.

W.C. Masculino Feminino

Área: 9,80 m^2 (cada).

Ala Laboratórios e salas de aulas

224 Laboratório de Produtos Naturais

Área: 59,60 m^2.
Capacidade: 10 alunos de iniciação cientifica
Terminais de microcomputadores ligados a Internet.
Mobília: bancadas fixas de concreto, armários de alvenaria com portas de madeira, 02 aparelhos de ar condicionado.
instalações: gás, elétrica e hidráulica. capela com exaustão.
Equipamentos de segurança: extintores, chuveiro, lava-olho e porta de emergência.

221 Laboratório de graduação

Área: 69,60 m^2.
Capacidade: 30 alunos/aula.
Terminais de microcomputadores ligados a Internet, 01 ponto.
Mobília: bancadas fixas de concreto, armários de alvenaria com portas de madeira, 02 aparelhos de ar condicionado.
instalações: gás, elétrica e hidráulica. capela com exaustão.
Equipamentos de segurança: extintores, choveiro, lava-olho e porta de emergência.

222 Laboratório de graduação

Área: 69,60 m^2
Capacidade: 30 alunos/aula.
Terminais de microcomputadores ligados a Internet, 01 ponto.
Mobília: bancadas fixas de concreto, armários de alvenaria com portas de madeira, 02 aparelhos de ar condicionado.
instalações: gás, elétrica e hidráulica. capela com exaustão
Equipamentos de segurança: extintores, choveiro, lava-olho e porta de emergência.

223 Laboratório de graduação

Área: 69,60 m^2
Capacidade: 30 alunos/aula
Terminais de microcomputadores ligados a Internet, 01 ponto.
Mobília: bancadas fixas de concreto, armários de alvenaria com portas de madeira, 2 aparelhos de ar condicionados,
Instalações: gás, elétrica e hidráulica. Capela com exaustão
Equipamentos de segurança: extintores, chuveiro, lava-olho e porta de emergência.

Sala das Balanças

Área: 20,40 m^2
Mobília: bancadas fixas de concreto, 01 balança semi analítica e 01 balança analítica.

Sala dos Técnicos

Área: 20,40 m^2
Mobília: 01 mesa e 01 cadeira.

Sala de alunos da Pós Graduação

Área: 35,40 m^2
Mobília: 10 microcomputadores ligados a Internet, 03 ponto, cadeiras

Sala 215

Área: 69,60 m^2.
Capacidade: 50 alunos / Carteiras.
Terminais de microcomputadores ligados a Internet, 01 ponto.
Mobília: quadro de acrílico, 02 aparelhos de ar condicionados, 01 retroprojetor.

Sala 216

Área: 69,60 m^2
Capacidade: 50 alunos / carteiras
Mobília: 01 mesa e 01 cadeira para professor, quadro de giz e quadro de acrílico, 02 aparelhos de ar condicionados.

Sala 217
Área: 50,80 m^2
Capacidade: 30/cadeiras
Mobília: quadro de acrílico, 02 aparelhos de ar condicionados, 01 retroprojetor.

Sala 219
Área: 69,60 m^2
Capacidade: 40/cadeiras
Mobília: 06 bancadas laterais com ponto de água e pia, quadro de acrílico, 02 aparelhos de ar condicionados.

Laboratório de pós-graduação

Área: 139,12 m^2
Sala de Balanças
Sala do Espectrofotometro UV-Visivel
Sala do Infravermelho
Capacidade: 20 alunos / pesquisa
Terminais de microcomputadores ligados a Internet, 01 ponto.
Mobília: Bancadas de concreto com armários embutidos, instalações de gás, elétrica e hidráulica. Terminais de microcomputadores ligados a Internet.

Equipamentos de segurança: extintores, capelas com exaustão, chuveiro, lava-olho e porta de emergência.

Ala de salas de permanência de professores

Salas de Professores

Ambiente 1

Área: 44,20 m^2
Mobília: 11 Escrivaninhas com cadeiras; armários de aço, 03 computadores de uso coletivos ligados à internet, 05 computadores de uso exclusivo de projetos ligados a internet

Ambiente 2

Área: 44,20 m^2
Mobília: 08 Escrivaninhas com cadeiras; armários de aço, 07 computadores de uso exclusivos de projetos ligados a internet.

Ambiente 3
04 salas individuais, área: 36 m^2

Centro Acadêmico de Química

Área: 7,00 m^2
Mobília: 02 mesas, 03 cadeiras, 01 fichário de aço, 01 ar condicionado e 02 máquinas de escrever

Copa

Área: 7,00 m^2
Mobília: 01 geladeira, 01 fogão.

Espaço para eventos científicos e sociais (coberto)

Área: 133,00 m^2

Almoxarifado Central do CCN

Área: 112,45 m^2
Mobília: bancadas de concreto e prateleiras de metal para a estocagem de reagentes e vidrarias para todas as disciplinas dos cursos de licenciatura e bacharelado, servindo também de suporte para a iniciação cientifica e pós-graduação, bem como ao curso de Biologia e eventualmente ao de Física.

Equipamentos de segurança: extintores, mascaras anti-gás tóxico e porta de emergência.

RELAÇÃO DOS EQUIPAMENTOS QUE DÃO SUPORTE AOS CURSOS DE QUÍMICA: LICENCIATURA, BACHARELADO, INICIAÇÃO CIENTIFICA E PÓS- GRADUAÇÃO.

Quadro resumo de equipamentos disponíveis

Unid.	Nome	Marca	Modelo
02	Agitador Magnético	Tecnal	TE 101
04	Agitador/Aquecedor	Tecnal	TE085
01	Aquecedor	Fanem	702AC
01	Balança Analítica	Kern	410
01	Balança Analítica	BEL ENGINEERING	210 A
01	Balança Analítica Plus	Ohaus	AP250D
01	Balança Eletrônica	Acculab	
01	Banho de Ultra-som	Marconi	T – 14
01	Banho ultratermostatico	Marconi	MA184
01	Banho Ultratermostatizado	Marconi	MA 184
02	Barômetro – 15	Fischer	
01	Bomba à Vacuo ¼ de HP	Medical	341
01	Bomba de Vácuo	Atma	AEPF80A
02	Bomba de Vácuo	Labovac	P7 – S
01	Bomba de Vácuo	Fabbe-Primar	166
01	Bomba Peristaltica	Micronal	B332ET
01	Box com Lâmpada UV	Camag	
03	Buretas Automáticas	Radelkis	930/1
01	Compressor	Fanem	CL
01	Condutivimetro	Schott Gerate	CG 859
01	Cromatografia Preparativa de Média Pressão		
02	Cubas 20 x 20 cm plana	Camag	
02	Destilador de Água		
01	Espectrofotometro UV - Visível	Hitachi	
01	Estabilizador		
01	Estufa	Marconi	MA033/3
01	Estufa de Secagem e Esterilização	Marconi	MA033/5
02	Estufa de Secagem e Esterilização	ODONTOBRÁS	E.L.
01	Estufa Orion	Fionem	5152A
01	Evaporador Rotativo	Fisaton	802-230V
01	Evaporador Rotativo à vácuo	Marconi	MA120N
01	Fluxometro de Laboratório	Hoake	
01	Forno de Microondas	Panasonic	NN7809BK
01	Forno Mufla Automático		
01	Fotômetro de Chama	Micronal	B262
01	FTIR com todos os acessórios	Bomem	B 100

01	Higrômetro Hain		
01	Liofilizador e Acessórios		
01	Liqüidificador		
01	Lupa		
01	Microscópio Estereoscópio Zoon	Olympus	SZH10-131
01	Moinho de Faca	Wiley	MA680
01	Motor de Indução Monofásica	Ibram	5422014
01	Mufla	Quimis	318M26
01	Phmetro		CG-837
01	Pipetas Automáticas	Radelkis	
01	Placa Aquecedora	Fisaton	509-230V
01	Plotter	HP	7455A
01	Ponto de Fusão	Microquímica	MQAPF - 301
01	Preparador Manual de Laminas	Camag	
01	Refratometro	Carll Zeiss	716127
01	Refratometro	Marconi	970023
01	Refratometro de Abbe	Lambda	2WA
02	Refrigeradores	Eletrolux	R280 280L
02	Registrador Meteriologico	Fischer	205M
02	Regulador de Temperatura(Variaque)	Fisaton	507-230V
03	Suportes para Placas em Aço Inox	Camag	
03	Termômetro	Fischer	
02	Termômetro/Higrômetro		
02	Viscosimetro de Hopller	Hoake	KF 3.2

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA

COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM QUÍMICA

CORPO DOCENTE DEDICADO AO CURSO

DE GRADUAÇÃO EM QUÍMICA: MOD.: **LICENCIATURA**

DOCENTE	CATEGORIA FUNCIONAL	REGIME DE TRABALHO	FORMAÇÃO ACADÊMICA				REGÊNCIA DE DISCIPLINAS			ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS		
			NÍVEL	ÁREA DE CONHECIMENTO	IES	ANO DE CONCLUSÃO	DISCIPLINA	NÍVEL	IES	CARGO	IES	PERÍODO
Alexandre Araújo De Souza	ADJ III	TIDE	Graduação	Bach.Química.	UNICAMP	1992	Físico-Química I	Grad.	UFPI	CHEFE DO DQ	UFPI	02/2004-07/2005
							Ele. Química Quant.	Grad.	UFPI			
			Mestrado	Físico-Quím.	UNICAMP	1994	Cinética Química	Esp.	UFPI			
			Doutorado	Físico-Quím.	UNICAMP	2001	Físico-Química II	Grad.	UFPI			
Ana Lúcia Nunes Falcão De Oliveira	ADJ II	TIDE	Graduação	Lic.Química	UFC	1988	Química Inorgânica II		UFPI	Coord. Química	UFPI	02/2006
			Mestrado	Quím. Inorg.	UFC	1994	Química Geral I		UFPI			
			Doutorado	Quím. Inorg.	UFC	2004	Química Geral Exper.					
Antônia Maria Das Graças Lopes Citó	ADJ.IV	TIDE		Farm-Bioq.	UFC	1974	Quí. Org. II – Q	Grad	UFPI	Coord. Química	UFPI	1995
				-	-	-	Quí. Org. Exp	Grad	UFPI	Sub-coord. Quím.	UFPI	94
			Mestrado	Quím. Org.	UNICAMP	1979	Quí. Org. I	Grad.	UFPI	Sub-chefe Do DQ	UFPI	90/91
			Doutorado	Quím. Org.	UNICAMP	1994	Q. Prod. Nat.	PG	UFPI			
Cleide Maria Leite De Souza	ADJ.III	TIDE	Graduação	Lic.Química	UFC	1989	Quí. Ciência Biolog.	Grad.	UFPI			
							Quí. Inorg. Framacia	Grad.	UFPI			
			Mestrado	Quím. Inorg.	UFC	1993	Química Geral II	Grad.	UFPI			
			Doutorado	Físico-Quím.	UNICAMP							
Carlos Aberto Lopes Fonteles	Adj. IV	TIDE	Graduação	Eng. Química	UFC	1969	Físico -Química I	Grad.	UFPI			

			Especial.	Física	UFPI	1983	Quí. Analitica	Grad.	UFPI			
Carla Eira	Adj. I	TIDE	Graduação	Lic.e Bach.Química	UFSCar	1996	Química Geral	Grad.	UFPI			
			Mestrado	Físico-Química	UFSCar	1999	Química Geral e Inorgânica	Grad.	UFPI			
			Doutorado	Ciências (Física Aplicada)	UFSCar	2004	Elementos de Físico-Química					
Carla Verônica Rodarte De Moura	ADJ II	TIDE	Graduação	Eng. Química	FENVA	1991	Química Orgânica Exp.			CHEFE DO DQ		
			Mestrado	Química Inorgânica	UFMG	1995	Química Geral Exp.					
			Doutorado	Química Inorgânica	UFMG	1999						
Edmilson Miranda De Moura	ADJ.II	TIDE	Graduação	Lic. Química	UFPI	1993	Química dos Metais de Transição					
			Mestrado	Química Analítica	USP-SC	1996	Química Geral I Química Geral II					
			Doutorado	Química Inorgânica	UFMG	1999	Química Geral Exp.					
Francisco Carlos Marques Da Silva	ADJ. IV	TIDE	Graduação	Lic.Química	UFPI	1979	Int. Físico-Química	Grad.	UFPI	Coord. Curso	UFPI	88/89
							Físico-Química I	Grad.	UFPI	Vice-Chefe	UFPI	92/93
							Físico-Química II	Grad.	UFPI	Chefe Do DQ	UFPI	98/99
			Doutorado	Físico-Quím.	UFMG	1997	Eletroquímica	Grad.	UFPI			
Graziella Ciaramella Moita	ADJ.IV	TIDE	Graduação	Bach.Química	UNICAMP	1984	Quí.Anal. Quant. Ex.	Grad.	UFPI			
							Quí. Instrumental II	Grad.	UFPI			
			Mestrado	Físico-Quím.	UNICAMP	1989	Est. Apl. Química	Grad.	UFPI			
			Doutorado	Química Analítica	UNICAMP	1996	Quí. Anal. Avançada	Esp.	UFPI			
Hormesino Carvalho Mendes	ADJ. IV	TIDE	Graduação	Química. Ind.	UFMA	1973	Quím. Anal. Aplic.	Grad.	UFPI	DPAD/Membro	UFPI	
			Mestrado	Quím. Anal.	UFPE	1984	Quím. Industrial	Grad.	UFPI			

José Arimatéia Dantas Lopes	ADJ.IV	TIDE	Graduação	Farm-Bioq	UFC	1974	Quí. Org. I	Grad.	UFPI	Chefe Do DQ	UFPI	94/95
							Quí. Org. II	Grad.	UFPI	Subchefe Do DQ	UFPI	79/81
			Mestrado	Quím. Org.	UNICAMP	1979	Esterioquimica Org.	PG	UFPI	Coord. Química	UFPI	96/97
			Doutorado	Quím. Org.	UNIC	1995	Espectroscopia	PG	UFPI			
José Machado Moita Neto	ADJ.IV	TIDE	Graduação	Lic.e Bach.Química	UFPI	1982	Química Geral	Grad.	UFPI	Chefe Do DQ	UFPI	88/89
							Elem. Quí. Quântica	Grad.	UFPI			
			Mestrado	Físico-Quím.	UNICAMP	1987	Quí. Coloides	Grad.	UFPI			
			Doutorado	Físico-Quím.	UNICAMP	1994						
José Aroldo Viana Dos Santos	ADJ.IV	TIDE	Graduação	Bach.Química	UFRN	1985	Int. Fís/Quí	Grad.	UFPI			
			Especial.	Inorg.	UFRN	1986	Físico/Química	Grad.	UFPI			
			Mestrado	Quím.Analit.	USP	1990	Química Geral Exp.	Grad.	UFPI			
			Doutorado	Físico-Quím.	USP	1997	Cinética Química	Grad.	UFPI			
José Ribeiro Dos Santos Júnior	ADJ.IV	TIDE	Graduação	Eng. Química	UFC	1987	Físico-Química I	Grad.	UFPI	Subcoord.	UFPI	86/87
			Mestrado				Físico -Química II					
			Doutorado	Físico-Quím.	USP-SC	1995	Cinética Química					
Luiz Alves Marinho	ADJ.IV	TIDE	Graduação	Lic. Química	UFPI	1988	Química Geral I Química Geral II					
			Mestrado	Quí. Inorg.	USP-SC	1988	Química Anal. Quant. Química Anal. Qualitativa Química Geral Experimental					
Luiz De Sousa Santos Júnior	ADJ.IV	TIDE	TIDE	Lic.Química	UFPI	1978	Quí. Inorg. II	Grad.	UFPI	Chefe Do DQ	UFPI	96/97
							Quí. Inorg. I – Q	Grad.	UFPI	Diretor FAPEPI	-	94/96
			Mestrado	Quím.Inorg.	UNIC	1985	Top. Esp.	PG	UFPI	Diretor CCN	UFPI	97/...

			Doutorado	Ciências	UNIC	1992	Quí.Inorg. Espectros. Org.	PG	UFPI			
Maria Conceição Meneses Lage	.IV	TIDE	Graduação	Lic.e Bach.Química	FOV	1980	Quí. Qualitativa	Grad.	UFPI	Subchefe Do DQ	UFPI	94/95
			Especial.	Arqueol.	UFPI	1989	Quí. Ambiental	Grad.	UFPI	Coord. NAP	UFPI	91/...
			Mestrado	Arqueom.	Sorbo	1987	Pré-Historia Do Pl	PG	UFPI			
			Doutorado	Arqueom.	Sorbo	1990	Arqueometria	PG	UFPI			
Maria Rita De Moraes Chaves Santos	ADJ.IV	TIDE	Graduação	Lic.e Bach.Química	UFPI	1979	Quí. Inorg. – II	Grad.	UFPI	Coord. Esp. Quí.	UFPI	92/98
							Quí. Met.Transição	Grad.	UFPI	Coord. Mestrado	UFPI	99
			Mestrado	Quím. Inorg.	UNIC	1985	Termodinamica Inor.	PG	UFPI			
			Doutorado	Ciências	UNIC	1992	Top. Esp. Quí. Inorg	PG	UFPI			
Mariana Helena Chaves	ADJ. IV	TIDE	Graduação	Lic.e Bach.Química	UFPI	1982	Orgânica III	Grad.	UFPI	Ch. Dpto	UFPI	89
							Orgânica I - Q	Grad.	UFPI	Coord. Esp	UFPI	90/92
			Mestrado	Quím. Org.	Unb	1985	Orgânica Exp. I	Grad.	UFPI	Subcoord.Esp.	UFPI	89/90
			Doutorado	Ciências	USP	1996	Espectros. Orgânica	Esp.	UFPI	Subch. Dpto	UFPI	88/89
Nilza Campos De Andrade	ADJ. I	TIDE	Graduação	Eng. Química	UFPB	1989	Fund, Quí. Org.	Grad.	UFPI	Chefe Do DQ	UFPI	96/97
							Int. Quí. Org.	Grad.	UFPI	Subchefe Do DQ	UFPI	96/98
			Mestrado	Eng.Química	UFPB	1993	Quí. Geral	Grad.	UFPI			
			Doutorado	QUÍMICA ORG.	UFPB	2004	Quí. Org. Nutrição	Grad.	UFPI			
Rosa Lina Gomes Do N. Pereira Da Silva	ADJ. IV	TIDE	Graduação	Lic.Química	UFPI	1981	Quí. Geral II	Grad.	UFPI	Coord. Curso	UFPI	94/95
							Quí. Anal. Quant.	Grad.	UFPI	Subcoord.	UFPI	92/93
			Mestrado	Analitica	UNICAMP	1983	Quí. Anal. Quant.Experimental I	Grad.	UFPI	Subcoord.	UFPI	2006
			Doutorado	Analitica	Ufscar	1999	Quí. Anal. Aplicada	Grad.	UFPI			
Sebastião Barros Araújo	ADJ. IV	TIDE	Graduação	Lic. Química	UFPI	1979	Quí. Anal. Quant. I	Grad.	UFPI			

			Especial.				Quí. Instrumental I	Grad.	UFPI		
			Mestrado	Quí. Inorg.	UNESP	1986	Quí. Instrumental II	Grad.	UFPI		
			Doutorado	Fís/Quí.	USP/SC	1996	Quí. Anal. Qualit.				
Sidney Gonçalo de Lima	ADJ.I	TIDE	Graduação	Lic. Química	UFPI	1997	Química Geral I				
			Mestrado	Quím. Orgânica	UFC	2000	Química Orgânica Experimental				
			Doutorado	Quím. orgânica	UNICAMP	2005	Química orgânica I Química Iorgânica II				
Welter Cantanhede Da Silva	ADJ.I	TIDE	Graduação	Bach. Química Industrial	UFC	1996	Química Geral I Química Geral II				
			Mestrado	Quím. Inorgânica	UFC	1999	Química Geral Experimental				
			Doutorado	Quím. Inorgânica	USP/SC	200	Química Inorgânica I Química Inorgânica II				

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM QUÍMICA

PROFESSOR **ALEXANDRE ARAÚJO DE SOUSA**

TRABALHOS EM EVENTOS	TRABALHOS PUBLICADOS
1.SOUZA, A. A. ; MUNIZ FILHO, R. C. D. . Estudo Teórico das Freqüências Vibracionais do Sililgermano por Diferentes Níveis de Teoria.. In: XLV Congresso Brasileiro de Química, 2005, Belém. CD de Resumos do XLV Congresso Brasileiro de Química. Belém : Associação Brasileira de Química, 2005. 2. SOUZA, A. A. ; COSTA, Janne da Conceição dos Santos . Surfatantes obtidos do líquido da castanha de caju. In: XII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2004, Teresina. Livro de Resumos do XII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2003. 3. SOUZA, A. A. ; SILVA, Carlos Pereira da ; MOITA NETO, José Machado . Estudo de propriedades do ácido clorídrico (HCl) através de cálculos de orbitais moleculares. In: XII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2004, Teresina. Livro de Resumos do XII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2003. 4. SOUZA, A. A. ; BARROS, Sergio Bitencourt Araújo ; MOITA NETO, José Machado . Estudo do tautomerismo ceto-enólico de cátions radicalares, através de cálculos de orbitais moleculares. In: XII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2004, Teresina. Livro de Resumos do XII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2003. 5. SOUZA, A. A. ; SILVA, Carlos Pereira da . Estudo mecânico-quântico dos confôrmeros de carboidratos. In: XIII Seminário de Iniciação Científica da UFPI, 2004, Teresina. Livro de Resumos do XIII Seminário de Iniciação Científica da UFPI. Teresina : Universidade Federal do Piauí, 2004. p. 56-56. 6. SOUZA, A. A. ; COSTA, Janne da Conceição dos Santos . Um experimento didático com um tensoativo obtido de um produto natural do Piauí. In: XIII Seminário de Ininciação Científica da UFPI, 2004, Teresina. Livro de Resumos do XIII Seminário de Ininciação Científica da UFPI. Teresina : Universidade Federal do Piauí, 2004. p. 155-155. 7.SOUZA, A. A. ; SILVA, Carlos Pereira da . Energia conformacional da beta-D-glicose. In: XLIV Congresso Brasileiro de Química, 2004,	1.SOUZA, A. A. ; CITÓ, Antônia Maria das Graças Lopes ; AMARAL, M. P. M. ; CHAVES, M. H. ; SOUSA, S. A. A. ; COSTA, F. B. ; LOPES, J. A. D. . Resina de Protium Heptaphyllum March (Burceraceae): Composição Química. Anais da Associação Brasileira de Química, v. 52, n. 2, p. 71-73, 2003.

Fortaleza, 2004. 8. SOUZA, A. A. ; MOURA, Edmilson Miranda de . Geometria molecular de complexos organometálicos contendo a ligação Ru-Sn. In: XLIV Congresso Brasileiro de Química, 2004, Fortaleza, 2004. 9. SOUZA, A. A. ; COSTA, Janne da Conceição dos Santos . Um experimento de Química de interfaces utiizando um produto natural do Nordeste. In: XLIV Congresso Brasileiro de Química, 2004, Fortaleza, 2004. 10. de SOUZA, A. A. ; COSTA, Janne da Conceição dos Santos . Surfatantes Obtidos do Líquido da Castanha de Caju. In: XLIII Congresso Brasileiro de Química, 2003, Ouro Preto. Livro de Resumos do XLIII Congresso Brasileiro de Química, 2003. p. 568-568.	

PROFESSORA **ANTÔNIA MARIA DAS GRAÇAS LOPES CITÓ**

TRABALHOS EM EVENTOS	TRABALHOS PUBLICADOS
	1. FEITOSA, Chistiane Mendes ; BEZERRA, Maria Zeneide Barbosa ; CITÓ, A. M. G. L. ; COSTA JÚNIOR, Joaquim Soares da ; CITÓ, José Arimatéia Dantas Lopes ; MOITA NETO, José Machado . Constituintes Químicos de Philodendron Imbe Schott (no prelo). Química Nova, 2006 2. SOUSA, S. A. A ; CITÓ, A. M. G. L. ; LOPES, José Arimatéia Dantas . Constituintes químicos do óleo essencial da própolis produzida na cidade de Pio IX - PI, no prelo. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, 2005. 3. SILVA, M. S. S. ; CITÓ, A. M. G. L. ; CHAVES, Mariana Helena ; LOPES, J. A. D. . Triterpenóides Tipo Cicloartano de Própolis de Teresina. Química Nova, v. 28, n. 5, p. 801-804, 2005. 4. CITÓ, A. M. G. L. ; COSTA, F. B ; LOPES, José Arimatéia Dantas ; OLIVEIRA, V. M. M ; CHAVES, Mariana Helena . Identificação de Constituintes Voláteis de Frutos e Folhas de Protium heptaphyllum (March), no prelo. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, 2005. 5. SANTOS, Francisco José Borges dos ; LOPES, J. A. D. ; CITÓ, A. M. G. L. ; OLIVEIRA, Evaldo Hipólito de ; LIMA, Sidney Gonçalo de ; REIS, Francisco de Assis Machado . Composition and Biological Activity of Essential Oils from Lippia origanoides H.B.K. . Journal of Essential Oil Research, 2004. 6. CITÓ, A. M. G. L. ; SOUZA, Alexandre Araújo de ; LOPES, J. A. D. ; CHAVES, Mariana Helena ; COSTA, F. B ; SOUSA, S. A. A ; AMARAL, Maurício Pires de Moura Do . Resina de Protium heptaphyllum March (Burceraceae): composição química do óleo essencial e avaliação citotóxica frente a Artemia salina Leach. Anais da Associação Brasileira de Química, São Paulo, v. 52, n. 2, p. 71-73, 2003.

PROFESSORA **CARLA VERÔNICA RODARTE MOURA**

TRABALHOS EM EVENTOS	TRABALHOS PUBLICADOS
1) SANTOS, L. S. S, Moura, C.V.R, Moura, E.M., Calnd, L.B., Lima, J.R.O., Estudo da viscosidade cinemática das misturas de biodiesel de mamona (*Ricinus communis*) e macaúba (*Acrocomia aculeata*). In: XIV Seminário de Iniciação Científica da UFPI, 2006, Teresina - PI. Seminário de Iniciação Científica da UFPI, 2006. 2) SANTOS, L. S. S., Lima, J.R.O., Moura, C.V.R., A utilização de óleos de macaúba (Acrocomia aculeata) e babaçu (Orbignya sp.) como matéria prima na síntese de biodiesel. In: VI Simpósio de produção científica da UESPI, 2005, Teresina - PI. Simpósio de Produção Científica da UESPI, 2005. 3) SANTOS, L. S. S., Lima Neto, A. F., Silva, R.B., Lima, J.R.O., Moura, C.V.R., Utilização de complexo metálico como catalisador para produção de biodiesel de soja. In: VI Simpósio de Produção Científica da UESPI, 2005, Teresina - PI. Simpósio de Produção Científica da UESPI, 2005. 4) 8) SANTOS, L. S. S., Lima, J.R.O., Moura, C.V.R., Produção de biodiesel de Tucum (Astrocaryum vulgare) utilizando álcool etílico em substituição ao metanol. In: I Encontro de Iniciação Científica da FAPEPI, 2005, Teresina - Piauí, 2005. 5) 9) SANTOS, L. S. S, Silva, C.C.M., Santos Júnior, J.R., moura, C.V.R., Estudo das características físico-químicas dos ésteres metílicos e etílicos obtidos a partir da transesterificação de óleo de Ricinus communis. In: I Encontro de Química do Instituto Dom Barreto e Universidade Federal do Piauí, 2005, Teresina - Piauí, 2005. 6) 10) LIMA NETO, A. F., Silva, R.B., Lima, J.R.O., Santos, L.S.S., Moura, E.M., Moura, C.V.R., Síntese de biodiesel obtido por metanólica utilizando-se cobre e cobalto adsorvidos em quitosana. In: 29 Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química, 2006, Aguas de Lindóia-SP. Sociedade Brasileira de Química, 2006 7) 11) LIMA NETO, Alcides Fernandes; SILVA, R. B. ; MOURA, C. V. R., Estudo das Características Químicas, Físico-químicas do Biodiesel de Mamona (Ricinus communis). In: XIV Seminario de Iniciação Científica da UFPI, 2006, Teresina-PI. XIV Seminario de Iniciação Científica da UFPI, 2006. 8) 12) LIMA NETO, A. F.; SILVA, R. B.; SILVA, C. C. M. ; MOURA, C. V. R. . Características Físico-Químicas do Biodiesel de Mamona (Ricinus Communis). In: XLV Congresso Brasileiro de Química, 2005, Belém-PA. XLV Congresso Brasileiro de Química, 2005.	1) MOURA, Carla Verônica Rodarte de; SILVA, Carmem Cicera Maria da; MOURA, Edmilson Miranda de; LIMA, José Renato de Oliveira; SANTOS JÚNIOR, José Ribeiro dos; SILVA, Rondenelly Brandão da; SANTOS, Lucas Samuel Soares dos. Biodiesel de Babaçu (Orbinya sp.) Obtido por via Etanólica. Química Nova, Brasil, n. Submetido, 2006. 2) MOURA, Carla Verônica Rodarte de; MOURA, Edmilson Miranda de; SILVEIRA, Eva Lúcia Cardoso; CALAND, Lília Basílio de. Determiñação de Contaminantes em Óleos Lubrificantes usados e Em Esgotos Contaminados por Esses Lubrificantes. Química Nova, Brasil, n. no prelo, 2006. 3) MOURA, Carla Verônica Rodarte de; LIMA, José Renato de Oliveira; SILVA, Rondenelly Brandão da; MOURA, Edmilson Miranda de. PRODUCTION OF TUCUM (Astrocaryum vulgare.) BIODIESEL SYNTHESIZED BY METHANOLIC AND ETHANOLIC ROUTS. Fuel, v. SUBMET, 2006. 4) MOURA, Carla Verônica Rodarte de; SILVA, Carmem Cícera Maria; SANTOS JÚNIOR, José Ribeiro dos. Estudo da Viscosidade de Biodiesel de Ricinus communis. Química Hoje, Porto Alegre, n. 4, p. 9-11, 2004.

9) 13) LIMA NETO, A. F.,; SILVA, R. B. ; SILVA, C. C. M. ; SILVA, J. R. O., MOURA, C. V. R., Produção de Energia Elétrica Através de Biodiesel de Mamona. In: I Encontro de Iniciação Cientifica da FAPEPI, 2005, Teresina-PI. I Encontro de Iniciação Cientifica da FAPEPI, 2005. 10) 14) LIMA NETO, A. F.; Araújo, I.C., SILVA, R. B.; Lima, J.R.O., MOURA, C. V. R. . Utilização de Complexos Metálicos como Catalisador para Produção de Biodiesel de Soja. In: I Encontro de Química do Instituto Dom Barreto e Universidade Federal do Piauí, 2005, Teresina-PI. I Encontro de Química do Instituto Dom Barreto, 2005.MOURA, Carla Verônica Rodarte de; MOURA, Edmilson Miranda de; LIMA, José Renato de Oliveira; SILVA, Rondenelly Brandão da; SANTOS, Lucas Samuel Soares dos; CALAND, Lília Basílio de. Biodiesel de óleo de tucum extraído artesanalmente sintetizado via etílica. In: 29ª REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2006, Aguas de Lindóia. Anais da SBQ. 2006. v. 01. 12) MOURA, Carla Verônica Rodarte de; SOUSA, Juliana Beatriz; SILVA, Rosalina Gomes Nascimento Pereira da; ARAÚJO, Iranildo C. Controle de Qualidade Microbiológico e Físico-Químico de águas Minerais Consumidas em Teresina. In: XLIV CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2004, Fortaleza. Anais da ABQ. 2004. 13) MOURA, Carla Verônica Rodarte de; SOUSA, Juliana Beatriz; SILVA, Rosa Lina Nascimento Pereira da Silva. CONTROLE DE QUALIDADE MICROBIOLÓGICO E FÍSICO-QUÍMICO DE ÁGUAS MINERAIS CONSUMIDAS EM TERESINA. In: XII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPI, 2004, TERESINA. XII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPI. 2003. p. 167. 14) MOURA, Carla Verônica Rodarte de; SILVA, Carmem Cicera Maria da; PEREIRA, Assuramaya Guimarães; SANTOS JUNIOR, José Ribeiro dos. Estudo da Viscosidade de Biodiesel de diversos óleos vegetais e misturas com óleo diesel. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE QUÍMICA - 27ª REUNIÃO ANUAL DA SBQ, 2004, salvador. Livro de resunos. 2004. p. TC040. 15) MOURA, Carla Verônica Rodarte de; LIMA NETO, Alcides Fernandes; SILVA, Rondenelly Brandão da; MOURA, Edmilson Miranda de; LIMA, José Renato de Oliveira; SANTOS, Lucas Samuel Soares dos. Síntese de Biodiesel obtido por via metanólica utilizando-se cobre e cobalto adsorvidos em quitosana. In: 29ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2006, Aguas de Lindóia. Anais da SBQ. 2006. v. 01. 16) MOURA, Carla Verônica Rodarte de; LIMA, José Renato de Oliveira; SILVA, Rondennelly Brandão; SANTOS, Lucas Samuel Soares dos. Obtenção de Biodiesel via etílica e metílica usando cobre adsorvido em quitosana, um estudo comparativo. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2005, Poços de Caldas. 28ª RA da SBQ. 2005. 17) 3MOURA, Carla Verônica Rodarte de; PEREIRA, Assuramaya Guimarães; SILVA, Carmem Cicera Maria da; SANTOS JUNIOR, José Ribeiro dos. Estudo	

da Viscosidade de Biodiesel de diversos óleos vegetais e misturas com óleo Diesel. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE QUÍMICA - 27ª REUNIÃO ANUAL DA SBQ, 2004, Salvador. Livro de Resumos. 2004. p. TC040. 18) SANTOS, L. S. S. Moura, E.M., Lima, J.R.O, Moura, C.V.R., Biodiesel de Babaçu (Orbignia sp) obtido por via etanólica: Estudos do comportamento de suas misturas com o diesel mineral. In: XLV Congresso Brasileiro de Química, 2005, Belém - Pará, 2005. 19) SANTOS, L. S. S,. Sousa, A.L.P., Lima, J.R.O., Moura, C.V.R., Palmeiras do norte e nordeste brasileiros como fonte de desenvolvimento sustentável através da produção de biodiesel etanólico. In: XLV Congresso Brasileiro de Química, 2005, Belém - Pará, 2005. 20) SANTOS, L. S. S. Lima, J.R.O., Sousa, A.L.P., Moura, C.V.R., Produção de biodiesel de Tucum (Astrocaryum vulgare) utilizando álcool etílico em substituição ao metanol. In: XLV Congresso Brasileiro de Química, 2005, Belém - Pará, 2005.	

PROFESSOR **CLEIDE MARIA LEITE SOUZA**

TRABALHOS EM EVENTOS	TRABALHOS PUBLICADOS
1. SOUZA, C. M. L. ; RÊGO, J. F. ; SOUZA, A. A. . Termogravimetria das fibras do coco de praia. In: XIV Seminário de Iniciação Científica da UFPI, 2006, Teresina. Anais do XIV Seminário de Iniciação Científica da UFPI. v. único. p. 412-415. 2. SOUZA, C. M. L. ; COSTA, F. E. R. ; SILVA, D. P. ; SOUZA, A. A. . Caracterização Térmica das Fibras do Coco Babaçu. In: XLV Congresso Brasileiro de Química, 2005, Belém. CD do XIII Seminário de Iniciação Científica da UFPI, 2005. v. Único. 3. SOUZA, C. M. L. ; SOUZA, A. A. ; RÊGO, Jardes Figueredo Do . Termogravimetria das Fibras do Coco de Praia. In: XLV Congresso Brasileiro de Química, 2005, Belém. CD de Resumos do XLV Congresso Brasileiro de Química, 2005. 4. SOUZA, C. M. L. ; RODRIGUES, Jairelda Sousa ; LOPES, J. A. D. ; MENDES, T. M. . Caracterização Térmica de Compósitos de Resinas Fenólicas com Fibras Vegetais. In: XLV Congresso Brasileiro de Química, 2005, Belém. CD de Resumos do XLV Congresso Brasileiro de Química, 2005. 5. SOUSA, S. A. A. ; CITO, A. M. G. L. ; SOUZA, C. M. L. ; LOPES, J. A. D. ; CHAVES, Mariana Helena . Estudo da Própolis Produzida na Cidade de Pio IX-PI. In: XII Seminário de Iniciação Científica da UFPI, 2004, Teresina. XII Seminário de Iniciação Científica da UFPI, 2004. 6. SOUZA, C. M. L. ; SOUZA, A. A. ; COSTA, F. E. R. ; SILVA, D. P. . Síntese e Caracterização de Compósitos de Fibras Naturais e Matriz polimérica de Polietileno. In: Síntese e Caracterização de Compósitos de Fibras Naturais e Matriz polimérica de Polietileno, 2004, Teresina. XII Seminário de Iniciação Científica da UFPI, 2004. 7. SOUZA, C. M. L. ; CHAVES, Mariana Helena ; VIEIRA JÚNIOR, Gerardo Magela ; OLIVEIRA DE, I. P. . Estudo do comportamento térmico da cera de	

carnaúba (Copernicia cerifera Mart.). In: XXVI congreso Latinoamericano de Química, 2004, Salvador. Livro de resumos do XXVI congreso Latiniamericano de Química e da 27a. reunião anual da sociedade brasileira de química, 2004. 8. SOUZA, C. M. L. ; SOUZA, A. A. ; COSTA, Janne da Conceição dos Santos . Um Experimento de Química de Interfaces Utilizando um Produto Natural do Nordeste. In: XLIV Congresso Brasileiro de Química, 2004, Fortaleza. CD de Resumos do XLIV Congresso Brasileiro de Química, 2004. 9. SOUZA, C. M. L. ; CARVALHO, Luiz Fernando Meneses . Fibras da Palha de Carnaúba: Isolamento e Caracterização Térmica. In: XLIV Congresso Brasileiro de Química, 2004, Fortaleza. CD de Resumos do XLIV Congresso Brasileiro de Química, 2004. 10. SOUZA, C. M. L. ; SOUZA, A. A. ; COSTA, Janne da Conceição dos Santos . Um Experimento Didático com um Tensoativo Obtido de um Produto Natural do Piauí. In: XIII Seminário de Iniciação Científica da UFPI, 2004, Teresina. Livro de Resumos do XIII Seminário de Iniciação Científica da UFPI, 2004. v. Único. p. 155-155. 11. SOUZA, C. M. L. ; CHAVES, Mariana Helena ; BRANDAO, M. S. ; OLIVEIRA DE, I. P. ; VIEIRA JÚNIOR, Gerardo Magela . Caracterização Térmica da Cera da Carnaúba. In: XIII Seminário de Iniciação Científica da UFPI, 2004, Teresina. Livro de Resumos do XIII Seminário de Iniciação Científica da UFPI, 2004. v. Único. 12. SOUZA, C. M. L. ; CARVALHO, L. F. M. . Caracterização Térmica da Fibra da Palha de Carnaúba. In: XLIII Congresso Brasileiro de Química - Química, Conservação e Meio Ambiente, 2003, Ouro Preto. Anais do XLIII Congresso	

Brasileiro de Química, 2003.	

PROFESSOR **EDMILSON MIRANDA DE MOURA**

TRABALHOS EM EVENTOS	TRABALHOS PUBLICADOS
1. MOURA, E. M., COELHO, Ronaldo Cunha, ALVES JUNIOR, A. F., SILVEIRA, E. L. C. Análise de metais e teor de enxofre em óleos lubrificantes de origem mineral e sintética In: 14a Semana de Iniciação Científica da UFPI, 2006, Teresina. **Semana de Iniciação Científica da UFPI**. , 2006. v.único. 2. MOURA, E. M., MOURA, C. V. R., COSTA, José Renato de Oliveira, CALAND, L. B., SILVA, Rondenelly Brandão da, SANTOS, L. S. S. Biodiesel de óleo de tucum (Astrocaryum vulgare) extraído artesanalmente sintetizado via etílica In: 29a Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química, 2006, Águas de Lindóia. **Livro resumo.**, 2006. v.TC. p.004 - 3. MOURA, E. M., MOITA NETO, J. M., MELO, A. M. L. DE, MELO, M. P. R. Mineralização e quantificação de metais em óleos isolantes In: 29a Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química, 2006, Aguas de Lindóia. **29a Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química.** , 2006. v.QA. p.QA253 - 4. MOURA, E. M., SILVEIRA, E. L. C., ALVES JUNIOR, A. F., COELHO, Ronaldo Cunha Purificação de óleos lubrificantes usados provenientes de ônibus urbanos que circulam em Teresina - PI In: 29a Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química, 2006, Águas de Lindóia. **Livro resumo.** , 2006. v.QA. p.246 - 5. MOURA, E. M., MOURA, C. V. R., COSTA, José Renato de Oliveira, SILVA, Rondenelly Brandão da, SANTOS, L. S. S. Síntese de biodiesel obtido por via metanólica utilizando-se cobre e cobalto adsorvidos em quitosana. In: 29a Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química, 2006, Águas de Lindóia. **Livros resumo.** , 2006. v.CT. p.039 - 6. MOURA, E. M., ALVES JUNIOR, A. F., SILVEIRA, E. L. C., COELHO, Ronaldo Cunha Análise de metais em óleos lubrificantes provenientes de motores a diesel In: XIX Seminário de Iniciação Científica da UFPI, 2005	1. MOURA, E. M., MOURA, C. V. R., SILVEIRA, E. L. C., CALAND, L. B. Determinação de contaminantes em óleos lubrificantes usados e em esgotos contaminados por esses lubrificantes. Química Nova. , n.Aceito, 2006. 2. MOURA, E. M., MOURA, C. V. R., SILVA, Rondenelly Brandão da, COSTA, José Renato de Oliveira, SILLVA, Carmem Cícera Maria da Biodiesel de óleo de amêndoas de coco de cabaçu (orbygnia sp) sintetizado por via etanólica: caracterização físico-química e análise termogravimétrica por TG para camparação com biodiesel obtido pela via metanólica. Química Nova. , n.submetido, 2005. 3. MOURA, E. M., PAIM, L. A., SIEBALD, H. G. L., Lima, G. M. de, DORIGUETTO, A. C. The molecular structure of [Ru(h-Cp)(dppf)SnBr3].CHCl3.H2O. Spectrochimica acta. Part A, Molecular and biomolecular spectroscopy. , v.60, p.2383 - 2386, 2004. 4. MOURA, E. M., SIEBALD, H. G. L., LAGO, R. M., SOUSA, A. P. G., SILVA, A. C. B., SANTOS, E. N. Preparation of Hightly Dispersed Ru-Sn Bimetallic Supported Catalysts from the Single source precursors Cp(PPH3)2 Ru-SnX, (X = Cl or Br). Materials Research. , v.6, p.1 - 10, 2003. 5. MOURA, E. M., PORTO, A. O., MOURA, C. V. R., Lima, G. M. de, SIEBALD, H. G. L. The syntesis and structural characterisation of Ru-Sn based derivatives bearing asymmetric X2ClSn- (X = Br and F) anions. Juornal of Molecular Structure. , v.658, p.71 - 78, 2003. 6. MOURA, E. M., LIMA, G. M., SIEBALD, H. G. L., PAIM, L. A., DIAS, F. M. 119Sn Mössbauer spectroscopic studies on organoheterobimetallic half sandwich ruthenium-tin containing derivatives. Transition Metal Chemistry. , v.28, p.437 - 442, 2003.

XIX Seminário de Iniciação Científica da UFPI. Teresina: , 2005. v.1. p.30 - 30 7. MOURA, E. M., SILVEIRA, Eva Lúcia Cardoso da, ALVES JUNIOR, A. F., COELHO, Ronaldo Cunha Análise de metais em óleos lubrificantes usados por FAAS In: Congresso Brasileiro de Química, Belém-PA. **XLV Congresso Brasileiro de Química**. , 2005. v.Unico. 8. MOURA, E. M., ALVES JUNIOR, A. F., SILVEIRA, E. L. C., COELHO, Ronaldo Cunha Análise físico-química de óleos lubrificantes naturais, semi-sintéticos e sintéticos In: Congresso Brasileiro de Química, 2005, Belém-PA. **XLV Congresso Brasileiro de química.** , 2005. v.Unico. 9. MOURA, E. M., COELHO, Ronaldo Cunha, SILVEIRA, E. L. C. Determinação de metais e de enxofre em óleos lubrificantes de origem mineral In: XIX Seminário de Iniciação Científica da UFPI, 2005, Teresina. **XIX Seminário de Iniciação Científica da UFPI**. , 2005. v.1. p.20 - 20 10. MOURA, E. M., SILVEIRA, E. L. C., CALAND, L. B. Análise de metais em óleos lubrificantes provenientes de motores a diesel In: XIII Seminário de Iniciação Científica da UFPI, 2004, Teresina. **Livro Resumo**. , 2004. 11. MOURA, E. M., SILVEIRA, E. L. C., CALAND, L. B. Determinação das características fisico-química de óleos lubrificantes In: XLIV Congresso Brasileiro de Química - CBQ, 2004, Fortaleza. **XLIV Congresso Brasileiro de Química - CBQ.** , 2004. p.436 - 436 12. MOURA, E. M., SILVEIRA, E. L. C., CALAND, L. B. Determinação de metais pesados em esgotos provenientes de retíficas da zona leste de Teresina In: XIII Seminário de Iniciação Científica da UFPI, 2004, Teresina. **XIII Seminário de Iniciação Científica da UFPI - Livro Resumo.** , 2004. 13. MOURA, E. M., SILVEIRA, E. L. C., CALAND, L. B. Determinação de metais pesados em óleos lubrificantes novos e usados por espectroscopia de absorção atômica In: 27a Reunião Anual da SBQ e XXVI Congresso Latinoamericano de Química, 2004,	

Salvador/BA. **Livro Resumo**. , 2004. p.QA150 - QA150 14. MOURA, E. M., SILVEIRA, E. L. C., CALAND, L. B. Rastreamento de metais em óleos lubrificantes e em esgotos provenientes de retíficas de Teresina In: XLIV Congresso Brasileiro de Química - CBQ, 2004, Fortaleza. **XLIV Congresso Brasileiro de Química - CBQ**. , 2004. p.582 - 15. MOURA, E. M., SILVEIRA, E. L. C., CALAND, L. B. Análise de metais em óleos lubrificantes provenientes de motores a diesel In: XIII Semana de Iniciação Científica da UFPI, 2003, Teresina. **Livro resumo**. , 2003. p.159 - 159 16. MOURA, E. M., SILVEIRA, E. L. C., CALAND, L. B. Rastreamento de metais em óleos lubrificantes provenientes de motores a diesel In: Química de derivados de petróleo, 2003, São Luis. **Livro Resumo.** , 2003. v.único.	

PROFESSORA **GRAZIELLA CIARAMELA MOITA**

TRABALHOS EM EVENTOS	TRABALHOS PUBLICADOS
1. SILVA, Elidiane Gomes da; MOITA, Graziella Ciaramella. Determinação de cálcio, magnésio, ferro e fósforo no caju. In: XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2006, Teresina. Resumos do XIV. Seminário de Iniciação científica. 2006. 2. MOITA, Graziella Ciaramella; COELHO, Ronaldo Cunha; SOUSA, Arco Vinícios Nunes de; LIMA, Ernandes Soares. Determinação de cloreto em água de coco pelo método de Mohr. In: XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2006, Teresina. Resumos do XIV Seminário de Iniciação científica. 2006. 3. MOITA, Graziella Ciaramella; OLIVEIRA, Jocélia Pereira de Carvalho; SILVA, Maria Do Socorro Ribeiro da; SOUSA, Elcilene Alves de; SOUSA, Lanier dos Santos; SANTOS, João Rodrigues dos; ARAÚJO JÚNIOR, Edgar Alves; SILVA, Elidiane Gomes da. Determinação de Vitamina C em suco de limão in natura. In: XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2006, Teresina. Resumos do XIV Seminário de Iniciação científica. 2006. 4. GOMES, Maron Stanley Oliveira; SILVA, Romério Alves Carvalho da; MOITA NETO, José Machado;MOITA, Graziella Ciaramella; MOITA, Graziella Ciaramella. Determinação do teor de aluminio em águas, por espectroscopia de absorção atômica em forno de grafite. In: XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2006, Teresina. 2006. 5. MOITA, Graziella Ciaramella; REGO, Jardes Figueiredo Do; NUNES, Anderson Carlos; MENESES, Zildiany Ibiapina; RIBEIRO, Judson Vasconcelos; OLIVEIRA, Joel da Cruz. Determinção de vitamina C em pimenta. In: XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2006, Teresina. Resumos do XIV Seminário de Iniciação científica. 2006. 6. ARAÚJO JÚNIOR, Edgar Alves; SILVA, Romério Alves Carvalho da; SOUZA, Marciana Silveira de; MOITA NETO, José Machado; MOITA, Graziella Ciaramella. Avaliação do nível de contaminação de alumínio em águas aquecidas em utensílios culinários por espectrometria de absorção atômica. In: I ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA FAFEPI, 2005, Teresina. Resumos do I Encontro de Iniciação Científica da FAFEPI. 2005. v. 1, p. 1-1.	1. MOURA, Márcio Cleto Soares de; LOPES, Ana Nídia Cunha; MOITA, Graziella Ciaramella; MOITA NETO, José Machado; MOITA, Graziella Ciaramella. ESTUDO MULTIVARIADO DE SOLOS URBANO DA CIDADE DE TERESINA. Química Nova, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 429-435, 2006. 2,LUZ JÚNIOR, Geraldo Eduardo da; SOUSA, Samuel Anderson Alves de; MOITA, Graziella Ciaramella; MOITA NETO, José Machado. Química geral experimental: uma nova abordagem didática. Química Nova, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 164-168, 2004.

7. COELHO, Andreane Gomes; ARAÚJO JÚNIOR, Edgar Alves; MOITA, Graziella Ciaramella. Câmara de irradiação de baixo custo aplicada ao estudo de fotoestabilidade de protetores solares. In: XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2005, Belém. Resumo do XVI Congresso Brasileiro de Química. 2005. v. 1, p. 1-1. 8. MOITA, Graziella Ciaramella; ARAÚJO, I C; SOUSA, J B; PASSOS, I N G; SILVA, D P. Determinação de vitamina C em vinagreira (Hibiscus sabdariffa) pelo método de Tillmans. In: XVI CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2005, Belém. Resumos do XVI Congresso Brasileiro de Química. 2005. v. 1,p. 1-1. 9. SILVA, Maura Célia Cunha E; SOUSA, Francisco Daniel Vasconcelos de; MOITA, Graziella Ciaramella. Determinação do teor de alumínio na dieta alimentar dos pacientes renais crônicos do Piauí. In: I ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA FAFEPI, 2005, Teresina. Resumos do I Encontro de Iniciação Científica da FAFEPI. 2005. v. 1, p. 1-1. 10 BRITO, Ana Cristina Facundo; BISERRA, Indianara de Castro; SILVA, Maura Célia Cunha E; MOITA NETO, José Machado; MOITA, Graziella Ciaramella. Estudo sobre a aplicação da goma regional do chichá (Sterculia striata) quimicamente modificada na retenção do chumbo. In: 28 REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2005, Poços de Caldas. Resumos da 28 Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química. São Paulo: Química Nova, 2005. v. 1, p. 1-1. 11. BISERRA, Indianara de Castro; SILVA, Maura Célia Cunha E; MOITA NETO, José Machado; MOITA, Graziella Ciaramella; BRITO, Ana Cristina Facundo. Estudo sobre a aplicação de goma regional do chichá (Sterculia striata) quimicamente modificada na retenção de chumbo. In: I ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA FAFEPI, 2005, Teresina. I Encontro de Iniciação Científica da FAFEPI. 2005. v. 1, p. 1-1. 12MOURA, Leonardo da Cruz Moraes de; BRITO NETA, Maria de Sousa; ARAÚJO JÚNIOR, Edgar Alves; MOITA, Graziella Ciaramella. Análise de alguns parâmetros físico-químicos da água da lagoa do Livramento em Teresina-Piauí. In: XII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPI, 2004, Tersina. Resumos XII Seminário de Iniciação Científica da UFPI. Tersina: UFPI, 2004. v. 1, p. 138-138.	

13. LIMA, Eráclito Silva; SILVA, Elidiane Gomes da; MOITA, Graziella Ciaramella. Avaliação da oxidação de vitamina C em sucos de caju industrializados. In: XLIV CONGRESSO BRASILERIO DE QUÍMICA, 2004, Fortaleza. Resumos XLIV Congresso Brasilerio de Química. Caucaia: Nordeste Digital Line S/A, 2004. v.1, p. 524A-524A. 14. SILVA, Romério Alves Carvalho da; SOUZA, Marciana Silveira de; MOITA, Graziella Ciaramella. Avaliação físico-química de água utilizada em hemodiálise. In: XII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPI, 2004, Teresina. Resumos XII Seminário de Iniciação Científica da UFPI. Teresnia: UFPI, 2004. v. 1, p. 136-136 15. SILVA, Elidiane Gomes da; LIMA, Eráclito Silva; MOITA, Graziella Ciaramella. Desenvolvimento de método para determinação de vitamina C em suco de caju industrializado. In: XII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPI, 2004, Teresina. Resumos XII Seminário de Iniciação Científica da UFPI. Teresina: UFPI, 2004. v. 1, p. 135-135. 16. ARAÚJO JÚNIOR, Edgar Alves; MOITA, Graziella Ciaramella; MOITA NETO, José Machado. Desenvolvimento de metodologia para determinação de espécies absorventes de radiação ultravioleta em protetor solar. In: XIII SEMINÁRIOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPI, 2004, Teresina. XIII Seminários de Iniciação Científica da UFPI. Teresina: Gráfica da UFPI, 2004. v. 1, p. 72-72. 17. ARAÚJO JÚNIOR, Edgar Alves; MOITA, Graziella Ciaramella; MOITA NETO, José Machado. Detecção de espécies absorventes de radiação ultravioleta em protetor solar. In: XII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPI, 2004, Teresina. Resumos XII Seminário de Iniciação Científica da UFPI. Teresina: UFPI, 2004. v. 1, p. 57-57. 18. MARIANO, Adeilton Nadson da Silva; SANTOS, Amanda Costa dos; MOITA, Graziella Ciaramella. Determinação da acidez volátil de vinagres comerciais por titulometria de neutralização. In: XII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPI, 2004, Teresina. Resumos XII Seminário de Iniciação Científica da UFPI. Teresina: UFPI, 2004. v. 1, p. 137-137. 19. ARAÚJO JÚNIOR, Edgar Alves; MOITA, Graziella Ciaramella. Determinação da capacidade absorvente de princípios ativos de	

protetores solares. In: XLIV CONGRESSO BRASILERIO DE QUÍMICA, 2004, Fortaleza. Resumos XLIV Congresso Brasilerio de Química. Caucaia: Nordeste Digital Line S/A, 2004. v.1, p. 583A-583A. 20. SILVA, Romério Alves Carvalho da; SOUZA, Marciana Silveira de; MOITA, Graziella Ciaramella. Determinação de alumínio em água por espectrofotometria de absorção atômica. In: XLIV CONGRESSO BRASILERIO DE QUÍMICA, 2004, Fortaleza. Resumos XLIV Congresso Brasilerio de Química. Caucaia:Nordeste Digital Line S/A, 2004. v. 1, p. 1087-1087. 21. ARAÚJO JÚNIOR, Edgar Alves; BARBOSA, Herbert de Sousa; MOITA, Graziella Ciaramella. Determinação de ferro em medicamento como prática experimental. In: XLIV CONGRESSO BRASILERIO DE QUÍMICA, 2004, Fortaleza. Resumos XLIV Congresso Brasilerio de Química. Caucaia: Nordeste Digital Line S/A, 2004. v. 1, p. 320A-320A. 22. SILVA, Elidiane Gomes da; MOITA, Graziella Ciaramella. Determinação de vitamina C em suco de caju natural. In: XIII SEMINÁRIOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPI, 2004, Teresina. XIII Seminários de Iniciação Científica da UFPI. Teresina: Gráfica da UFPI, 2004. v. 1, p. 147-147. 23. SILVA, Elidiane Gomes da; MOITA, Graziella Ciaramella. Determinação de vitamina C em suco natural de caju. In: XLIV CONGRESSO BRASILERIO DE QUÍMICA, 2004, Fortaleza. Resumos XLIV Congresso Brasilerio de Química. Caucaia: Nordeste Digital Line S/A, 2004. v. 1, p. 524B-524B. 24. BISERRA, Indianara de Castro; SILVA, Maura Célia Cunha E; BRITO, Ana Cristina Facundo; MOITA, Graziella Ciaramella; MOITA NETO, José Machado. Estudo sobre aplicação da goma regional do chichá (sterculia striata) quimicamente modificada na retenção de chumbo. In: XIII SEMINÁRIOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPI, 2004, Teresina. XIII Seminários de Iniciação Científica da UFPI. Teresina: Gráfica da UFPI, 2004. v. 1, p. 59-59. 25. VIEIRA, Edivan Carvalho; ARAÚJO JÚNIOR, Edgar Alves; SILVA, Elidiane Gomes da; MOITA, Graziella Ciaramella. Química analítica quantitativa experimental: análise de amostras reais. In: XLIV CONGRESSO BRASILERIO DE QUÍMICA, 2004, Fortaleza. Resumos XLIV Congresso Brasilerio de Química. Caucaia: Nordeste Digital Line	

S/A, 2004. v. 1, p. 320B-320B.

26. ARAÚJO JÚNIOR, Edgar Alves; MOITA, Graziella Ciaramella. Utilização de artigos científicos em inglês no ensino de química instrumental. In: XLIV CONGRESSO BRASILERIO DE QUÍMICA, 2004, Fortaleza. Resumos XLIV Congresso Brasilerio de Química. Caucaia: Nordeste Digital Line S/A, 2004. v. 1, p. 583B-583B.

27. MOURA, Leonardo da Cruz Moraes de; BRITO NETA, Maria de Sousa; MOITA, Graziella Ciaramella. Análise de alguns parâmetros físico-químico de água da lagoa do Livramento em Teresina-Piauí. In: 12º ENCONTRO NACIONAL DE QUÍMICA ANALÍTICA, 2003, São Luís. 12o Encontro Nacional de Química Analítica. São Luís: 12o Encontro Nacional de Química Analítica, 2003. v. 1, p. 1-1.

28. SILVA, Romério Alves Carvalho da; SOUZA, Marciana Silveira de; MOITA, Graziella Ciaramella. Análise físico-química da água utilizada no tratamento de hemodiálise. In: 12O ENCONTRO NACIONAL DE QUÍMICA ANALÍTICA, 2003, São Luís. 12o Encontro Nacional de Química Analítica. São Luis: 12º Encontro Nacional de Química Analítica, 2003. v. 1, p. 1-1.

29. ARAÚJO JÚNIOR, Edgar Alves; MOITA, Graziella Ciaramella. Avaliação comparativa de protetor solar por espectrofotometria ultravioleta. In: XLIII CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2003, Ouro Preto. Livro de Resumos do XLIII Congresso Brasileiro de Química. Ouro Preto: Associação Brasileira de Química, 2003. v. 1, p. 538-538.

30. SILVA, Elidiane Gomes da; LIMA, Eráclito Silva; MOITA, Graziella Ciaramella. Determinação de vitamina C em suco de caju industrializado. In: XLIII CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2003, Ouro Preto. Livro de Resumos do XLIII Congresso Brasileiro de Química. Ouro Preto: Associação Brasileira de Química, 2003. v. 1, p. 537-537.

PROFESSOR **JOSÉ ARIMATÉIA DANTAS LOPES**

TRABALHOS EM EVENTOS	TRABALHOS PUBLICADOS
	1. LOPES, J. A. D. ; FEITOSA, Chistiane Mendes ; BEZERRA, Maria Zeneide Barbosa ; CITÓ, Antônia Maria das Graças Lopes ; MOITA NETO, José Machado ; COSTA JÚNIOR, Joaquim Soares da . Constituintes químicos de Philodendron imbe Schott (no prelo). Química Nova, 2006. 2. SOUSA, S. A. A. ; CITÓ, Antônia Maria das Graças Lopes ; LOPES, J. A. D. . Constituintes químicos do óleo essencial da própolis produzida na cidade de Pio IX - PI, no prelo. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, 2005. 3. SILVA, M. S. S. ; CITÓ, Antônia Maria das Graças Lopes ; CHAVES, M. H. ; LOPES, J. A. D. ; LOPES, J. A. D. . Triterpenóides Tipo Cicloartano de Própolis de Teresina. Química Nova, v. 28, n. 5, p. 801-804, 2005. 4. CITÓ, Antônia Maria das Graças Lopes ; COSTA, F. B. ; LOPES, José Arimatéia Dantas ; OLIVEIRA, Vanda Maria Mendes de ; CHAVES, M. H. ; LOPES, J. A. D. . Identificação de Constituintes Voláteis de Frutos e Folhas de Protium heptaphyllum (March), no prelo. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, 2005. 5. SANTOS, Francisco José Borges dos ; LOPES, J. A. D. ; CITÓ, Antônia Maria das Graças Lopes ; OLIVEIRA, Evaldo Hipólito de ; LIMA, Sidney Gonçalo de ; REIS, Francisco de Assis Machado . Composition and Biological Activity of Essential Oils from Lippia origanoides H.B.K. . Journal of Essential Oil Research, 2004 6.CITÓ, Antônia Maria das Graças Lopes ; SOUZA, Alexandre Araújo de ; LOPES, J. A. D. ; CHAVES, M. H. ; COSTA, F. B. ; SOUSA, S. A. A. ; AMARAL, Maurício Pires de Moura Do . Reisna de Protium heptaphyllum March (Burceraceae): composição química e avaliação citotóxica frente a Artmeia salina. Anais da Associação Brasileira de Química, São Paulo, v. 52, n. 2, p. 71-73, 2003.

PROFESSOR **JOSÉ MACHADO MOITA NETO**

TRABALHOS EM EVENTOS	TRABALHOS PUBLICADOS
1. Determinação do teor de aluminio em águas, por espectroscopia de absorção atômica em forno de grafite. In: XIV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2006, Teresina.2006. 2. Mineralização e quantificação de metais em óleos isolantes. In: 29A REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2006, Águas de Lindóia. 29a Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química. 2006. 3. MARTINS, João Paulo Ataíde; MOITA NETO, José Machado. Relação estrutura-atividade de um conjunto de semicarbazonas e tiossemicarbazonas contra o micróbio Bacillus subtilis. In: 29A REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2006, Águas de Lindóia. 29a Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química. 2006. 4. PASSOS, Marcos Henrique da Silva; MOITA NETO, José Machado. A Cinética Química nos Livros Didáticos de Ensino Médio. In: I ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA FAPEPI, 2005, Teresina. I Encontro de Iniciação Científica da FAPEPI. 2005. v. 1, p. 1-1. 5. A Cinética Química nos livros didáticos: uma adaptação às propostas do PCN. In: XLV CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2005, Belém-PA. XLV Congresso Brasileiro de Química. 2005. v. 1, p. 1-1. 6. Aplicação de análise multivariada no estudo de solos urbanos da cidade de Teresina-PI. In: XLV CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2005, Belém-PA. XLV Congresso Brasileiro de Química. 2005. v. 1, p. 1-1. 7. Docência no pós-PCN: da utopia a realidade teresinense. In: XXXIV ENEQUI - ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE QUÍMICA, 2005, São Luís. XXXIV Enequi - Encontro Nacional dos Estudantes de Química. 2005. v. 1, p. 1-1. 8. Estudo semi-empirico de semicarbazonas e tiossemicarbazonas. In: XLV CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2005, Belém-Pará.	1. FREITAS, Sérgio Antonio Pereira; PRADO JÚNIOR, Raimundo Rosendo; MENDES, Regina Ferraz; MOITA NETO, José Machado. ANÁLISE CLÍNICA E RADIOGRÁFICA DE PACIENTES COM BRUXISMO ATENDIDOS NA CLÍNICA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ODONTOLOGIA DA UFPI. JBC. Jornal brasileiro de clínica odontológica integrada, Curitiba, 2006. 2. FEITOSA, Chistiane Mendes; BEZERRA, Maria Zeneide Barbosa; CITÓ, Antonia Maria das Graças Lopes; COSTA JÚNIOR, Joaquim Soares da; LOPES, José Arimatéia Dantas; MOITA NETO, José Machado. Constituintes Químicos de Philodendron imbe Schott. Química Nova, aceito, 2006. 3. MOURA, Márcio Cleto Soares de; LOPES, Ana Nídia Cunha; MOITA, Graziella Ciaramella; MOITA NETO, José Machado. ESTUDO MULTIVARIADO DE SOLOS URBANOS DA CIDADE DE TERESINA. Química Nova, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 429-435, 2006. 4 .MOITA NETO, José Machado; GUIMARÃES NETO, João Mariz; CUNHA, Helder Nunes da; FERREIRA, Guilherme F Leal. Impedance spectroscopy analysis in a complex system: Sodium dodecyl sulfate solutions. Journal of Sol-Gel Science and Technology, Published online: 5 April 2006, 5 TORRES, Elizabeth Aparecida Ferraz da Silva; GARBELOTTI, Maria Lima; MOITA NETO, José Machado. The application of hierarchical clusters analysis to the study of the composition of foods. Food Chemistry, Amsterdam, v. 99, n. 3, p. 622-629, 2006. 6 LUZ JÚNIOR, Geraldo Eduardo da; GUIMARÃES NETO, João Mariz; MOITA NETO, José Machado. Ação adsorvente da bauxita sobre óleo isolante novo. Química Nova, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 535-538, 2005. 7 CHAVES, Mariana Helena; BARBOSA, Andrea dos Santos; MOITA NETO, José Machado; PIMENTEL, Sabria Aued; LAGO, João Henrique Ghilardi. Caracterização Química da Amêndoa de Sterculia Striata St. Hil. Et. Naud. Química Nova, São Paulo - SP, v. 27, n. 3, p.

XLV
Congresso Brasileiro de Química. 2005. v. 1, p. 1-1.

9. PCN's: Uma proposta utópica para o ensino de Química. In: I ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA FAPEPI, 2005, Teresina. I
Encontro de Iniciação Científica da FAPEPI. 2005. v. 1, p. 1-1.

10. Uma Proposta para o ensino de Cinética Química. In: XLV CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2005, Belém-Pa. XLV Congresso Brasileiro de Química. 2005. v. 1, p. 1-1.

11. Avaliação da docência em Química do ensino médio de Teresina-PI. In: XIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPI, 2004, Teresina. Resumos do XIII Seminário de Iniciação Científica da UFPI. Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí, 2004. v. 1, p. 167-167.

12. Desenvolvimento de metodologia para determinação de espécies absorventes de radiação ultravioleta em protetor solar. In: XIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPI, 2004, Teresina. 2004.

13. Determinação de alumínio em águas, alimentos e bebidas consumidas por pacientes submetidos ao tratamento de hemodiálise. In: XIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPI, 2004, Teresina. 2004.

14. Estudo multivariado das energias orbitais de sistemas decaeletrônicos. In: XLIV CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2004, Fortaleza. XLIV Congresso Brasileiro de Química. São Paulo: Associação Brasileira de Química, 2004. v. 1.

15. Qualidade dos livros-texto de química no ensino médio. In: XIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPI, 2004, Teresina.

Resumos XIII Seminário de Iniciação Científica da UFPI. Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí, 2004. v. 1, p. 161-161.

16. Estudo mecânico-quântico do íon pseudo-haleto 1,2,3,4-tiatriazol-5-tiolato. In: XLIII CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2003, Ouro Preto. Resumos do XLIII Congresso Brasileiro de Química. Associação Brasileira de Química, 2003. v. 1, p. 634-634.

404-408, 2004.

8 MOITA NETO, José Machado. Estatística multivariada - Uma visão didática-metodológica. Crítica Revista de Filosofia e Ensino, v. 1, n. 1, p. 1-1, 2004.

9 MONTE, Semiramis Jamil Hadad Do; MOITA NETO, José Machado; RAMPIM, Gisele Fabianne; SCHULZHENKO, Natalia; MORGUN, Andrey; LIMA, Maria Gerbase de. Polimorfismo do sistema HLA em uma amostra de mestiços da população de Teresina, Piauí. Revista da Associação Médica Brasileira, v. 50, n. 4, p. 422-426, 2004.

10 LUZ JÚNIOR, Geraldo Eduardo da; SOUZA, Samuel Anderson Alves de; MOITA, Graziella Ciaramella; MOITA NETO, José Machado. Química Geral Experimental: Uma Nova Abordagem Didática. Química Nova, São Paulo, v. 27, n. 01, p. 164-168, 2004.

11 SOUSA, Erlandsson Anthony de; TEIXEIRA, Luiz Carlos Viana; MELLO, Márcia Regina Pennacino Do Amaral; TORRES, Elizabeth Aparecida Ferraz da Silva; MOITA NETO, José Machado. Aplicação de redes neurais para avaliação do teor de carne mecanicamente separada em salsicha de frango. Ciência e Tecnologia de Alimentos, Campinas-SP, v. 23, n. 3, p. 307-311, 2003.

12 MOITA NETO, José Machado. Deus: hipótese nula. Dialegesthai Rivista Telematica Di Filosofia, Roma, v. 5, 2003.

13 SOUZA, Maria Cleidiane Pinheiro de; LUZ JÚNIOR, Geraldo Eduardo da; COSTA JÚNIOR, Joaquim Soares da; MOITA NETO, José
Machado. Intumescimento por Solvente de Material Polimérico. Anais da
Associação Brasileira de Química, São Paulo, v. 52, n. 2, p. 51-52, 2003.

Capítulos de livros publicados

1 CAVALCANTE, Claudia Belchior; MOITA NETO, José Machado; ARAÚJO NETO, Gerson Albuquerque de. O Jornalismo Ambiental em Teresina. In: MONTEIRO, Maria Do Socorro Lira; MOITA NETO, José Machado; BARROS, Roseli Farias Melo de; LEITE, Luiz Fernando Carvalho; TEIXEIRA, Pedro Wellington Gonçalves Do Nascimento; CAVALCANTI, Clóvis. (Org.). Teresina: uma visão ambiental.Teresina,

17. Influência das diferentes partes de frango e diferentes procedências no valor nutritivo e mineral de carne de frango mecanicamente separada. In: XIII CONGRESSO LATINOAMERICANO DE NUTRICIÓN, 2003, Acapulco. Memorias Del XIII Congresso SLAN. Sociedad Latinoamericana de Nutrición (SLAN), 2003. v. 1, p. 185-185. 18. Modelagem da atividade moluscicida de compostos fenólicos do líquido da castanha de caju. In: 26A REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2003, Poços de Caldas. Resumos da 26a Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química. Sociedade Brasileira de Química, 2003. v. 1, p. 037-037. 19. Parâmetros estruturais e energéticos para o pseudo-halogênio 5,5'-ditiobis (1,2,3,4-tiatriazol). In: XLIII CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2003, Ouro Preto. Resumos do XLIII Congresso Brasileiro de Química. Associação Brasileira de Química, 2003. v. 1, p. 633-633. 20. Uma proposta para a protonação no íon 1,2,3,4-tiatriazol-5-tiolato. In: 55A REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 2003, Recife. anais da 55a Reunião Anual da SBPC. Sociedade Brasileira para o Progresso da ciência, 2003. v. 1, p. 124-124. 21. Estudo sobre a aplicação da goma regional do Chichá (Sterculia striata) quimicamente modificada na retenção de chumbo. In: 28 REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2005, Poços de Caldas. 28 Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química. 2005. v. 1, p. 1-1.	2006, v. 1, p. 227-253.

PROFESOR **JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS JÚNIOR**

TRABALHOS EM EVENTOS	TRABALHOS PUBLICADOS
1-. Electroactive thin Films comprising natural gums and tetrasulfonated phtalocyanines. In: V ENCONTRO DO PROJETO INSTITUTO DO MULTIDISCIPLINAR DE MATERIAIS POLIMÉRICOS - MILÊNIO-MCT, 2006, Atibaia. 2006. 2 - Filmes Eletroativos Nanoestruturados de Polianilina e gomas brasileiras. In: V ENCONTRO DO PROJETO INSTITUTO DO MULTIDISCIPLINAR DE MATERIAIS POLIMÉRICOS - MILÊNIO-MCT, 2006, Atibaia. 2006. 3 - Filmes nanoestruturados de ftalocianinas metálicas e Gomas Naturais como aplicação para sensores de glicerina. In: V ENCONTRO DO PROJETO INSTITUTO DOMULTIDISCIPLINAR DE MATERIAIS POLIMÉRICOS - MILÊNIO-MCT, 2006, Atibaia. 2006. 4 - Compósitos poliméricos de poli-o-metoxianilina e poli-óxido de etileno. In: XLV CONGRESSOBRASILEIRO DE QUÍMICA, 2005, Belém - Pará. 2005. 5 - Determinação de glicerina a partir de filmes automontados de ftalocianina de níquel. In: XLV CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2005, Belém. **Anais do XLV Congresso Brasileiro de Química, 2005.** 2005. v. único. 6 Estudo da Viscosidade do Biodiesel de Mamona obtido em diferentes tempos reacionais. In: VI SIMPOSIO DE PRODUÇÃO CIENTIFICA, IV SEMINARIO DE INICIÇÃO CIENTÍFICA E III SEMINARIO DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UESPI, 2005,Teresina. 2005. 7 Estudo das características fisico-química de ésteres etílicos obtidos a partir do óleo de mamona (Ricinus Communis L.). In: 28ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2005, Poços de Calda - MG - Br. **Livro de Resumos da 28ª Reunião Anual da SBQ.** 2005. v. 1, p.tc38-tc38. 8. Filmes eletroativos nanoestruturados da goma regional Sterculia striata (chichá) e polianilina. In: 28ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2005, Poços de Caldas - MG. **Livro de Resumos da 28ª Reunião anula da SBQ.** 2005. p. qm139-qm139. 9 Nanocompósitos Eletroativos de Poli-o-metoxianilina e Gomas	1. Biodiesel de Babaçu (Orbinya sp.) Obtido por via Etanólica. **Química Nova**, Brasil- Enviado, 2006. 2. Estudo da Viscosidade de Biodiesel de Ricinus communis. **Química Hoje,** Porto Alegre, n. 4, p. 9-11, 2004. 3. Complex Copndutance of Carnauba Wax/Polyaniline Composites. **Brazilian Journal of Physics,** Brazil, v. 33, n. 1, p. 1-5, 2003.

Exsudatos. In: XLV CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2005, Belém. **Anais do XLV Congresso Brasileiro de Química.** 2005. v. único. 10 Nanocompositos eletroativos de POMA e fitlacianinas metalicas. In: 28ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2005, Poços de Caldas -MG - Brasil. **Livro de Resumos - 28ª Reunião anual da SBQ.** 2005. p. QM-66-QM-66. 11. Síntese de biodiesel de babaçu obtido por via etanólica utilizando-se cobre adsorvido em quitosana. In: 28ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2005, Poços de Calda - MG - Br. **Livro de Resumo da 28ª Reunião Anual da SBQ.** 2005. v. 1, p. tc37-tc37. 12. Síntese e Caracterização de Nanopartículas de Ouro e Gomas nativas do Brasil. In: VI SIMPOSIO DE PRODUÇÃO CIENTIFICA, IV SEMINARIO DE INICIÇÃO CIENTÍFICA E III SEMINARIO DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UESPI, 2005, Teresina. 2005. 13. Análise em DSC de Cera de abelha e misturas comparafina. In: 27ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2004, Salvador - Ba - Br. **Livro de Resuma da 27ª Reunião Anual da SBQ.** 2004. v. 1, p. qw109-qm109. 14.. ELETROXIDAÇÃO DE METANOL POR ELETRODO DE AÇO INOXIDÁVEL MODIFICADO POR POLIANILINA E PLATINA. In: XII SEMINARIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPI, 2004, Teresina. **Livro de Resumos.** 2004. 15. Estudo da Viscosdidade de Biodiesel de diversos óleos vegetais e misturas com íoleo Diesel. In: 27ª REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2004, Salvador - Ba - Br. **Livro de Resumo da 27ª Reunião anual da SBQ.** 2004. v. 1, p. tc40. 16. FILMES AUTOMONTADOS NANOESTRUTURADOS DE FTALOCIANINAS DE COBRE E DE NÍQUEL COM POMMA. In: XLIV CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA - CBQ, 2004, Fortaleza. **Livro de Resumos.** 2004. 17. Montagem de filmes nanoestrurados de ftalocianinas de cobre e de níquel com POMMA. In: XII SEMINARIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPI, Teresina. **Livro de Resumos.** 2004. 18. Eletroxidação de metanol por eletrodo de aço inoxidavel. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2003, Ouro Preto-MG. **Llvro de resumos.** 2003. 19. FILMES AUTOMONTADOS NANOESTRUTURADOS DE FTALOCIANINAS DE COBRE E DE NÍQUEL COM POMMA. In: ENCONTRO NACIONAL DE QUÍMICA ANALÍTICA, 2003, São Luís-	

MA. **Livro de Resumos.** 2003. 20. Montagem de Filmes Nanoestruturados de Ftalocianinas de Cobre e de Níquel com POMA. In: ENCONTRO NACIONAL DE QUÍMICA ANALÍTICA, 2003, São Luís-MA. **Livro de resumos.** 2003.	

PROFESSOR **LUIZ DE SOUSA SANTOS JUNIOR**

TRABALHOS EM EVENTOS	TRABALHOS PUBLICADOS
	1. SANTOS JÚNIOR, L. S. ; CAVALCANTE, Laécio Santos ; SANTOS, Maria Rita de Morais Chaves ; LONGO, Elson ; PONTES, Fenelon . Influence of the calcination in the formation of BZT thin Films ordered microstruture.. Journal of Crystal Growth, p. 1-6, 2006. 2. SANTOS JÚNIOR, L. S. ; MARQUES, Lana Graziela Alves ; PONTES, L M F ; LONGO, Elson ; SANTOS, Maria Rita de Morais Chaves ; CAVALCANTE, Laécio Santos . Dependence of the temperature on the dieletric properties of Ba(Zr0,25Ti0,75)O3 thin films.. Materials Letters, v. 1, p. 6-7, 2006. 3. SANTOS JÚNIOR, L. S. ; CAVALCANTE, Laécio Santos ; LONGO, Elson ; LEITE, E.r ; M, Anicetesantos ; I, Rosa ; S, Santos L P . Effect of the time of thermal treatment in microstructural characteristics of Ca(Zr0,05Ti0,95)O3 thin films.. Thin Solid Films, US, v. 1, n. 1, p. 1-7, 200 4. SANTOS JÚNIOR, L. S. ; LONGO, Elson ; CAVALCANTE, Laécio Santos ; SANTOS, Maria Rita de Morais Chaves ; M.ANICETE-SANTOS ; ORHAN, E. . The role of structural order-disorder for visible intense photoluminescence in the BaZr0.5Ti0.5O3 thin films. . Chemical Physics, p. 1-9, 2005. 5. SANTOS JÚNIOR, L. S. ; CAVALCANTE, Laécio Santos ; LONGO, Elson ; SANTOS, Maria Rita de Morais Chaves ; SIMÕES, L. G . P. ; PONTES, F. M ; LEITE, E.r . Photoluminecence in thin films of Ba(Zr0.50Ti0.50)O3.. Journal of Luminescence, p. 1-8, 2005

PROFESSORA **MARIA DA CONCEIÇÃO MENESES LAGE**

TRABALHOS E EVENTOS	TRABALHOS PUBLICADOS
1 LAGE, Maria Conceição Soares Meneses; GUIDON, Niède; BORGES, Jóina Freitas. Os Trabalhos de Conservação dos Sítios de Arte Rupestre do Parque Nacional da Serra da Capivara. In: 1°SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PRESERVAÇÃO DA ARTE RUPESTRE NOS SÍTIOS DO PATRIMÔNIO MUNDIAL - ABAR, 2004, São Raimundo Nonato. Anais da ABAR - 1° Seminário Internacional sobre Preservação da Arte Rupestre nos Sítios do Patrimônio Mundial. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2004. v. 1.	1 LAGE, Maria Conceição Soares Meneses; MORAES, Beneilde Cabral. A utilização da química como indicador de uma ocupação humana pré-histórica no PARNA Serra da Capivara. CLIO - Série Arqueológica (UFPE), Recife, v. 17, p. 23-36, 2005. 2 LAGE, Maria Conceição Soares Meneses; BORGES, Jóina Freitas; ROCHA JÚNIOR, Simplício dos Santos. Sítios de Registros Rupestres: Monitoramento e Conservação. Mneme, rECIFE, v. 1, n. 1, p. 01-24, 2005. 3 LAGE, Maria Conceição Soares Meneses; BORGES, Jóina Freitas. A teoria da Conservação e as intervenções na Toca do Boqueirão do Sítio da Pedra Furada - BPF. CLIO - Série Arqueológica (UFPE), Recife, v. I, n. 16, p. 33-48, 2004. 4 LAGE, Maria Conceição Soares Meneses; JÓINA, Freitas Borges. A Conservação de Sítios de Arte Rupestre e a necessidade de profissionais: um exemplo de formação de especialistas. Comciência, Campinas, v. 9, p. 1-6, 2003. 5 LAGE, Maria Conceição Soares Meneses; MARQUES, Marcélia; HUGON, Paulette. Os Pigmentos Pré-Históricos de Grafismos Rupestres do Sertão Central do Ceará: Análise Química e Reconstituição da Técnica de Realização. Fumdhamentos, Recife, v. 1, n. 3, p. 147-162, 2003.

PROFESSORA **MARIA RITA MORAIS CHAVES SANTOS**

TRABALHOS EM EVENTOS	TRABALHOS PUBLICADOS
1.SANTOS, M. R. M. C. ; SANTOS JUNIOR, Luiz de Sousa ; MARQUES, Lana Graziela Alves ; AL, Laécio Santos Cavalcante Et . Dependence of the temperature on the dieletric properties of Ba(Zr0,25Ti0,75)O3 thin films. Current Status-Under Review.. Materials Letters, Estados Unidos, 2006 2.SANTOS, M. R. M. C. ; SANTOS JÚNIOR, Luiz de Sousa ; LEITE, E. Longo And e R ; CAVALCANTE, Laécio Santos ; MARQUES, Lana Graziela Alves ; PONTES, F. M. . Effect of the time of thermal treatment im microstructural caracteristics of Ca(Zr0,05Ti0,95)O3 thin films.. Thin Solid Films, Estados Unidos, v. 1, p. 1-7, 2006. 3.SANTOS, M. R. M. C. ; SANTOS JUNIOR, Luiz de Sousa ; CAVALCANTE, Laécio Santos ; AL, E. Longo And e R Leite Et . Effect of the thermal annealing time on morphologic characteristics of BZT thin films. Current Status-With Editor. Journal of Alloys and Compounds, Estados Unidos, 2006 4.FONTES, F M ; LEAL, S. H. ; SANTOS, M. R. M. C. ; LEITE, E.r. ; LONGO, E. ; SOLEDADE, L e B ; CHIQUITO, A J ; MACHADO, M A C ; VARELA, J. A. . Structural and ferroelectric properties of Pb1-xSrxTiO3 thin films. Appl. Phys. A - Mater, New York, v. 80, n. 4, p. 875-880, 2005 5.SANTOS, M. R. M. C. ; LONGO, E. ; LEITE, E.r. ; CAVALCANTE, Laécio Santos ; PIZANI, P S ; M.ANICETE-SANTOS ; SANTOS JÚNIOR, Luiz de Sousa . The role of structural order-disorder for visible intense photoluminescence in the BaZr0.5Ti0.5O3 thin films. Chemical Physics, p. 1-9, 2005. 6.SANTOS, M. R. M. C. ; SANTOS JUNIOR, Luiz de Sousa ; CAVALCANTE, Laécio Santos ; LONGO, E. ; LEITE, E.r. ; PONTES, F. M. . Photoluminecence in thin films of Ba(Zr0.50Ti0.50)O3. Journal of Luminescence, p. 1-8, 2005. 7.SANTOS, M. R. M. C. ; PONTES, J M ; LEAL, S H ; PIZANI, P S ; LEITE, E. Longo And e R ; BOSCHI, F Lanciotti Jr And T M . Structural phase evolution of strontium-doped lead titanate thin films prepared by the soft chemical technique. Journal of Materials Research, v. 18, n. 3, p. 1-5, 2003	

PROFESSORA **MARIANA HELENA CHAVES**

TRABALHOS EM EVENTOS	TRABALHOS PUBLICADOS
1. Ácido gálico ativa nervos não-adrenérgicos-colinérgicos (NANC) em duodeno de rato. In: XX REUNIÃOANUALDAFEDERAÇÃO DE SOCIEDADES DE BIOLOGIA EXPERIMENTAL-FESBE, 2005, Águas de Lindóia - SP. XX Reunião Anual da Federação de Sociedades de Biologia Experimental-FeSBE. 2005. 2. Avaliação do potencial antimicrobiano de plantas do cerrado piauiense. In: III ENCONTRO NORDESTINO DE BIOLÓGOS, 2005, Fortaleza - CE. III Encontro Nordestino de Biológos. 2005. 3. Constituintes do óleo fixo de Dipteryx sp. In: XLV CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2005, Belém - PA. XLV Congresso Brasileiro de Química. 2005. 4. Cromatografando com folhas de mangueira no ensino de Química. In: XLV CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2005, Belém - PA. XLV Congresso Brasileiro de Química. 2005. 5. Estudo de metabólitos secundários por Difração de Raio-X. In: XXIII ENCONTRO DE FÍSICOS DO NORTE E NORDESTE, 2005, Maceió. XXIII Encontro de Físicos do Norte e Nordeste. 2005. v. 1. 6. RAO, Vietla Satyanarayana. Avaliação da atividade antinociceptiva do óleo essencial obtido da resina de Protium heptaphyllum March. In: XXXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE FARMACOLOGIA E TEREAPÊUTICA EXPERIMENTAL, 2004, Águas de Lindóia - SP. XXXVI Congresso Brasileiro de Farmacologia e Tereapêutica Experimental. 2004. 7. Própolis de Teresina-PI: Constituintes químicos. In: XV CONGRESSO BRASILEIRO DE APICULTURA, 2004, Natal-RN. XV Congresso Brasileiro de Apicultura. 2004. v. 1. 8. Triterpenóides das folhas de Terminalia brasiliensis Camb. In: XLIV CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2004, Fortaleza - CE. XLIV Congresso Brasileiro de Química. 2004. v. 1. 9. Avaliação da atividade antimicrobiana do extrato etanólico da Cenostigma macrophyllum Tul. var. acuminata Teles Freire, por cepas de Staphylococcus aureus resistente à meticilina (MRSA) e cepas padrão de bacilos gram-negativos. In: XXII CONGRESSO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA, 2003, Florianópolis. XXII Congresso Brasileiro de Microbiologia. 2003. v. 1, p. 054-054.	1 LIMA JÚNIOR, R C P; OLIVEIRA, Francisco de Assis; GURGEL, La; CAVALCANTE, Ijm; SANTOS, Kelcyana A.; CAMPOS, da; VALE, Cal; SILVA, R M da; CHAVES, Mariana Helena; RAO, Vietla Satyanarayana. ATTENUATION OF VICERAL NOCICEPTION BY ALPHA-AND BETA-AMYRIN, A TRITERPENOID MIXTURE ISOLATED FROM THE RESIN OF PROTIUM HEPTAPHYLLUM, IN MICE. Planta Medica, v. 71, n. 1, p. 34-39, 2006. 2 VIEIRA JÚNIOR, Gerardo Magela; CARVALHO, Adonias Almeida; GONZAGA, Wellington de Abreu; CHAVES, Mariana Helena. CROMATOGAFANDO EM COLUNA COM RESINA DE ALMÉCEGA: UM PROJETO PARA QUÍMICA ORGÂNICA EXPERIMENTAL (no prelo). Química Nova, 2006. 3 SOUSA, Cleyton Marcos de Melo; SILVA, Hilris Rocha E; VIEIRA JÚNIOR, Gerardo Magela; AYRES, Mariane Cruz Costa; COSTA, Charllyton Luis Sena da; ARAÚJO, Delton Sérvulo; CAVALCANTE, Luis Carlos Duarte; ARAÚJO, Paulo Breitner de Melo; BRANDÃO, Marcela de Sampaio; CHAVES, Mariana Helena; BARROS, Élcio Daniel Sousa. FENÓIS TOTAIS E ATIVIDADE ANTIOXIDANTE DE CINCO PLANTAS MEDICINAIS (no prelo). Química Nova, 2006. 4 LAGO, João Henrique G; CHAVES, Mariana Helena; AYRES, Mariane Cruz Costa; AGRIPINO, D G; YOUNG, Maria Cláudia M.; ROQUE, Nídia Franca. ISOLATION OF ANTIFUNGAL AND ANTITUMORAL ALKALOIDS FROM BRANCHES OF PORCELIA MACROCARPA USING BIOACTIVITY-GUIDED FRACTIONATION (Submitted). Phytomedicine, 2006. 5 CHAVES, Mariana Helena; COSTA, Charllyton Luis Sena da; SILVA, Hilris Rocha E; SANTOS, Francisco José Borges dos; FERREIRA, Josie Haydée Lima; SOARES, Maria José dos Santos. PHYTOCHEMICAL ANALYSIS AND ANTIBACTERIAL ACTIVITY OF ETHANOLIC

10. RAO, Vietla Satyanarayana. Avaliação da atividade antiulcerogênica da resina e da mistura de alfa e beta-amirinas isoladas de Protium heptaphyllum March. In: XVIII REUNIÃO ANUAL DA FEDERAÇÃO DE SOCIEDADES DE BIOLOGIA EXPERIMENTAL - FESBE, 2003, Pinhais - PR. XVIII reunião Anual da Federação de Sociedades de Biologia Experimental - FESBE. 2003. v. 1, p. 85-85.

11. Avaliação da susceptibilidade antimicrobiana ao extrato de Cenostigma macrophyllum Tul. var. acuminata Teles Freire de cepas de Staphylococcus aureus resistente a meticilina (MRSA) e cepas-padrão de bacilos gram-negativos. In: 5O ENCONTRO NACIONAL DE BIÓLOGOS/2O ENCONTRO NORDESTINO DE BIÓLOGOS, 2003, Natal - RN. 5o Encontro Nacional de Biólogos/2o Encontro Nordestino de Biólogos. 2003. v. 1, p. 24-24.

12. Constituintes do óleo da amêndoa da castanha de caju imatura. In: XLIII CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2003, Ouro preto - MG. XLIII Congresso Brasileiro de Química. 2003. v. 1, p. 379-379.

13. Constituintes químicos da própolis produzida na cidade de Pio IX - PI. In: XLIII CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2003, Ouro Preto - MG. XLIII Congresso Brasileiro de Química. 2003. v. 1, p. 585-585.

14. Constituintes químicos de cascas do caule da Cenostigma macrophyllum Tul. In: XLIII CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2003, Ouro Preto
- MG. XLIII Congresso Brasileiro de Química. 2003. v. 1, p. 335-335.

15 VIEIRA JÚNIOR, Gerardo Magela; CHAVES, Mariana Helena; SOUZA, Cleide Maria Leite de. Estudo das propriedades físico-químicas da resina de almécega (Protium heptaphyllum - Bruceraceae). In: 55A. REUNIÃO ANUAL DA SBPC, Recife. 10a. Jornada Nacional de Iniciação Científica. 2003. v. 1, p. 20-20.

16 AYRES, Mariane Cruz Costa; CHAVES, Mariana Helena. Estudo químico da espécie Qualea grandiflora Mart. In: XLIII CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2003, Ouro Preto - MG. XLIII Congresso Brasileiro de Química. 2003. v. 1, p. 614-614.

17 CRUZ, Georgiana Feitosa da; CITÓ, Antonia Maria das Graças Lopes; CHAVES, Mariana Helena; EXTRACT AND FRACTIONS FROM Cenostigma macrophyllum (Submitted). Phytomedicine, 2006.

6 OLIVEIRA, Francisco Assis; COSTA, Charllyton Luis Sena da; CHAVES, Mariana Helena; ALMEIDA, Fernanda Regina de Castro; CAVALCANTE, Ítalo J. M.; LIMA-JUNIOR, Roberto C. P.; SILVA, Regilane M.; CAMPOS, Adriana Rolim; SANTOS, F A; RAO, Vietla Satyanarayana. ATTENUATION OF CAPSAICIN-INDUCED ACUTE AND VICERAL NOCICEPTIVE PAIN BY ALFA AND BETA-AMYRIN, ATRITERPENE MIXTURE ISOLATED FROM PROTIUM HEPTAPHYLLUM RESIN IN MICE. Life Sciences, v. 77, n. 23, p. 2942-2952, 2005.

7 COSTA, Charllyton Luis Sena da; CHAVES, Mariana Helena. EXTRAÇÃO DE PIGMENTOS DAS SEMENTES DE BIXA ORELANA L.: UMA ALTERNATIVA PARA DISCIPLINAS EXPERIMENTAIS DE QUÍMICA ORGÂNICA. Química Nova, Brasil, v. 28, n. 1, p. 149-152, 2005.

8 OLIVEIRA, Francisco de Assis; CHAVES, Mariana Helena; ALMEIDA, Fernanda Regina de Castro; LIMA JÚNIOR, Roberto C R; SILVA, Regilane M; MAIA, Juliana L; BRITO, Gerly Anne A C; SANTOS, Flavia A.; RAO, Vietla Satyanarayana. PROTECTIVE EFFECT OF ALFA AND BETA-AMYRIN, A TRITERPENE MIXTURE FROM Protium heptaphyllum (Aubl.) March. TRUNK WOOD RESIN, AGAINST ACETAMINOPHEN-INDUCED LIVER INJURY IN MICE. Journal of Ethnopharmacology, The Netherlands, v. 98, n. 1-2, p. 103-108, 2005.

9 VIEIRA JÚNIOR, Gerardo Magela; SOUZA, Cleide Maria Leite de; CHAVES, Mariana Helena. RESINA DE Protium heptaphyllum: ISOLAMENTO, CARACTERIZAÇÃO ESTRUTURAL E AVALIAÇÃO DAS PROPRIEDADES TÉRMICAS. Química Nova, Brasil, v. 28, n. 2, p. 183-187, 2005.

10 ARAÚJO, Delton Sérvulo; CHAVES, Mariana Helena. TRITERPENÓIDES PENTACÍCLICOS DAS

LOPES, José Arimatéia Dantas; OLIVEIRA, Evaldo Hipólito de. Estudo químico e atividade
antimicrobiana do óleo essencial das folhas de Mangifera indica sp. In: XLIII CONGRESSO BRASILEIRO
DE QUÍMICA, 2003, Ouro Preto - MG. XLIII Congresso Brasileiro de Química. 2003. v. 1, p. 345-345.

18 CITÓ, Antonia Maria das Graças Lopes; COSTA, Fábio Batista da; LOPES, José Arimatéia Dantas;
OLIVEIRA, Vanda M M; CHAVES, Mariana Helena. Identificação de constituintes voláteis de frutos e
folhas de Protium heptaphyllum March. In: II SIMPÓSIO BRASILEIRO DE ÓLEOS ESSENCIAIS, 2003,
Campinas - SP. II Simpósio Brasileiro de Óleos Essenciais. 2003. v. 1, p. 66-66.

19 SILVA, Maria Do Socorro Sousa da; CITÓ, Antonia Maria das Graças Lopes; CHAVES, Mariana Helena;
LOPES, José Arimatéia Dantas; SOUSA, Darcet Costa. Variação sazonal de derivados de derivados de
ácidos anacárdicos e triterpenóides em própolis produzida na cidade de Teresina - PI. In: XLIII
CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2003, Ouro Preto - MG. XLIII Congresso Brasileiro de
Química. 2003. v. 1, p. 341-341.

1 SOUSA, Cleyton Marcos de Melo; CARVALHO, Adonias Almeida; VIEIRA JÚNIOR, Gerardo Magela;
CHAVES, Mariana Helena. Atividade antioxidante de extratos de Dipteryx sp. (FABACEAE). In: 29
REUNIÃO ANUAL DA SBQ, 2006, Águas de Lindóis - SP. 29 Reunião Anual da SBQ. 2006. v. 1.

2 SILVA, Hilris Rocha E; SOUSA, Cleyton Marcos de Melo; CHAVES, Mariana Helena. Atividade
antioxidante e fenólicos totais da Cenostigma macrophyllum. In: 29 REUNIÃO ANUAL DA SBQ, 2006,
Águas de Lindóia - SP. 29 Reunião Anual da SBQ. 2006. v. 1.

3 SILVA, Hilris Rocha E; CALAND NETO, Laurentino Batista; LOPES, José Arimatéia Dantas; CITÓ,
Antonia Maria das Graças Lopes; CHAVES, Mariana Helena.
FOLHAS DE Terminalia brasiliensis. Química Nova, Brasil, v. 28, n. 6, p. 996-999, 2005.

11 SILVA, Maria Do Socorro Sousa da; CITÓ, Antonia Maria das Graças Lopes; CHAVES, Mariana Helena;
LOPES, José Arimatéia Dantas. TRITERPENÓIDES TIPO CICLOARTANO DE PRÓPOLIS DE
TERESINA - PI. Química Nova, São Paulo, v. 28, n. 5, p. 801-804, 2005.

12 CHAVES, Mariana Helena; BARBOSA, Andréa dos Santos; MOITA NETO, José Machado;
AUED-PIMENTEL, Sabria; LAGO, João Henrique G. CARACTERIZAÇÃO QUÍMICA DO ÓLEO DA
AMÊNDOA DE STERCULIA STRIATA ST. HIL. ET NAUD. Química Nova, São Paulo, v. 27, n. 3, p.
404-408, 2004.

13 AUED-PIMENTEL, Sabria; LAGO, João Henrique G; CHAVES, Mariana Helena; KUMAGAI, E E.
EVALUATION OF A METHYLATION PROCEDURE TO DETERMINE CYCLOPROPENOIDS FATTY
ACIDS FROM STERCULIA STRIATA ST. HIL. ET NAUD SEED OIL. Journal of Chromatography - A,
Amsterdam, v. 1054, p. 235-239, 2004.

14 OLIVEIRA, Francisco de Assis; VIEIRA JÚNIOR, Gerardo Magela; CHAVES, Mariana Helena; ALMEIDA,
Fernanda Regina de Castro; FLORÊNCIO, M G; LIMA JR, R C P; SILVA, R M; SANTOS, F A; RAO,
Vietla Satyanarayana. GASTROPROTECTIVE AND ANTI-INFLAMATORY EFFECTS FROM PROTIUM
HEPTAPHYLLUM IN MICE AND RATS. Pharmacological Research, v. 49, p. 105-111, 2004.

15 OLIVEIRA, Francisco de Assis; VIEIRA JÚNIOR, Gerardo Magela; CHAVES, Mariana Helena; ALMEIDA,
Fernanda Regina de Castro; SANTOS, Kelcyana A.; MARTINS, Fabrício S.; SILVA, Regilane M.;
SANTOS, Flavia A.; RAO, Vietla Satyanarayana. GASTROPROTECTIVE EFFECT OF a, ß-AMYRINS
FROM PROTIUM HEPTAPHYLLUM: ROLE OF CAPSAICIN-SENSITIVE PRIMARY AFFERENT

Esteróides das cascas do caule da Cenostigma macrophyllum: ocorrência de colesterol. In: 29 REUNIÃO ANUAL DA SBQ, Águas de Lindóia. 29 Reunião Anual da SBQ. 2006. v. 1.

4 UCHÔA, Valdiléia Teixeira; LUNA, Josiane S.; ARGÔLO, Adriana C. C. M.; A. JÚNIOR, Rosevaldo; SOUSA, Cleyton Marcos de Melo; CHAVES, Mariana Helena; SANTANA, Antonio E. G. Estudo antioxidante e fenóis totais da casca do caule da Ximenia americana L. In: 29 REUNIÃO ANUAL DA SBQ, 2006, Águas de Lindóia - SP. 29 Reunião Anual da SBQ. 2006. v. 1.

5 SOUSA, Cleyton Marcos de Melo; SILVA, Hilris Rocha E; VIEIRA JÚNIOR, Gerardo Magela; AYRES, Mariane Cruz Costa; COSTA, Charllyton Luis Sena da; ARAÚJO, Delton Sérvulo; CAVALCANTE, Luis Carlos Duarte; ARAÚJO, Paulo Breitner de Melo; BRANDÃO, Marcela de Sampaio; CHAVES, Mariana Helena. Fenólicos totais e atividade antioxidante de cinco plantas medicinais. In: 29 REUNIÃO ANUAL DA SBQ, 2006, Águas de Lindóia - SP. 29 Reunião Anual da SBQ. 2006. v. 1.

6 COSTA, Charllyton Luis Sena da; CHAVES, Mariana Helena; AUED-PIMENTEL, Sabria; CARUSO, Miriam Solange Fernandes. Caracterização química do óleo das sementes da espécie Cenostigma macrophyllum Tul. var. acuminata Teles Freire. In: 28A REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2005, Poços de Caldas-MG. 28a Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química. São Paulo: 2005. v. 1.

7 SILVA, Hilris Rocha E; SILVA, Carmem Cícera Maria da; MORAES, Manoel Odorico de; LOTUFO, Letícia V.; PESSOA, Cláudia Do Ó; CHAVES, Mariana Helena. Constituintes polares de cascas do caule da Cenostigma macrophyllum Tul e atividades citotóxica e antioxidante. In: 28A REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2005, Poços de Caldas-MG. 28a Reunião Anual da Sociedade

NEURONS. Planta Medica, New York, v. 70, n. 8, p. 780-782, 2004.

16 OLIVEIRA, Francisco de Assis; LIMA-JUNIOR, Roberto C. P.; CORDEIRO, Wilcare M.; VIEIRA JÚNIOR, Gerardo Magela; CHAVES, Mariana Helena; ALMEIDA, Fernanda R.c.; SILVA, Regilane M.; SANTOS, Flavia A.; RAO, Vietla Satyanarayana. PENTACYCLIC TRITERPENOIDS, alfa, beta-AMYRINS, SUPPRESS THE SCRATCHING BEHAVIOR IN A MOUSE MODEL OF PRURITUS. Pharmacology Biochemistry and Behavior, Inglaterra, v. 78, n. 4, p. 719-725, 2004.

17 CHAVES, Mariana Helena; ROQUE, Nídia Franca; AYRES, Mariane Cruz Costa. STEROIDS AND FLAVONOIDS OF PORCELIA MACROCARPA. Journal Of The Brazilian Chemical Society, São Paulo - Brasil, v. 15, n. 4, p. 608-613, 2004.

18 CHAVES, Mariana Helena; LAGO, João Henrique G; ROQUE, Nídia Franca. MACROCARPANE, A NEW SESQUITERPENE SKELETON FROM THE LEAVES OF PORCELIA MACROCARPA. Journal Of The Brazilian Chemical Society, BRASIL, v. 14, n. 1, p. 16-19, 2003.

19. CITÓ, Antonia Maria das Graças Lopes; SOUZA, Alexandre Araújo de; LOPES, José Arimatéia Dantas; CHAVES, Mariana Helena; COSTA, Fábio Batista da; SOUSA, Samuel Anderson Alves de; AMARAL, Maurício Pires de Moura Do. RESINA DE PROTIUM HEPTAPHYLLUM MARCH (BURCERACEAE): COMPOSIÇÃO QUÍMICA DO ÓLEO ESSENCIALI E AVALIAÇÃO CITOTÓXICA FRENTE A ARTEMIA SALINA LEACH. Anais da Associação Brasileira de Química, São Paulo-Brasil, v. 52, n. 2, p. 74-76,2003.

1FERNANDES, M Z L C M; CHAVES, Mariana Helena; BORBA, H R; LOPES, João Batista; SILVA, J R A; MACEDO JR, J B P; FERNANDES, Moreno R. Atividade anti-helmíntica in vitro das plantas Simarouba vesicolor (pau paraíba) e Hura crepitans (assacu) sobre Ascaridia galli. Revista Brasileira de Parasitologia Veterinária, v. 1, n. 1, p. 265-265, 2004.

2 FERNANDES, M Z L C M; CHAVES, Mariana Helena; BORBA, H R; LOPES, João Batista; AMARAL, A

Brasileira de Química. São Paulo: 2005. v. 1. 8 LAGO, João Henrique G; CHAVES, Mariana Helena; ROQUE, Nídia Franca; AGRIPINO, D. G.; YOUNG, Maria Cláudia M. Isolamento de alcalóides com atividade antifúngica e antitumoral dos galhos de Porcelia macrocarpa. In: 28A REUNIÃO ANUAL DA SBQ, 2005, Poços de Caldas - MG. 28a Reunião anual da SBQ. São Paulo: Sociedade Brasileira de química, 2005. p. PN163-PN163. 9 CRUZ, Georgiana Feitosa da; COSTA, Charllyton Luis Sena da; LUSTOSA, A. K. M.; CITÓ, Antonia Maria das Graças Lopes; LOPES, José Arimatéia Dantas; CHAVES, Mariana Helena. Comparação da atividade antimicrobiana do óleo essencial das folhas de Justicia pectoralis e da cumarina extraída deste óleo. In: XXVI CONGRESO LATINOAMERICANO DE QUÍMICA - 27A. REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2004, Salvador - BA. XXVI Congreso Latinoamericano de Química - 27a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química. 2004. v. 1, p. PN226-PN226. 10 CHAVES, Mariana Helena; BARBOSA, Andréa dos Santos; AUED-PIMENTEL, Sabria; LAGO, João Henrique G. Determinação de ácidos graxos ciclopropenoídicos no óleo de amêndoas de Sterculia striata (Sterculiaceae) por RMN 1H. In: XXVI CONGRESO LATINOAMERICANO DE QUÍMICA - 27A. REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2004, Salvador - BA. XXVI Congresso Latinoamericano de Química - 27a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química. 2004. v. 1, p. PN46-PN46. 11 OLIVEIRA, Isabel Pereira de; VIEIRA JÚNIOR, Gerardo Magela; CHAVES, Mariana Helena; SOUZA, Cleide Maria Leite de. Estudo do comportamento térmico da cera de carnaúba (Copernicia cerifera Mart. In: XXVI CONGRESO LATINOAMERICANO DE QUÍMICA - 27A. REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2004, Salvador - BA. XXVI Congreso	C F; MACEDO JR, J B P; FERNANDES, Moreno R. Teste in vitro: avaliação da atividade anti-helmíntica da Simarouba vesicolor (pau paraíba) e da Hura crepitans (assacu) sobre Heterakis gallinarum. Revista Brasileira de Parasitologia Veterinária, v. 13, n. 1, p. 267-267, 2004.

Latinoamericano de Química - 27a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química. 2004. p. TC072-TC072. 12 SILVA, Hilris Rocha E; COSTA, Charllyton Luis Sena da; CHAVES, Mariana Helena; FERRREIRA, J H L; SOARES, Maria José dos Santos. Estudo químico e perfil da atividade antimicrobiana do extrato etanólico, frações e biflavonas da espécie Cenostigma macrophyllum Tull. In: XXVI CONGRESO LATINOAMERICANO DE QUÍMICA - 27A. REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2004, Salvador - BA. XXVI Congreso Latinoamericano de Química - 27a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química. 2004. v. 1, p. PN240-PN240. 13 COSTA, Charllyton Luis Sena da; CHAVES, Mariana Helena. Extração de pigmentos de urucum (Bixa orellana L.): uma alternativa para disciplinas experimentais de Química Orgânica. In: XXVI CONGRESO LATINOAMERICANO DE QUÍMICA - 27A. REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2004, Salvador - BA. XXVI Congreso Latinoamericano de Química - 27a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química. 2004. v. 1, p. ED163-ED163. 14 AYRES, Mariane Cruz Costa; CHAVES, Mariana Helena; SOARES, Maria José dos Santos; LIMA, E F B. Flavonóide e atividade antibacteriana do extrato etanólico das folhas da Qualea grandiflora. In: XXVI CONGRESO LATINOAMERICANO DE QUÍMICA - 27A. REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2004, Salvador - BA. XXVI Congreso Latinoamericano de Química - 27a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química. 2004. v. 1, p. PN45-PN45. 15 VIEIRA JÚNIOR, Gerardo Magela; CHAVES, Mariana Helena. Sesquiterpenos do óleo essencial de Dipteryx sp. In: XXVI CONGRESO LATINOAMERICANO DE QUÍMICA - 27A. REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2004, Salvador - BA. XXVI Congreso Latinoamericano de	

Química - 27a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química. 2004. v. 1, p. PN307-PN307. 16 ARAÚJO, Delton Sérvulo; CHAVES, Mariana Helena; GRAMOSA, Nilce Viana. Triterpenóides das folhas de Terminalia brasiliensis Camb. In: XXVI CONGRESO LATINOAMERICANO DE QUÍMICA - 27A. REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2004, Salvador - BA. XXVI Congreso Latinoamericano de Química - 27a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química. 2004. v. 1, p. PN100-PN100. 17 SILVA, Maria Do Socorro Sousa da; CITÓ, Antonia Maria das Graças Lopes; CHAVES, Mariana Helena; LOPES, José Arimatéia Dantas. Triterpenóides de própolis de Teresina - PI. In: XXVI CONGRESO LATINOAMERICANO DE QUÍMICA - 27A. REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2004, Salvador - BA. XXVI Congreso Latinoamericano de Química - 27a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química. 2004. v. 1, p. PN235-PN235. 18 CHAVES, Mariana Helena; VIEIRA JÚNIOR, Gerardo Magela; SILVA, Thais Chaves B da; SILVA, Hilris Rocha E. Constituintes químicos de Dipteryrix sp. (Fabaceae). In: 26A REUNIÃO ANUAL DA SBQ, 2003, Poços de Caldas - MG. 26a Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química. 2003. v. 1, p. PN210-PN210.	

PROFESSORA **ROSA LINA GOMES DO NASCIMENTO PEREIRA DA SILVA**

TRABALHOS EM EVENTOS	TRABALHOS PUBLICADOS
1 RODRIGUES, Edmilson; BARBOSA, Herbert de Sousa; SILVA, Rosa Lina Gomes Do Nascimento Pereira da; MOURA, Carla Verônica Rodarte de. Determinação de Fe, Cu, Pb, Al, Zn e Cr por Espectroscopia de Absorção Atômica em efluentes da indústria têxtil em Teresina. In: XLV CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2005, Belém - Pará. CD-ROM XLV Congresso Brasileiro de Química. 2005. 2 SOUSA, Renata Helena da Costa; SILVA, Jorge Fernando Castro; SILVA, Daniel Paulino da; LOPES, Kalene dos Santos; SILVA, Rosa Lina Gomes Do Nascimento Pereira da. Determinação do índice de saponificação de óleos de soja (Glycine max L) e coco babaçu (Orbignya oleifera). In: XLV CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2005, Belém - Pará. CD-ROM XLV Congresso Brasileiro de Química. 2005. 3 SILVA, Rosa Lina Gomes Do Nascimento Pereira da. Extração e caracterização do óleo de soja residual da borra de branqueamento. In: XLV CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2005, Belém - Pará. CD-ROM XLV Congresso Brasileiro de Química. 2005. 4 SILVA, Rosa Lina Gomes Do Nascimento Pereira da; SARAIVA, Jainara da Rocha; SOUZA, Maria Cleidiane P de; MORAES, Beneilde Cabral de; SILVA FILHO, Jeremias Pereira da. Avaliação do teores de nitrogênio e fósforo totais adsorvidos em folhas e raízes da eichornia crassipes presentes no rio Poty-PI. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE QUÍMICA - 7A. REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2004, Salvador. Congresso Latino Americano de Química - 7a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química. 2004. v. unico, p. AB-77.	SILVA, Rosa Lina Gomes Do Nascimento Pereira da; CAVALCANTE, Luis Carlos Duarte. Química Analítica Quantitativa Experimental I: Uma Oportunidade para Iniciação Científica na UFPI. Revista Brasileira de Química, Campinas-SP, v. 1, p. 77-80, 2006.

5 SILVA, Rosa Lina Gomes Do Nascimento Pereira da; SOUSA, Maria Cleidiane Pinheiro de; SARAIVA, Jainara da Rocha; MORAES, Beneildes Cabral de; SILVA FILHO, Jeremias Pereira da. Avaliação dos Teores de Nitrogênio e Fósforos Totais Adsorvidos em Folhas e Raízes da Eichornia crassipes Presentes no Rio Poty-PI. In: 27A REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2004, Salvador. 27a Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química. Salvador: Sociedade Brasileira de Química, 2004. v. unico, p. AB-77-AB-77. 6 SILVA, Rosa Lina Gomes Do Nascimento Pereira da; SOUSA, Juliana Beatriz; MOURA, Carla Verônica Rodarte; ARAÚJO, Iranildo Costa. Controle de Qualidade Microbiológico e Físico-químico de águas minerais consumidas em Teresina. In: XLIV CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2004, Fortaleza - Ceará. CD-room do XLIV Congresso Brasileiro de Química. 2004. 7 SILVA, Rosa Lina Gomes Do Nascimento Pereira da; SOUSA, Juliana Beatriz; MOURA, Carla Verônica Rodarte de. Controle de Qualidade microbiológicos e fisico-quimico de águas minerais consumidas em Teresina. In: XII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPI, 2004, Teresina. livro de resumo do XII Seminário de Iniciação Científica da UFPI. 2004. v. unico, p. 166-166. 8 RODRIGUES, Edmilson; SOUSA, Herbert Barbosa de; SILVA, Rosa Lina Gomes Do Nascimento Pereira da; MOURA, Carla Verônica Rodarte. DETERMINAÇÃO DE FERRO EM EFLUENTES DA INDÚSTRIA TEXTIL EM TERESINA-PI. In: XLIV CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2004, Fortaleza - Ceará. CD-room do XLIV Congresso Brasileiro de Química. 2004. 9 SILVA, Rosa Lina Gomes Do Nascimento Pereira da; SILVEIRA, Eva Lúcia Cardoso; SILVA, Elaine da Cunha. Determinação do teor de ácido 2-P(Isobutil-fenil)propanóico e N-(2,3 Xilil) antranílico em Daines. In: XII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPI, 2004, Teresina. Livro de resumo doXII	

Seminário de Iniciação Científica da UFPI. 2004. v. unico, p. 157. 10 SILVA, Rosa Lina Gomes Do Nascimento Pereira da; BRANDT, Frederico Augusto Pacheco; BARBOSA, Herbert de Sousa. Determinação espectrofotométrica de sulfito em amostras de camrão comercializado em Teresin-PI. In: XII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPI, 2004, Teresina. Livro de resumo do XII Seminário de Iniciação Científica da UFPI. 2004. v. unico, p. 158. 11 SILVA, Rosa Lina Gomes Do Nascimento Pereira da; CAVALCANTE, Luiz Carlos Duarte. Química Analítica Quantitativa Experimental I: uma oportunidade para a iniciação científica na UFPI. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE QUÍMICA - 7A. REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA, 2004, Salvador - Bahia. Congresso Latino Americano de Química - 7a. Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química. 2004. v. unico, p. ED-76. 12 SILVA, Rosa Lina Gomes Do Nascimento Pereira da; SILVA FILHO, Jeremias Pereira da; ROCHA, Odete; SILVA, Mardson Chagas. Avaliação dos teores de nitrogênio e fósforo na represa de Piracurupa. In: IX CONGRESSO BRASILEIRO DE LIMNOLOGIA, 2003, Juiz de fora- Mg. Anais do IX Congresso Brasileiro de Limnologia. 2003. v. 1. 13 SILVA, Rosa Lina Gomes Do Nascimento Pereira da; SOUSA, Maria Cleidiane Pinheiro de; CARVALHO, Lêninmarx Abreu de; BARBOSA, Herbert de Sousa. Caracterização de alguns parâmetros fisico, quimicos e microbiológicos no período chuvoso do rio Poty no miunicípio de Teresina- Pi. In: XLIII CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2003, Ouro Preto - Mg. anais do XLIII Congresso Brasileiro de Química. 2003. v. unico, p. 613-613. 14 SILVA, Rosa Lina Gomes Do Nascimento Pereira da; BARBOSA, Herbert de Sousa; NEVES, Eduardo Almeida. Determinação de nitrito em derivados da carne por	

espectroscopia molecular utilizando o sistema ácido nitros/iodeto. In: 12 ENCONTRO NACIONAL DE QUÍMICA ANALÍTICA, 2003, São Luis - Ma. 12 Encontro Nacional de Química Analítica. 2003. v. EM-20, p. 1-1. 15 SILVA, Rosa Lina Gomes Do Nascimento Pereira da; BARBOSA, Herbert de Sousa. Determinação de nitrito em derivados de carne utilizando o sistema ácido-nitroso/iodeto. In: XII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPI, 2004, Teresina. Livro de resumo XII Seminário de Iniciação Científica da UFPI. 2003. v. 1, p. 1-1. 16 SILVA, Rosa Lina Gomes Do Nascimento Pereira da; BRANDT, Frederico Augusto Pacheco; BARBOSA, Herbert de Sousa. Determinação espectrofotométrica de sulfito usado como conservante em camarão comercializado em Teresina -Pi. In: XLIII CONGRESSO BRASILEIRO DE QUÍMICA, 2003, Ouro Preto - MG. Anais do XLIII Congresso Brasileiro de Química. 2003. v. 01, p. 674-674.	

PROFESSOR **SEBASTIÃO BARROS DE ARAÚJO**

TRABALHOS EM EVENTOS	TRABALHOS PUBLICADOS
1. ARAUJO, S. B. ; LEAL, Natacha Dantas ; SOUSA, Marcos Vinícios Nunes ; QUADROS, Haerto Soares de . Estudo da viabilidade de aplicação de Brassica sp como bioindicador de metais pesados em hortas comunitárias de Teresina - PI. In: I Encontro de Iniciação Científico da FAPEPI, 2005, Teresina. Anais do I Encontro de Iniciação Científica da FAPEPI. Teresina : CD, 2005.v. CD. p. CD-CD. 2. MAGALHÃES, Éder S ; CALAND NETO, Laurentino B ; CITÓ, Antônia M G L ; LOPES, José Arimatéia Dantas ; ARAUJO, S. B. . Pólen apícola: ésteres metílicos de ácidos graxos. In: XLV Congresso Brasileiro de Química, 2005, Belém. Anais do XLV Congresso Brasileiro de Química, 2005. v. CD ROM. 3. SILVA, Aline Santana da ; ARAUJO, S. B. . Fitoacumulação de Metais Pesados por Brassica sp . In: XII Seminário de Iniciação Científica da UFPI, 2004, Teresina. Anais do XII Seminário de Iniciação Científica da UFPI. Teresina - PI : Editora Gráfica da UFPI, 2004. v. Único. p. 62-62. 4. CAVALCANTE, Luis Carlos Duarte ; MOITA NETO, José Machado ; ARAUJO, S. B. . Parâmetros Estruturais e Energéticos para os Ácido HSCN e HNCS. In: XII Seminário de Iniciação Científica da UFPI, 2004, Teresina. Anais do XII Seminário de Iniciação Científica da UFPI, 2004. v. Único. p. 69-69. 5. CÉZAR, Tainara Lustosa ; ARAUJO, S. B. . Acompanhamento dos Níveis de Poluição Sulfúrica em Galerias e Efluentes da Zona Leste de Teresina - PI. In: 12º Encontro Nacional de Química Analítica, 2003, São Luis - MA. 12º ENQA - Universidade Federal do Maranhão, 2003. v. Único. 6. SILVA, Aline Santana da ; CAVALCANTE, Luis Carlos Duarte ; ARAUJO, S. B. . Fitoacumulação de Pb, Hg e Zn por Brassica sp. In: 12º Encontro Nacional de Química Analítica, 2003, São Luis. Anais do 12º Enqa, em CD ROM, 2003. v. Único. 7. SILVA, Aline Santana da ; CAVALCANTE, Luis Carlos Duarte ; ARAUJO, S. B. . Fitoacumulação de Chumbo e Mercúrio por Brassica sp. In: XLIII Congresso Brasileiro de Química, 2003, Ouro Preto. Livro de Resumos do XLIII Congresso Brasileiro de Química, 2003. v. Único. p. 566-566. 8. CAVALCANTE, Luis Carlos Duarte ; ARAUJO, S. B. ; MOITA NETO, José Machado . Estudo Mecânico-quântico do Íon Pseudo-haleto 1,2,3,4-tiatrizol-5-tiolato. In: XLIII Congresso Brasileiro de Química, 2003, Ouro Preto. Livro de Resumos do XLIII Congresso Brasileiro de química, 2003. v. Único. p. 634-634. 9. CAVALCANTE, Luis Carlos Duarte ; ARAUJO, S. B. ; MOITA NETO, José Machado . Parâmetros Estruturais e Energéticos para o Pseudo-halogênio 5,5'-ditiobis(1,2,3,4-tiatriazol). In: XLIII Congresso Brasileiro de Química, 2003, Ouro Preto. Livro de Resumos do XLIII Congresso Brasileiro	

de Química, 2003. v. Único. p. 633-633.	

PROFESSOR **WELTER CANTANHÊDE DA SILVA**

TRABALHOS EM EVENTOS	TRABALHOS PUBLICADOS
	1.SILVA, W. C. ; SILVA, J. A. ; CORDOVA, C. A. ; GUZZI, M. E. R. ; TOLEDOJR, J. C. ; SCARPELLINI, M. ; McGarvey, B.R. ; FRANCO, D. W. ; CRECZYNSKI-PASA, T. B. . Action of Ruthenium (II) - ammines complexes, Nitric Oxide Donors as Free Radical Scavengers and Against Lipid Peroxidation. Journal of Inorganic Biochemistry, 2006. 2.SILVA, W. C. ; OLIVEIRA FILHO, J. R. ; FRANCO, D. W. ; PEREIRA, J. C. M. . Binding of Cysteine and Glutathione to Ru(II) and Ru(III) centers. Formation and Products Reactivities.. Inorganica Chimica Acta, Estados Unidos, v. 359, p. 2888-2895, 2006 3.SILVA, W. C. ; FRANCO, D. W. ; Castellna, E.E. . Structural and Reactivity Changes in Ruthenium Ammines Induced by the NO Ligand. Polyhedron, Estados Unidos, v. 23, p. 1063-1067, 2004. 4.SILVA, W. C. ; MOREIRA, Í. S. ; FRANCO, D. W. ; McGarvey, B.R. ; Lima, J. B. ; Ferreira, A.G ; Gandra, F.C.G ; Neto, A.M . 4,4´-Dithiodipyridine as Bridging Ligand in Osmium and Ruthenium Complexes: The Electron Conductor Ability of the -S-S- Bridge.. Inorganic Chemistry, Estados Unidos, v. 21, n. 42, p. 6898-6906, 2003 5. SILVA, W. C. . Óxido nítrico e seu caráter dúbio. Sapiência - Informativo Científico da FAPEPI, p. 03 - 03, 01 mar. 2006.